



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I

Rousiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante





GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Secretário de Educação a Distância
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Campus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenadora Adjunta da UAB/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

LINGUA PORTUGUESA
Material Didático

Professor Pesquisador/conteudista
ROUSIENE DA SILVA GONÇALVES
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Diretor da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS
SANTOS

Revisão Linguística
ILANE CAVALCANTE

Diagramação
ANDREZÁ FURTADO
GABRIEL FACUNDES
JULIO CESAR
MARIANA MOREIRA
MATEUS PINHEIRO
MAYARA ALBUQUERQUE

Ilustração
LAILA ALVES
VLADIMIR RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Marise Lemos Ribeiro CRB 15/418

G635l Gonçalves, Rousiene da Silva.

Língua portuguesa / Rousiene da Silva Gonçalves, Ilane Ferreira
Cavalcante. – Natal : IFRN Editora, 2012.

360 p. : il. color.

ISBN

1. Língua portuguesa. 2. Português. 3. Texto - Literário. 4. Gênero
literário.

I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 811.134.3

Caro(a) Aluno(a):

Você está recebendo este material didático por meio do qual vai realizar a maior parte de seus estudos do curso de Letras Licenciatura em Espanhol. Na Educação a Distância, o material didático é a mais importante ferramenta de estudo. Ele é o principal mediador entre você e os conhecimentos historicamente acumulados que foram escolhidos para compor cada aula que agora está em suas mãos.

O material didático na EaD é, ainda, substituto do professor no momento em que você o utiliza. Nesses textos, o professor se faz presente através da linguagem dialogada, das estratégias de mobilização dos conteúdos, das atividades, enfim, de tudo o que compõe esse material. É importante que você tenha clareza de que a sua aprendizagem depende, sobretudo, do seu empenho em estudá-lo, dedicando bastante atenção aos conteúdos de cada aula. Realizar cada uma das atividades, comunicar-se com seu tutor e/ou professor através das várias formas de interação e sanar as dúvidas que, por ventura, venham surgir durante o processo de utilização desse material, constituem-se elementos primordiais para o seu aprendizado.

Esse material foi concebido, escrito e finalizado com muita dedicação com um objetivo principal: a sua aprendizagem. Cada imagem, ícone ou atividade passou por um refinado processo de análise com o objetivo de que, no final de cada sessão de estudo, você tenha compreendido bem os conceitos, categorias ou postulados essenciais à sua formação como professor de Língua Espanhola. Desejamos que o itinerário iniciado por você seja exitoso e que, ao final do curso, esse material tenha contribuído efetivamente para seu crescimento na condição de indivíduo, cidadão e profissional.

Bons estudos.

Diretoria de Produção de Material Didático

As seções

Com o objetivo de facilitar a sua aprendizagem, as aulas foram estruturadas didaticamente em seções que facilitam o seu itinerário de estudos. Essas seções cumprem, cada uma, um objetivo específico e estão articuladas entre si, de modo que, ao final de cada aula, você tenha compreendido o conteúdo e apreendido os conceitos principais. Vamos ver quais são essas seções e quais as suas funções nas aulas.



Apresentação e objetivos

Apresenta de maneira resumida os conteúdos que você vai estudar e os objetivos de aprendizagem da aula.



Para começar

Texto de abertura da aula. Pode ser um poema, uma crônica, uma charge, um conto, entre outros. Tem a função de problematizar a temática que será trabalhada na aula.



Assim é

Desenvolve a temática da aula através da apresentação dos conteúdos propriamente ditos.



Mãos à obra

São as atividades de percurso (fixação) que estão relacionadas com os conteúdos trabalhados em cada bloco.



Atenção!

Usada quando o professor quer dar um destaque para algum aspecto importante da temática que está sendo estudada: conceitos, significado de termos, explicação adicional sobre um termo, entre outros.



Um passo a mais

Seção que recomenda as leituras complementares à aula que você está estudando.



Já sei!

Resumo da aula que você estudou.



Box

Aparece quando existe necessidade de uma informação complementar, como um biografema de um autor em destaque, a indicação de uma leitura ou filme, com breve sinopse, entre outros.

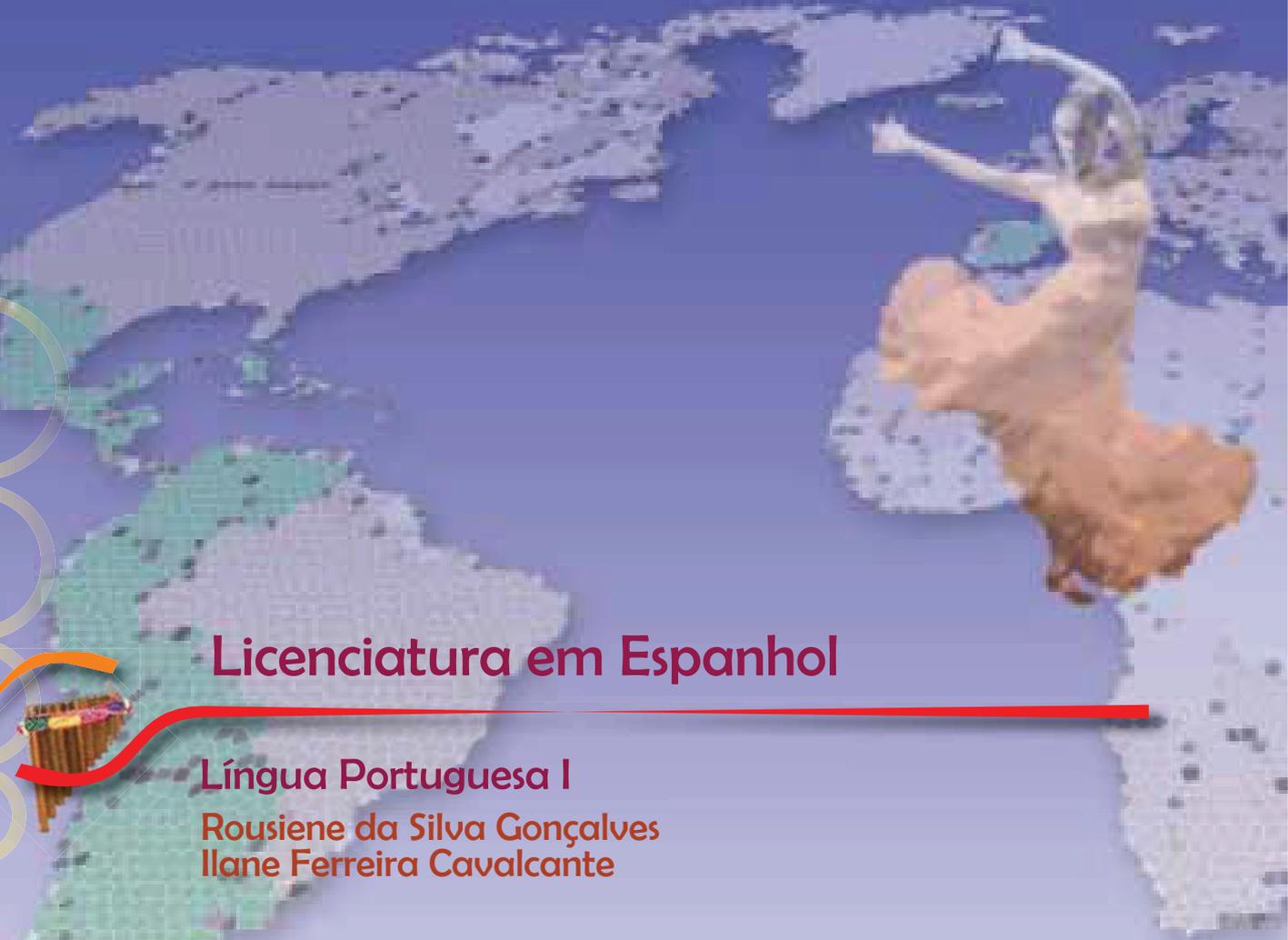


Referências

Apresenta as referências bibliográficas que foram utilizadas pelo professor para a elaboração da aula.

Índice

Título	
Linguagem, texto e hipertexto	Aula 01
Texto e sentido	Aula 02
Estratégias utilizadas para a compreensão e interpretação de textos..... Aula 03	
Noções de coesão e mecanismos de coesão referencial	Aula 04
Coesão Sequencial	Aula 05
Coerência	Aula 06
Tipos de Coerência e Fatores de Coerência	Aula 07
Sequências textuais	Aula 08
Sequência Narrativa e Descritiva	Aula 09
Sequências injuntiva e explicativa	Aula 10
Sequência argumentativa: Recursos e problemas	Aula 11
Progressão e ordenação do discurso	Aula 12
O texto Literário e Gêneros Literários	Aula 13
Gênero lírico	Aula 14
Gênero Dramático	Aula 15
Gênero épico	Aula 16
A narração.....	Aula 17
A crônica.....	Aula 18
Oficina de produção textual	Aula 19
	Aula 20



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I

Rousiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante



Aula
Linguagem, texto e hipertexto 01

Apresentação e Objetivos



Caro(a) aluno(a) do curso de Licenciatura em Espanhol, você está iniciando uma viagem através da língua portuguesa e esta aula é a sua primeira etapa. Antes de qualquer coisa, um aviso: nesta disciplina você não vai encontrar uma série de exercícios de gramática. Na verdade, o objeto desta disciplina é o texto. Para começar, vamos fazer uma reflexão sobre a importância da comunicação, as diferentes linguagens humanas e os diferentes textos que elaboramos para nos comunicar. Esses conceitos iniciais são importantes porque, ao longo de nossa disciplina, vamos priorizar, sempre, o estudo da língua portuguesa em sua aplicação prática, ou seja, através da leitura, compreensão e produção dos textos.

Fig. 01



Os textos serão nossa base para compreendermos a diversidade da língua, a forma de organizarmos melhor as nossas idéias, as possibilidades de interligar os enunciados visando uma melhor produção de sentidos e, por fim, a possibilidade de sequenciar nossas idéias de forma a explicar, narrar, descrever, argumentar.

Em linhas gerais, esses são os conteúdos que trabalharemos ao longo desta disciplina. Espero que esse percurso seja agradável e proveitoso!

Vamos discutir, nesta aula, um pouco sobre os conceitos de língua e linguagem, sobre os diferentes gêneros textuais produzidos pelo ser humano para se comunicar, assim como as competências mínimas necessárias para a eficiência comunicativa.

Objetivos

- ▶ Entender o uso das linguagens humanas, a concepção de língua e o conceito de texto, hipertexto e gênero textual.
- ▶ Conhecer as três competências: linguística, comunicativa e enciclopédica para a leitura e produção de textos.
- ▶ Aplicar essas competências em produções textuais.

Gosto de sentir a minha língua roçar

A língua de Luís de Camões

Gosto de ser e de estar

E quero me dedicar

A criar confusões de prosódias

E uma profusão de paródias

Que encurtem dores

E furtem cores como camaleões

Gosto do Pessoa na pessoa

Da rosa no Rosa

E sei que a poesia está para a prosa

Assim como o amor está para a amizade

E quem há de negar que esta lhe é superior

E deixa os portugueses morrerem à míngua

“Minha pátria é minha língua”

Fala mangureira!

Fala!

Flor do Lácio Sambódromo

Lusamérica latim em pó

Fig. 02



O que quer

O que pode

Esta língua?

Língua, Caetano Veloso

A letra da canção de Caetano Veloso cria uma brincadeira com o duplo sentido da palavra língua: ao mesmo tempo órgão de nosso corpo e o idioma que falamos. Essa brincadeira mostra uma pequena idéia da plasticidade do idioma, que nos constitui enquanto sujeitos de um determinado momento e de uma determinada sociedade, dotando-nos de valores e de cultura. Daí a letra da canção fazer alusões a autores de nossa língua (Luís de Camões, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa) e às origens históricas dessa língua, que evoluiu do Latim (falado na região do Lácio, na Europa) chegando ao Brasil e a tantos outros lugares através da colonização portuguesa.

Vamos refletir um pouco sobre a língua?

Assim é



1. A comunicação humana

Fig. 03



Para começar qualquer processo de ensino-aprendizagem de um idioma é importante refletir sobre os conceitos de língua, linguagem e comunicação.

O ser humano sempre viveu, desde a pré-história, em comunidade. Primeiro, em pequenas comunidades familiares, depois em pequenas aldeias que, aos poucos, tornaram-se vilas, cidades, metrópoles, enfim...

A vida em comunidade impõe a necessidade de comunicação. A necessidade de comunicação faz criar a linguagem. Assim, o ser humano estabelece sua relação com o mundo e com os demais seres através da linguagem.

A linguagem, por sua vez, surge do esforço de comunicação entre os seres; que não precisam ser humanos, nem utilizar palavras; macacos se comunicam por meio de gritos ou gestos, também possuem uma linguagem. Mas poderíamos chamar de linguagem a comunicação entre animais? É um assunto a discutir.

Fig. 04



Ao longo da sua existência, o homem foi criando meios cada vez mais complexos de comunicação. Há alguns milhares de anos estávamos soltando grunhidos e desenhando nas paredes das cavernas algumas imagens que retratavam nossas experiências diárias. Queríamos nos comunicar, explorar nossas experiências, recriar o mundo em que vivíamos. Pouco a pouco, fomos aprendendo a dar significado a nossos grunhidos e eles passaram a representar idéias. Elaboramos a linguagem em sua manifestação primitiva, oral. Aos poucos, também fomos elaborando e estilizando os nossos desenhos iniciais e construímos a escrita.

Em 1929, o arqueólogo francês Claude Shaeffer escavava as colinas de Ras Shamra, na antiga cidade de Ugarit, na Síria, quando achou várias tábuas escritas em língua cuneiforme desconhecida. Durante os anos seguintes, centenas de tabuletas cuneiformes Fenícias foram descobertas em Ugarit e em outros sítios arqueológicos ao redor do Mediterrâneo.

Através da pesquisa, em 1948, todos os vinte e oito caracteres do alfabeto cuneiforme Fenício foram corretamente identificados. Das 28 letras, 26 eram consoantes. Essas Tábuas de Ugarit continham o primeiro alfabeto da história humana.

A escrita e a leitura hoje são frutos de uma sociedade mais complexa. Justamente por isso, ao ler, não podemos nos fixar apenas no conteúdo do que lemos, há toda uma série de elementos não textuais que nos ajudam a compreender melhor ou mais profundamente aquilo que lemos.

O principal meio de comunicação humana é, ainda, a língua. Mas os seres humanos não utilizam apenas a linguagem verbal (falada ou escrita), fazem uso de diversos outros tipos de signos não verbais. Quando falamos com alguém, quando lemos, quando escrevemos, a linguagem verbal é a forma de comunicação mais presente. Mediante a palavra falada ou escrita, expomos aos outros as nossas idéias e pensamentos.

A linguagem verbal está presente em:

- ▶ textos
- ▶ propagandas;
- ▶ reportagens (jornais, revistas, etc.);
- ▶ obras literárias e científicas;
- ▶ na comunicação entre as pessoas;
- ▶ discursos (de representantes de classe, de candidatos a cargos públicos, entre outros);
- ▶ várias outras situações.

A língua é um lugar de interação dos seres humanos, através dela, participamos ativamente da produção e reprodução do social, atualizando as imagens e representações sem as quais a comunicação não existiria.

2. Linguagem verbal, linguagem não verbal e texto.

Observe o anúncio da figura 5, a seguir. Ele não se utiliza apenas da linguagem verbal, não é mesmo?

Fig. 05



Esse anúncio pode ser considerado um texto? Ele não se constitui apenas de linguagem verbal, não é mesmo? Na verdade, ele até brinca com as palavras, pois remete ao filme "A outra face", através do trocadilho com "alface". Será, então, que só posso considerar um texto aquilo que está construído através da linguagem verbal?

O texto pode ser concebido como o resultado da atividade comunicativa humana, que se realiza por intermédio de processos, operações e estratégias mentais que são postos em ação em situações concretas de interação social. É, portanto, uma atividade consciente, criativa e interacional, bem como uma prática social.

É uma atividade interacional porque se orienta a parceiros da comunicação (enunciador e co-enunciador), que se encontram, de maneiras diversas, envolvidos no processo de produção textual.

É, por fim, uma prática social inserida nos mais variados contextos da atividade humana, expressa por meio da linguagem verbal e/ou não-verbal, a serviço de fins sociais.

Na verdade, portanto, quando fazemos um gesto para nos comunicar, chamando alguém com a mão, por exemplo, estamos elaborando um texto a partir da linguagem não verbal.

Considerando apenas a linguagem verbal, seja oral ou escrita, texto é uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados intencionalmente e ordenados em seqüência durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros (autor/enunciador e leitor/ouvinte/co-enunciador) tanto a depreensão de conteúdos semânticos, como a interação ou atuação em práticas sócio-histórico-culturais, como ler um livro, participar de uma discussão, escrever uma carta etc. (KOCH; VILLELA, 2001).

É importante saber que o texto é o próprio espaço da interação, em que os interlocutores se constroem e são constituídos, assim, o sentido de um texto é constituído na relação texto-sujeito e não algo anterior a este processo. É evidente que, ao produzir um texto, em determinadas situações, o autor o elabora previamente, no entanto, o texto ganha sentido no momento de interlocução, ou seja, quando o leitor interage.

Fig. 06



É possível pensar, por exemplo, o quadro da figura 6 como um texto?

Vamos pensar... Ele é constituído a partir de uma linguagem, ou seja, a partir de signos que nos remetem a significados? Ele nos comunica algo?

Se sua resposta às questões acima é sim, então, claro, o que temos acima é um texto.

Ele foi criado a partir da linguagem própria da pintura, que explora cores, linhas e perspectiva. A partir de sua leitura podemos construir uma mensagem. Ele representa uma família de retirantes, "destruída" pela fome e pela seca, que compõe a paisagem de fundo.

Bem, vamos parar por aqui. Faça uma breve retomada do que já estudamos a partir da atividade a seguir.

Mãos a obra

Atividade 1

1. O que é linguagem?
2. Nomeie algumas das linguagens verbais e não verbais que o ser humano utiliza em seus processos de comunicação diária.
3. O que é texto?

3. Textos e competências

3.1 Hipertexto

Ao lermos, vamos construindo significados e fazendo associações entre aquele texto que lemos e outros conhecimentos que trazemos de nossa formação. A associação é um conceito que diz respeito a nosso modo de ler e escrever: as referências, notas de rodapé, índice, por exemplo, são marcas que remetem a outros textos e indicam que o leitor não precisa fazer uma leitura linear, podendo seguir o itinerário que mais lhe convier. Você já fez anotações à margem de algum texto que estivesse lendo? Ou mesmo sublinhou passagens que você considera importantes?

Fig. 07



Esse leque de possibilidades de associação, que já era bastante amplo antes mesmo das novas tecnologias da comunicação e informação, foi incrementado no meio eletrônico e na Internet, criando o que hoje se conhece por hipertexto.

Poderíamos pensar no hipertexto como uma árvore de **hyperlinks**¹ criada pelo filósofo da informação, Pierre Levy (1956).

Para este autor (1993), o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Esses nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos também ser hipertextos.

Assim, a característica principal do hipertexto é a presença de **links**² ou nós que indicam uma associação com outros textos. Grosso modo, podemos definir, pois, o hipertexto como um texto com conexões. Navegar em um hipertexto na Internet é seguir um percurso de informações quase sem fronteiras. Já no CD-ROM, por exemplo, os limites são bem mais definidos, uma vez que as idas e vindas ocorrem nos limites do conteúdo desse suporte.

3.2 Gêneros textuais

Como vimos, os textos são compostos por todos os elementos necessários à comunicação. É preciso dizer, também, que cada enunciado elaborado por alguém reflete as condições específicas de sua produção, as finalidades a que se propõe, tanto por seu conteúdo como pela escolha dos recursos lingüísticos (elementos lexicais, fraseológicos e gramaticais) e pela sua estrutura composicional. Existe, portanto, uma relação intrínseca e determinante entre situação comunicativa e gênero textual produzido.

Mas o que é gênero textual?

Observe a imagem da figura 8, abaixo. O sujeito sofre um assalto e tenta negociar com o ladrão. O texto utilizado pela vítima está adequado à situação? Que reações e falas geralmente são esperadas em uma situação como esta?

1 Formado pela junção das palavras hipertexto + link. (Hipervínculo) Palavra, expressão ou imagem que permite o acesso imediato à outra parte de um mesmo, ou outro documento, bastando ser acionado pelo ponteiro do mouse. Num hipertexto, um link, na forma de palavra ou expressão, vem sublinhado ou grafado em cor distinta da utilizada para o resto do texto.

2 (1) Conexão, ou seja, elementos físicos e lógicos que interligam os computadores da Rede. Na Web, são palavras-chave destacadas em um texto, que, quando clicadas, nos levam para o assunto desejado, em outro arquivo ou servidor.

(2) Nos sistemas Unix, o link é um atalho para um diretório ou um arquivo. Há o link simbólico, que aponta para o caminho do arquivo, e o hardlink, que aponta para uma área no sistema de arquivos.

Fig. 08



Vamos agora pensar em outra situação específica de comunicação. Você precisa explicar a uma criança de três anos que ela não pode pular da janela do quarto andar, pois isso certamente acarretará em conseqüências muito perigosas para a sua integridade física. Bem, você diria isso utilizando essas palavras que eu utilizei? Com certeza não, pois provavelmente ela manteria seus olhos bem abertos em sua direção sem ter a menor noção do que você estava dizendo. Para conversar com uma criança de três anos, precisamos escolher um vocabulário simples, auxiliar esse vocabulário com expressões faciais e gestos que facilitem a compreensão da criança, além de precisarmos

utilizar uma entonação específica.

Bem, agora imaginemos uma outra situação. Você precisa proferir uma comunicação oral em um congresso de sua área. Isso exigirá de você outra estrutura de texto, diversa da situação com a criança, não é mesmo?

Bem, o fato é que existem formas específicas de organização do pensamento e da linguagem exigidas por cada situação de comunicação. Assim, poderíamos definir gênero textual como os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas. Os gêneros são inúmeros. Poderíamos citar o telefonema, a carta comercial, romance, bilhete, reportagem jornalística, aulas virtuais, bate-papo por computador e assim por diante.

Como qualquer produto social, os gêneros textuais estão sempre sujeitos a mudanças decorrentes de transformações sociais, de inovações tecnológicas, de variações ocorridas na própria língua por meio do trabalho dos falantes. Eles surgem em função de situações comunicativas, desaparecem quando a situação que lhes originou não existe mais, podem sofrer transformações no decorrer do tempo ou manterem entre si relações interdiscursivas. Por exemplo, a organização comercial e industrial exigiu a criação de gêneros escritos como o memorando, a carta comercial, a ata, o relatório, entre outros. Hoje, com o advento do computador e da Internet, esses gêneros já estão passando por algumas modificações para se adaptarem ao meio tecnológico.

Fig. 09



Para a produção e a leitura desses textos, são necessárias, no mínimo, três competências que o sujeito desenvolve ao longo de sua vida ao participar das práticas sociais e culturais de sua comunidade de falantes. Vamos a elas.

3.3 Competências necessárias à leitura e à produção de textos

Em uma atividade verbal, três grandes instâncias interferem na produção e interpretação dos textos: o conhecimento de mundo, o domínio da língua e a aptidão para se inscrever no mundo por intermédio da língua.



Fig. 10

As competências, como foi dito anteriormente, são três e dizem respeito ao domínio da língua – competência lingüística –, ao domínio de conhecimentos – competência enciclopédica – e ao domínio de um saber que permite ao sujeito comportar-se adequadamente nas diversas situações comunicativas, produzindo os gêneros adequados a cada uma das situações – competência comunicativa.

3.4 Competência lingüística

Como o próprio nome já diz, refere-se ao conhecimento de como funciona o idioma: saber encadear orações, estabelecer a concordância devida entre as palavras, ter um bom vocabulário, dominar mecanismos de coesão, usar corretamente as convenções ortográficas, pontuar de forma coerente, etc.

Todos nós, falantes de um idioma, desenvolvemos o conhecimento da estrutura básica desse idioma ao longo do nosso processo de aquisição da linguagem. Assim, internalizamos uma gramática que nos impede de elaborar, em língua portuguesa, enunciados sem sentido como: Esta é uma competência básica que possuímos como falantes da língua portuguesa, mas a educação formal (escolar) tem a função de aprimorar o nosso conhecimento da língua e nos levar a utilizá-la seguindo normas de concordância de gênero e número e normas de ortografia de forma que possamos elaborar uma diversidade maior de textos e adequá-los a situações de comunicação das mais informais às mais formais.



Fig. 11

Tais conhecimentos, no entanto, não devem ser confundidos com o conhecimento da metalinguagem da gramática de uma língua (substantivo, advérbio, sujeito, predicado, oração adjetiva restritiva etc.). Eles se referem mais especificamente ao uso da língua e não à descrição dos elementos que a compõem.

3.5 Competência enciclopédica

É o conjunto de conhecimentos, virtualmente ilimitado, que se enriquece ao longo das interações comunicativas de que participam os enunciadores.

Esse é um conjunto de conhecimentos que adquirimos ao longo da vida, como uma bagagem interna que guardamos de cada experiência que vivenciamos. Cada um de nós tem uma bagagem específica que vai crescendo e se aprimorando à medida em que o tempo passa.

Fig. 12



Esse estoque de conhecimentos serve de base tanto para a produção como para a recepção dos diversos gêneros textuais. É essa competência que nos permite reconhecer quem é Super-homem, saber onde fica o Brasil, o que é a Petrobrás, saber a diferença entre leite em pó integral e instantâneo, etc. Esse saber enciclopédico varia em função da sociedade em que se vive e da experiência de cada um.

3.6 Competência comunicativa

Consiste em saber comportar-se diante dos múltiplos gêneros textuais que circulam socialmente.

De fato, um texto sempre se apresenta na forma de um gênero textual particular (um memorando, uma carta, um diálogo, uma palestra), que varia em função da sociedade e da época. Isso significa que não encontramos os mesmos gêneros textuais em qualquer comunidade de falantes ou o mesmo gênero textual pode mudar de uso de uma época para outra. Observe a gravura da figura 13, a seguir.

Fig. 13



A cena ao lado, uma moça sentada de pernas cruzadas, é coisa que, no Brasil, até início do século XX, de acordo com Câmara Cascudo³ 2003, p. 198), era uma infração ao código de boas maneiras. O gesto denunciava claro abandono às normas da educação e indicava uma intimidade que ultrapassava os limites da confiança familiar. As mocinhas recebiam severas recomendações de jamais sobrepor uma perna à outra. Assim, uma mesma imagem pode ter significados diferentes a depender do leitor e do momento histórico em que foi produzida. Atualmente, a imagem de uma mulher sentada de pernas cruzadas pode indicar sensualidade, charme, etc. Ao passo que, observada por outra pessoa mais conservadora pode indicar uma pessoa vulgar, indiscreta.

Mesmo não dominando a produção de certos gêneros, as pessoas são capazes de identificá-los e de ter um comportamento adequado a eles. É a partir do momento em que se identifica um enunciado como um memorando, um folheto publicitário, um atestado médico, um e-mail, um curso de português, que o sujeito pode adotar em relação a ele o comportamento ou atitude que convém. Assim, os leitores podem, por exemplo, ler e arquivar o memorando, jogar fora o folheto publicitário, entregar ao chefe o atestado médico ou repassar o e-mail para as pessoas que eles quiserem.

A competência comunicativa, da mesma forma que a enciclopédica, também varia de acordo com o indivíduo. A maior parte dos membros de uma sociedade é capaz de produzir os gêneros textuais adequados às situações mais corriqueiras do cotidiano (cumprimentar, atender ao telefone, escrever um postal, uma carta familiar). Mas nem todos são capazes de pronunciar uma palestra, escrever uma carta oficial, um requerimento ou uma peça jurídica. Pode-se aí ver uma manifestação clara da desigualdade social: numerosos indivíduos são discriminados porque não sabem comunicar-se com facilidade em certos gêneros socialmente valorizados.

³ Câmara Cascudo: (Natal 1898 — Natal, 1986) foi um historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Passou toda a sua vida em Natal e dedicou-se ao estudo da cultura brasileira. Foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O Instituto de Antropologia desta universidade tem seu nome. Pesquisador das manifestações culturais brasileiras, deixou uma extensa obra.

Seria muito simples se as competências necessárias à leitura e à produção de textos se manifestassem de modo seqüencial. Primeiro uma, depois outra, depois outra... Na verdade, elas interagem de forma que os indivíduos possam tanto produzir quanto compreender textos. O indivíduo lança mão de todas para obter êxito na interação comunicativa.

Portanto, é evidente que o uso das competências lingüística, enciclopédica e comunicativa é essencial para produzir e interpretar enunciados.

Atenção!

É importante destacar a concepção de Koch (2002) sobre o caráter ativo dos seres humanos na produção do social através da língua. Para isso, a língua deve ser concebida como um lugar de interação verbal, em que os sujeitos produzem e reproduzem a realidade. A autora ainda enfatiza que a noção de sujeito como agente transformador da realidade contribui para as concepções de língua e texto.



Mãos a obra

Atividade 2

1. Reflita sobre o que estudamos até aqui e responda:
 - a. O que é gênero textual?
 - b. O que é hipertexto?
 - c. Cite alguns hipertextos comuns em seu dia-a-dia.
2. Dê exemplos de textos do seu cotidiano que apresentam mais de uma linguagem.
3. Compreendendo a língua como um lugar de interação, qual o papel do ser humano neste processo?



Um passo a mais

Para saber mais sobre concepções de língua e o papel do ser humano neste processo, leia o capítulo Concepções de língua, sujeito, texto e sentido presente na referência abaixo:

KOCH, Ingedore G. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002, p.13-20

Já sei!



Nesta aula você estudou aspectos ligados à comunicação humana a partir do uso de diferentes linguagens (verbais e não verbais). Viu o que são texto, hipertexto e gênero textual. Por fim, descobriu que para lermos e produzirmos textos de forma adequada precisamos contar com três competências básicas que usamos concomitantemente: a competência lingüística, a enciclopédica e a comunicativa.

Autoavaliação



1. Leia o texto e responda ao que se pede:

Situação 01

Uma professora de ensino médio pediu aos alunos que escrevessem uma carta a um amigo (também secundarista) de outra cidade, contando sobre as conseqüências das últimas chuvas para a cidade de Natal. O texto apresentado a seguir foi considerado inadequado pela professora.

Texto

Natal, 05 de agosto de 2006.

Caro amigo,

As últimas precipitações atmosféricas formadas por gotas de água que ocorreram em nossa cidade provocaram inundações que, como conseqüência, formaram várias cavidades nas ruas do meu bairro. Entre estas, algumas são tão grandes que impedem a passagem dos transeuntes.

A prefeitura tomou ciência do fato, mas, até o presente momento, não houve disposições no sentido de

solucionar o problema.

Pelos motivos supracitados, os habitantes do meu bairro acreditam que devemos nos unir para que possamos nos utilizar de medidas coercitivas em relação à prefeitura no sentido de encontrarmos uma solução para esse problema em nosso bairro.

Sem mais,

Joseph de Jesus Júnior.

Perguntas

- a) Considerando o gênero e a situação de produção, o que causa a inadequação do texto?
- b) Que competência o produtor da carta deixou de utilizar para redigir um texto mais adaptado à situação de comunicação.

Situação 02

Uma agência de publicidade pediu a um aluno do curso de turismo, do ensino superior que elaborasse um texto sobre a cidade de Natal, a ser publicado em uma revista nordestina. O resultado da produção textual desse aluno é o texto reproduzido a seguir.

Texto

Natal, hoje com 1 500 000 habitantes, é uma das cidades que mais cresce no país. Multiplicam-se dia a dia o número de pousadas, hotéis, bares, restaurantes, centros de compras entre outros, sendo grande parte desses investimentos feita por brasileiros que acreditam no potencial turístico da região.

Apesar de possuir quatro hotéis cinco estrelas e o maior shopping das Américas, preserva o espírito hospitaleiro de pequenas cidades e baixos índices de violência, sendo considerada uma das mais seguras entre as capitais brasileiras.



Por sua posição geográfica privilegiada, Natal é ensolarada na maior parte do ano, sendo conhecida como a “cidade do sol” e, por essa razão, muitas pessoas de países onde o inverno é rigoroso se encantam com a cidade e compram imóveis, a fim de, posteriormente, retornarem a Natal.

Estrutura de cidade grande, hospitalidade de cidade pequena, uma das menores taxas de violência do país, belezas naturais incomparáveis e um clima extremamente agradável. Realmente, Natal é uma cidade apaixonante.

Perguntas

a) O texto apresenta problemas que comprometem sua credibilidade? Explícite-os.

b) Que competência(s) precisariam ser utilizadas para melhorar a eficácia do texto?



Referências

CEREJA, W.R.; MAGALHAES, T.C. Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2000.

DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

KOCH, I., TRAVALIA, L. C. Texto e coerência. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R. BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro:



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves



Aula
Texto e sentido 02



Texto e sentido: Estratégias de leitura e Fatores que interferem na compreensão do texto

Apresentação e Objetivos



Você estudou, na aula anterior, sobre as competências necessárias para a participação em uma atividade textual. Conheceu um pouco os diferentes gêneros discursivos em nossa atividade cotidiana e as formas de lidar com eles. Vai refletir, nesta aula, sobre como a leitura desenvolveu-se e qual a importância dos elementos que não fazem parte do texto propriamente dito, mas que contribuem para a sua compreensão.

Objetivo

- ▶ Conhecer algumas estratégias de leitura.
- ▶ Compreender a importância dos fatores contextuais que interferem no ato de leitura.



Fig. 01



Para começar

Caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria (BLOOM, 2001, p. 17).

Lemos o tempo todo e precisamos do ato de ler para tornar nosso dia-a-dia mais significativo. Mas, afinal, o que significa ler? Quando falamos em leitura, será que pensamos em algo prazeroso ou uma atividade mecânica, repetitiva? Qual o papel da leitura em nossa vida e de que forma aquilo que lemos torna-se mais fácil de ser compreendido? Vamos pensar sobre isso?

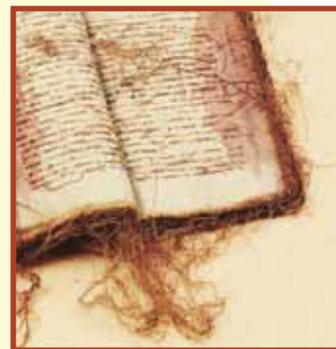


Fig. 02



Assim é

1. O que é ler?

Ao longo do tempo, foram construídos inúmeros conceitos para o ato de ler. De uma mera atitude passiva do leitor até uma total responsabilidade sobre o que lê, a responsabilidade de atribuir sentido. Hoje, considera-se, de qualquer forma, que o leitor é um ser ativo, que interpreta o mundo a partir de fatores que dependem de sua intenção em relação ao que lê, dos valores e do conhecimento que traz, do tempo e da sociedade em que vive. Enfim, considera-se o ato de ler como uma prática social.

Paulo Freire¹, por exemplo, compreende a ação de ler de modo amplo, demonstrando que ela se caracteriza pelas relações entre o indivíduo e o mundo que o cerca. A tentativa de compreender o mundo a partir de uma hierarquia qualquer de significados representa, já, uma "leitura". O real torna-se um "código" com suas leis e a revelação desse código traduz uma modalidade de "leitura". Essa "leitura de mundo" começa a ser realizada desde o nascimento e é mediada pelo "outro", é fruto de interação. Assim, a "leitura da palavra" está irremediavelmente ligada à "leitura de mundo".

É por isso que precisamos estar atentos ao fato de que não lemos apenas palavras, lemos o mundo, ou seja, estamos constantemente lendo tudo o que ocorre e o que está à nossa volta, pois preenchemos de significados o nosso cotidiano.

Poderíamos dizer que ler é decodificar, compreender e atribuir significado, não é mesmo? Mas a atividade de leitura, apesar de englobar especificamente as ações acima, é bem mais complexa do que parece. Em primeiro lugar, para decodificar é preciso dominar o código. O código ou a linguagem em que o texto é construído são elementos importantes na nossa atividade de leitura, pois são capazes de possibilitar inúmeras interpretações, afetando a nossa capacidade de compreensão do que lemos.

Se, ao caminharmos na rua, nosso olhar se fixa em um sujeito mal vestido e mal encarado que caminha em nossa direção, imediatamente sentimos um impulso de autoproteção que nos impele a nos afastarmos daquele indivíduo. Na verdade, temos o pré-conceito

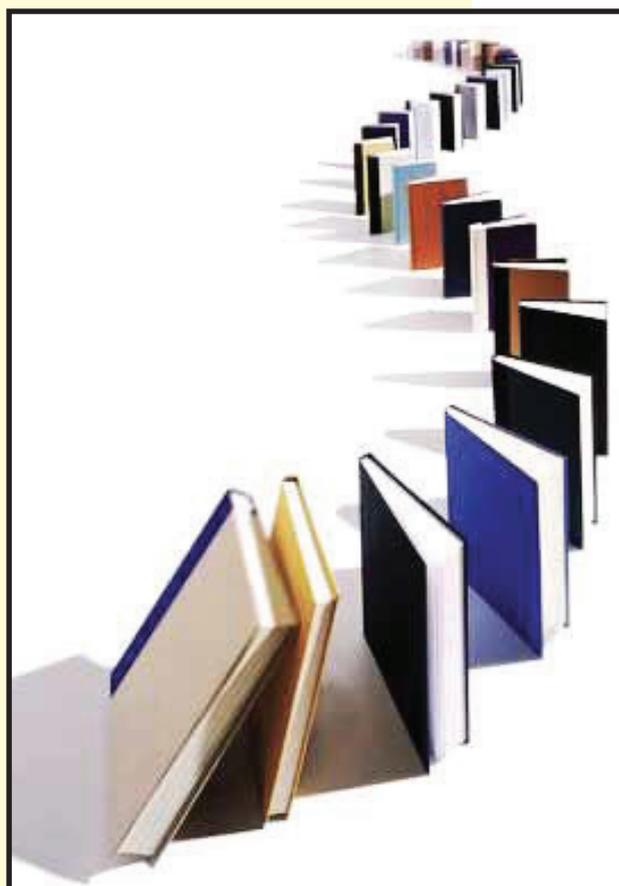


Fig. 03

¹ Paulo Reglus Neves Freire (Recife, 1921 -São Paulo, 1997) foi um educador brasileiro. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. É considerado um dos pensadores notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

de que seremos assaltados sempre por alguém mais pobre e com uma cara de mau. Será que é assim mesmo? A História parece comprovar que podemos ser assaltados por pessoas aparentemente inofensivas, no entanto, senhores elegantes e bem vestidos arrombam prédios, seduzem idosos, enganam populações inteiras.

Assim, muitas vezes, lemos o que queremos ler (ou seja, interpretamos aquilo que queremos) e não necessariamente o que está lá. Quer um exemplo? Observe atentamente o texto da figura 1, a seguir:

3M D14 D3 V3R40, 3574V4 N4 PR414, 0853RV4ND0 DU45 CR14NC45
8R1NC4ND0 N4 4R314. 3L45 7R484LH4V4M MU170 C0N57RU1ND0 UM C4573L0
D3 4R314, C0M 70RR35, P4554R3L45 3 P4554G3NS 1N73RN45. QU4ND0 3575V4M
QU453 4C484ND0, V310 UM4 0ND4 3 D357RU1U 7UD0, R3DU21ND0 0 C4573L0
4 UM M0N73 D3 4R314 3 35PUM4. 4CH31 QU3, D3P015 D3 74N70 35F0RC0 3
CU1D4D0, 45 CR14NC45 C41R14M N0 CH0R0, C0RR3R4M P3L4 PR414, FUG1ND0
D4 4GU4, R1ND0 D3 M405 D4D45 3 C0M3C4R4M 4 C0N57RU1R 0U7R0 C4573L0.
C0MPR33ND1 QU3 H4V14 4PR3ND1D0 UM4 GR4ND3 L1C40; G4574M05 MU170
73MP0 D4 N0554 V1D4 C0N57RU1ND0 4LGUM4 C0154 3 M415 C3D0 0U
M415 74RD3, UM4 0ND4 P0D3 D357RU1R 7UD0 0 QU3 L3V4M05 73MP0 P4R4
C0N57RU1R. M45 QU4ND0 1550 4C0N73C3R 50M3N73 4QU3L3 QU3 73M 45 M405
D3 4LGU3M P4R4 53GUR4R, 53R4 C4P42 D3 50RR1R! S0 0 QU3 P3RM4N3C3, 3 4
4M124D3, 0 4M0R 3 C4R1NH0. 0 R3570 3 F3170 D3 4R314.

Fig. 04 - Texto codificado

Se você conseguir ler as primeiras palavras, imediatamente você decifrará todo o texto. Interessante, não é? O fato é que nosso cérebro cria associações que permitem o restabelecimento do código (no caso, a língua portuguesa) que nós dominamos e nos leva a ler o texto com facilidade.

Assim, da mesma forma, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e última letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma bagunça total, que você ainda pode ler sem problema. Isso é porque nós não lemos cada letra isolada, mas a palavra como um todo.

2. Auto-engano

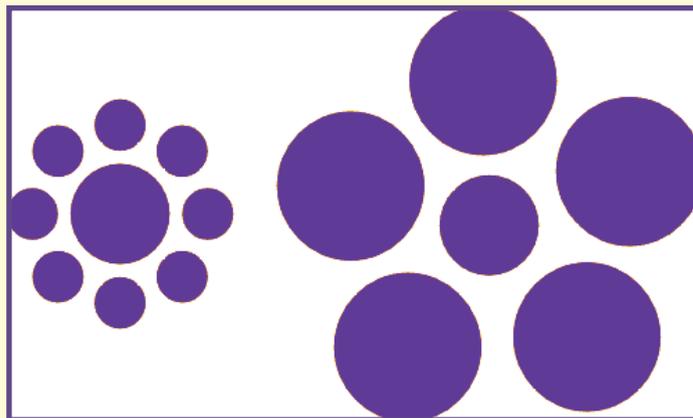


Fig. 05 - Círculos

Observe as duas imagens expostas na figura 05, acima, o círculo central parece maior em qual delas? Na verdade, ambos possuem o mesmo tamanho. Vemos um maior que o outro por causa dos círculos em torno. É uma ilusão de ótica. E uma ilusão de ótica nada mais é que um auto-engano, não é mesmo? Enganamo-nos porque a nossa percepção visual é mais do que um simples reflexo do que percebemos. O cérebro não vê as coisas diretamente, ele as traduz em representações. Ou, de acordo com Morin (1994, p.26):

Os estímulos luminosos que vêm impressionar nossa retina são traduzidos, codificados em impulsos que, através dos nervos óticos, vão determinar os processos cerebrais bioquímicos-elétricos que determinam nossa representação. Mas essa representação é, por sua vez, coorganizada em função de estruturas e estratégias mentais que determinam a coerência e a inteligência da percepção.

Fonte: http://oca.idbrasil.org.br/wiki2/index.php/Wiki_e-jovem_-

Jogo dos 7 Erros

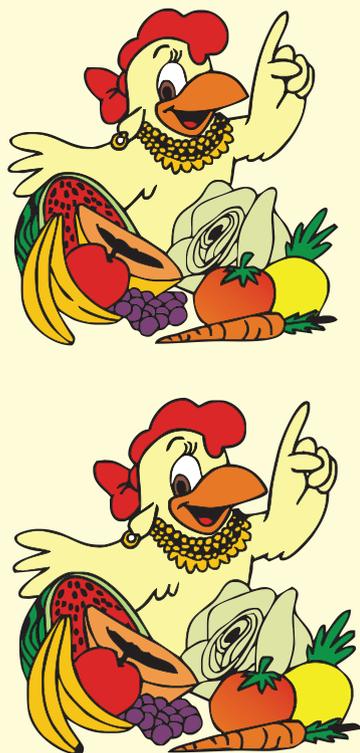


Fig. 06 - Jogo dos 7 erros

As duas imagens na figura 6, acima, aparentemente são idênticas. No entanto, como se trata de um jogo dos 7 erros, procuramos identificar as diferenças existentes entre elas. Caso contrário, ou seja, se não soubéssemos dos erros, provavelmente não os perceberíamos.

É por isso que temos muita dificuldade em identificar um erro de imprensa, pois adotamos sempre uma visão global a partir de elementos privilegiados que nos permitem economizar a leitura de todos os elementos. O nosso cérebro tende a restabelecer automaticamente a "constância" dos objetos de acordo com o modelo que ele conhece. Assim, o nosso cérebro reproduz um modelo do real a partir daquilo que estamos percebendo (vendo/lendo).

Morin (1994) chama a isso de um componente "alucinatório" da percepção, que é determinado não por um fator irracional, mas por um princípio de racionalidade nosso. Ou seja, somos enganados por nossas próprias percepções lógicas e racionais. Assim, devemos sempre desconfiar de nossa percepção, não só do que nos parece absurdo, mas do que parece evidente, aliás, principalmente do que parece evidente, porque isso é, justamente, aquilo que mais facilmente nos engana.

Essa nossa aula tem a função, portanto, de levar você a pensar o quanto é importante a sua participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. É preciso que você esteja constantemente refletindo sobre o que lê e sobre o que vê. A reflexão e o questionamento contribuem para uma percepção mais apurada do mundo e, dessa forma, para uma melhor compreensão dos conteúdos que você precisa desenvolver ao longo do seu curso.

3. Estratégias de leitura

Discutimos anteriormente sobre a leitura enquanto uma atividade de produção de sentido, processo no qual nós, leitores, realizamos um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, para tanto, partimos dos objetivos, dos conhecimentos que temos sobre o autor, sobre a linguagem, etc. Trata-se de uma atividade que nos leva a utilizar aquilo que chamamos de estratégias. Qual o papel do leitor enquanto construtor de sentido? Espera-se que ele processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, e, para tanto, lance mão de critérios como seleção, antecipação, inferência e verificação para realizar bem o ato da leitura.

Vamos ver como isso funciona?

Vamos fazer uma simulação de como recorreremos a várias estratégias no trabalho de construção de sentido numa leitura. Suponhamos que estejamos folheando o encarte do Cd **Revisitado** de Jorge Ben e nos deparamos com a música Taj Mahal:

Foi uma linda história de amor
Que até hoje eu já ouvi contar
Do amor do príncipe Xá-Jehan
Pela princesa Num-Mahal
Taj Mahal, Taj Mahal!

(Jorge Ben)

Após a **seleção**, utilizamos as **antecipações** e **hipóteses** para a leitura do texto com base em nossos conhecimento sobre:

O autor do texto: Jorge Ben

Meio de veiculação: Cd

Gênero textual: canção

Título: Taj Mahal

Distribuição das informações as antecipações serão levantadas e depois confirmadas ou rejeitadas. Serão, enfim, sempre testadas no movimento da leitura, a partir de conhecimentos que estão em nossa memória. Nos perguntaremos, a princípio, talvez, sobre o significado da expressão Taj Mahal, se é um termo específico, se é o título de um conto, enfim, esta antecipação de informações e as **inferências** decorrentes delas servirão de base para a compreensão do texto, **verificando**, testando as nossas hipóteses, exercitando, assim, a autorregulação do próprio processo de leitura.

4. Fatores de compreensão da leitura

A compreensão de um texto depende de vários fatores. Vamos destacar aqueles relativos ao autor/leitor e ao texto, que interferem no processo criando dificuldades ou facilitando.

- ▶ Autor-leitor - refere-se ao conhecimento que possuímos, à nossa bagagem cultural, à situação de produção do texto.

Veja o texto a seguir:

Amiga Helena Sangirardi,
Conforme um dia eu prometi
Onde, confesso que esqueci,
E embora _ perdoe_ tão tarde.

(Melhor que nunca!) este poeta,
Segundo manda a boa ética,
Envia-lhe a receita (poética)
De sua feijoada completa.

Em atenção ao adiantado
Da hora em que abrimos o olho,
O feijão deve , já catado,
Nos esperar, feliz, de molho.

E a cozinheira, por respeito
À nossa mestria na arte,
Já deve ter tacado peito,
E preparado e posto à parte

Os elementos componentes
De um saboroso refogado
Tais: cebolas, tomates, dentes
De alho _ e o que mais for azado [...]

Fonte: http://www.releituras.com/viniciusm_feijoada.asp

O texto é parte do poema **Feijoada à moda de Vinícius de Moraes**, que o poeta dedicou à Helena Sangirardi, autora de livros de culinária. O que chama sua atenção? Que conhecimentos são necessários a você para compreendê-lo?

Percebemos que o poeta criou um texto que interage com outro gênero, a receita. O texto depende desse conhecimento prévio (o que é uma receita culinária) do leitor, e desse conhecimento de mundo (o que

é uma feijoada) para construir o sentido necessário à sua compreensão. Ou seja, os conhecimentos selecionados pelo autor, de certa forma, criam um leitor-modelo, exigindo alguns conhecimentos prévios.

- ▶ Texto – além dos fatores para a compreensão da leitura que vêm do autor e do leitor, existem aqueles que vêm do próprio texto, podem ser materiais (tamanho, clareza das letras, fonte, etc.) ou lingüísticos (estruturas sintáticas complexas, ausência de sinais de pontuação, inadequação do uso destes sinais, etc.)

Todos esses elementos que dependem do leitor para a construção dos sentidos do texto já haviam sido indicados na aula anterior quando falamos sobre competências necessárias à leitura e produção de textos, lembra? Agora você pode comprová-las de forma mais prática.

Atenção!

Que tal conhecer um pouco sobre as diferentes formas de ler que o homem desenvolveu ao longo da história? Uma boa sugestão de leitura sobre isso é o livro *Uma história da leitura*, do escritor argentino Alberto Manguel publicado em 1997 pela Companhia das Letras. Sua leitura é leve, mas o livro traz uma bela reflexão sobre a leitura e sobre os livros. Com certeza, essa não é uma leitura técnica ou profissional, mas pode fazer você perceber aspectos sobre livros e leitura que você talvez não tivesse percebido ainda.



Mãos a obra

1. De acordo com o que discutimos, como você define leitura?

2. Ao ler a tirinha abaixo, você recorre à diversas estratégias de leituras. Leia a presente as antecipações, inferências e verificações que contribuíram para a compreensão do texto.



Fig. 07

3. Ainda, a partir da leitura da tirinha acima, relacione os conhecimentos prévios acionados por você para a construção do sentido do texto.

Um passo a mais



Para conhecer mais sobre Estratégias de leitura, leia o capítulo Para compreender... Antes da leitura, do livro de Isabel Solé apresentado na referência abaixo. Neste capítulo a autora analisa com detalhes algumas estratégias de compreensão leitora descritas com frequência na literatura especializada.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 89-101

Já sei!



Nesta aula você observou como mobilizamos diferentes estratégias de leitura e que fatores são importantes para uma melhor compreensão do texto. Esses elementos, adicionados à nossa própria capacidade de relacionar os diferentes textos, elaborando uma síntese crítica de seu conteúdo, nos ajuda a compreender o que lemos e a produzir novos textos a partir dos que já conhecemos.

Autoavaliação

O texto abaixo faz parte de um site de turismo, leia-o:

Vinte anos depois da morte de Franco, a capital da Espanha brilha como nunca. Renovada pela modernidade e agito dos jovens espanhóis, mas conservando suas melhores tradições, Madri não para de surpreender a quem a visita !!!

A Espanha brilha nas artes e cultura com seu destacando o flamenco, música, pintura, arquitetura, literatura, cinema, esportes e suas Maravilhosas Festas! A Espanha atrai, principalmente no verão, centenas de Europeus em busca de suas artes e suas praias...

Porém, a Espanha tem sido muito mais que um balneário, possui uma belíssima história com legado de artistas com Goya, Velázquez, Picasso and Dalí, e uma forte literatura como Don Quijote de La Mancha.

Espanha e Portugal dividem a Península Ibérica, a Espanha ocupa 80% do território fazendo divisa com a França e os Montes Pirineus. Mais da metade deste país é formada por vastos e montanhas. As paisagens são variadas desde os desertos da Almeria até as verdes florestas da Galícia, passando ainda às Planícies de La Mancha até as montanhas ao norte.

A maioria dos Turistas invadem a Espanha durante os meses de Julho e Agosto, quando o sol é mais forte. O mês ideal para visitá-la é maio, junho e setembro, quando poderemos saborear um clima agradável e um grupo menor de turistas nas cidades.

Fonte: <http://www.revistaturismo.com.br/Dicasdeviagem/espanha.html>

- Como o texto descreve a Espanha?
- O que a Espanha atrai?
- Quais os melhores meses para visitá-la? Por qual razão?
- Que estratégias você utilizou para melhor compreender seu texto?
- Como os fatores relacionados ao autor-leitor e ao próprio texto contribuíram para a sua leitura?



Fig. 08



O'BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Leitura, texto e sentido**. In: **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Leitura, sistemas de conhecimentos e processamento textual**. In: **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Lições de texto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - <http://miltonribeiro.opsblog.org/wp-content/blogs.dir/13/files/2008/09/nuestra-identidad-cultural.gif>
- ▶ Figura 02 - <http://revistaraiz.uol.com.br/portal/images/stories/livros.JPG>
- ▶ Figura 03 - http://www.prof2000.pt/users/biblos_aei/bib07-08/livros.jpg
- ▶ Figura 04 - Revista Língua Portuguesa
- ▶ Figura 05 - www.colorcube.com/illusions/cntrstshp.gif
- ▶ Figura 06 - <http://blog.cancaonova.com/cantinho/files/2007/07/maricota-7-erros.png>
- ▶ Figura 07 - <http://i74.photobucket.com/albums/i264/bela/blask/306.jpg>
- ▶ Figura 08 - <http://www.revistaturismo.com.br/Dicasdeviagem/espanha.html>



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I

Rousiene da Silva Gonçalves

Aula

03

**Estratégias utilizadas para a compreensão
e interpretação de textos**



Estratégias utilizadas para a compreensão e interpretação de textos antes e durante o processo de leitura

Apresentação e Objetivos



Nas aulas anteriores, estudamos sobre os usos das linguagens humanas, a concepção de língua e o conceito de texto, hipertexto e gênero textual. Procuramos ainda

conhecer e aplicar as três competências necessárias à compreensão de textos: linguística, comunicativa e enciclopédica. Buscamos compreender as estratégias de leitura utilizadas por nós e os fatores que interferem no ato de ler, relacionados ao autor, texto e leitor. Nesta aula vamos conhecer um pouco

sobre as estratégias utilizadas para a compreensão e interpretação de textos antes e durante o processo de leitura.

Objetivos:

- ▶ Conhecer e aplicar as estratégias utilizadas antes da leitura de textos;
- ▶ Conhecer, identificar e aplicar os mecanismos de interpretação de textos.





Para começar

ECT

Nando Reis, Marisa Monte e Carlinhos Brown

Tava com cara que
Carimba postais
Que por descuido abriu uma carta
Que voltou
Levou um susto que lhe abriu a boca
Esse recado vem pra mim, não pro senhor
Recebo craque, colante,
Dinheiro parco embrulhado
Em papel carbono e barbante
Até cabelo cortado
Retrato de 3x4 pra batizado distante
Mas, isso aqui, meu senhor, é uma carta de amor
Levo o mundo e não vou lá...
Mas esse cara tem a língua solta
A minha carta ele musicou
Tava em casa, vitamina pronta
Ouvi no rádio a minha carta de amor
Dizendo: eu caso contente
Papel passado e presente
Desembrulhado o vestido
Eu volto logo, me espera
Não brigue nunca comigo
Eu quero ver nossos filhos
O professor me ensinou fazer
Uma carta de amor

Fig. 01



A música acima apresenta uma situação inusitada, na qual alguém abre indevidamente uma carta de amor enviada a outra pessoa, mas que voltou e, por ironia, cria uma música com ela. A carta não era endereçada a este alguém, no entanto, foi lida e de alguma forma apreciada. Quando nos deparamos com qualquer texto acontece o mesmo, a menos que sejamos obrigados a ler ou o façamos por descuido, a leitura acontece quando há uma escolha, realizada por uma motivação prévia e com alguns objetivos definidos. Durante a leitura propriamente dita, outros mecanismos são utilizados por nós para melhor compreensão do texto. Vamos pensar um pouco sobre isso?



1. Antes de ler...

O ato de ler, como já vimos, inicia-se a partir da escolha, de uma prévia seleção e a partir daí iniciamos um processo de mobilização de estratégias de leitura, compreensão e interpretação dos textos lidos. Antes de uma atividade de leitura propriamente dita, por exemplo, algumas delas são ativadas. Destacamos aqui a motivação e os objetivos.

Um fator que contribui para o interesse da leitura de um determinado material consiste em que este possa nos oferecer certos desafios. Quando nos deparamos com um texto não conhecido, tendemos a nos perguntar o que há nele e a confirmar (ou não) nossas hipóteses no decorrer do texto. O interessante é que o texto nos desperte a curiosidade, nos motive de alguma forma. Existem, obviamente, situações de leituras mais motivadoras que outras, isto ocorre de acordo com as situações concretas de uso, ou seja, as situações de leitura mais motivadoras também são as mais reais, lemos por prazer ou com objetivos claros, como resolver uma dúvida, um problema ou adquirir a informação necessária para determinado projeto.

A motivação também está relacionada às relações afetivas que estabelecemos com a língua escrita, desde crianças. Se em nosso entorno há estímulo, valorização do ato de ler, é provável que este seja tido por nós como algo importante.

Além destas relações afetivas provocadas pelo desafio e pela motivação, a leitura é também orientada pelos objetivos que temos com ela e, quanto mais claros, melhor nos ajudam a compreender aquilo que estamos lendo.

Os objetivos podem ser muito variados e inumeráveis, pois há tantos objetivos como leitores, em diferentes momentos e situações. Vamos apresentar alguns que consideramos importantes.

1.1 Ler para obter uma informação precisa

Fig. 02

The image shows a collage of various advertisements and directories. On the left, there are several listings for fitness academies, including 'Clia Movimento Academia', 'Fibra Fitness', and 'KORPUS ACADEMIA'. The 'KORPUS ACADEMIA' listing is particularly prominent, advertising 'BODY PUMP + AERO JUMP', 'BODY COMBAT + MUSCULAÇÃO', and 'GAP STEP'. Below this, there are more academy listings for Mossoró (84), Caicó (84), and São Gonçalo do Amarante (84). In the center and right, there are advertisements for steel suppliers like 'COMERCIAL GERDAU' and 'AÇORAMO Distribuidora de Aços'. The 'AÇORAMO' ad lists various steel products and contact information. At the bottom, there are smaller ads for 'Academias Desportivas - Art. Equip. e Manutenção', 'Açaí', 'Acetileno', and 'Aço - Cabos'.

Suponhamos que objetivamos encontrar o número da Korpus Academia ou o número de uma academia mais próxima de nossa residência. Como faremos para procurá-lo? Recorreremos mais diretamente à possível página onde vamos obter estas informações, não é mesmo?

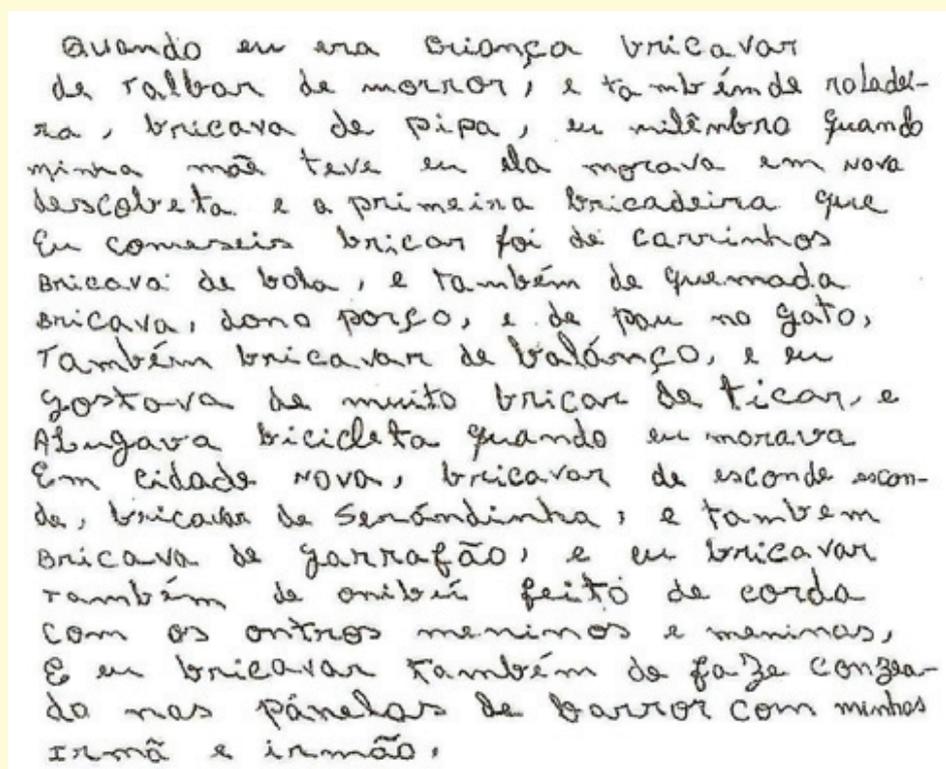
Abrimos uma lista telefônica, geralmente, para obter uma informação precisa, queremos um respectivo número. O mesmo ocorre com a leitura de dicionários, enciclopédias ou em um site de pesquisas. Podemos dizer que este tipo de leitura pode ser muito seletivo, pois deixa de lado um grande número de informações que naquele momento são tidas como desnecessárias ao nosso objetivo imediato.

1.2 Ler para aprender

Indicado por outros ou fruto de uma decisão pessoal, este tipo de leitura ocorre quando a finalidade consiste em ampliar os conhecimentos de que dispomos a partir da leitura de um determinado texto.

1.3 Ler para revisar um escrito próprio

Quando lemos o que escrevemos, sabemos o que queríamos dizer e temos que nos pôr simultaneamente em nosso lugar e no lugar do futuro leitor. Às vezes, os textos são difíceis de entender porque é possível que o autor não tenha se colocado no lugar de quem vai ler. Outras vezes, faltam ao autor as competências necessárias para a produção de textos eficazes, como a competência linguística e enciclopédica. Veja abaixo:



Quando eu era criança brincar de galbar de morror, e também de rodeliza, brincar de pipa, eu lembro quando minha mãe teve eu ela morava em nova descoberta e a primeira brincadeira que eu comeciei brincar foi de carrinhos brincar de bola, e também de quemada brincar, dono porco, e de pau no gato, Também brincar de balãoço, e eu gostava de muito brincar de ticar, e Abugava bicicleta quando eu morava em cidade nova, brincar de esconde esconde, brincar de Serôndinha, e também brincar de garrafão, e eu brincar também de onibú feito de corda com os outros meninos e meninas, E eu brincar também de fazer congeada nas panelas de barrot com minhas irmã e irmão,

Fig. 03 - (Trabalho de Português de um aluno de EJA)

O texto anterior é um relato sobre a infância do aluno, solicitado durante a aula de Língua Portuguesa. Veja que, apesar das inadequações linguísticas, o gênero foi respeitado, pois o autor progressivamente relata desde as primeiras brincadeiras até aquelas que, pelo contexto, percebemos que realizava no decorrer da sua infância. Neste caso,

sabemos que houve uma revisão, porém, sempre condicionados aos conhecimentos dos quais o autor dispõe no momento de sua produção.

1.4 Ler por prazer

Neste caso, a leitura é uma questão pessoal e está sujeita às escolhas do leitor. Em geral, a leitura por prazer associa-se à literatura.

Mas todas as vezes que lemos por prazer, qualquer que seja o gênero, esta é motivada por nossas escolhas afetivas.

2. Mecanismos de interpretação de textos

Agora que já vimos o que antecipa o ato de ler, vamos nos deter nas estratégias de leitura que acionamos durante a leitura propriamente dita, isto é, nos mecanismos que utilizamos para interpretar nossos textos.

Um texto sempre diz mais do que aquilo que ele apresenta através do conjunto de suas palavras. Assim, uma série de fatores colabora para a construção dos sentidos do texto. Se ele é de natureza oral: a expressão, a entonação da voz, os gestos. Se ele está escrito: a pontuação, o nível de formalidade, o contexto específico em que ele se insere (livro ou jornal, por exemplo), a natureza de sua linguagem (se mais técnica ou mais científica) entre outros.

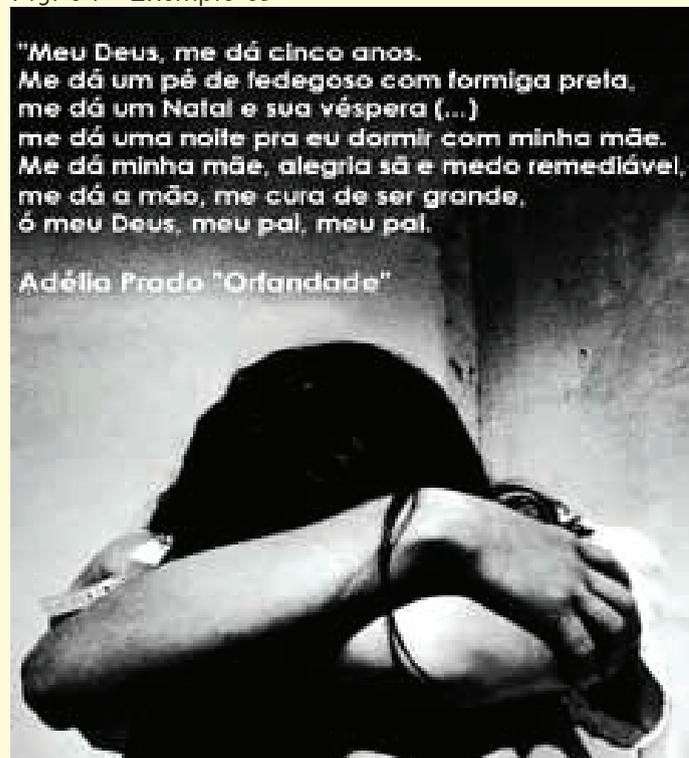
O processo de leitura e compreensão de um texto requer uma série de mecanismos que auxiliam na construção de sentido. Mecanismos que levam em consideração não só os aspectos intrínsecos ao texto, mas os conhecimentos de mundo do leitor. Nesse processo, é de fundamental importância a compreensão do contexto em que aquele texto foi elaborado e está em uso. O leitor processa essas informações automaticamente enquanto participa do processo de construção dos sentidos do texto e, para isso, utiliza uma série de mecanismos. Esse processo, no entanto, implica na maior ou menor velocidade de compreensão do texto. Um texto com poucos obstáculos permite uma leitura rápida de sentido tão imediato que quase se perde o controle consciente de sua compreensão.

Um texto que o leitor precisa parar para consultar o dicionário, ou para retomar conceitos e informações de co-texto, tem a construção de seu sentido elaborada em um processo muito mais lento.

Textos muito referenciais podem ter suas dificuldades ligadas ao vocabulário mais técnico, por exemplo. Textos literários, por outro lado, podem explorar outras formas de construção de sentidos, levando o leitor a recriar imagens e sentidos sugeridos pelo autor.

Um aspecto relevante dessas possibilidades de compreensão do texto consiste na compreensão da diferença entre explícito e implícito. Sendo explícito tudo aquilo que está textualmente exposto, ou seja, está declarado no texto e implícito aquilo que um enunciado significa, mas que não necessariamente está dito, ou apresentado. Veja:

Fig. 04 - Exemplo 03



Lemos o poema de Adélia Prado, mas recorreremos também a outras informações, como a imagem e o título para compreender que se trata de um texto com a temática da orfandade. As informações contidas na imagem e no título são conteúdos que contribuem para a interpretação do texto percebendo os conteúdos que estão implícitos.

O leitor está sendo perspicaz quando consegue captar conteúdos implícitos no texto.

Existem alguns mecanismos que utilizamos na construção destes sentidos implícitos no texto. Alguns destes mecanismos baseiam-se no conhecimento de mundo do leitor. Os recursos da intertextualidade são mecanismos importantes na compreensão dos textos que lemos, mas se uso deste recurso o meu leitor melhor compreenderá se conhecer o texto ao qual estou fazendo referência. Veja:

Exemplo 4

Falso Vapor

Zeca Baleiro

Ando tão à flor da pele
Que qualquer beijo de novela me faz chorar
Ando tão à flor da pele
Que meu olhar flor na janela me faz morrer
Ando tão à flor da pele
Que o meu desejo se confunde com a vontade de não sei
Ando tão à flor da pele
Que a minha pele tem o gosto do juízo final [...]
Oh, minha honey baby, baby, baby [...]

A canção anterior foi composta por Zeca Baleiro em interação com outra já existente, chamada Vapor Barato, de Wally Salomão/Macal é interpretada por Gal Costa. É possível compreendê-la, no entanto, a leitura se tornaria mais rica se conhecêssemos a canção com a qual há intertextualidade.

Vejamos agora outros mecanismos de interpretação de textos:

2.1 Inferência

A inferência é uma operação mental que nos permite preencher lacunas de informação a partir de conhecimentos prévios. Assim concluímos uma coisa nova a partir de uma ou mais informações conhecidas anteriormente. Podemos concluir e inferir a partir, inclusive, de uma sensação.

Veja o exemplo abaixo:

Exemplo 5:



Para interpretar este texto é necessário inferir a partir dos elementos que já estão no texto, como o título, o morro, as explosões e o excesso de palavras "Pan". Qual seria este "clima" presente no Rio de Janeiro? Cada leitor realizará suas inferências a partir dos seus conhecimentos de mundo.

2.2 Pressuposto

Considera-se posto, o nível de primeiro plano do texto, aquilo que é textualmente apresentado. O que implica dizer que pressuposto é o conjunto de ideias não expressas de maneira explícita e que são consequências de certas palavras ou expressões contidas na frase.

É uma proposição do locutor, mas é conhecida, partilhada com toda a comunidade leitora.

Existem vários indicadores linguísticos que podem marcar o pressuposto nas orações:

a) advérbios (alguns apenas)

▶ Os resultados da pesquisa ainda não chegaram até nós.

b) verbos (alguns apenas)

▶ O caso do contrabando tornou-se público.

c) as orações adjetivas

- ▶ Os candidatos a prefeito, que só querem defender seus interesses, não pensam no povo.

d) os adjetivos

- ▶ Os partidos radicais acabarão com a democracia no Brasil.

2.2 Subentendidos

Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação.

O subentendido difere do pressuposto num aspecto importante: o pressuposto é um dado posto como indiscutível para o falante e para o ouvinte, não é para ser contestado;

O subentendido é de responsabilidade do ouvinte, pois o falante, ao subentender, esconde-se por trás do sentido literal das palavras e pode dizer que não estava querendo dizer o que o ouvinte compreendeu. Veja:

Exemplo 6:



No exemplo acima o texto deixa subentendido, através da expressão do cristo redentor e do colete à prova de balas que é utilizado nele, a violência existente no Rio de Janeiro. Mas esta interpretação, por não estar explícita no texto, acaba se tornando responsabilidade do leitor. O subentendido de alguma forma protege o autor a respeito de sentidos polêmicos atribuídos ao texto.

Atenção!



É importante destacar que todas as estratégias de leituras até aqui apresentadas são úteis também na produção de textos. O que significa dizer que se utilizo estes recursos para melhorar a compreensão e interpretação dos meus textos também posso recorrer a eles para produzir textos bem elaborados.

Mãos à obra



Observe os textos abaixo e indique quais são os objetivos que supostamente mobilizam os leitores a selecioná-los:

Redoxon®
ácido ascórbico

IDENTIFICAÇÃO DO MEDICAMENTO
Nome comercial: Redoxon®
Forma farmacéutica: Bula de uso oral
Atividade farmacológica: ácido ascórbico e derivados
Código de barras: 5010000000000

COMPOSIÇÃO
Redoxon® é um medicamento contendo ácido ascórbico (vitamina C) e derivados, que atua no metabolismo celular e no sistema imunológico.

Forma farmacéutica	100 mg	200 mg	300 mg	500 mg	1000 mg
Comprimidos	100 mg	200 mg	300 mg	500 mg	1000 mg
Comprimidos	100 mg	200 mg	300 mg	500 mg	1000 mg
Comprimidos	100 mg	200 mg	300 mg	500 mg	1000 mg
Comprimidos	100 mg	200 mg	300 mg	500 mg	1000 mg

INDICAÇÕES
1. Para uso preventivo em situações de deficiência de vitamina C.
2. Para uso terapêutico em situações de deficiência de vitamina C.
3. Para uso terapêutico em situações de deficiência de vitamina C.

CONTRAINDICAÇÕES
1. Hipertensão arterial sistólica.
2. Doença renal crônica.
3. Doença hepática crônica.

EFECTOS ADVERSOS
1. Diarreia.
2. Náusea.
3. Vômito.

PRECAUÇÕES
1. Evitar o uso prolongado de altas doses.
2. Evitar o uso em pacientes com doença renal crônica.

INTERAÇÕES
1. Com medicamentos que contêm ferro.
2. Com medicamentos que contêm cobre.

USO EM GRÁVIDAS E LACTANTES
1. Evitar o uso em altas doses.
2. Evitar o uso em pacientes com doença renal crônica.

USO EM IDOSOS
1. Evitar o uso em altas doses.
2. Evitar o uso em pacientes com doença renal crônica.

USO EM CRIANÇAS
1. Evitar o uso em altas doses.
2. Evitar o uso em pacientes com doença renal crônica.

USO EM PACIENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS
1. Evitar o uso em altas doses.
2. Evitar o uso em pacientes com doença renal crônica.

USO EM PACIENTES COM DOENÇAS AGUDAS
1. Evitar o uso em altas doses.
2. Evitar o uso em pacientes com doença renal crônica.

USO EM PACIENTES COM DOENÇAS AGUDAS
1. Evitar o uso em altas doses.
2. Evitar o uso em pacientes com doença renal crônica.

Texto 01 - Bula do ácido ascórbico Redoxon

Texto 02

Confidência - 1913

Tudo o que existe em mim é grave e carinhoso
Te digo aqui como se fosse ao teu ouvido...
Só tu mesma ouvirás o que aos outros não ousou
Contar do meu tormento obscuro e impresentido.

Em tuas mãos de morte, ó minha Noite escura!
Aperta as minhas mãos geladas. E em repouso
Eu te direi no ouvido a minha desventura
E tudo o que em mim há de grave e carinhoso

BANDEIRA, Manuel. Poesia e prosa em dois volumes. Rio de Janeiro: Ed. José
Aguilar, 1958



Um passo a mais

Até agora estudamos sobre as estratégias de leitura que acompanham o leitor antes e durante o ato de leitura. Algumas destas estratégias, no entanto, podem ser mobilizadas conscientemente, ou seja, podemos controlar o nosso processo de leitura e compreensão dos textos lidos utilizando as estratégias metacognitivas.

Para saber mais sobre este assunto leia o texto de Ângela Kleiman apresentado na referência abaixo:

KLEIMAN, Ângela. Oficina de leitura: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 1993.
p.49-64.



Na aula de hoje estudamos algumas estratégias que acompanham o ato de leitura. Vimos aquelas existentes antes da leitura propriamente dita: a motivação que mobiliza a escolha do texto e os objetivos que nos direcionam à leitura. Estudamos também as estratégias que nos ajudam a compreender e interpretar o texto lido. É importante destacar que quanto mais compreendermos e interpretarmos um texto, melhores autores seremos.

Autoavaliação



- 1) Quais os conteúdos subentendidos nos quadrinhos da Fig. 05?
- 2) Veja que a campanha da Fig. 06 traz um conteúdo explícito e um implícito (subentendido):

Fig. 05



Fig. 06



- a) Indique qual é o conteúdo explícito desta campanha.
 - b) Qual é o conteúdo implícito do texto e o que levou você a chegar a esta resposta?
- 3) Observe o cartaz abaixo e explicita que inferências você faz a respeito do espetáculo anunciado e quais elementos do texto contribuem para a sua interpretação.

Fig. 07



Cartaz de divulgação do espetáculo Insanidades, em Outubro de 2008

Referências



FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. Para entender o texto. 3 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

_____. Lições de texto: leitura e redação. 4 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 89-101



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves



**Noções de coesão e mecanismos
de coesão referencial**

Aula

04

Apresentação e Objetivos



Até aqui, ao longo de nossas primeiras aulas, discorremos de forma mais generalista sobre leitura de mundo e leitura de textos verbais e não verbais. Observamos a diversidade presente na língua portuguesa e discutimos as várias possibilidades de leitura, desde a mais superficial até a leitura mais interpretativa, mais crítica.

Conhecemos os vários tipos de texto e observamos como vamos construindo novos textos à medida que lemos e relacionamos o nosso conhecimento de mundo e os diferentes textos lidos. Vamos discutir agora, nessa nova unidade, como os textos se organizam através de conectivos que ligam os diferentes enunciados e que esses enunciados, a partir das conexões estabelecidas, oferecem múltiplos sentidos. São os elos do texto. Para isso, você vai encontrar, ao longo da aula, a definição de coesão e alguns de seus recursos, principalmente os de caráter referencial.



Fig. 01

Objetivos:

- ▶ Compreender a aplicabilidade da coesão textual.
- ▶ Conhecer os dois tipos de coesão textual (referencial e sequencial)
- ▶ Distinguir e aplicar diferentes recursos de coesão referencial.



Para começar



Fig. 02

Em situação de poço, a água equivale
A uma palavra em situação dicionária:
Isolada, estanque no poço dela mesma,
E porque assim estanque, estancada;
E mais: porque assim estancada, muda,
E muda porque com nenhuma comunica,
Porque cortou-se a sintaxe desse rio,
O fio de água por que ele discorria.

(João Cabral de Melo Neto, *Rios sem discurso*)

O poema de João Cabral de Melo Neto que introduz essa nossa aula discorre sobre como a água e o discurso se assemelham em alguns aspectos. No fragmento citado, ele demonstra como a água parada, “em situação de poço”, lembra a palavra “em situação dicionária”. Ou seja, ambas estão estanques, imóveis, não se comunicam, não se interligam a mais nada. A palavra é o maior instrumento de comunicação criado pelo ser humano, mas para comunicar ela precisa do discurso “rio corrente”, na metáfora de João Cabral de Melo Neto. Ou seja, a palavra precisa estar ligada a outras palavras, formando o discurso. É sobre essa ligação que nós vamos falar nesta aula. Pois, a ligação entre as palavras é o que denominamos sintaxe da língua. Essa sintaxe ocorre tanto entre palavra e palavra, em um enunciado, quanto entre oração e oração, formando textos maiores. A essa conectividade do discurso denominamos coesão.



Assim é

A **coesão textual** é elaborada através de uma série de processos da língua que dão conta da estruturação da sequência do texto, estes, constituem os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos.

A coesão pode ser comparada a uma costura. Assim, seja inter-relacionando orações, períodos, parágrafos ou, ainda, segmentos maiores – como um parágrafo final conclusivo que se articula a todos os parágrafos antecedentes, ou até mesmo a articulação de capítulos entre si – os mecanismos coesivos estabelecem um entrelaçamento na superfície textual.

Além disso, se bem utilizada, a coesão contribui de forma decisiva para que o tema tratado se mantenha ao mesmo tempo em que progride. Acabando por se tornar um dos recursos responsáveis pela coerência textual.

Com certeza, há textos que não possuem elementos coesivos, o que atesta não ser a coesão uma condição necessária para que uma determinada sequência verbal seja tida como texto. Veja abaixo um fragmento do artigo de Josias de Souza para a folha de São Paulo:



Fig. 03

Folha de São Paulo, quinta-feira, 15 de junho de 2000

JOSIAS DE SOUZA
Brasil do B

BRASÍLIA – Brasil bacharel. Biografia bordada. Bom berço. Bambambã. Bico bacana, boquirroto. Bastante blábláblá. Baita barulho. Bobagem, besteira, blefe. Batente banho-maria. Bússola biruta. Baquela bêbada.

Brasil Biafra. Breu. Barbárie boçal. Barraco barrento. Barata. Bactéria. Bebê buchudo. Borocoxô.

Fonte: (MARCUSHI, 2008, p.03)

O exemplo acima é um texto elaborado com enunciados sem coesão entre si, possui sentido e pode ser interpretado, não é mesmo?

Neste caso, para compreender este tipo de texto, é necessário tanto as condições gerais dos interlocutores como os contextos de produção e recepção, pois são eles responsáveis pelos processos de formação de sentidos.

Por outro lado, é possível também elaborar sequências com elementos coesivos que não constituem texto, por falta-lhes coerência.

Veja o exemplo a seguir:

João vai à padaria. A padaria é feita de tijolos. Os tijolos são caríssimos. Também os mísseis são caríssimos. Os mísseis são lançados no espaço. Segundo a teoria da relatividade, o espaço é curvo. A geometria rimaniana dá conta desse fenômeno

Fonte: (MARCUSHI, 2008, p.03)

No texto acima há uma coesão relativamente forte no encadeamento das frases, no entanto, as relações de sentido não progridem nem as unificam, o conjunto não forma uma unidade significativa.

1. Tipos de coesão

Existem diversas perspectivas de análise dos mecanismos de coesão. Vilela e Koch (2001), por exemplo, dividem os mecanismos coesivos em duas categorias básicas: os mecanismos de coesão referencial e os de coesão sequencial.

A **coesão referencial** é o tipo de coesão que se caracteriza por apresentar um componente da superfície do texto fazendo remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual numa relação de dependência semântica. Por ser realizada por aspectos mais especificamente semânticos, a coesão referencial realiza-se através de artigos, pronomes, numerais, advérbios e outras formas que servem para fazer referência intratextual retroativa, isto é, retomam elementos textuais já mencionados.

A **coesão sequencial** se caracteriza pela possibilidade de tornar mais clara a progressão do tema do texto. Depende também da interdependência semântica, mas esta é assegurada através de conectores como interjeições, advérbios ou conjunções.

Irândé Antunes (2005), por sua vez, nos fornece o quadro exposto na Tabela1, a seguir, em que apresenta uma série de recursos coesivos. Observe que o quadro apresenta três colunas específicas: Coluna 1 - das relações textuais; Coluna 2 - dos procedimentos e Coluna 3 - dos recursos.

	Relações Textuais (Campo 01)	Procedimentos (Campo 02)	Recursos (Campo 03)	
A COESÃO DO TEXTO	1. REITERAÇÃO	1.1 Repetição	1.1.1 Paráfrase	
			1.1.2 Paralelismo	
			1.1.3 Repetição propriamente dita	De unidades do léxico; De unidades da gramática
		1.2 Substituição	1.2.1. substituição gramatical	Retomada por: Pronomes; Advérbios
			1.2.2 Substituição lexical	Retomada por: sinônimos
	hiperônimos			
		1.2.3. Elipse	Retomada por elipse	
	2. ASSOCIAÇÃO	2.1 Seleção lexical	Seleção de palavras semanticamente próximas	Por antônimos Por diferentes modos de relação de parte-todo
	3. CONEXÃO	3.1 Estabelecimento de relações sintatico-semânticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos	Uso de diferentes conectores	Preposições; Conjunções; Advérbios; e respectivas locuções

Tabela 1: Quadro de coesão

Na Coluna 1 podemos ver três formas de estabelecimento das relações textuais – Reiteração, Associação e Conexão. A última forma pode ser observada como forma de coesão sequencial, enquanto as duas primeiras estariam no âmbito da coesão referencial.

Como procedimentos da reiteração, vemos a Repetição e a Substituição, na Coluna 2, que apresentam, por sua vez, diversos recursos cada uma, como podemos observar no Coluna 3. Como procedimentos da Associação, vemos a seleção lexical (na Coluna 2) e

alguns recursos (na Coluna 3).

Na maioria das vezes, compreender o uso e as formas de aplicação desses elementos é fundamental para o co-enunciador compreender satisfatoriamente a mensagem que lhe é destinada. Então, vamos a alguns exemplos.

Vamos começar por analisar alguns exemplos de coesão referencial, ou seja, de reiteração ou associação. Observe no exemplo a seguir, a importância da relação entre os referentes e seus respectivos termos remissivos.

Será que isto é verdade?

Contar piadas de loiras diminui o raciocínio delas, segundo testes de QI feitos na Universidade de Bremen, Alemanha. As cobaias que ouviram as brincadeiras demoraram mais para responder às questões, apesar de registrarem um índice parecido de acertos. Para os cientistas, as gozações deixaram-nas mais inseguras nas respostas.

(Texto adaptado de Superinteressante, ago. 2004.)

Atente para o fato de que os pronomes **isto**, **elas**, **que** e **as**, assim como as expressões substantivas **as cobaias**, **as brincadeiras** e **as gozações** dependem dos seus respectivos referentes textuais para serem compreendidas.

O pronome **isto** remete para o que foi enunciado na primeira frase da nota: "Contar piadas de loiras diminui o raciocínio delas ...". O pronome **elas** e a expressão substantiva **as cobaias** remetem para o termo "loiras". Os pronomes **que** e **as** remetem para o termo "cobaias". Por fim, as expressões substantivas **as brincadeiras** e **as gozações** remetem para o termo "piadas".

Esses mecanismos, de uma forma ou de outra, contribuem para que o tema seja mantido no texto do princípio ao fim, uma vez que eles recuperam sempre o que foi dito (como no caso de **elas**, **as cobaias**, **que**, **as brincadeiras**, **as gozações** e **as**, da nota analisada) ou antecipam o que vai se dizer (no caso do pronome **isto**, encontrado na mesma nota).

Costuma-se nomear o mecanismo coesivo referencial de catafórico (ou catáfora) ou anafórico (ou anáfora) conforme o posicionamento que ele ocupa em relação ao referente. Se surgir antes do referente, diz-se ser catafórico. Se surgir depois, retomando-o, diz-se ser anafórico.

Exemplo 4: Ele foi um cineasta genial. Pena que Glauber Rocha tenha morrido tão cedo.

Exemplo 5: Pena que Glauber Rocha tenha morrido tão cedo. *E/e* foi um cineasta genial.

No Exemplo 4 o pronome **ele** funciona como um mecanismo catafórico, pois o seu referente, **Glauber Rocha**, só será nomeado no enunciado seguinte. Já no Exemplo 5, **ele** é anafórico, pois o seu referente já foi nomeado no enunciado anterior.

Há casos em que o pronome faz referência ao texto completo e não a algum termo específico. Observe o pronome **isto**, no texto abaixo:

Exemplo 6

OS REVOLTOSOS RACHEL DE QUEIROZ

Isto é uma história velha, passou-se lá por 1926. O país andava numa situação política tão complicada quanto a de agora. Não, minto. Tanto não. Era um complicado diferente e, mais visível, mais à flor da pele. Havia gente de armas na mão, contudo não era assim por com conflito pessoal e ideológico, irreduzível como agora. Era mais uma pequena questão de princípios, de interpretação dentro de uma mesma ideologia – todos se diziam igualmente democráticos, nenhum dos combatentes disputava sobre a questão social (e o que mais tarde optou pelo marxismo – L. C. Prestes, saiu da briga e foi para a Rússia). Ademais, o povo em geral, embora não se pronunciasse abertamente, por medo de represálias do governo ou descrença nas possibilidades de luta, o povo de coração estava os chamados “revoltosos”, seduzido pela legenda e bravura dos jovens tenentes – os feitos dos dois 5 de Julho, a imolação dos 18 de Copacabana.

Acima de tudo, aquele marcha épica da Coluna Prestes pelos fundões ignorados do Brasil falava às imaginações e suscitava os mais ardentes entusiasmos. Creio mesmo que feito nenhum, na história nacional. Tocara tanto o coração do povo. Os moços “generais e coronéis” (...)

Fonte: (MARCUSHI, 2008, p.03)

2. Alguns mecanismos de coesão referencial

Aqui vamos apenas nomear alguns mecanismos de coesão referencial:

- a) **Pronominalização** é a substituição do referente por um pronome (ele, a, isso...) ou por um advérbio (aqui, ali, lá, aí).

Exemplo 7

Fig. 04



Veja que o referente *aquela garota da cafeteira* foi substituído pelo pronome *ela* no decorrer do texto.

- b) **Numerais** são usados para substituírem seus respectivos referentes textuais.

Exemplo 8: Recebemos dois telegramas. O primeiro confirmava a sua chegada; o segundo dizia justamente o contrário.

- c) **Elipse** é a supressão de um elemento linguístico facilmente identificável quer por elementos gramaticais, quer pelo contexto. Tal omissão deliberada, muitas vezes, realiza-se em função do estilo. Um caso especial é o **zeugma**, que consiste na omissão de um termo já mencionado anteriormente.

Exemplo 9: Tinha uma voz inconfundível e foi apreciada por mais de duas gerações. Elis Regina marcou uma fase da MPB.

Percebemos, ao nos depararmos com o sujeito Elis Regina no final do texto, que o mesmo foi suprimido antes das flexões verbais **tinha** e **foi**.

Exemplo 10:

*"Poema perto do fim
A morte é indolor.
O que dói nela é o nada
Que a vida faz do amor.
Sopro a flauta encantada
E não há nenhum som.
Levo uma pena leve
De não ter sido bem.
E no coração, neve."*

MELLO, Thiago de. Faz escuro mas eu canto. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978

d) **Repetição de nome próprio ou parte dele** é a reiteração total ou parcial de um nome próprio (de pessoa, de lugares, etc.).

Exemplo 11: Lígia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. Lígia é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

e) **Metonímia** é o processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica. Ou seja, quando essas palavras guardam alguma relação de sentido entre si.

Exemplo 12: O governo tem se preocupado com os índices de inflação. O Planalto diz que não aceita qualquer remarcação de preço.

f) **Epíteto** é uma qualificação elogiosa ou injuriosa atribuída a alguém.

Exemplo 13: Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o cineasta mais famoso do cinema brasileiro teria morrido tão cedo.

g) **Nominalização** é o emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente.

Exemplo 14: Eles foram **testemunhar** sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal **testemunho** não era válido por serem parentes do assassino.

O substantivo **testemunho** remete o co-enunciador (leitor) para o verbo **testemunhar**. Também é possível ocorrer o contrário: um verbo fazer remissão a um substantivo já enunciado.

- h) **Sinonímia** é o emprego de palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas.

Exemplo 15: Os quadros de Van Gogh não tinham nenhum valor comercial em sua época. Houve **telas** que serviram até de porta de galinheiro.

- i) **Repetição de uma palavra** é o uso de uma palavra com ou sem determinante quando não for possível substituí-la por outra, ou quando o contexto o exigir.

Exemplo 16: A propaganda, seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: a **propaganda** sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, a **propaganda** é mais um veículo da ideologia dominante. (ARANHA e MARTINS, 1993. p. 50).

- j) **Um termo-síntese** é o emprego de uma palavra ou expressão que resume, sintetiza uma ideia anteriormente expressa.

Exemplo 16: O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas **limitações** acabam prejudicando o importador.



Atenção!

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto mais legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos científicos – didáticos, expositivos e opinativos, por exemplo –, a coesão é

altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial de coerência. (VILELA e KOCH, 2001, p. 467).

Mãos a obra



O texto abaixo foi produzido por uma aluna de ensino médio (F. G.) para um concurso de redação, com a temática: "Redes do futuro: inteligência, ignorância ou loucura".

(...) A internet está muito presente na vida das pessoas; desde crianças brincando com joguinhos, adolescentes nos "Chat" de bate-papo, até adultos checando suas contas bancárias. Esse é um fenômeno que, a cada ano que passa, atinge pessoas cada vez mais cedo. Muitos de nós criticam as pessoas que dependem de algo como drogas, chocolates. Porém, devemos parar para pensar até que ponto nossa relação com as máquinas é sadia; afinal, é impossível haver uma desvinculação, somos dependentes destes.

Contudo, traz inúmeras vantagens; praticidade e maior rapidez na maneira de se corresponder com as pessoas, os e-mails facilitam a vida de inúmeros indivíduos, as compras, pesquisas, compartilhamento de informações, ajuda no diagnóstico de doenças, bancos de sangue, doação de órgãos, são feitos facilmente, em segundos, de um lado ao outro do mundo. Está trazendo algumas mudanças de hábito não tão benéficas, como acabar com a prática de leitura. Os livros foram postos de lado; os resumos estão sobrepondo os clássicos literários (...)

a) Identifique e explique o problema de coesão referencial na forma destacada destes.

b) Leia o segundo parágrafo do fragmento de texto e complete as lacunas com os recursos coesivos mais adequados:

“Contudo, _____ traz inúmeras vantagens (...)
_____ Está trazendo algumas mudanças (...)”



Um passo a mais

Quer conhecer um pouco mais sobre coesão textual? Existem inúmeros livros que podem servir de um bom material de estudos para você, tais como os utilizados como referência para a elaboração desta aula. No entanto, alguns sites na internet também podem ser úteis para estudar. Experimente o sítio <http://apoioptg.blogspot.com/2007/04/coeso-textual.html>, nele você vai encontrar a explicação sobre alguns mecanismos de coesão. Ou, se preferir, responda a alguns exercícios *online* no sítio <http://gramaticaonline.blogspot.com/2005/07/exercicios-de-coerencia-e-coeso-textual.html>



Já sei!

Nesta aula nós discutimos um pouco acerca da coesão como um recurso necessário à organização do texto. Conhecê-lo e aplicá-lo nos torna aptos a compreender melhor os textos e a realizar a sua produção.

Vimos noções de dois tipos de coesão (referencial e sequencial) e nos dedicamos ao estudo da coesão referencial. Na próxima aula, aprofundaremos os estudos sobre coesão sequencial.

Autoavaliação

Identificar e aplicar a coesão referencial é importante para a compreensão e produção de textos. Identifique, no fragmento de uma crônica de Eça de Queiroz abaixo, alguns mecanismos de coesão referencial estudados nesta aula.

Há em Portugal quatro partidos: o Partido Histórico, o Regenerador, o Reformista e o Constituinte. Há ainda outros, mas anônimos, conhecidos apenas em algumas famílias. Os quatro partidos oficiais, com jornal e porta para a rua, vivem um perpétuo antagonismo, irreconciliáveis, latindo ardentemente uns contra os outros de dentro de seus artigos de fundo. Tem-se tentado uma pacificação, uma união. Impossível! Eles só possuem de comum a lama do chiado que todos pisam e a Arcada que a todos cobre. Quais são as irritadas divergências e princípios que os separam? – Vejamos:

O partido regenerador é constitucional, imensamente monárquico, e prova irrefutavelmente a urgência da economia.

O partido Constituinte é constitucional, monárquico e dá subida atenção à economia.

O partido reformista é monárquico, é constitucional, e doidinho pela economia!

Todos os quatro são católicos

Todos os quatro são centralizadores.

Todos os quatro têm o mesmo afeto à ordem

Todos os quatro querem o progresso, e citam a Bélgica.

Todos os quatro estimam a liberdade.

Quais são então as desinteligências? – profundas! Assim, por exemplo, a idéia de liberdade entendem-na de diversos modos.

O partido Histórico diz gravemente que é necessário respeitar as liberdades públicas. O partido regenerador nega, nega numa divergência absoluta, provando com abundância de argumentos que o que se deve respeitar são – as publicas liberdades.

A conflagração é manifesta!



Referências

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Sousa-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - <http://populo.weblog.com.pt/arquivo/corrente.jpg>
- ▶ Figura 02 - http://farm1.static.flickr.com/101/264512339_f53d6d3d0e.jpg
- ▶ Figura 03 - http://www.coatscorrente.com.br/imagens/consumo/foto/pt_bordado_cadeia.jpg
- ▶ Figura 04 - www.explosm.net.com



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa
Rousiene da Silva Gonçalves



Aula
Coesão Sequencial 05

Apresentação e Objetivos



Fig. 01



Estudamos na aula anterior a função da coesão nos textos, vimos o quanto é importante para a compreensão e produção de textos. Estudamos, ainda, alguns recursos de coesão referencial. Eles serão bastante úteis nas suas produções textuais, em seu cotidiano e ao longo do curso, então, não os perca de vista! Nesta aula, nós continuaremos os assuntos de coesão, mas trataremos, especificamente, da coesão sequencial. Pois o texto,

assim como uma planta que se desenvolve, apresenta uma progressão e a coesão sequencial é o recurso responsável por este desenvolvimento.

Objetivos

- ▶ Conhecer as diferentes formas de coesão sequencial e seus mecanismos;
- ▶ Compreender a importância da coesão na elaboração de textos.



Para começar

São Gonça

(Seu Jorge)

Pretinha
Faço tudo pelo nosso amor
Faço tudo pelo bem de nosso bem (meu bem)
A saudade é minha dor
Que anda arrasando com meu coração
Não duvide que um dia
Eu te darei o céu
Meu amor junto com um anel
Pra gente se casar
No cartório ou na igreja
Se você quiser,
Se não quiser, tudo bem (meu bem)
Mas tente compreender
Morando em São Gonçalo, você sabe
como é
Hoje à tarde a ponte engarrafou
E eu fiquei a pé
Tentei ligar pra você
O orelhão da minha rua
Estava escangalhado
Meu cartão tava zerado
Mas você crê se quiser...

Fig. 02



A música de Seu Jorge nos apresenta uma declaração de amor. O suposto namorado diz à Pretinha que faz tudo por ela, que tem saudades e intenção de casar, mas no decorrer da declaração há uma justificativa para uma situação inesperada, narrando uma sequência de acontecimentos não é mesmo? Para estabelecer esta sequência foram utilizadas algumas expressões. Quais são elas?

As expressões utilizadas para sustentar a sequência do texto fazem parte do mecanismo de coesão sequencial. É isto que vamos estudar nesta aula.

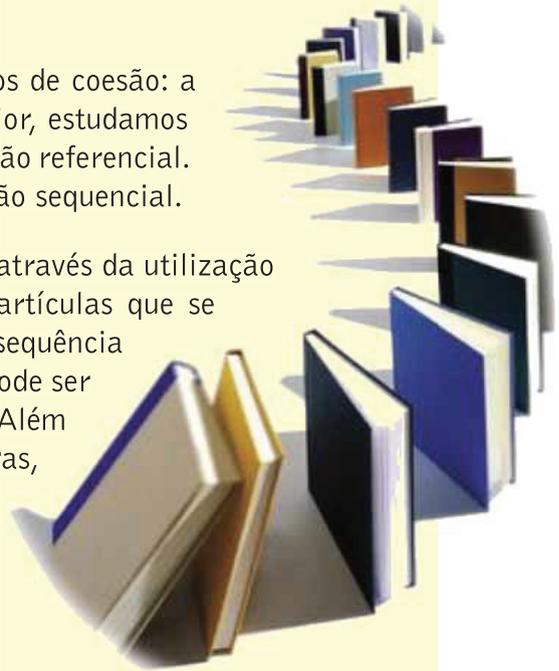


Fig. 03

Coesão Sequencial

Como já vimos, existem dois tipos de coesão: a referencial e a sequencial. Na aula anterior, estudamos as diferentes formas e mecanismos da coesão referencial. Nesta aula, faremos o mesmo com a coesão sequencial.

A coesão sequencial se organiza através da utilização de partículas sequenciadoras, que são partículas que se inter-relacionam, estabelecendo uma sequência entre as partes do texto. Essa sequência pode ser de ordem temporal ou de ordem espacial. Além da utilização de partículas sequenciadoras, a coesão sequencial também pode ser estabelecida através do uso de conectivos, como veremos a seguir:



1. Ordenação temporal

As partículas sequenciadoras podem se organizar ou se inter-relacionar no texto estabelecendo uma ordenação temporal. O pré-requisito fundamental para que uma expressão de tempo seja considerada uma partícula sequenciadora é seu encadeamento com outras expressões dentro de um mesmo texto.

Exemplo 1

Numa noite chuvosa do dia 13 de agosto de 2000, durante uma sessão de bate-papo pela Internet, Gilberta conheceu Romildo. Ambos eram virgens. Exatamente dois anos depois, resolveram se conhecer pessoalmente. O local? Um cemitério abandonado. Trocaram olhares, sorriram... apenas isso. Permaneceram virgens. Passadas duas semanas do primeiro encontro real, voltaram a se ver, no mesmo cemitério. No dia seguinte a esse último encontro, Gilberta e Romildo foram encontrados mortos sobre uma lápide onde estava escrito: "Aqui jaz o meu breve e eterno amor".

(Miniconto produzido por um aluno do 1º. ano do ensino médio.)

Se você observar o texto do Exemplo 1, vai notar que podemos estabelecer uma gradação temporal que, de certa forma, organiza o texto, indicando uma sequência de acontecimentos sobre o fato narrado.

Vejamos, então. Quando foi que Gilberta e Romildo se conheceram pela Internet? E pessoalmente? Quando foi o segundo encontro pessoal? E quando eles foram encontrados mortos? Percebeu? Há uma série de expressões que indicam essa sequência temporal: “Numa noite chuvosa do dia 13 de agosto de 2000”; “dois anos depois”; “Passadas duas semanas”; “No dia seguinte”. Essas expressões são consideradas elementos coesivos sequenciais de tempo, porque estabelecem uma sequência temporal para a história.

2. Ordenação espacial

As partículas sequenciadoras desse tipo são aquelas que se inter-relacionam estabelecendo uma ordenação espacial. Da mesma forma que na ordenação temporal, nem toda expressão de lugar constitui partícula sequenciadora espacial, apenas aquelas que aparecem encadeadas num texto.

Exemplo 2

A casa era majestosa. À esquerda, sete janelas se debruçavam para o alpendre lateral. À direita, duas portas se abriam para um pomar de jabuticabeiras e mangueiras. Na frente da casa, um jardim cuidado com esmero denunciava o bom gosto da proprietária. Nos fundos, ocupando uma área por demais extensa, havia um misto de chácara e fazenda.

(Trecho de uma crônica produzida por um aluno do ensino médio.)

No exemplo 2 as expressões “à esquerda”; “à direita”; “na frente”; “nos fundos”, obedecem a uma sequência utilizada na descrição de uma casa. O texto demonstra uma opção de descrever o ambiente da esquerda para a direita e da frente para os fundos.

3. Resumo ou demarcação de partes do texto

Também é possível estabelecer uma sequência no texto através do uso de uma palavra ou de uma expressão que retome ideias anteriormente expostas para, em seguida, acrescentar informação nova.

Exemplo 3

De acordo com o exposto no parágrafo anterior, percebe-se que, em curto prazo, não há saída para acabar com o analfabetismo no Brasil.

4. Colocação

Esse é outro mecanismo de coesão sequencial em que o conjunto de palavras e expressões utilizadas no texto convergem para o campo lexical associado ao tema abordado.

Exemplo 4

Houve um acidente grave na estrada. Apesar de ambulâncias, médicos e enfermeiros se fazerem presentes, foi alto o número de mortos. Segundo informações não oficiais, vários hospitais de região receberam os feridos.

No Exemplo 4 todo o vocabulário do texto converge para o tema central do relato: um acidente. Vejamos: **ambulâncias, médicos, enfermeiros, mortos, hospitais, feridos**. Essa escolha do vocabulário contribui para a coesão sequencial do texto. Ou seja, contribui para que o tema do texto se mantenha e progrida, ao mesmo tempo.

5. Conectores discursivos

São uma classe de marcadores discursivos, que ligam um enunciado a outro enunciado ou uma sequência de enunciados a outra sequência, estabelecendo uma relação semântica e pragmática entre os membros da cadeia discursiva. São os advérbios, interjeições ou conjunções e contribuem de modo relevante para a coerência textual.



Veja que na fala do Hagar o enunciado do primeiro quadrinho é ligado ao enunciado do segundo através da conjunção **portanto**, que estabelece o sentido de conclusão. No último quadrinho, o advérbio de tempo **agora** serve para ligar o último enunciado do texto ao anterior, construindo uma sequência coesa e coerente.

O esquema a seguir apresenta os principais processos de coesão conectiva:

Esquema dos processos de coesão conectiva

Operadores Argumentativos

Oposição

- ▶ Oposição – mas, porém, contudo
- ▶ Causa – porque, pois, já que
- ▶ Fim – para, com o propósito de
- ▶ Condição – se, a menos que, desde que
- ▶ Conclusão – logo, assim, portanto
- ▶ Adição – e, bem, assim, portanto
- ▶ Disjunção – ou
- ▶ Exclusão – nem
- ▶ Comparação – mais do que, menos do que, etc.

Operadores Organizacionais

De espaço e tempo textual

- ▶ Em primeiro lugar, em 2º lugar
- ▶ Como veremos, como vimos
- ▶ Neste ponto aqui na 1ª parte
- ▶ No próximo capítulo

Metalinguísticos

- ▶ Por exemplo, isto é, ou seja
- ▶ Quer dizer, por outro lado
- ▶ Repetido, em outras palavras
- ▶ Com base nisto, segundo fulano, etc.

(MARCUSCHI, 2008, p. 118)

Atenção!

Não podemos esquecer que a relação semântica estabelecida pelos conectores só poderá ser devidamente definida no contexto em que ela surge. Ou seja, o sentido trazido pelo conector depende muito da intenção do enunciador, da compreensão do co-enunciador, da situação de comunicação específica. Isso quer dizer que cada conector pode ser utilizado com mais de um sentido no texto.



A receita abaixo é dividida em três partes: Ingredientes, decoração e preparo. Na última parte, o modo de fazer é apresentado com sequências de enunciados compreensíveis, porém, sem o uso da coesão. Refaça o texto do preparo utilizando alguns conectores.



Pão com tomate e presunto Pata Negra

Ingredientes

(4 porções)

8 Fatias grandes de pão casiro

4 tomates maduros

120 de óleo de oliva extravirgem espanhol

150g de presunto cru espanhol **Pata Negra** cortado em finas fatias

Dentes de alho sem casca para passar no pão

Decoração

Couve cozida, cortada em finas tiras

Preparo

- ▶ Torre levemente as fatias de pão.
- ▶ Passe o alho sobre cada uma das fatias, esfregando delicadamente.

- ▶ Em seguida, corte os tomates ao meio e esfregue a polpa sobre as torradas.
- ▶ Regue as fatias com o óleo de oliva extravirgem e disponha sobre elas as fatias de presunto Pata Negra.
- ▶ Decore o prato com a couve e sirva.

Sarmento, Leila Lauar. Português: leitura, gramática, produção de texto: volume único. São Paulo: Moderna, 2004

Um passo a mais



Continue estudando coesão. A partir da mesma indicação dada na aula anterior. Existem inúmeros livros que podem servir de um bom material de estudos para você, tais como os utilizados como referência para a elaboração desta aula. No entanto, alguns sites na internet também podem ser úteis para estudar. Experimente o site <http://apoioptg.blogspot.com/2007/04/coeso-textual.html>, nele você vai encontrar a explicação sobre alguns mecanismos de coesão. Ou, se preferir, responda a alguns exercícios on line no site <http://gramaticaonline.blogspot.com/2005/07/exercicios-de-coerncia-e-coeso-textual.html>

Já sei!



Nesta aula nós estudamos diferentes formas de coesão sequencial e alguns de seus mecanismos e observamos como a coesão nos ajuda a organizar melhor nossas ideias no texto, evitando repetições, facilitando a progressão do texto e colaborando na construção dos sentidos mais apropriados ao processo comunicativo.



Autoavaliação

Atividade 01

O poema de Bandeira apresenta conectores discursivos utilizados como recursos de coesão, identifique-os no texto e explique a relação de sentido que os conectores estabeleceram entre os enunciados.

NOVA POÉTICA

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

*Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada,
[e na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o paletó ou a
[calça de uma nódoa de lama:*

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.

*Mas este fica para as meninhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento
[e as amadas que envelheceram sem maldade.*

BANDEIRA, OP. CIT. P. 184.

Projeto Escola e Cidadania: Português/ Zuleika Felice Murrie...(et al) – São Paulo:
Editora do Brasil, 2000.

Atividade 02

Elabore, a partir do poema abaixo, uma breve narrativa utilizando-se de elementos coesivos referenciais e sequenciais.

O show

O cartaz
O desejo

O pai
O dinheiro
O ingresso

O dia
A preparação
A ida

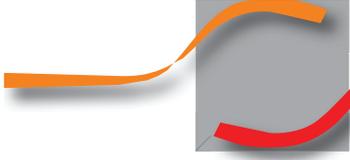
O estádio
A multidão
A expectativa

A música
A vibração
A participação

O fim
A volta
O vazio

Disponível em:

www.faedec.br/download/denise/Coes%20e%20coer%20e%20textuais%20-%20texto%20para%20o%20aluno.doc. Acesso: 18 jul. 2007



Referências

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Sousa-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

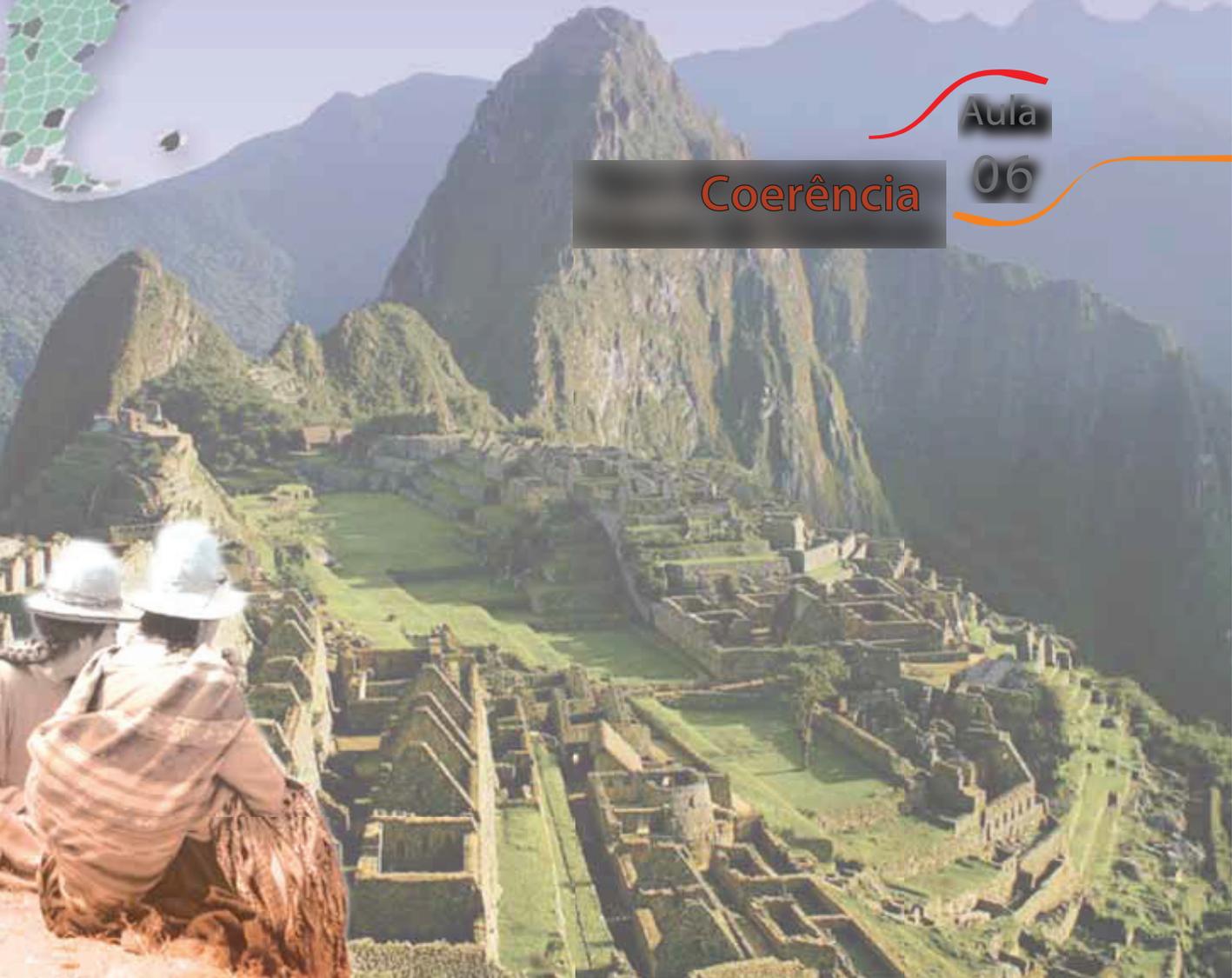
MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves



Coerência

Aula

06

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior nós discutimos alguns mecanismos de coesão textual. A coesão textual diz respeito à estrutura, ou à tessitura do texto, isto é, diz respeito à forma como as palavras, as expressões, as frases, as orações, os parágrafos, se interligam formando enunciados mais complexos. Agora nós vamos estudar sobre coerência textual. A coerência não trata da estrutura do texto, mas se relaciona com ela na medida em que auxilia e é auxiliada pela coesão. A coerência textual contribui para a construção dos sentidos do texto.



Fig. 01

Objetivos:

- ▶ Entender o que é coerência textual;
- ▶ Conhecer as regras da coerência textual.



Para começar



Fig. 02

O quadrinho acima apresenta alguma lógica? Ou seja, qual é a relação entre a justificativa do Hagar e o elogio feito à sua esposa no segundo? A conclusão de Hagar, no segundo quadrinho, é coerente porque está de acordo com o que ele diz no primeiro. Se o Leilão de móveis usados não tivesse dado certo, provavelmente a segunda fala do Hagar seria um complemento da sua justificativa. No entanto, o personagem usou a perspicácia do elogio para minimizar o efeito da sua ausência.



1. Conceito de coerência

A **coerência** diz respeito às possibilidades de sentido do texto é o que faz com que o texto faça sentido para o leitor. Não depende do texto em si, mas dos elementos linguísticos e de sua organização; do conhecimento do mundo partilhado pelo autor e pelo leitor; de fatores da situação de comunicação em que o texto foi produzido e está sendo lido. A coerência é vista, assim, como um princípio de interpretabilidade do texto, num processo cooperativo entre quem escreve e quem lê. Por mais organizado que esteja o texto do ponto de vista estritamente linguístico, a compreensão não se dará se não houver coerência.

Em relação aos elementos linguísticos (vocabulário, estruturação morfossintática da língua, pontuação...), o seu mau uso pode ser responsável por incoerência em nível local e não prejudicar o conjunto. Mas, se o produtor de um texto violar em alto grau o uso desses elementos, seu leitor não conseguirá estabelecer o sentido e o texto poderá ser considerado incoerente.

Já o conhecimento de mundo partilhado entre produtor e leitor dá coerência ao texto na medida em que dados armazenados na memória são ativados durante a leitura (como, por exemplo, as informações que o leitor já possui sobre o tema tratado, sobre determinado registro de linguagem ou sobre as características de determinado gênero). Esse conhecimento é um elemento facilitador da compreensão e, em consequência, ajuda a estabelecer a coerência.

Do mesmo modo, os fatores de situação de comunicação em que o texto foi produzido e está sendo lido, chamados de pragmáticos, também afetam o estabelecimento da coerência. O produtor do texto deve lembrar que este deve ser tão informativo quanto possível (máxima da **quantidade**); fornecer sempre a verdade possível de ser comprovada (máxima da **qualidade**); ser pertinente e relevante (máxima da **relação**); ser claro (máxima do **modo**).

Por exemplo, um texto que não tenha caráter literário ou criativo, ou seja, um texto mais técnico ou científico ou mesmo um documento, deve evitar fornecer informações que não possam ser comprovadas, assim, ele deve ser passível de ser analisado e comprovado a partir de dados quantitativos e qualitativos que possam ser buscados

fora desse mesmo texto. Assim ele apresentará coerência externa. Da mesma forma, não podemos encontrar dados ou opiniões contraditórias ou conflitantes dentro desse mesmo texto. Assim, ele deve também apresentar uma progressão de ideias relevantes e que se relacionem entre si de forma clara e precisa (seguindo, assim, as máximas de qualidade, relação e modo).

Quando lemos qualquer texto, ele estabelece conosco, enquanto leitores, uma espécie de pacto que nos permite prever aquilo que vamos encontrar ao longo do texto. Assim, ao nos depararmos com uma história em quadrinhos cujo personagem principal é um super herói (super homem, por exemplo) sabemos que ele poderá voar, ver através das paredes, ter super força, etc. Esse texto não teria coerência externa, pois os seres humanos não podem fazer todas essas coisas, mas como o texto é uma história em quadrinhos, sua coerência diz respeito a esse gênero, portanto, podemos acreditar naquela realidade própria do texto.

Da mesma forma, ao lermos a fórmula inicial “Era uma vez...” em qualquer texto, sabemos que podemos esperar, nesses textos o desfile de uma série de personagens maravilhosos que voam em vassouras, transformam-se em outros seres, dormem 100 anos para acordar ainda jovens e belas, etc.

Seria um choque para nós, por exemplo, se esse tipo de texto subvertesse as coisas e apresentasse princesas trabalhando dois expedientes, cansadas e mal-humoradas ao chegar a casa após o trabalho, tendo de educar os filhos e brigando com o príncipe encantado.

Esse tipo de subversão chama tanta atenção que filmes de sucesso acabaram por ser criados com essa perspectiva, de quebrar a rotina de predições do leitor quanto à natureza da história que eles esperam encontrar. É o caso da animação infantil *Shrek* ou do filme *Encantada*, por exemplo.

No entanto, se lemos que aquele texto apresenta o resultado de pesquisa realizada em tal local com tal público, ou se lemos que o texto relata fatos ocorridos em tal momento e em tal local, tendemos a acreditar naquele texto como uma verdade, algo realmente ocorrido em nosso mundo num determinado momento.

Aliás, você sabia que muitos autores de literatura utilizam esse tipo de recurso para brincar com o leitor, fazendo-o acreditar que aquele texto que lerão foi algo que realmente ocorreu? Esse costuma ser um recurso importante nos romances. É por isso, por exemplo, que tantas

As pessoas acreditam nos fatos narrados no romance *O código da Vinci*, do escritor Dan Brown, ele mistura elementos históricos com elementos ficcionais e nós leitores tendemos a acreditar que tudo aquilo que ele narra é verdadeiro.

O fato é que os interlocutores de qualquer situação comunicativa sempre se tornam mutuamente cooperativos, ou seja, têm o objetivo comum de alcançar uma intenção comunicativa, assim não só o enunciador pressupõe um sentido para o texto que produz, mas o receptor tenta, a todo custo, estabelecer um sentido para a sequência textual que recebe e, para isso, usa todos os recursos de que dispuser elaborando previsões sobre o texto, inferindo significados, complementando lacunas. Mesmo o texto construído para o absurdo tira desse esforço em direção à comunicação o seu sentido. Observe o texto abaixo:

Exemplo 1:

Era briluz. As lesmolisas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas,
E os momirratos davam grilvos.

`` Foge do Jaguadarte, o que não morre!
Garra que agarra, bocarra que urra!
Foge da ave Fefel, meu filho, e corre
Do frumioso Babassurra!”

Êle arrancou sua espada vorpal
E foi atrás do inimigo do Homundo.
Na árvora Tamtam êle afinal
Parou, um dia, sonilundo.

E enquanto estava em sussustada sesta,
Chegou o Jaguadarte, ôlho de fogo,
Sorrelfiflando através da floresta,
E borbulia um riso louco!

Um, dois! Um, dois! Sua espada mavorta
Vai-vem, vem-vai, para trás, para diante!
Cabeça fere, corta, e, fera morta,
Ei-lo que volta galunfante.

`` Pois então tu mataste o Jaguadarte!
Vem aos meus braços, homenino meu!

Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!"
Êle se ria jubileu.

Era briluz. As lesmolisas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas,
E os momirratos davam grilvos.

O Jaguadarte, Lewis Carroll. Tradução de Augusto de Campos

O poema *O jaguadarte*, exposto no exemplo 1, acima, foi escrito para o romance *Alice através do espelho*, do escritor inglês Lewis Carroll¹. Apesar de um vocabulário que apela para o absurdo, com palavras totalmente novas, recriadas a partir de outras palavras, o texto ganha sentido. Observa-se uma sequência de ações (coesão sequencial), referência e retomada de termos anteriores (coesão referencial) e organização estrutural do texto (em versos e estrofes). Observa-se a descrição de uma paisagem, assim como o relato de um acontecimento em que estão envolvidos personagens. O obstáculo do vocabulário, desconhecido, acaba por tornar-se menor em função da organização do texto.

Observe outro tipo de exemplo como o que segue:

Exemplo 2:

Caro papai, ontem fez uma bela noite! O Sol brilhava entre as trevas. E eu, sentado em uma pedra de pau, à sombra de uma árvore sem troncos nem galhos, escutava atentamente um mudo falando consigo aos companheiros: - Prefiro mil vezes a morte à vida... Ao longe, próximo dali, havia um bosque sem árvores. Os pássaros saltavam de galho em galho, e os elefantes descansavam à sombra de um pé de couve. Corri devagar em direcção à minha casa, e entrei pela porta dos fundos

¹ **Lewis Carroll**, pseudônimo de **Charles Lutwidge Dodson**, (1832 —1898) foi um matemático, professor e escritor inglês. Escreveu *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Alice através do Espelho* (1872). Era apaixonado por vários tipos de jogos, tanto que inventou um grande número de enigmas, jogos matemáticos e de lógica, gostava de teatro e era freqüentador de ópera. Os livros infantis de Carroll contêm inúmeros problemas de matemática e lógica ocultos no seu texto. *Alice através do espelho*, por exemplo, é todo construído como um jogo de xadrez.

que fica na frente. Como já era cedo, deitei o paletó na cama e me pendurei no cabide, onde, após dormir um bom sono, sonhei que estava acordado. Aí, dei marcha a ré e rumei para o banheiro, onde me serviram o jantar. Depois de ter comido o guardanapo, limpei a boca com o bife, olhei para o lado e vi um cego lendo um jornal religioso sem letras, que dizia: “Os quatro evangelistas são três: Esão e Jacu.

Disponível em:

http://www.anedotas.rir.com.pt/anedota_sem_nexo.htm

O texto do exemplo 2 não faz muito sentido, não é mesmo? Ele é propositalmente incoerente. Mas qual seria a sua intenção comunicativa, então, se a incoerência impossibilitaria a comunicação? Na verdade, nesse tipo de texto, a incoerência é, justamente e paradoxalmente, o motor da intenção comunicativa. Ou seja, o texto, estando incoerente, atira a atenção do leitor e gera o riso. Assim, os fatores de incoerência do texto são, justamente o que o tornam mais interessante.

2. Regras de coerência

Charolles (1997) nos apresenta a necessidade de uma certa ordem no aspecto linguístico quando à combinação de um conjunto de morfemas para que possam constituir uma frase, tal ordem aparece na língua como uma série de prescrições imperativas e implícitas, a partir destas, o falante reconhece aquela frase como pertencente à sua língua. Aquilo que é válido para a frase, também é para o texto. Portanto, as regras de coerência exigem componentes linguísticos, mas é importante ultrapassar para atingir todos os elementos necessários à compreensão do texto. Vamos então às regras de coerência:

2.1 Meta-regra da repetição

Segundo a autora, um texto precisa comportar em seu desenvolvimento linear elementos de estrita recorrência. Ou seja, para ser coerente é necessário apresentar diferentes tipos de retomadas, o que chamamos aqui de regra da coerência repetição é o mesmo fator de coesão chamado reiteração. Observamos aqui a intersecção entre coerência e coesão.

2.2 Meta-regra da progressão

Um texto coerente exige progressão semântica, ou seja, não deve repetir circularmente o mesmo conteúdo. No entanto, existem restrições para a progressão, pois um elemento novo deve estar em relação de contiguidade, de associação com outros que foram introduzidos.

2.3 Meta-regra da não-contradição

Em um texto coerente, não devem surgir elementos que contradigam aquilo que já foi exposto. O texto não deve destruir a si mesmo, tomando como verdadeiro aquilo que já foi considerado falso, ou vice-versa. Esse tipo de contradição só é tolerado se for intencional.

Não se deve confundir a **não-contradição** com o contraste. A aproximação de ideias e fatos contrastantes é um recurso muito frequente no desenvolvimento da argumentação. Afirmar, por exemplo, que o Brasil tem uma economia comparável à dos maiores países do mundo para, a seguir, declarar que a distribuição de renda no país é a pior do mundo não é uma contradição. É um contraste, que pode servir ao desenvolvimento de uma linha argumentativa.

É muito comum o aparecimento da contradição na conclusão. O produtor do texto redige um parágrafo final que não é decorrência dos dados anteriores e ainda os contradiz. Observe o exemplo a seguir:

Exemplo 03:

O Brasil está crescendo continuamente. A progressão de renda da população brasileira se dá em ritmo acelerado desde o exercício anterior. Tanto que a renda per capita do brasileiro médio já se equipara à do indivíduo do primeiro mundo. O que implica, necessariamente, uma revisão que a equipe econômica do governo deve tomar em função de uma queda dos juros que eleve a qualidade de vida e diminuindo o abismo social em que a maioria da população se encontra. O Brasil jamais se equipará ao primeiro mundo se continuar apresentando tantos problemas de distribuição de renda.

O texto exposto no exemplo 03 apresenta uma evidente contradição, pois inicia afirmando uma equiparação de renda entre brasileiros e indivíduos do primeiro mundo e termina negando essa equiparação.

Para evitar a contradição é fundamental manter em foco o tema

do texto. Manter o foco de um texto não significa repetir o mesmo tema continuamente, mas substituí-lo de forma atenta para que não haja o perigo de dar ênfase a algo que acabe por desqualificar as afirmações já feitas anteriormente.

2.4 Meta-regra da relação

Em um texto coerente, os fatos e os conceitos devem estar relacionados. Essa **relação** deve ser suficiente para justificar sua inclusão num mesmo texto. Todas as informações, opiniões e comentários expostos devem estar centrados no propósito do produtor e rigorosamente associados ao tema e à intenção comunicativa veiculada no texto.

Por outro lado, a falta de coesão, como também sendo uma falha no requisito da **relação**, impede a coerência interna. Parágrafos longos, compostos de períodos sem pontuação; frases fragmentadas em que orações subordinadas são colocadas entre dois pontos finais; emprego inadequado das conjunções; repetições lexicais excessivas ou falta de concordância entre pronomes e seus antecedentes impedem a articulação das informações, dos comentários e das opiniões. Observe o exemplo:

Exemplo 04:

Maria gostava do Ricardo e um belo dia aceitou encontrá-lo na porta do cinema. Maria estava na porta do cinema pouco antes da sessão, mas Ricardo chegou na hora, portanto Maria e Ricardo não se encontraram e viveram felizes para sempre.

Na narrativa do exemplo 04, a relação entre os enunciados é estabelecida pelos conectivos **mas**, **portanto**, **e**. Esses conectivos, no entanto, tornam o texto incoerente por serem utilizados de forma inadequada.



Atenção!

Pelo que apresentamos, percebemos que a relação entre coerência e coesão é bastante estreita e independente. Ou seja, não há uma coesão que exista por si mesma e para si mesma. A coesão é

consequência da própria continuidade exigida pelo texto, e esta é exigência da unidade que dá coerência ao texto.

Mãos a obra



O texto abaixo, de Millôr Fernandes, trata da linguagem que, segundo as concepções do autor, é específica das mulheres, vaga, imprecisa. Aparentemente a sequência de falas não apresenta coerência. Para compreender e interpretar, o leitor deve fazer inferências. Que interpretação você daria a este texto para atribuir-lhe coerência?

A vaguidão específica

“As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica.” (Richard Gehman)

- Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.
- Junto com as outras?
- Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.
- Sim senhora. Olha, o homem está aí.
- Aquele de quando choveu?
- Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
- Que é que você disse a ele?
- Eu disse pra ele continuar.
- Ele já começou?
- Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
- É bom?
- Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
- Você trouxe tudo pra cima?
- Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
- Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
- Está bem, vou ver como.

Millôr Fernandes



Você vai encontrar material interessante de estudo no sítio http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/coerencia_coesao.htm . Ele apresenta algumas considerações acerca de coesão e de coerência textuais.

Se quiser, assista aos filmes seguintes, observando como a graça que eles apresentam está, justamente, no fato de mexerem com a noção de coerência, subvertendo aquilo que se espera do comportamento de personagens de contos de fada.



Fig. 03

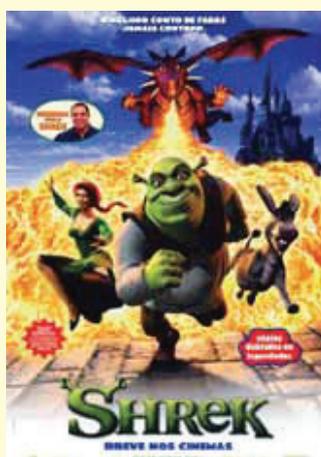


Fig. 04



Já sei!

Nesta aula você estudou alguns aspectos que tornam um texto mais coerente, ou seja, observou que um texto deve ter continuidade de ideias, no entanto, essa continuidade, para não se tornar redundante, deve vir associada a um progressivo acréscimo de novas ideias. As ideias agregadas precisam ser comprováveis do ponto de vista da relação que elas apresentam entre si e com o mundo externo ao texto e também não podem ser contraditórias, ou seja, devem convergir para um objetivo final, o objetivo que o texto pretende alcançar. Esses cuidados são fundamentais, principalmente, ao construirmos textos de caráter técnico, acadêmico e científico, que devem primar pela objetividade, pela precisão e pela clareza.



Autoavaliação

Leia atentamente o texto abaixo:

Triste poema para uma mulher criança.
Ugo Giorgetti, uma festa de humor bandido.
Premiação. 'Flores', única unanimidade. O arraso
de Magic Slim. Diana Pequeno em nova fase canta
autores inéditos. 'Matogrosso', a ecoópera de Philip
Glass. Duplas feitas e desfeitas. Ney Matogrosso, a
aguda inteligência trabalha ao vivo. Quando o bem
sempre triunfa sobre o mal. Romances do tempo
em que se perdia a cabeça. Autor que inspirou
Machado. Reflexos de São Paulo em Amsterdã.
Estas são algumas das matérias do Caderno 2 de
"O Estado de São Paulo", hoje, 20/06/03.

- a) O texto constitui-se em um amontoado de frases sem sentido?
Há nele alguma coerência?

b) Analise a coerência do texto apresentando a parte responsável pelo seu sentido geral.

Referências



ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos (abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas). In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Orgs.). **O texto: leitura e escrita**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997. p. 7-41.

INFANTE, U. **Do texto ao texto: curso prático de leitura e produção de textos**. São Paulo: Scipione, 1998. p. 88-94.

KOCH, I. G. V. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 13-21.

KOCH, I. G. V.; VILELA, M. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001. p. 553-560.

THEREZO, G. P. **Como corrigir redação**. 3. ed. Campinas, SP: Ed. Alínea, 1999. p. 36-41.

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - http://1.bp.blogspot.com/_KnD_gyQ5VhY/SxQT4q8Yy-I/AAAAAAAAAQg/ZNptjXzq_r0/s1600/post-question-mark%5B1%5D.jpg
- ▶ Figura 02 - SARMENTO, Leila Lauar. **Português: literatura, gramática, produção de texto: volume único**. São Paulo: Moderna, 2004.
- ▶ Figura 03 - http://tbn0.google.com/images?q=tbn:KJD1bPPK36PgIM:http://www.rbmcinemas.com.br/IMAGENS/filme_encantada2.jpg

► Figura 04 - <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:f5kDwR5yaD4LFM:http://www.iranianmovies.com/images/videos/530.jpg>



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves



Aula
07
Tipos de Coerência e
Fatores de Coerência

Tipos de Coerência e Fatores de Coerência

Apresentação e Objetivos



Fig. 01



Agora que você já sabe o que é coerência textual e alguma de suas regras, vamos aprofundar este conteúdo importante para leitura e produção dos seus textos?

Nesta aula vamos conhecer os tipos e os principais fatores de coerência.

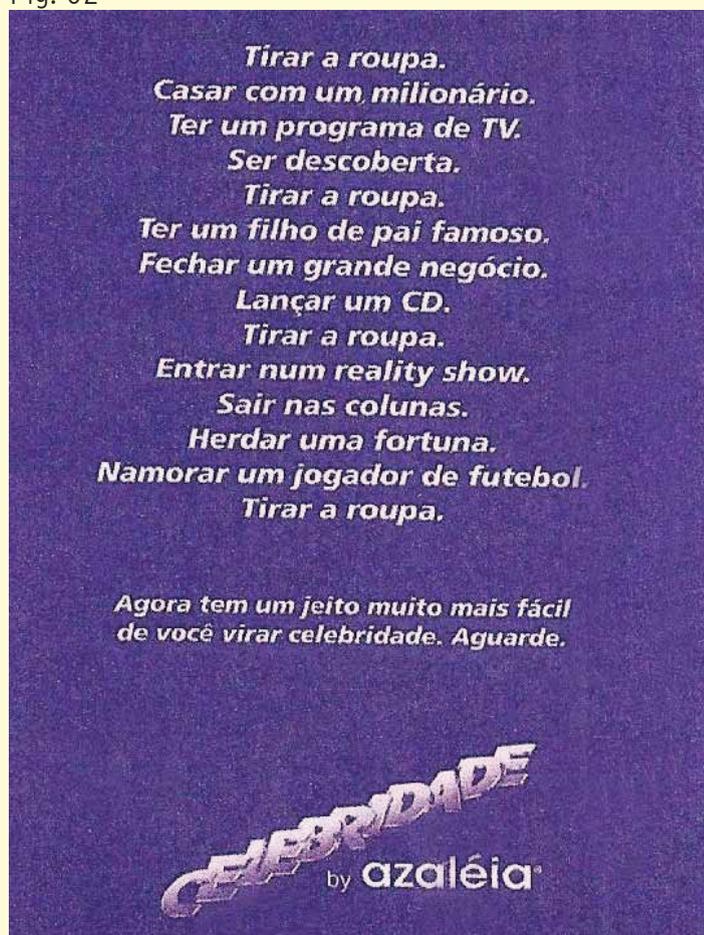
Objetivos:

- ▶ Conhecer os tipos de coerência.
- ▶ Conhecer e aplicar os principais fatores de coerência.



Para começar

Fig. 02



KOCH, Ingedore V. & Elias, Vanda Maria. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: contexto, 2006, p. 183-214.

O texto acima, à princípio é constituído por um conjunto de frases que não apresentam ligação explícita entre si. A frase *Tirar a roupa* inicia e encerra a primeira parte do texto. Então nos perguntamos: A que se refere o texto? O que quer dizer? Proseguimos com nossa tentativa de construir o sentido do texto e lemos a segunda parte tentando compreender como se liga a anterior. Podemos pressupor agora que existe um jeito muito mais fácil de virar celebridade, mas qual seria este jeito?

O enunciado a seguir *Celebridade By Azaléia* nos pede os conhecimentos de mundo que Azaléia é uma marca de sandálias femininas e *Celebridade* foi título de uma novela da Globo. O leitor conclui que o jeito mais fácil de virar celebridade é usando sandálias Azaléia *Celebridade*, uma vez que o texto é uma propaganda.

Veja que nem sempre a coesão se estabelece na superfície textual, portanto, não é a única responsável pela construção da coerência do texto.



1. Coerência: um princípio de interpretabilidade

A ideia de que a coesão nem sempre é responsável pela coerência do texto leva Charolles (1983) a defender a posição de que a coerência é um princípio de interpretabilidade do discurso, ou seja, sempre que for possível construir um sentido para o texto, este será um texto coerente.

O papel do leitor é decisivo nesta construção, uma vez que depende dos seus conhecimentos de mundo estabelecer os elos coesivos que não foram explicitados entre as ideias do texto. A coerência não está, portanto, no autor, nem apenas no texto ou no leitor, mas na interação autor-texto-leitor regida pela cooperação.

Com base nesta ideia, Koch (2008) nos apresenta os tipos de coerência, todos importantes para a construção da coerência global.

1.1 Coerência sintática

Observe que a coerência sintática é produzida no momento em que levamos em conta a seleção lexical realizada para a composição das falas, veja na tirinha da Mafalda o emprego dos conectores, portanto e quando, conclusivos da fala da personagem.

Fig. 04



Este tipo de coerência está mais relacionado ao conhecimento linguístico dos usuários, ao bom uso das estruturas linguísticas e dos recursos coesivos que facilitam a construção da coerência semântica (pronomes, sintagmas nominais referenciais, conectores etc.)

1.2 Coerência Semântica

Para que exista coerência semântica não deve haver conteúdos contraditórios no texto. O texto abaixo apresenta incoerência semântica porque há marcas de contradições.

Era uma vez um Leão que morava na cidade. Todos os dias, ele acordava cedo, com o som do despertador. É que daquela janela de seu quarto voltado para o oeste podia apreciar o nascer do sol. Um belo dia, porém, o despertador parou de funcionar. O leão, no entanto, não se apertou. Deixou o despertador para trás e alugou um galo do Chico Bento.

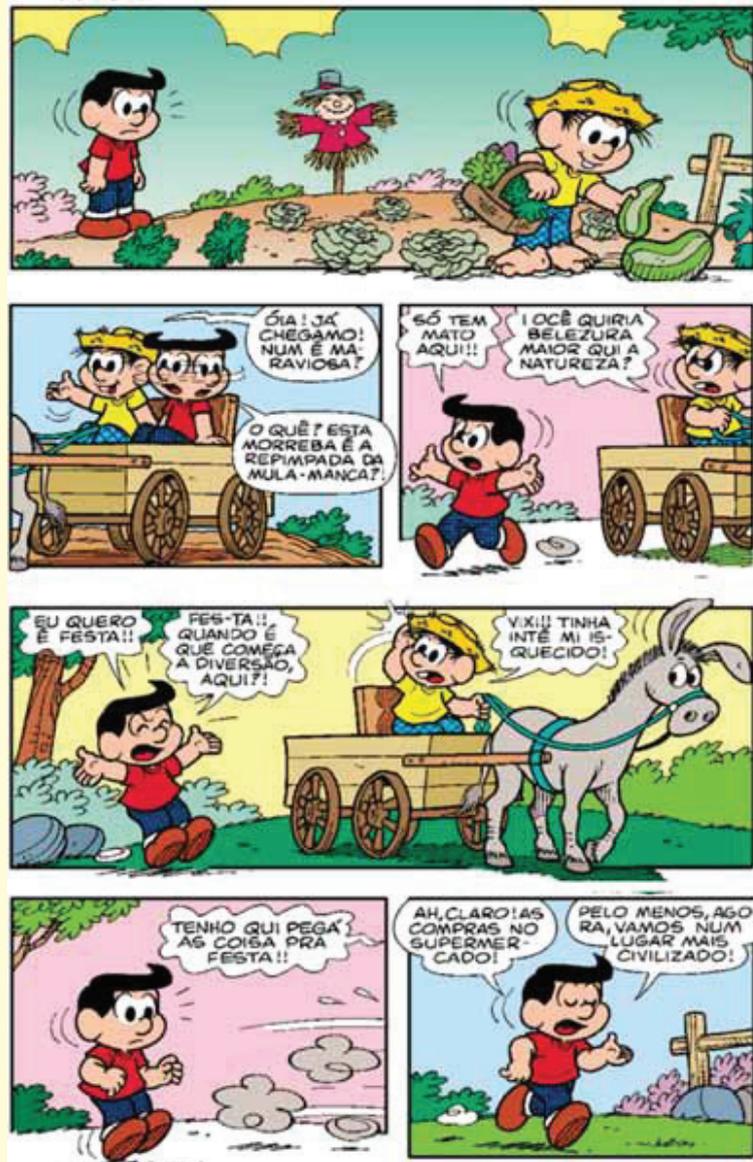
KOCH, Ingedore V. & Elias, Vanda Maria. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: contexto, 2006, p. 183-214.

1.3 Coerência pragmática

A pragmática diz respeito à prática, assim, essa coerência tem relação com o texto visto como sequência dos atos de fala. Cada ato de fala tem suas condições de realização. Para dar uma ordem, por exemplo, é importante que o locutor esteja em posição hierárquica adequada, que o interlocutor esteja apto para realizá-la e assim por diante, para que não haja incoerência entre a posição do falante e a do interlocutor.

Veja como o diálogo entre Chico Bento e seu primo da cidade fica um pouco difícil na tirinha a seguir, pois ambos apresentam perspectivas diferentes sobre o que é um bom passeio e o que é necessário para elaborar uma festa de aniversário.

Fig. 03: Tirinha de Chico Bento



1.4 Coerência estilística

É uma exigência do uso formal da língua, ou seja, determina que em cada situação o produtor do texto se utilize da variedade de língua adequada, em termos léxicos, estruturas sintáticas etc.

1.5 Coerência Genérica

Está relacionada às exigências do gênero textual, determinado pelo propósito textual, forma de composição, conteúdo temático, estilo e condições de produção.

A coerência, portanto, não está no texto, mas construída a partir dele na interação com vários fatores discursivos, situacionais, interacionais, sociocognitivos, sendo, na verdade um princípio de interpretabilidade do discurso. Vejamos os principais fatores de coerência.

2. Fatores de coerência

2.1 Elementos linguísticos

Servem de pistas para a ativação de conhecimentos armazenados em nossa memória, como ponto de partida para inferências, captam a orientação argumentativa do texto.

2.2 Conhecimento de mundo

Adquire-se a partir de nossa interação com o mundo circundante. São saberes armazenados na memória sob a forma de blocos, chamados modelos cognitivos, são alguns deles:

- ▶ Frames: conhecimentos arquivados sob rótulos;
- ▶ Esquemas: conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal;
- ▶ Planos: conhecimentos sobre como agir com determinados objetivos;
- ▶ Scripts: conhecimentos sobre modos de agir;
- ▶ Superestruturas: conhecimentos sobre os diversos tipos de textos.

2.3 Conhecimento compartilhado

Cada sujeito armazena os conhecimentos na memória a partir de suas experiências pessoais. É preciso, no entanto, que produtor e receptor de um texto possuam muitos conhecimentos comuns.

2.4 Inferências

Quando o interlocutor recebe um texto procura compreendê-lo e interpretá-lo, recorrendo a inferência que lhe permita estabelecer a relação de sentido não-explicita entre dois elementos (frases ou textos) sendo auxiliados nessa operação por seu próprio conhecimento de mundo.

2.5 Fatores de contextualização

Servem para ancorar o texto em determinada situação, podem ser contextualizadores, como elementos gráficos que ajudam a situar melhor o texto ou perspectivas ou prospectivos, avançando expectativas sobre o conteúdo e sobre a forma do texto (título, autor etc.).

2.6 Situacionalidade

Atua em duas direções: da situação para o texto e do texto para a situação.

2.7 Informatividade

Refere-se ao grau de previsibilidade da informação veiculada pelo texto. Um texto será tanto menos informativo quanto mais previsível for a informação por ele trazida.

2.8 Focalização

O texto pode estar focado em apenas uma parte do conhecimento do produtor e do receptor.

2.9 Intertextualidade

É necessário recorrer aos conhecimentos prévios de outros textos para produzir e compreender um texto.

2.10 Intencionalidade e aceitabilidade

Tem relação com o modo como os emissores usam os textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo textos adequados aos efeitos desejados. A aceitabilidade é decorrente da boa vontade do interlocutor em tentar ver sentido no texto em que o locutor lhe dirige.

2.11 Consistência e relevância

É necessário que os enunciados de um texto sejam consistentes em relação aos enunciados anteriores, ainda, que o conjunto de enunciados que compõem o texto seja relevante para um mesmo tópico discursivo ali focalizado.



Atenção!

De acordo com o que foi exposto até aqui, devemos ter clareza que a coerência não é uma propriedade do texto em si, mas é construída na interação entre texto-leitor, numa situação de uso, considerando todos os fatores apresentados.



Mãos a obra

A tirinha abaixo apresenta um diálogo entre Mafalda e Susanita. Sobre o texto, responda às questões 01 e 02.

Fig. 05



1. Identifique os fatores de coerência que contribuem para o sentido geral do texto.

2. Na fala de Suzanita há incorrência semântica. Explique como isso ocorre.

Um passo a mais



Para aprender mais sobre fatores de coerência, é importante aprofundar suas pesquisas. Que tal ler o artigo Fatores de Coerência: um caminho para interpretação de textos, de Vanessa Chaves de Almeida? Disponível no site:

http://www.filologia.org.br/iisinefil/resumos/fatores_coer%C3%Aancia_um_caminho_para.pdf

Já sei!



Nesta aula você estudou um pouco mais sobre a coerência, percebeu que a construção do sentido do texto não depende exclusivamente dos aspectos linguísticos, mas de fatores diversos de ordem: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais. Isto nos mostra que a coerência é um princípio de interpretabilidade, uma possibilidade de estabelecer um sentido e isso depende bastante dos conhecimentos do leitor.



Autoavaliação

1. O texto abaixo é parte de um diálogo realizado pelo msn:

aew Galera eu to aqui pra passar a primeira parte da musica senhor do tempo!!
ela é o seguinte o Heitor usa o tapping(técnica onde você toca com as duas mãos batendo na corda como se fosse um piano)

então ela é o seguinte!!!

tapping

G(-----17-----17-----18-----)

D(-----13/15--15-----15-----16-----1514-----)

A(-----7-7-----)

E(--9-9-----9-----7-7-----)

essa é a segunda parte galera!!!!

no mesmo esquema ele usa tapping nessa segunda parte!!! (é totalmente dispensado o pizzicato nela)
a segunda parte que ele muda o jeito de tocar é exatamente quando ele canta...

“o tempo passa e um dia...”

G(-----17----)

D(-----9~---9-9-----15-----)

A(---7-7----7---7---4-4----13/15-----) repete 4 X.. e volta a primeira parte que euja

E(-----) passei em cima!!!

Obs:esse tio que eu coloquei após o numero “9” é pra dar uma breve segurada na nota!!!

(Diálogo pessoal realizado em 03/12/2009 adaptado para esta atividade)

- a) De que trata o diálogo?
- b) É possível mesmo sem conhecimentos sobre música compreender o sentido geral do texto?
- c) Que fatores de coerência são necessários para a construção dos sentidos deste texto?

2. O texto abaixo é parte de uma notícia publicada na Folha de São Paulo on-line:

Quase 500 mil se inscrevem em sistema de seleção do Enem

O sistema começou a receber inscrições na última sexta, quando uma falha impediu o acesso de muitos estudantes. As inscrições serão feitas até quarta.

- ▶ MEC muda critério de desempate no Enem
- ▶ Fuvest antecipa divulgação de lista de aprovados
- ▶ Leia mais notícias sobre Enem

Disponível em <http://www.folha.uol.com.br/>

Para construir o sentido deste texto, que fatores de coerência são necessários?

Referências



KOCH, Ingedore V. & Elias, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Maurício. **Chico Bento**. 2003. Disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/primo/pag7.htm> Acesso: 28 de jan. 2010



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I
Rosiene da Silva Gonçalves



Aula
Sequências textuais 08

Apresentação e Objetivos



Entramos nessa aula no estudo da estrutura de textos com os quais trabalhamos correntemente, seja na nossa profissão, seja em nossa comunicação diária, assistindo ao jornal, conversando com os amigos, enfim, todo o tempo. Sabemos que estamos sempre produzindo textos para nos comunicar, cada um desses textos, no entanto, é produzido de acordo com cada situação de uso. Já sabemos que existem formas específicas de organização



Fig. 01

do pensamento e da linguagem exigidas por cada situação de comunicação. Os gêneros textuais são os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas. São inúmeros. Poderíamos citar o telefonema, a carta comercial, o romance, o bilhete, a reportagem jornalística, as aulas virtuais, o bate-papo por computador e assim por diante.

Os gêneros, portanto, são componentes de interação social que apresentam esquemas de interação dentro de suas estruturas. São as sequências textuais. Vamos conhecer e compreender estas sequências?

Esperamos que, ao fim desta aula, você possa:

- ▶ Conhecer as sequências textuais presentes nos gêneros;
- ▶ Conhecer e distinguir os diferentes tipos de sequências textuais.



Para começar

Era uma vez, vejam vocês, um passarinho feio
Que não sabia o que era, nem de onde veio
Então vivia, vivia a sonhar em ser o que não era
Voando, voando com as asas, asas da quimera
Sonhava ser uma gaivota porque ela é linda e todo mundo nota
E naquela de pretensão queria ser um gavião
E quando estava feliz, feliz, ser a misteriosa perdiz
E vejam, então, que vergonha quando quis ser a sagrada cegonha
E com a vontade esparsa sonhava ser uma linda garça
E num instante de desengano queria apenas ser um tucano
E foi aquele, aquele ti-ti-ti quando quis ser um colibri
Por isso lhe pisaram o calo e aí então cantou de galo



Fig. 02

Lenda do Pégaso, Morais Moreira

Fontes: HYPERLINK "<http://vagalume.uol.com.br/moraes-moreira/lenda-do-pegaso.html>"

<http://vagalume.uol.com.br/moraes-moreira/lenda-do-pegaso.html>

Acesso: 10/06/08

O cantor e compositor Morais Moreira narra, nessa música, uma bonita história sobre o mito de Pégaso, o cavalo alado. Sobre contar histórias e caracterizar personagens, ambientes, paisagens, é o que vamos tratar agora. Observe que, na história, Pégaso não é nomeado, como na história do Patinho Feio, ele busca a sua identidade, antes de descobrir-se, ele sonha em ser vários outros pássaros. O desenrolar dessa história se dá através de uma sequência organizada de ideias, uma sequência textual. Vamos descobrir.



1. Sequências textuais

Temos lido e discutido, ao longo desse módulo, diversos gêneros textuais, sua intenção comunicativa, sua autoria, entre outros aspectos. Vamos observar agora a organização do texto, ou seja, a sequência textual. Mas o que é isso? Poderíamos dizer que a sequência textual é uma espécie de “espinha dorsal” do texto. Pois, como tal, ela sustenta todo o desenvolvimento das ideias do texto.

Existem vários tipos de sequência textual e podem coexistir mais de uma em cada texto, no entanto, há sempre uma dominante.

Observe o **Exemplo 1**, a seguir:

Carlos : – Boa tarde.
D. Maria: – Oh! Carlos...
Carlos: – Muito ocupada?
D. Maria: – Dando os últimos toques ao chá.
Carlos: – Sala cheia, não?
D. Maria: – Os de costume.
Carlos: – Parece estar contrariada.
D. Maria: – Quem sabe?
Carlos : – Comigo?

A bela madame Vargas,
de João do Rio

Como o Exemplo 1 se organiza? Vamos pensar... Temos o nome de duas pessoas, não é mesmo? Essas duas estão conversando, não é? Como sabemos disso? Porque logo após o nome de cada uma, vemos dois pontos (:), um travessão (–) e a fala do personagem. Assim, se precisássemos dizer de que se trata esse texto, diríamos que é um **diálogo**, não é mesmo? É como se nós, leitores, flagrássemos a conversa entre duas pessoas.

Veja este outro exemplo:

Exemplo 2:



Fig. 03

Agonia do cavaleiro da triste figura

Em tempos bem anteriores, ainda que magro de doer, dispunha de saúde suficiente para lançar-se pelo mundo afora. Até os cinquenta anos vivera com criada, sobrinha e um rapaz arrieiro, numa fazendola na província da Mancha, uma espécie de brejo-seco do Reino de Castela, na Espanha. Desocupado, empobrecido, passara os dias lendo os feitos dos heróis da cavalaria. Até que um dia, conta Cervantes, de tanta leitura, seus miolos ressecaram. Imitando então aquela

brava gente que povoava os seus sonhos, cismou em querer consertar as coisa tortas e desfazer os agravos do mundo. Mandou pôr uma sela em Rocinante, seu maltratado pangaré, calçou-se com as velhas armas dos seus antepassados, um escudo, e saiu a trote atrás de façanhas que lhe dessem renome. E como ele próprio esperava:

—Dichosa edad y siglo dichoso aquel adonde saldrán a luz las famosas hazañas mías, dignas de entallarse en bronces, esculpirse en mármoles y pintarse en tablas, para memoria en lo futuro.

(Feliz idade e feliz século aquele onde sairão à luz as minhas famosas façanhas, dignas de entalhar-se em bronzes, esculpidas em mármore e pintadas em telas para a memória do futuro)

(D.Quixote: II Capítulo)

Disponível em

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/05/17/000.htm>

Acesso: 14/01/2010

Cada um desses textos tem uma intenção comunicativa distinta e uma forma diferente de organização, ou seja, uma diferente sequenciação textual. O primeiro, para o leitor, surge como o flagrante de uma cena em que duas pessoas conversam. O segundo, uma breve resenha do livro Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, é uma narrativa. A intenção do primeiro texto (Exemplo1) seria levar o leitor a participar da cena, como se estivesse no local onde ela se passa, olhando para os personagens. A intenção comunicativa do segundo texto (Exemplo 2) já é outra, é contar algo que aconteceu (na realidade ou na imaginação).

Veja, a seguir, o **Exemplo 3**. De que ele trata? Qual a sua intenção?

Exemplo 3:

Estávamos em fim de janeiro. Os paus-d'arco, floridos, salpicavam a mata de pontos amarelos; de manhã a serra cachimbava; o rio, depois das últimas trovoadas, cantava grosso, bancando rio, e a cascata em que se despenha, antes de entrar no açude, enfeitava-se de espuma.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo.

Se você prestar atenção, vai perceber que no Exemplo 3 o texto parece traçar um retrato, não é? Percebemos, claramente, uma paisagem que surge a partir das palavras escolhidas pelo autor. O texto, portanto, é **descritivo**.

Agora dê uma olhadinha no Exemplo 4, ele apresenta um texto bem humorado, elaborado por um grupo de alunos do Ensino Médio. No texto, observe o uso dos verbos. Predomina o modo imperativo do verbo, não é mesmo? Aquele modo verbal que utilizamos para dar ordens, fazer pedidos, dar conselhos. Agora observe o Exemplo 4:



Fig. 04

Exemplo 4:

12 Maneiras de Tirar Boas Notas Sem Estudar

Abaixo citaremos algumas maneiras de como tirar notas altas em provas, sem a necessidade de tocar nos livros.

1. Seja filho (a) do professor (a);
2. Tenha fé em sua religião (e muita!);
3. Torça para que a prova seja de marcar;
4. Seja formado em mamãe-mandologia;
5. Tenha boa pontaria;
6. Leve um trevo (de preferência de quatro folhas), uma ferradura ou um pé-de-coelho;

7. Tenha um celular com Bluetooth;
8. Faça contato com entidades espirituais na hora da prova;
9. Peça cola ao nerd ao lado;
10. Suborne o nerd caso ele não o auxilie;
11. Ameace o nerd de espancamento se ele rejeitar o suborno;
12. Caso nenhuma das maneiras citadas anteriormente não funcione, desconsidere o enunciado e "META A CARA NOS LIVROS!".

Texto de alunos do ensino médio

Qual seria a intenção comunicativa do texto acima? É diferente dos anteriores? Os textos dos exemplos 1, 2 e 3 são organizados com sequências textuais diferentes? Pense sobre isso. O Exemplo 4 parece ter a intenção de orientar o leitor, correto? Embora seja uma brincadeira dos autores com alguns manuais de orientação. Enquanto pensa, observe o Exemplo 5:

Exemplo 05:

ESPAÑHOL. Adj. 1. Relativo à Espanha, monarquia da Europa. S.m. 2. O natural da Espanha. 3. O idioma deste país e de vários outros países da América Latina.

Minidicionário Escolar. Língua Portuguesa. Noções básicas de redação. Dervival Ribeiro Rios – São Paulo: DCL, 2007.

Qual a finalidade do texto expresso no Exemplo 5? Ele parte de um termo, não é mesmo? Depois de expor com destaque esse termo, ele traz um texto que explica esse termo. Assim, o Exemplo 4 tem a estrutura de uma sequência textual **injunção**, típica dos manuais de orientação. Outro já possui a sequência textual **explicativa**, típica dos dicionários e enciclopédias.

Agora veja o **Exemplo 06**:

LISBOA, ESPANHA ??!!

Sou estudante em Filadélfia, EUA, e ainda não fui à Expo. Mas hoje recebi o relatório de amigos que, desta vez, tinham ido ao Pavilhão da Espanha. Um quadro do Rei D. Sebastião, seguido por outros três dos Reis Felipe de Espanha; e depois uma enorme tapeçaria Indo-Portuguesa e o escudo de

um rei Português.

Até aqui eu só me ria. Então a Espanha, com tanta História nobre e interessante, vem a Lisboa mostrar coisas Portuguesas, provavelmente pilhadas durante o reinado dos Felipes. Porque não falar em Carlos V, por exemplo? Por quê manter a ideia de que Portugal é o calcanhar de Aquiles de Espanha? Não entendo.

Portugal era Portugal ANTES de Espanha se transformar em Espanha, que, tanto quanto saiba (pois oficialmente nunca aprendi História de Portugal), só aconteceu uns 300 anos após Portugal ser nação.

Portanto, o relato dos meus amigos até aqui tinha sido motivo de grandes risadas, mas depois eles falaram na loja de prendas existente à saída do pavilhão: T-shirts com EXPO98, Lisboa, Espanha.

Mas o que é isto?!?! Certamente existe aqui uma violação das Leis do foro de Direito Internacional.

Olha se Portugal agora também começasse a ter T-shirts com Jakarta, Portugal!! O que aconteceria? Algum processo judicial ou, pelo menos, uma queixa formal e correcção do insulto maliciosamente perpetrado.

Mas isso está a acontecer com a Espanha? Não sei porquê, mas duvido...

Não percebo porque é que nós, que somos o máximo, achamos que somos uma m...! Por quê? Que Séca! Estou farta!

Disponível em: <http://www.portugal-linha.pt/opiniao/opi8.html>
Acesso: 14/01/2010

O texto acima apresenta a sequência textual **argumentativa**, pois o autor apresenta uma ideia e tenta convencer o leitor, apresentando argumentos.

Para concluir essa primeira parte de nossa aula, vamos ver quais as sequências textuais que podemos observar nos exemplos trazidos até aqui? A partir dos exemplos dados, é possível determiná-las, não é mesmo? Temos:

1. Sequência dialogal
2. Sequência narrativa
3. Sequência descritiva
4. Sequência injuntiva
5. Sequência explicativa
6. Sequência argumentativa

É importante perceber em quais gêneros predominam determinadas sequências. Observe o quadro abaixo:

SEQUÊNCIA TEXTUAL	GÊNEROS TEXTUAIS
<p>DIALOGAL</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Nesse tipo de texto, a sequência dialogal é exclusiva ou preponderante (no caso de outras sequências se fazerem presentes) 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Telefonema, bate-papo, debate, entrevista, etc.
<ul style="list-style-type: none"> ▶ Organiza-se em torno do diálogo 	
<p>NARRATIVA</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Nesse tipo de texto, a sequência narrativa é exclusiva ou preponderante. Organiza-se em torno de um relato (fictício ou real, desenvolvido ou não) que fornece respostas às seguintes perguntas: o que aconteceu? Com quem? Onde? Quando? Por quê? Como? 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Depoimento policial, conto (popular, de suspense, infantil...), romance, (de aventura, de amor, policial...), fábula, notícia, relatório, biografia romanceada, diário íntimo, relatos de viagem, reportagem, etc.
<p>DESCRITIVA</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Nesse tipo de texto, a sequência descritiva é exclusiva ou preponderante. Organiza-se em torno da construção de uma imagem (fictícia ou real) de um determinado objeto (pessoa, coisa, animal, paisagem...) 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Classificado, nota de desaparecimento, etc.

<p>EXPLICATIVA</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Nesse tipo de texto, a sequência explicativa é exclusiva ou preponderante. ▶ Organiza-se em torno da resposta a um questionamento estruturado sob a forma do “por quê?” ou do “como?” 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Artigo informativo, artigo de vulgarização científica, atestado, declaração, etc.
<p>ARGUMENTATIVA</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Nesse tipo de texto, a sequência argumentativa é exclusiva ou preponderante. ▶ Organiza-se em torno da defesa de uma afirmativa (tese) necessariamente polêmica. 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Artigo de opinião, editorial, requerimento, resenha crítica, carta de reclamação etc.
<p>INJUNTIVO</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Nesse tipo de texto, a sequência injuntiva é exclusiva ou preponderante. ▶ Organiza-se em torno de informações que determinam como fazer algo. 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Receita culinária, conselho, horóscopo, regimento, regras de jogos, bula, panfleto promocional, rótulos, manual de instruções, etc.

OBSERVAÇÃO:

Elaborado pela professora Francisca da Chagas Nobre de Lima-SEEC/SME



Atenção!

Muitos gêneros podem assumir a forma de vários tipos de textos, como a crônica (ora é narrativa, descritiva, argumentativa...). Outros tendem a apenas um tipo, como a notícia (sempre narrativa).



Mãos a obra

I - Considere o Texto 01 para responder às questões 1 a 5:

TEXTO 01

“Apartamento 01, por favor”. O porteiro vira-se para a caixa repleta de crachás e em menos de meio minuto oferece-me um referente ao apartamento que mencionei. Sem mesmo ouvir o meu “obrigado” ou assegurar-se de que peguei realmente o crachá, ele chama pelo próximo da fila. Em outra ocasião a reação deste porteiro incomodar-me-ia bastante, mas neste instante sua falta de cordialidade é o menor de meus problemas. Quando venço a porta por trás daquele homem pouco gentil, surge-me um longo corredor. Respiro fundo e sigo em direção ao apartamento 01”.

Fonte: <http://millercrotti.blogspot.com/>

Qual a sequência textual do Texto 01?

1. Sobre o que se fala?

2. Quem são os envolvidos no fato de que se fala?

3. Quando aconteceu?

4. Como aconteceu?

5. Onde aconteceu?

6. Qual o tempo verbal predominante? É possível alterar esse tempo?

Um passo a mais



Dê uma olhada no livro *Lições de texto*, de Platão e Fiorin. Lá você vai encontrar vários tipos de textos e diferentes sequências textuais e poderá exercitar mais o seu conhecimento acerca do assunto.

Já sei!



Nesta aula estudamos as diferentes sequências textuais que formam os diferentes gêneros textuais que circulam socialmente. Percebemos que as sequências textuais organizam as ideias no texto, de acordo com a finalidade que cada um deles tem: narrar, descrever, aconselhar, entre outras. Vimos que existem vários tipos de sequências textuais, mas enfatizamos uma: a sequência narrativa. Nas próximas aulas trataremos de outras sequências importantes para o seu curso e para a sua formação.



Autoavaliação

Procure analisar cada um dos gêneros textuais que seguem em relação aos seguintes aspectos:

- ▶ Intenção comunicativa dominante (convencer, informar, divertir);
- ▶ Tipo de sequência que representa (narrativa, descritiva, dialogal, argumentativa, explicativa ou injuntiva);
- ▶ Gênero textual a que pertence (artigo informativo, simpatia, piada, tirinha, resenha ou horóscopo).

Texto 1

A cama larga, coberta com uma colcha rendada ocupava quase todo o quarto aconchegante com suas almofadas de seda e paredes cobertas de retratos familiares. Os retratos familiares eram antigos, amarelados e convencionais com seus grupos de homens e mulheres de preto, cercados de crianças de cachos e botinhas.

TELLES, Lygia Fagundes. As meninas.

Texto 2

Como fazer o currículo:

Comece fazendo o download do modelo acima, que foi desenvolvido originalmente aqui pelo Efetividade.net. O arquivo está disponível para download em 3 formatos diferentes que você pode escolher.

Se você não tem dados suficientes para "recheiar" seu currículo, siga a dica dos profissionais para aumentar sua empregabilidade: use parte do seu tempo disponível para participar de eventos promovidos pelo SENAC, SENAI, SEBRAE ou outras entidades de fomento ao mercado, e o seu currículo automaticamente irá se enriquecer.

Note que foram tomados cuidados especiais para evitar o efeito de "folha vazia". A margem esquerda foi ampliada, os títulos das seções estão dentro de células que ocupam a boa parte da linha, e outros truques tipográficos foram empregados para garantir de forma harmoniosa o

preenchimento do espaço.

Se você quiser usar este modelo, o ideal é que você apenas o visualize (preferencialmente o PDF) e construa o seu próprio arquivo a partir dele, para que não seja idêntico ao de mais nenhum candidato à mesma vaga.

Fonte: <http://www.efetividade.net/2007/09/07/como-fazer-seu-curriculo-modelos-originais-de-curriculum-vitae-e-dicas-de-preenchimento//>
.Adaptado para esta atividade

Texto 3

Tinha cinqüenta anos, era muito nutrida, e, como sofria de dispepsia e de gases, àquela hora não se podia espartilhar e as suas formas transbordavam. Já se viam alguns fios brancos nos seus cabelos levemente anelados, mas a cara era lisa e redonda, cheia, duma alvura baça e mole de freira; nos olhos papudos, com a pele já engelhada em redor, luzia uma pupila negra e úmida, muito móbil; e aos cantos da boca uns pelos de buço pareciam traços leves e circunflexos duma pena muito fina

QUEIROZ, Eça de. O Primo Basílio.

Texto 4

Sinopse: A cena ocorre em uma praça à noite, Ricardo encontra Maria, estão escondidos de alguém, João aparece para surpreender a namorada "traidora".

RICARDO (está sentado em um banco, nervoso, esperando).
Após algum tempo, Maria chega apressada

MARIA : – Então, o que é que você queria comigo?

RICARDO (SE APROXIMA): – Ah, eu vi que surgiu uma química entre a gente, então queria conversar em particular...

MARIA : – Eu tenho namorado...

RICARDO: – Se ele estivesse te dando atenção você não estaria me olhando daquele jeito...

MARIA: – EU? Estava só sendo simpática... ele pode aparecer,

não tem medo?

RICARDO: – Eu... deveria ter?

Fonte: <http://victorsantanna.vilabol.uol.com.br/seamanaobata.html>

Texto 5

Nasci numa pequena cidade de Minas. Até aí nada demais. Muita gente nasce em cidades pequenas, distantes e quietas. Seria feliz, de qualquer maneira, se quem lê neste instante pudesse saber a alegria que existe em se nascer num lugar assim, em que as ruas pequenas e estreitas, as altas palmeiras, a água macia da chuva que cai sempre, as muitas estrelas e a lua, as pedrinhas das calçadas, a meninada, a carteira da sala de aula, a mestra e mais uma quantidade destas lembranças simples sejam, mais tarde, influências reais na vida da gente. [...] Cheguei. Um táxi. A mala. As esquinas. Está bem, mas, que fazer? Sentei e pensei. Pela janela da casa alta vai a vida. Seria a vida? E disse a primeira frase na cidade grande, as primeiras palavras diante da grande luta e as palavras eram: Meu Deus, que saudade! E nem um dia me separava da pracinha da matriz. Cada dia que, a seguir, vi passar, esqueci.

Fonte: http://www.releituras.com/ziraldo_menu.asp



Referências

ADAM, J. M. *Les textes: Types e prototypes*. Paris: Editions Nathan, 1992.

BACKTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BONINI, Adair. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, José L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 208-236. (Linguagem;14)

FIGUEIREDO, L. C. **A redação pelo parágrafo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teoria, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Língua[gem], 14).

SAVIOLLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2000

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - http://1.bp.blogspot.com/_gG6I7mdgasI/SZ-gYK117H8I/AAAAAAAAABPk/vDJupDXfKrc/s400/escrever.jpg
- ▶ Figura 02 - <http://i.olhares.com/data/big/119/1192611.jpg>
- ▶ Figura 03 - <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/05/17/000.htm>
- ▶ FIGURA 04 - Fonte: www.mat.uc.pt/aprender/riso.jpg



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante



Aula
Sequência Narrativa e 09
Descritiva

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior você aprendeu que as sequências textuais organizam o texto de acordo com a finalidade que cada um deles tem: narrar, descrever, aconselhar, argumentar, explicar, dialogar. Vimos resumidamente que cada finalidade corresponde a uma sequência, no entanto, trabalhamos apenas com a sequência narrativa. Nesta aula, vamos conhecer as sequências narrativa e descritiva.

Fig. 01



Esperamos que, ao fim da aula, você seja capaz de:

- ▶ Compreender e produzir sequência narrativa nos textos;
- ▶ Compreender e produzir sequência descritiva nos textos.



Para começar

“Se as minhas mãos pudessem desfolhar

Gabriel Garcia Lorca

Eu pronuncio teu nome
nas noites escuras,
quando vêm os astros
beber na lua
e dormem nas ramagens
das frondes ocultas.
E eu me sinto oco
de paixão e de música.
Louco relógio que canta
mortas horas antigas.

Fig. 02



Eu pronuncio teu nome,
nesta noite escura,
e teu nome me soa
mais distante que nunca.
Mais distante que todas as estrelas
e mais dolente que a mansa chuva.

Amar-te-ei como então
alguma vez? Que culpa
tem meu coração?
Se a névoa se esfuma,
que outra paixão me espera?
Será tranquila e pura?
Se meus dedos pudessem
desfolhar a lua!”

O poema acima utiliza a metáfora do ato de desfolhar para expressar amor. Observe que expressa uma ação, o ato de pronunciar o nome nas noites escuras, em contato com os astros e outras imagens da noite. A ação apresentada obedece a uma pequena sequência, primeiro pronuncia, depois vêm os astros beber na lua e dormem nas ramagens, ocorre um encadeamento de ações com início, meio e fim. O nome pronunciado é caracterizado pelo adjetivo distante. Veja que este texto do gênero poético apresenta em sua estrutura a ação e a descrição. Vamos descobrir como estas sequências se desencadeiam dentro de determinados gêneros?



1. Sequência narrativa

O texto narrativo traz a sequência narrativa como dominante (no caso de também estarem presentes outras sequências) ou exclusiva (no caso de não haver outras sequências presentes no texto).

A sequência narrativa possui características que lhe são peculiares. Dentre elas, a presença do relato de um fato real ou fictício, seja este desenvolvido ou condensado. Nesse sentido, a sequência narrativa dá resposta a seis questionamentos básicos que configuram a história (relato do fato): o quê?, quem?, quando?, onde?, por quê? e como?.

Também assinala a narração a presença de verbos de ação encadeadores da história, dispostos numa relação de causa- consequência ou concomitância e flexionados no pretérito perfeito ou presente do modo indicativo. Para demarcar as ações anteriores às que são narradas, utiliza-se o pretérito mais-que-perfeito.

Optar por um tempo verbal ou outro diz respeito às intenções do produtor do texto, uma vez que só se pode relatar um fato narrado ou, hipoteticamente, futuro. Recorrer ao tempo presente, pois, é uma estratégia estilística do autor, objetivando, em alguns casos, conferir maior dramaticidade ou atualidade ao que narra. No caso do fato situado no futuro, o tempo verbal será o futuro do presente ou do pretérito do modo indicativo. Essas escolhas relacionadas ao tempo verbal precisam ser sempre padronizadas, sobretudo, quando se trata de gêneros técnicos e comentários.

No que se refere a elementos coesivos, é muito comum partículas sequenciadoras e certos conectores (como os de tempo, causa, consequência e adversidade) surgirem assinalando a progressão do texto narrativo.

Considere-se o exemplo a seguir:

Exemplo 1:

O Cajueiro

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais **antigas recordações** de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás da casa. Agora, vem uma carta dizendo que ele *caiu*. [...] Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica* de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas **do outro lado** e **os morros além**, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

A carta de minha irmã mais moça diz que ele *caiu numa tarde* de ventania, num fragol; tremendo pela ribanceira; e caiu **meio de lado**, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa. Diz que *passou* o dia abatida, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já *morreram*.

Diz que seus filhos pequenos se assustaram, mas: depois *foram* brincar nos galhos tombados.

Foi agora, em setembro. Estava carregado de Flores.

(Rubem Braga, Os melhores contos, Global Editora: pp 137 a 138)

Atente-se, no parágrafo acima, para o uso do tempo verbal no pretérito perfeito (ver destaque em *itálico*) e para as partículas sequenciadoras espaciais e temporais (ver destaque em **negrito**) assim como para os conectores (ver destaque também em sublinhado).

Os verbos também poderiam estar flexionados no presente do modo indicativo. Isso ficaria a critério do autor, no entanto, no presente do indicativo, o efeito não seria de recordação, mas de narrativa atual, narrada à medida que acontecia.

Convém ainda acrescentar que, se os verbos que encadeiam a narração permanecem no pretérito perfeito, os trechos da descrição que surgirem no texto deverão estar situados no pretérito imperfeito (Estava carregado de flores). Se a narração se mantiver no presente, a descrição seguirá também o presente.

2. Sequência descritiva

Exemplo 2:

O Cajueiro

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor; e morreu há muito mais tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente “tala”) e da alta saboneteira que era nossa alegria e cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, “beijos”, violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família.

(Rubem Braga, Os melhores contos, Global Editora: pp 137 a 138)

A sequência descritiva (assim como a narrativa) pode surgir em vários gêneros (como conto, crônica, notícia, verbete e relatório) tanto de forma isolada (o que é mais difícil) quanto associada a outras sequências textuais (explicativa, dialogal, injuntiva e argumentativa). É comum, por exemplo, um argumento, elemento pertencente à macroestrutura argumentativa, assumir a forma de sequência narrativa ou descritiva em um artigo de opinião.

A sequência descritiva caracteriza-se pela apresentação da imagem de um determinado objeto (coisa, pessoa, animal, ambiente, cena rotineira). Para construir uma imagem, o produtor do texto assume três atitudes: nomeia, localiza/situa e qualifica o objeto. Se, em um texto, esse tipo de sequência for exclusiva ou dominante (uma vez que outras sequências podem se fazer presentes), diz-se que se trata de texto descritivo.

Para desenvolver uma sequência descritiva, o produtor do texto precisa ter capacidade de observação aguçada e um domínio lexical razoável, sobretudo de adjetivos, evitando, assim, a não ser que haja intenção definida, descrições óbvias ou clichêizadas. Ainda é necessário que o produtor trace um plano de observação para o objeto, que deverá ser descrito, por exemplo, de baixo para cima ou de dentro para fora, dentre outras possibilidades.



Fig. 03

O presente e o pretérito imperfeito do modo indicativo são os tempos verbais da sequência descritiva. A escolha por um ou outro depende da localização do objeto no tempo: se a descrição remeter para o momento de produção do texto (nem que seja de forma fictícia ou ilusória), usa-se o primeiro; se remeter para um momento anterior à produção do texto, usa-se o último; também é possível recorrer ao futuro do presente ou do pretérito para descrições que remetam para um tempo posterior à produção.

Seja qual for o tempo verbal utilizado, é necessário que se seja coerente com a situação temporal do objeto descrito, mantendo, inclusive, uma padronização do tempo entre os verbos.

Essa classe de palavra torna-se imprescindível nas descrições de cena ou de processo. Nesse caso, as ações expressas pelos verbos são simultâneas ou rotineiras, ou simultâneas e rotineiras.

No que se refere a elementos coesivos, é muito comum partículas sequenciadoras surgirem no texto descritivo, sobretudo assinalando a ordenação espacial.

Vejamos alguns tipos de descrição:

Exemplo 3

Uma célula é a menor unidade estrutural básica do ser vivo. Todas as células de um mesmo organismo têm o mesmo número de cromossomos. Este número é característico de cada espécie animal ou vegetal e responsável pela transmissão dos caracteres hereditários. As células são envolvidas pela membrana celular e preenchidas com uma solução aquosa concentrada de substâncias químicas, o citoplasma em que se encontram dispersos organelos.

Exemplo 4

Célula, fonte da vida, marca primeira. Como um universo em miniatura contém todas as características do ser que vai constituir. Cobre-lhe os limites um fino tecido que a separa do todo. Traz em si um misterioso segredo de revelação e de vida.

Como você pode observar através dos exemplos 3 e 4, a descrição pode assumir um perfil técnico ou sugestivo. No primeiro caso (exemplo 3), trata-se de uma forma de exposição geralmente analítica. Presta informações objetivas, analisando e distinguindo as partes que compõem o objeto descrito. Por meio desse tipo de descrição, os cientistas

explicam o mundo, baseados em critérios o mais objetivo possível. Quanto ao parágrafo descritivo, assim como o narrativo, o explicativo, o injuntivo e o argumentativo, também é construído em torno de uma ideia central, explícita ou implícita, conforme se pode constatar no exemplo já analisado, em que a frase inicial apresenta tal ideia, no caso dos exemplos 3 e 4, a ideia é a descrição da célula.



Atenção!

Vamos lembrar alguns gêneros textuais nos quais as sequências narrativa e descritiva estão presentes.

Nos romances, fábulas, notícias, relatórios, biografias, diário, reportagem, etc. há predominância da sequência narrativa. A sequência descritiva pode ser encontrada em classificados e notas de desaparecimentos, por exemplo.



Mãos à obra

Atividade 01

Observe o quadro abaixo e elabore duas descrições dele, uma mais objetiva outra subjetiva, observando o uso maior ou menor de adjetivação em cada uma delas.



Fig. 04 : Quadro de Magritte¹.

¹ René François Ghislain Magritte (1898 - 1967) foi um dos principais artistas surrealistas belgas, ao lado de Paul Delvaux. Pintor de imagens insólitas, às quais deu tratamento rigorosamente realista, utilizou-se de processos ilusionistas, sempre à procura do contraste entre o tratamento realista dos objetos e a atmosfera irreal dos conjuntos. Suas obras são metáforas que se apresentam como representações realistas, através da justaposição de objetos comuns, e símbolos recorrentes, tais como o torso feminino, o chapéu côco, o castelo, a rocha e a janela, entre outros mais, porém de um modo impossível de ser encontrado na vida real.



Um passo a mais

Para aprofundar seus conhecimentos teóricos sobre as sequências narrativas e descritivas, consulte a referência abaixo:

BONINI, Adair. *A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam*. In: MEURER, José L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 208-236. (Linguagem;14)



Já sei!

Nesta aula você aprofundou seus conhecimentos sobre as sequências textuais. Estudamos especificamente as sequências narrativa e descritiva. Não esqueça que estas sequências fazem parte da estrutura interna dos textos, sendo assim, estão presentes nos inúmeros gêneros textuais que são produzidos nas diversas situações de comunicação.



Autoavaliação

1. Observe o texto abaixo, utilize seus conhecimentos sobre gêneros e sequências textuais e analise-o observando os seguintes aspectos:

- ▶ O gênero textual a que pertence;
- ▶ A sequência que representa.

A Cigarra e a Formiga

A cigarra, sem pensar
Em guardar
A cantar passou verão
Eis que chega o inverno, e então
Sem improviso na despensa,
Como saída, ela pensa
Em recorrer a uma amiga:
Sua vizinha, a formiga,
Pedindo a ela, emprestado,
Algum grão, qualquer bocado
Até o bom tempo voltar
- antes de agosto chegar,
Pode estar certa a Senhora:
Pago com juro, sem mora.
Obsequioso, ceramente,
A formiga não seria.
- que fizeste até outro dia?
Perguntou à imprevidente.
- eu cantava, sim Senhora,
Noite e dia, sem tristeza.
- tu cantavas? Que beleza?
Muito bem: pois dança, agora...

La Fontaine

2. Elabore, a partir do mesmo texto, uma sequência descritiva.



Referências

ADAM, J. M. *Les textes: Types e prototypes*. Paris: Editions Nathan, 1992.

BACKTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BONINI, Adair. *A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam*. In: MEURER, José L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 208-236. (Linguagem;14)

FIGUEIREDO, L. C. A. *Redação pelo parágrafo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teoria, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Língua[gem], 14).

SAVIOLLI, F. P.; FIORIN, J. L. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2000



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I
Rosiene da Silva Gonçalves



Aula
Sequências injuntiva e explicativa 10

Aula 10

Sequências injuntiva e explicativa

Apresentação e Objetivos



Fig. 01



Nesta aula, especificamente, vamos tratar de duas sequências textuais bastante comuns no mundo dos estudantes, pois as sequências injuntiva e explicativa estão sempre presentes em materiais didáticos. Mas elas também estão presentes em nosso mundo profissional, quando nos deparamos com textos que nos ensinam o porquê das

coisas e como as coisas funcionam. Por isso, vamos a elas.

Objetivos:

- ▶ Conhecer as sequências injuntiva e explicativa;

Distinguir as sequências injuntiva e explicativa das demais sequências textuais;

- ▶ Produzir gêneros com sequências injuntiva e explicativa.



Para começar

Fig. 02



Como os assaltos crescem dia-a-dia, não podendo contê-los, a PM, sabiamente, dá conselhos aos cidadãos para serem menos assaltados:

1. Não demonstre que carrega muito dinheiro.
2. Jamais deixe objetos à vista, dentro do carro.
3. Levante todos os vidros, mesmo em movimento.
4. Não deixe documentos no veículo.
5. Na volta, ao se aproximar do carro, verifique se não há alguém suspeito por perto.
6. Não leve objetos de valor nem muito dinheiro para a praia.
7. Se, ao ir à praia, for de carro, coloque o veículo num ponto em que fique ao alcance de sua vista.
8. À noite, em locais escuros, use faróis altos.
9. Não dirija com o braço fora do carro.
10. Ao chegar em casa e antes de descer para abrir o portão, ou esperar por isso, verifique se não há pessoas suspeitas por perto.
11. À noite não se deixe aproximar por veículos com mais de dois homens.
12. Se assaltado, fique calmo. Não faça movimentos bruscos e evite encarar os assaltantes. Não discuta nem reaja.
13. Evite aglomerações. Nos locais em que todos se acotovelam os punquistas agem.

Depois de ler com extrema atenção estas instruções oficiais, acrescento as minhas, ou melhor, resumo:

1. Não saia de casa.
2. Se possível, não saia do quarto.
3. De preferência, não saia do cofre.

FERNANDES, Millôr. Que país é este? Rio de Janeiro : Editorial Nórdica, 1978, p.113.
Disponível em: http://www.releituras.com/millor_preven.asp. Acesso: 10/06/08

O texto de Millôr Fernandes é uma crítica bem humorada à crescente violência de nosso dia a dia, não é mesmo? Mas observe como ele está estruturado. Após uma breve introdução, existem tópicos estruturados com verbos no modo imperativo que nos dão orientações sobre como proceder para evitar assaltos. É um texto que orienta nossos procedimentos. Esse texto apresenta, de forma predominante, a sequência textual injuntiva. Mas, o que é isso? Vamos descobrir?

Assim é



1. A sequência injuntiva

A sequência textual injuntiva, como já comentamos brevemente na aula anterior, tem a finalidade de dar orientações de procedimento, ou seja, ela está associada à previsão do comportamento futuro, podendo apresentar orações no modo imperativo ou com verbos modais como **dever** e **ter que**. É possível, além do modo verbal, observar outras marcas linguísticas que caracterizam o tipo injuntivo, tais como o uso do **infinitivo**, do **futuro do presente**, de **vocativos** e de **verbos performativos**. Além desses recursos linguísticos, a sequência injuntiva também pode fazer uso de exclamação.

Podemos identificar a sequência injuntiva em vários gêneros textuais, desde os didáticos, como aulas e exercícios, até os mais técnicos, como manuais de instrução ou tutoriais.

Vejamos os Exemplos 1 e 2:

Exemplo 1: Nas questões 02 e 03, **numere** os períodos de modo a constituírem um texto coeso e coerente e, depois, **indique** a sequência numérica correta.

Exemplo 2: Deve ser destacado que os resultados obtidos referem-se exclusivamente aos manuais de instrução analisados. A análise **tem que** estar focada na capacidade das informações serem percebidas, compreendidas e utilizadas pelos participantes de forma a garantir satisfação na execução das tarefas e uso seguro do produto e não na utilização do produto em si.

Fonte:

<http://www.inmetro.gov.br/consumidor/produtos/manualFogao.asp>

Podemos perceber, através do Exemplo 1, o uso de verbos no imperativo, ou seja, verbos que indicam uma ação que deve ser realizada pelo leitor, nesse caso, esses verbos são considerados performativos, pois representam uma ação a ser desenvolvida.

No Exemplo 2 o uso dos modais *deve ser* e *tem que estar* de certa forma, relativiza uma ordem ou um pedido, mas como os verbos anteriormente apresentados, também trazem implícita uma orientação para o leitor.

2. Sequência explicativa

Observe o Exemplo 3, a seguir. Você percebe alguma diferença em sua estrutura, em relação aos textos instrutivos que lemos na sequência anterior? Observe que o Exemplo 3 é um texto retirado do sítio Wikipédia. Qual a função desse site? Você já o visitou, com certeza, em suas pesquisas escolares, não é mesmo? O que você costuma buscar num sítio como esse? Explicações acerca de alguma coisa, não é? Muito bem, acontece que a Wikipédia é uma enciclopédia virtual, ou seja, um espaço virtual onde você busca explicação sobre qualquer assunto, fenômeno ou pessoa.

Enciclopédias, virtuais ou não, assim como dicionários, são veículos que nos explicam a origem, o uso, a importância das coisas em geral. Leia o texto do Exemplo 3:

Exemplo 3

Texto

Em linguística a noção de **texto** é ampla e ainda aberta a uma definição mais precisa. Grosso modo, pode ser entendido como manifestação linguística das ideias de um autor, que serão interpretadas pelo leitor de acordo com seus conhecimentos linguísticos e culturais. Seu tamanho é variável.

O interesse pelo texto como objeto de estudo gerou vários trabalhos importantes de teóricos da Linguística Textual, que percorreram fases diversas cujas características principais eram transpor os limites da frase descontextualizada da gramática tradicional e ainda incluir os relevantes papéis do autor e do leitor na construção de textos.

Um texto pode ser escrito ou oral e, em sentido lato, pode ser também não-verbal.

Texto crítico é uma produção textual que parte de um processo reflexivo e analítico gerando um conteúdo com crítica construtiva e bem fundamentada.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Texto>. Acesso: 13/06/08

O que temos no Exemplo 3 é um texto que nos explica o que é um texto, certo? Em sua estrutura podemos observar uma palavra, a que denominamos de entrada, e logo abaixo se inicia a explicação desse termo de entrada de acordo com a área de interesse maior desse termo, no caso, a linguística. Todo esse texto, da entrada ao final, pode ser denominado um **verbete**¹. Os gêneros textuais em que predomina a sequência explicativa se caracterizam por apresentar uma temática consensual, ou seja, não são textos que gerem polêmica, ao contrário, seu objetivo maior, como o próprio nome o indica, é o esclarecimento. Assim, a temática é, então, desenvolvida no intuito de que sejam explicadas as razões e os motivos que a fundamentam. No desenrolar do texto, as ideias vão sendo reformuladas de tal sorte que, em geral, acabam ampliadas e enriquecidas. Em outras palavras, essa sequência procura desenvolver o porquê de um fenômeno, de um fato ou de uma afirmação de aceitação, inicialmente, incontestável.

Segundo Bronckart (2003, p. 229), quatro fases podem

¹ Verbetes são gêneros textuais típicos de dicionários e enciclopédias e neles você encontra o predomínio de sequências textuais explicativas.

compor o protótipo da sequência explicativa: constatação inicial, problematização, resolução e conclusão. Na primeira fase, o fenômeno (uma situação, um objeto) é apresentado a partir de uma declaração tida como verdadeira. Em seguida, apresenta-se um questionamento (o porquê? ou como?) sobre a temática inicialmente posta. Depois, apresentam-se as possíveis respostas às questões levantadas. Por fim, a reformulação da ideia inicial é apresentada em forma de conclusão.

Essas fases não se impõem rigidamente. Elas se realizam, conforme Bronckart (2003, p. 228) “[...] em formas de extensão e complexidade muito variáveis”. Em geral, aparecem a constatação inicial, o questionamento e a explicação.

Normalmente, essas sequências circulam em artigos de divulgação científica e nos manuais escolares e científicos. Também aparecerem frequentemente em aulas teóricas e nas exposições orais, bem como nos verbetes de enciclopédia e nos relatórios técnicos. Observe o Exemplo 4, a seguir:

Exemplo 4:

A comunidade discursiva **pode ser** definida como um grupo de indivíduos que atuam comunicativamente a partir de um tópico de referência, ou de um conjunto restrito deles, mediante propósitos compartilhados e uma linguagem comum estruturada nessa atividade. O conhecimento desse padrão linguístico particular (estilo, léxico, gêneros textuais, etc.) é um requisito para a adesão à comunidade discursiva e a ascensão em sua estrutura hierárquica de participação.

Fonte: BONINI, Adair. O conhecimento de jornalistas sobre gêneros textuais: um estudo introdutório. In: Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 2, número 1, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0201/01.htm>. Acesso: 13/06/08

O fragmento textual apresentado no exemplo 4 foi retirado de um artigo científico e explica, ou melhor, define o que se compreende como comunidade discursiva. Por que esse texto pode ser considerado uma sequência textual explicativa? Vejamos: ele apresenta um conceito a ser definido (comunidade discursiva), ele se estrutura a partir de um conteúdo de conhecimento já construído (através de estudos feitos por teóricos da linguística) e ele afirma, utilizando-se de verbos de ligação no presente do indicativo (veja destaque em negrito), o que constitui o termo que ele pretende definir.

Convém destacar que um tema tido como polêmico para um grupo social ou para uma sociedade num determinado tempo histórico pode ser explicado e tornar-se, noutro contexto social ou noutro momento histórico, uma verdade de aceitação geral. Assim, enquanto esse tema for polêmico, ele será objeto da sequência argumentativa e, depois de esclarecido, desmistificado, desmitificado ou explicado, então ele passa a ser objeto da sequência explicativa.

É o caso, por exemplo, do fato de a Terra girar em torno do Sol. Hoje em dia essa é uma verdade irrefutável, mas já foi tema de muitas polêmicas. Copérnico² foi o primeiro a defender essa teoria e Galileu Galilei³ também a seguiu. Mas ambos tiveram muitos problemas. Galileu, inclusive, precisou negar sua teoria para evitar ser queimado na fogueira. Hoje o tema tão polêmico há séculos atrás pode ser encontrado em qualquer livro de ensino de ciências através de um texto de caráter explicativo, não é mesmo?

Em resumo, a sequência explicativa se caracteriza por apresentar alguns aspectos de natureza explicativa ou causal a respeito de um tema que é considerado como um saber construído alhures e já reconhecido socialmente.

² **Nicolau Copérnico** (1473 —1543) foi um astrônomo e matemático polaco que desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar. Foi também cônego da Igreja Católica, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Sua teoria do Heliocentrismo, que colocou o Sol como o centro do Sistema Solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica (que considerava, a Terra como o centro), é considerada uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos, tendo constituído o ponto de partida da astronomia moderna.

³ **Galileu Galilei** (1564 —1642) foi um físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve papel preponderante na chamada revolução científica. Ele desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos, enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, ideias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refractor e foi o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do Heliocentrismo.



Atenção!

A sequência injuntiva, geralmente, vem representada por um verbo no imperativo, enunciados que incitam à ação. No entanto, em alguns casos, o imperativo é substituído por outros verbos que modalizam o discurso em expressões mais longas. É o caso do verbo grifado no exemplo abaixo: "Todos os brasileiros na idade de 18 anos do sexo masculino **devem** comparecer ao exército para alistarem-se."



Mãos a obra

O texto abaixo é parte da bula do Tylenol. É base para as questões 01, 02 e 03.

INDICAÇÕES - TYLENOL

Em adultos, para a redução da febre e o alívio temporário de dores leves a moderadas, tais como: dores associadas a gripes e resfriados comuns, dor de cabeça, dor de dente, dor nas costas, dores musculares, dores associadas a artrites e dismenorréia.

CONTRA-INDICAÇÕES - TYLENOL

TYLENOL® não deve ser administrado a pacientes com hipersensibilidade ao paracetamol ou aos excipientes da formulação.

MODO DE USAR E CUIDADOS DE CONSERVAÇÃO DEPOIS DE ABERTO - TYLENOL

Os comprimidos devem ser administrados por via oral, com líquido.

POSOLOGIA - TYLENOL

Adultos e crianças de 12 anos ou mais: As doses de paracetamol para adultos e crianças de 12 anos ou mais variam de 500 a 1000 mg/dose com intervalos de 4 a 6 horas entre cada administração.

Não exceder o total de 4 g em 24 horas.

TYLENOL® 500 mg: 1 a 2 comprimidos, 3 a 4 vezes ao dia. Não exceder 8 comprimidos, em doses fracionadas, em um período de 24 horas.

TYLENOL® 750 mg: 1 comprimido, 3 a 5 vezes ao dia. Não exceder 5 comprimidos, em doses fracionadas, em um período de 24 horas.

Fonte: <http://www.bulas.med.br/p/tylenol-6872.html>

1. Quais as sequências textuais presentes no texto?

2. Qual a sequência predominante?

3. Mostre partes do texto que representam estas sequências.

Um passo a mais



Para saber mais sobre as marcas linguísticas de cada sequência textual e assim melhor reconhecê-las, acesse o texto *Seqüências textuais: formas lingüísticas recorrentes*. Elaborado por Maria José Nóbrega. Disponível em:

<http://www.cvps.g12.br/centropedagogico/Centro%20Ped%202009/pdf/cursos%20e%20assessorias/LP/2007/3e4/FORMAS%20LING%C3%9C%C3%8DSTICAS%20RECORRENTES%20DAS%20SEQ%C3%9C%C3%8ANCIAS%20TEXTUAIS.pdf>



Já sei!

Nesta aula tratamos de duas sequências textuais bastante comuns a quem estuda: as sequências injuntiva e explicativa. Vimos que a primeira está presente, por exemplo, em textos de natureza didática ou instrucional, enquanto a segunda é comumente encontrada em dicionários e enciclopédias. Para trabalhar essas sequências, observamos alguns gêneros textuais específicos como os manuais de instrução e os verbetes.



Autoavaliação

Leia os textos abaixo, procurando identificar:

- ▶ Os gêneros textuais predominantes;
- ▶ As sequências textuais que os representam;
- ▶ Aspectos do texto (marcas linguísticas) indicadores da sequência predominante.

Texto 01

Viagem Espanha

Planeje férias em Espanha com avaliações e dicas compartilhadas por viajantes como você. Encontre hotéis, explore fotos e os mapas de Espanha. Confira ainda a disponibilidade e os preços dos hotéis em Espanha em vários sites para planejar sua viagem.

Fonte: <http://www.mundi.com.br/Turismo-Espanha-56.html>

Texto 02

Etimologia

O nome Espanha só começou a ser utilizado para designar o país depois da Restauração Portuguesa de 1640. Até aí o termo não

se aplicava ao país Leão e Castela mas sim a toda a península. Esta designação deriva de *Hispania*, nome com o qual os romanos designavam geograficamente a Península Ibérica, nome que por sua vez provém do nome *Ibéria*. Fato do termo *Hispania* não ter uma raiz latina resultou na formulação de diversas teorias sobre a sua origem, algumas controversas. A opção mais aceita seria a de que o nome *Hispania* provém do fenício *i-spn-⁴¹ea*. Os romanos tomaram essa denominação dos vencidos cartaginenses, interpretando o prefixo *i* como *costa*, *ilha* ou *terra*, e o sufixo *ea* com o significado de *região*. O lexema *spn* foi traduzido como *Coelhos* (na realidade Dassies, animais comuns no norte da África). Os romanos, por tanto, deram ao nome *Hispania* o significado de *terra de coelhos abundantes*.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Espanha>

Referências



BRONCKART, J. M. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo, 2003. p. 228.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES. **Texto e interação**. 2 ed. São Paulo: Atual, 1998.

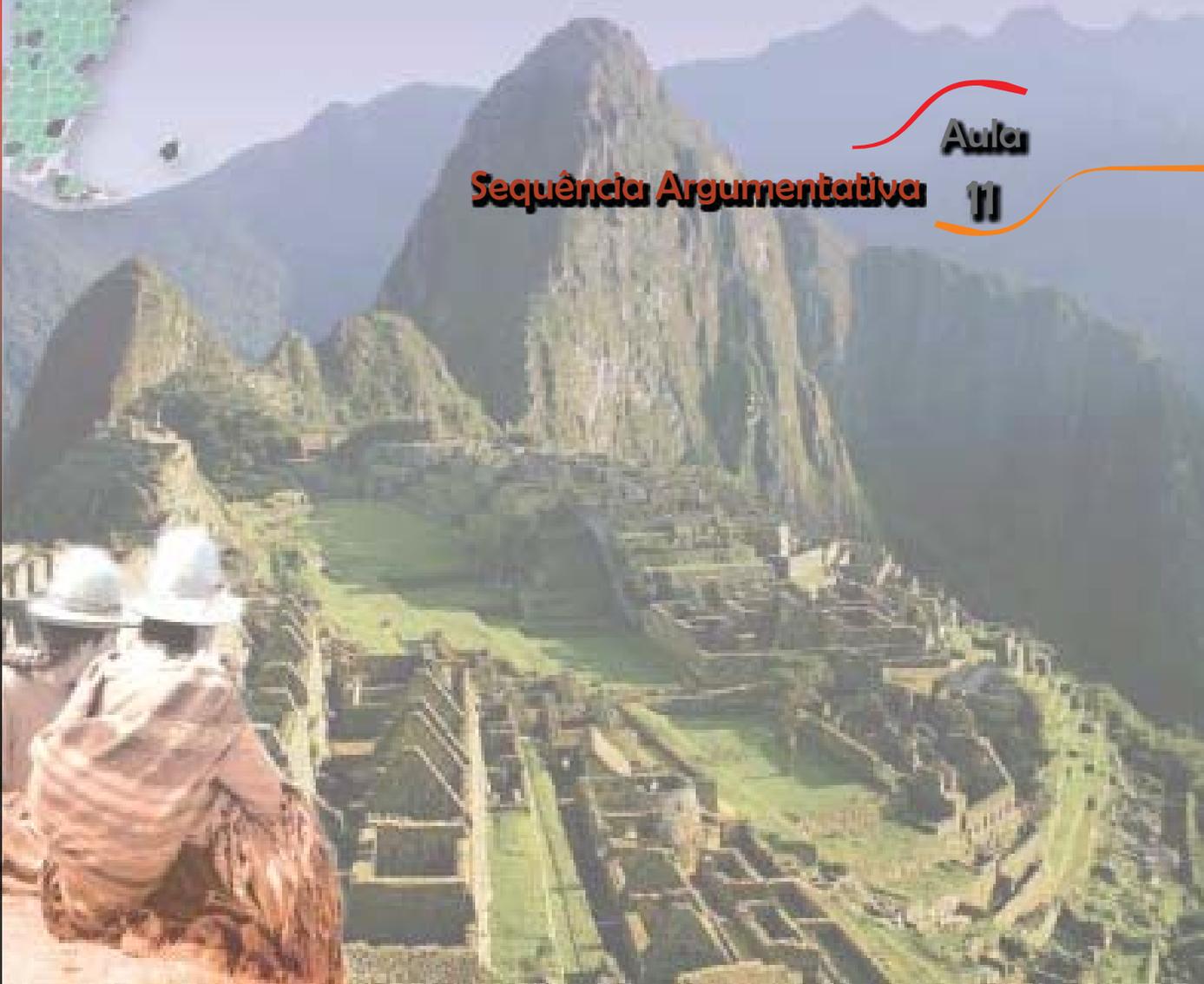
Ilustrações

- ▶ Figura 01 - http://2.bp.blogspot.com/_qQhYQYOSXn4/RsLv2E0pn-AAAAAMc/_Bm9r3xt54Q/s400/escrita.jpg
- ▶ Figura 02 - http://3.bp.blogspot.com/_h77BLo4MRuM/Sb5qJj1sT4I/AAAAAAAAAB6c/6IUxnSc0Qw8/s400/charge_assalto_caixa_eletro.jpg



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante



Sequência Argumentativa

Aula

11

Apresentação e Objetivos



Já observamos como se estruturam as sequências narrativa, descritiva, explicativa e injuntiva. Agora, vamos estudar como se estrutura a sequência argumentativa, quais os recursos e quais os principais problemas para elaborá-los. Com a sequência argumentativa você pode defender suas ideias, reivindicar seus direitos e convencer seus interlocutores.

Fig. 01



Objetivos:

- ▶ Compreender a natureza da argumentação.
- ▶ Conhecer a estrutura do texto argumentativo.

Para Começar



Excesso de proteção

Uma menina de 7 anos de idade foi autorizada judicialmente a desfilar como rainha da escola de samba Unidos do Viradouro no Rio de Janeiro. A decisão da

juíza da 1ª Vara da Infância e da Adolescência do Rio contrariou o parecer do Conselho de Defesa da Criança e do Adolescente do Rio, que alegou o apelo sexual que caracteriza a rainha de uma bateria.

Situação quase contrária acontece no Ceará. A juíza da 3ª Vara de Infância e Juventude de Fortaleza baixou portaria, determinando expressamente que crianças de até 12 anos de idade estão proibidas de participar do Carnaval como foliãs, mesmo quando acompanhadas pelos pais. Também interditou a participação de menores até 16 anos, sem a companhia dos genitores ou responsáveis, em bailes públicos, boates, discotecas e congêneres, durante todo o período carnavalesco. Mesmo quando integrando blocos e escolas de samba especificamente criados para crianças e adolescentes, estes deverão permanecer acompanhados ou devidamente autorizados em documentos escritos por aqueles a quem cabe a responsabilidade de criá-los e protegê-los, ou ainda, na ausência deles, por deliberações de juízes das Varas de Infância e Juventude.

A rigidez das disposições da portaria foi motivo de polêmica, em decorrência da discordância formulada pela assessoria jurídica do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca), no tocante à proibição explícita da presença de menores de 12 anos em festividades e desfiles carnavalescos, mesmo quando adequadamente acompanhados. Argumentou a representante da Cedeca estar a Justiça interferindo numa decisão que deveria advir somente dos próprios pais, desde que estes se façam presentes aos citados festejos.

O assunto dificilmente obterá consenso e, primeiramente, se pode dizer que a moral pública do Rio de Janeiro não é a mesma da população fortalezense que, de forma geral, não curte muito o Carnaval. Quem concorda com a proibição raciocina que é prejudicial o excesso de erotização da imagem de crianças, com a utilização de maquiagem e o uso de fantasias inapropriadas, as quais poderiam parecer apelativas até mesmo em adultos. Esse procedimento não seria



apropriado, de acordo com o relatório da Associação Americana de Psicologia, às mentalidades ainda em formação, pois as crianças criam a ideia de que o sexo e a aparência física são fatores preponderantes em sua futura realização pessoal.

O Carnaval, pelas características de exacerbação emocional e sensualidade que lhe são intrínsecas, com ampla licenciosidade no tocante ao uso de bebidas alcoólicas e até mesmo de drogas, é um cenário propício para a proliferação de imagens distorcidas, em relação a tipos de comportamento pessoal e ao próprio sentido da vida. A festa tende a extrapolar, em várias circunstâncias, sua função precípua de proporcionar alegria e lazer a pessoas de todas as idades.

Todavia, a criança e o adolescente não vivem numa redoma como segregados dos problemas do mundo. Há quem diga que o excesso de proteção é mais danoso do que a própria exposição do menor, que não desenvolveria, superprotegido, mecanismos de autodefesa. Neste sentido, a proibição extrapola os limites da lei, que atribui aos pais a responsabilidade de levar os filhos para esses eventos.

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=736605>

O texto acima é um editorial da sessão Opinião do Jornal do Nordeste. Um editorial é um texto que expressa a opinião de um periódico qualquer (jornal ou revista) acerca de um assunto do cotidiano. Observe que o texto versa sobre a participação de crianças no carnaval e comenta a diferença de concepção entre os cearenses e os cariocas. Em meio a sua argumentação, o autor considera relevante a preocupação com a inserção das crianças nas folias carnavalescas, mas defende que elas permaneçam, porque é de responsabilidade dos pais essa decisão e porque as crianças não devem ser afastadas dos problemas do mundo e colocadas em redomas de proteção, esses são os argumentos utilizados pelo autor para defender a sua opinião.

Os argumentos fazem parte de uma sequência textual sobre a qual nós vamos nos debruçar a partir de agora.



1. Sequência Argumentativa

Como nós podemos perceber, os textos não servem apenas para você enviar mensagens a seus interlocutores (ou co-enunciadores), tornando-os apenas conhecedores de seus pensamentos. Você não é apenas um transmissor de ideias, informações e sentimentos. Muito além disso, acredite, é mais frequente do que você pensa, o fazer uso da palavra para conquistar a adesão de seu interlocutor; para que ele aceite as suas ideias (e não apenas as compreenda); para que ele, além de aceitar o que você diz, aja de acordo com suas ideias e/ou proposições.

Fig. 02



Falando e/ou escrevendo, quando você elabora gêneros textuais com a intenção comunicativa de defender ideias, pontos de vista, com argumentos e estratégias, para convencer, persuadir nosso interlocutor, você está organizando seu texto com a sequência textual argumentativa.

A sequência argumentativa prototípica constitui-se de uma tese a respeito de um dado tema, da apresentação dos argumentos (que objetivam dar sustentação à tese defendida), da apresentação de contra-argumentos (que tentam negar total ou parcialmente a tese defendida) e de uma contra-argumentação (que objetiva desqualificar os contra-argumentos apresentados). Veja abaixo como pode se desenvolver um texto argumentativo:

Exemplo 1:

Palmas para a CPI das Sanguessugas (Por: Lucia Hippolito) Blog do NOBLAT

Quem diria?! A CPI das Sanguessugas periga se transformar no sucesso da temporada. Instalada debaixo do descrédito geral e da má vontade do



presidente do Congresso Nacional, a CPI foi adiante, graças ao esforço de alguns abnegados deputados e senadores.

Discreta, sem holofotes, sem depoimentos tonitruantes, sem chilikos de petistas nem de tucanos, a CPI vem realizando seu trabalho em contato permanente com a Justiça, a Polícia e o Supremo Tribunal Federal.

Curiosamente, os deputados e senadores implicados no escândalo não parecem estar muito preocupados com o trabalho dos colegas. E a razão é uma só: total certeza da impunidade.

O foro privilegiado, esta instituição anacrônica e inexistente em nenhum país democrático digno do nome, assegura que parlamentares só podem ser julgados pelo Supremo Tribunal Federal. Ora, o STF é uma corte constitucional. Não tem estrutura nem vocação para delegacia de polícia.

O resultado é que até hoje nem um único parlamentar foi punido pelo Supremo. Ou são inocentados, ou os processos são arquivados. Por isso é que as sanguessugas estão tão despreocupadas.

Assim, só resta ao eleitor não reconduzir suas Excelências ao Congresso Nacional nas eleições de outubro. Se não tiverem votos, estes ex-parlamentares poderão ser julgados pela justiça comum. Não é nada, não é nada, já é um começo.

Mas desde ontem surgiu uma nova esperança, com a consulta que o deputado Miro Teixeira (PDT-RJ) se dispôs a encaminhar ao Tribunal Superior Eleitoral.

O pedido é simples: que o TSE faça valer o § 10 do Art. 14 da Constituição brasileira, que diz o seguinte: “O mandato eletivo poderá ser impugnado ante a Justiça Eleitoral no prazo de quinze dias contados da diplomação, instruída a ação com provas de abuso do poder econômico, corrupção ou fraude.”

Pronto, basta o TSE seguir a Constituição, e

deputados mensaleiros – já indiciados pelo procurador-geral da República como membros da “sofisticada organização criminosa” que pretendia tomar de assalto o Estado brasileiro –, ex-ministros indiciados por formação de quadrilha e violação de sigilo bancário, parlamentares implicados no escândalo das sanguessugas, enfim, nenhuma dessas Excelências, mesmo eleita, poderia tomar posse.

E estes poderiam ser os primeiros tópicos de uma reforma política decente: o fim desta excrescência que é o foro privilegiado e a recusa a dar posse a candidatos eleitos, porém, envolvidos em inquéritos. Pelo menos até que o caso fosse julgado.

No frigir dos ovos, seria um estímulo à agilização da Justiça. Se o candidato fosse inocentado, tomaria posse; caso contrário, o suplente assumiria.

http://arquivoetc.blogspot.com/2006_07_01_archive.html

No Exemplo 1, a tese defendida é a ideia de que a CPI das Sanguessugas, que nascera sem grandes possibilidades de atingir seus objetivos, aparentemente estava conseguindo realizar seu trabalho com seriedade. Vamos ver os argumentos que ele usa para confirmar a tese?

- ▶ Argumento 1: Discreta, sem holofotes, sem depoimentos tonitruantes, sem chilikques de petistas nem de tucanos, a CPI vem realizando seu trabalho em contato permanente com a Justiça, a Polícia e o Supremo Tribunal Federal.
- ▶ Argumento 2: Embora a maioria dos deputados não se preocupe com a CPI, graças ao foro privilegiado de que dispõem, se o TSE fizer valer o § 10 do Art. 14 da Constituição brasileira, a CPI pode ter sucesso. Complementando, o artigo citado afirma: “O mandato eletivo poderá ser impugnado ante a Justiça Eleitoral no prazo de quinze dias contados da diplomação, instruída a ação com provas de abuso do poder econômico, corrupção ou fraude.”
- ▶ Argumento 3: basta o TSE seguir a Constituição, e deputados mensaleiros – já indiciados pelo procurador-geral da República como membros da “sofisticada organização criminosa” que pretendia tomar de assalto o Estado brasileiro –, ex-ministros indiciados por formação de quadrilha e violação de

sigilo bancário, parlamentares implicados no escândalo das sanguessugas, enfim, nenhuma dessas Excelências, mesmo eleita, poderia tomar posse.

Após a argumentação, o autor se encaminha para a conclusão afirmando que a possibilidade de sucesso da CPI vai além da punição de alguns deputados envolvidos no processo que ela investiga, seu sucesso se concentraria, mesmo, na possibilidade de mudança da legislação federal, de forma a punir os políticos envolvidos em escândalos.

- ▶ Conclusão: estes poderiam ser os primeiros tópicos de uma reforma política decente: o fim desta excrescência que é o foro privilegiado e a recusa a dar posse a candidatos eleitos, porém, envolvidos em inquéritos.

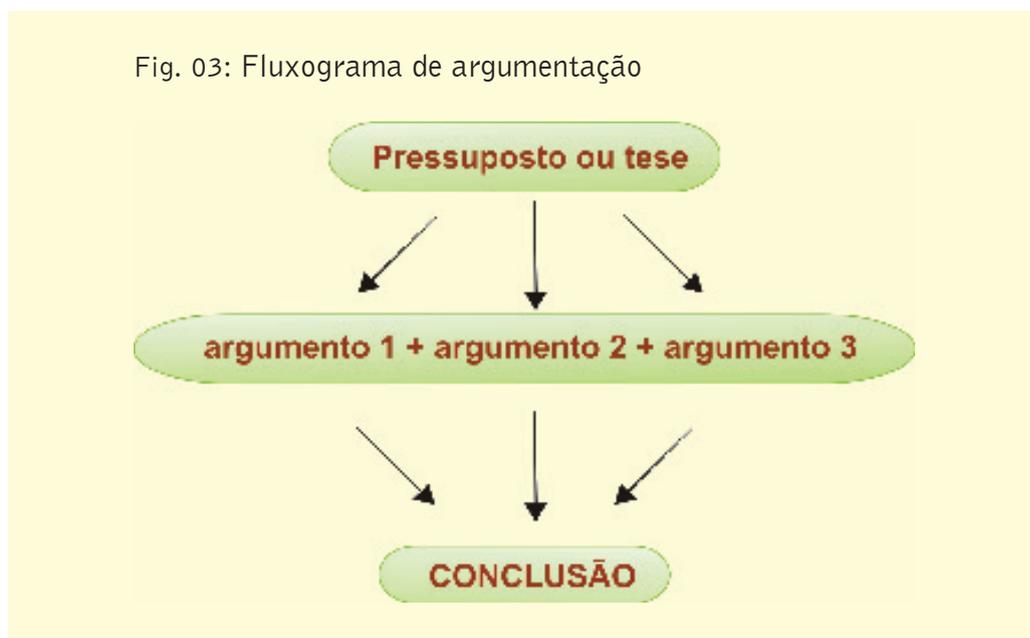
É importante lembrar que, num texto argumentativo, em geral, a tese é uma ideia polêmica que uma pessoa deve defender, pois a argumentação pressupõe divergência de opinião; os argumentos (do latim *argumentum*: iluminar, fazer brilhar) são as razões que embasam ou fortalecem a tese e as estratégias argumentativas, que não se confundem com os argumentos, correspondem aos recursos, meios verbais e/ou não-verbais (clareza, nível de linguagem, perguntas retóricas, ironia, imagens) utilizados para envolver, impressionar, convencer, persuadir o co-enunciador.

É comum a sequência argumentativa aparecer nos gêneros textuais de modo simplificado, contendo apenas algumas de suas partes: tese e argumentos, por exemplo. Também não é raro que outras sequências textuais sejam utilizadas na sequência argumentativa como argumento para fortalecer a tese apresentada (as sequências narrativa e explicativa, por exemplo).

Os textos argumentativos em geral aparecem no âmbito jurídico, político, jornalístico. Alguns gêneros discursivos nos quais predomina a sequência argumentativa são as falas de deputados (na Câmara) e de senadores (no Senado), em debates em geral, nos editoriais jornalísticos, na acusação e na defesa em um julgamento, nos ensaios e nas propagandas.

Podemos pensar o texto argumentativo a partir do seguinte esquema:

Fig. 03: Fluxograma de argumentação



Atenção!

Os textos argumentativos circulam em nosso cotidiano através de gêneros orais ou escritos, mas podemos encontrá-los também em imagens que sugerem reflexões e ideias de quem as produziu.



Mãos a obra

Identifique a tese e pelo menos um argumento que embase cada uma das teses defendidas nos fragmentos textuais a seguir:

Texto 1

Uma vez Renato Russo disse com uma sabedoria ímpar: “Digam o que disserem, o mal do século é a solidão”. Pretensiosamente digo que assino embaixo sem dúvida alguma. Parem pra notar, os sinais estão batendo em nossa cara todos os dias.

Baladas recheadas de garotas lindas, com roupas cada vez mais micros e transparentes, danças e poses em closes ginecológicos, chegam sozinhas. E saem sozinhas. Empresários, advogados, engenheiros que estudaram, trabalharam, alcançaram sucesso profissional e, sozinhos.

Tem mulher contratando homem para dançar com elas em bailes, os novíssimos “personal dance”, incrível. E não é só sexo não, se fosse, era resolvido fácil, alguém duvida?

Estamos é com carência de passear de mãos dadas, dar e receber carinho sem necessariamente ter que depois mostrar performances dignas de um atleta olímpico, fazer um jantar pra quem você gosta e depois saber que vão “apenas” dormir abraçados, sabe, essas coisas simples que perdemos nessa marcha de uma evolução cega.

Arnaldo Jabor

Texto 2

A TV vai se tornando o gênio da lâmpada. Ela instaura a nova ordem: tudo há de circular pelos chips, nada será autorizado fora deles. A utopia tecnológica vem, assim, em forma de tirania envolvente. Vai monitorar até os fios de cabelo que se perderem no ralo da pia – e vai angariar o apoio excitado dos telespectadores, que piscam os olhinhos para os lampejos futuristas. Mariposas em volta da lâmpada. [...] A TV interativa, do presente e do futuro, existe para seduzir o consumidor – e para silenciar o cidadão. Essa é sua lógica central.

Eugênio Bucci. O tolo interativo. (In FARACCO e TEZZA, 2003, p. 231)

Texto 3

Preconceito, nunca. Temos apenas opiniões bem definidas sobre as coisas. Preconceito é o outro que tem...

Mas, por falar nisso, já observou o leitor como temos o fácil hábito de generalizar (e prova disso é a generalização acima) sobre tudo e todos? Falamos sobre "as mulheres", a partir de experiências pessoais; conhecemos "os políticos", após acompanhar a carreira de dois ou três; sabemos tudo sobre os "militares" porque o síndico do nosso prédio é um sargento aposentado; discorremos sobre homossexuais (bando de sem-vergonhas), mulçumanos (genticinha atrasada), sogras (feliz foi Adão, que não tinha sogra nem caminhão), advogados (todos ladrões), professores (pobres coitados), palmeirense (palmeirense é aquele que não tem classe para ser são-paulino nem coragem para ser corintiano), motorista de caminhão (grossos), peões de obras (ignorantes), sócios do paulistano (metidos a besta), dançarinos (veados), enfim, sobre tudo. Mas discorremos de maneira especial sobre raças e nacionalidades e, por extensão, sobre atributos inerentes a pessoas nascidas em determinados Estados. [...]

O mecanismo funciona mais ou menos assim: estabelecemos uma expectativa de comportamento coletivo (nacional, regional, racial), mesmo sem conhecermos, pessoalmente, muitos ou mesmo nenhum membro do grupo sobre o qual pontificamos.

Jaime Pinski, O preconceito nosso de cada dia (In: FARACCO e TEZZA, 2003, p. 265/266)

Um passo a mais



Um bom material de estudo é o livro *Oficina de texto*, de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Nesse livro você encontra diferentes gêneros e diferentes sequências textuais além de ótimos exercícios de produção de textos, confira!

Já sei!



Nesta aula introduzimos a noção de sequência argumentativa. Estudamos alguns exemplos e vimos rapidamente a estrutura básica dos textos dessa sequência.

Autoavaliação



Observe as imagens abaixo. Uma é a obra "O pensador", de Rodin, a outra é a tela "Moças Peneirando o Trigo" de Gustave Coubert. Sobre as imagens responda:

- ▶ Qual das duas representa a argumentação?
- ▶ Escolha uma das duas imagens e elabore um texto predominantemente argumentativo observando a sua estrutura básica.

Fig. 04

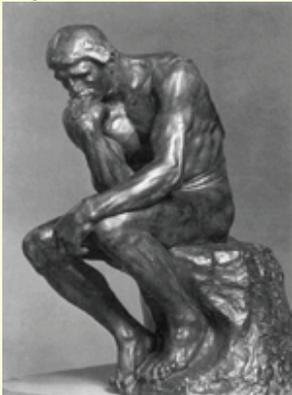


Fig. 05



Referências

BRONCKART, J. M. Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo, 2003. p. 225.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. Oficina de Texto. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEY, Jacob L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. In: DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. v.14 n.2. São Paulo, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200003&lng=pt&nrm=iso Acesso: 29/07/08.

PLATÃO, J. Luiz & FIORIN, F. Savioli. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1998.

SEQÜÊNCIA argumentativa. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a05v18n3.pdf> >. Acesso em: 08/ 07/ 2006.



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rosiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante

Aula

12

**Sequência argumentativa:
Recursos e problemas**



Sequência Argumentativa: Recursos e Problemas

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior você conheceu o que é uma sequência argumentativa e a estrutura de um texto argumentativo. Percebeu que esta sequência está presente nos discursos que visam convencer, persuadir, opinar, ou seja, a subjetividade do autor é expressa de forma predominante. O leitor mobilizará, por sua vez, algumas estratégias de leitura e conhecimentos para compreender o que o autor defende, concorda ou discorda. Enquanto autores, produtores de sequências argumentativas,

devemos nos colocar no lugar dos possíveis leitores e refletir quanto à consistência de nossos argumentos. Nesta aula, vamos ajudar você, pois mostraremos alguns recursos necessários para a produção de sequências argumentativas e os problemas mais comuns deste tipo de texto. Vamos conhecê-los?

Objetivos:

- ▶ Conhecer e utilizar os recursos necessários para a produção de textos argumentativos;
- ▶ Identificar os problemas presentes nesta sequência.



Fig. 01



Para começar



Fig. 02

Pra não dizer que não falei das flores

Geraldo Vandré
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção...
Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer... (2x)
Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando,
indecisos cordões
ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão

E acreditam nas flores
Vencendo o canhão...

Fontes:
Texto Disponível em:
<http://letras.terra.com.br/geraldo-vandre/46168/>

O texto acima é fragmento de uma canção de Geraldo Vandré, composta no período da ditadura militar no Brasil, momento em que a censura cerceou o direito à liberdade de expressão. Porém, usando recursos retóricos, Vandré consegue atingir o povo com a sua intenção: despertar a consciência de que é preciso lutar para construir um Brasil justo e democrático. Para defender sua ideia o autor utilizou figuras de linguagem, ou seja, recursos argumentativos próprios deste gênero. Nos versos *Ainda fazem da Flor seu mais forte refrão/ e acreditam nas Flores/vencendo o canhão...* a metáfora da Flor mostra a força de uma atitude de persistência e expressão de ideias apesar da censura.

Esta canção, que assume a característica de canção de protesto, era uma espécie de aviso aos militares sobre a censura da época. Essa é uma canção de cunho político e o próprio autor confessa que sua intenção era chamar a atenção dos militares.

Por qual razão a música de Geraldo Vandré atingiu tantas pessoas e é mundialmente conhecida, representando a reação à ditadura militar no Brasil? Por que incomodou tanto os militares? Por que, até hoje, é utilizada em muitos movimentos políticos? Não seria pelos recursos utilizados na construção da argumentação?

Embora o texto acima não seja predominantemente argumentativo, a canção utiliza alguns recursos desta sequência. É o que vamos estudar agora...



1. Recursos para a construção do texto argumentativo



Fig. 03

Em nosso cotidiano fazemos uso constante da argumentação nas mais diversas manifestações discursivas: na publicidade, no comércio, nas relações pessoais, no trabalho, nas aulas, em conversas sobre futebol, religião, ética, política, entre outros.

O conhecimento dos mecanismos construtores da argumentação nos ajuda a formular nossos pontos de vistas, elaborar e expor melhor nossas ideias, assumindo, de forma consciente, nosso posicionamento em relação a um determinado tema que venha a ser discutido em nossa vida acadêmica, profissional e pessoal.

A priori, todo texto é argumentativo se pensarmos que ele tem, por trás dele, um produtor que tenta persuadir o seu leitor/ouvinte a crer naquilo que o seu texto diz e a agir de acordo com aquilo que ele propõe. Podemos dizer, então, que o texto argumentativo é aquele que, através de argumentos, tenta convencer o leitor/ouvinte daquilo que ele está afirmando ou negando.

Para atingir o objetivo de convencer o outro, apresentamos argumentos, dados, opiniões de autores renomados, exemplos, imagens e figuras, a fim de defender uma determinada ideia ou questionar um determinado assunto.

Vale salientar que chamamos de **argumento** a todo procedimento linguístico que tenha a função de persuadir, de fazer o ouvinte/leitor aceitar o que lhe foi dito, de levá-lo a crer no que foi comunicado e a fazer o que lhe foi proposto.

Um bom texto, seja ele mais argumentativo ou menos argumentativo, deve ter uma unidade temática. Ele não deve vir cheio de informações desnecessárias, deve ter uma tese e, nesse caso, através de argumentos, a defesa que caminhe rumo a uma conclusão.

1.1 Alguns recursos de argumentação

- ▶ **Procedimento linguístico** – são procedimentos que têm a função de persuadir, de fazer o ouvinte/leitor aceitar o que lhe foi dito, de levá-lo a crer no que foi comunicado e a fazer o que lhe foi proposto.

Exemplo 1:



Fig. 04

- ▶ **Coerência argumentativa** – são as relações ou implicações adequadas que se estabelecem entre as ideias expostas no texto. Ou seja, entre as afirmações explícitas e o que elas deixam implícito e as conclusões a que se deseja chegar.

Exemplo 2:



Fig. 05

Observe como no anúncio acima há uma íntima relação entre os elementos do texto. O anunciante quer convencer o ouvinte de que ele terá sua audição bem tratada em alguma programação sobre a qual também quer manter alguma expectativa.

O texto se utiliza, portanto, da palavra ouvido para ser associada, metonimicamente¹, à imagem da orelha. Assim, todo o ouvinte é substituído pela orelha que surge e a integração entre a imagem e o texto levam o leitor a pensar, a deduzir, a qualidade auditiva daquele evento que o anúncio promete.

- ▶ **Citação de autoridade** – são as citações de autores renomados ou autoridades num certo domínio de saber. Quando um texto apoia-se, direta ou indiretamente, em outros textos que tratam do mesmo tema, ele ganha mais confiabilidade.

Exemplo 3:

¹ **Metonímia** – figura de linguagem em que se troca o todo pela parte ou a parte pelo todo. Quando pedimos uma gilete, por exemplo, ao invés de lâmina de barbear (substituindo o objeto pela marca) ou quando dizemos que lemos Machado de Assis e não sua obra.



Foi estabelecido por pesquisadores como Perkins (cf. seu efeito da 'ponta do dedo'; como referência, ver Salomon, 1992), que os efeitos *secundários* da nova tecnologia na consciência humana são, geralmente, muito mais importantes e abrangentes do que os *primários*. O famoso 'exemplo do carro', de Herbert Simon (1982), ilustra esse fato: tendo sido originalmente inventados para proporcionar às pessoas maior mobilidade, e tendo funcionado inicialmente dessa maneira (os efeitos *primários*), os automóveis se tornaram, rapidamente, em instrumentos de ambições e desejos humanos totalmente diversos: um brinquedo prestigioso e caro, um segundo lar de rodas, um instrumento para definir as pessoas frente aos colegas e aos vizinhos e mesmo um quarto de dormir extra, um lugar para as 'transas' dos adolescentes (os efeitos *secundários*; cf. Salomon 1992).

(MEY, 1998)

Observe que o trecho 3, no primeiro trecho em negrito, faz referência às pesquisas feitas por outras pessoas que não o autor, (Perkins e Salomon) e que funcionam como apoio para as ideias trabalhadas e para os argumentos a serem desenvolvidos pelo autor do texto.

- ▶ **Exemplificação (ilustração ou prova)** – são os fatos que comprovam as afirmações feitas, podem se basear em exemplos concretos, comprovados e adequados ao texto ou ainda tabelas, gráficos, fotos ou ilustrações que venham a dar sustentabilidade ao que estamos afirmando.

Ainda no exemplo 3 o segundo trecho em negrito introduz um exemplo para ilustrar os argumentos presentes no texto. O autor, que está tratando da diferença entre os conceitos teóricos **efeito primário** e **efeito secundário**, recorre ao exemplo de um carro que teve um efeito primário (ser um veículo), mas que gerou uma série de efeitos secundários (brinquedo, hobby, indicador de status, etc).

- ▶ **Refutação de ideias contrárias** - principalmente quando tratamos de temas polêmicos, não podemos fazer de conta que não existem opiniões opostas àquelas que defendemos. Ao contrário, devemos expor com clareza as opiniões opostas conhecidas e rebatê-las com argumentos sólidos.

Exemplo 4:

Um dos temas mais áridos da era digital é a escrita. Ou seja, a influência da internet na forma de ler e de escrever. **Há quem diga que a língua está sendo assassinada. No entanto, antes de culpar totalmente a rede por isso, pode-se ver essa transformação sob outro ângulo.** A internet pode, também, propiciar muita leitura, assim como a publicação de textos de escritores que jamais teriam acesso à publicação em tempos mais antigos.

Texto elaborado para esta aula

Observe que no trecho negritado do exemplo 4, o autor usa de um recurso para cortar possíveis contra-argumentações para suas ideias. Ou seja, ele se antepõe ao leitor que provavelmente pode afirmar que a internet está assassinando o idioma e pede que esse leitor observe o mesmo tema, a escrita na rede, sob outro ângulo, levando, então, esse leitor a pensar como a internet propicia mais leitura às pessoas hoje e mais acesso à publicação de seus textos. Esse recurso acaba levando o leitor a ficar mais propenso a aceitar como verdade os argumentos do autor.

- ▶ **Argumento baseado no consenso** - São proposições evidentes por si ou universalmente aceitas.

Exemplo 5: As crianças precisam da proteção dos pais.

Esse é um argumento com o qual a grande maioria das pessoas concorda, é um consenso, porque pode, inclusive, ser comprovado sob vários aspectos: sociais, educacionais, biológicos, etc.

- ▶ **Argumento da competência linguística** – A variante



linguística usada, o vocabulário e outros recursos linguísticos precisam ser adequados à situação comunicativa para o qual o texto é elaborado. Para haver comunicação e, portanto, convencimento, no caso de um texto argumentativo, é preciso que seu interlocutor compreenda o que você quer dizer e, para isso, é preciso usar não só a língua da maneira mais clara e precisa possível, como usá-la de forma adequada à pessoa, ou pessoas, com quem você for interagir. Isso implica em dizer que, ao falar com uma criança você vai utilizar uma produção textual adaptada ao conhecimento de mundo daquela criança, por exemplo, e não o mesmo tipo de argumento que você usaria com uma pessoa adulta.

Mas não imagine que, depois dos estudos sobre o assunto, você vai sentar diante de um computador ou pegar uma folha de papel e produzir um texto pronto, acabado, sem defeitos. A escritura necessita de prática e disponibilidade. Além disso, existe um processo anterior a tudo isso que é o envolvimento com o que escrevemos. Observe os textos argumentativos que circulam em seu cotidiano e até no meio acadêmico. Geralmente, os autores optaram por temas com os quais têm familiaridade não é mesmo? Mesmo assim, como um texto nunca é definitivo, as sequências argumentativas podem apresentar alguns problemas que devemos conhecer para tentar evitá-los.



Mãos à obra

1. Identifique, nos textos a seguir, os recursos argumentativos utilizados.

1. Identifique, nos textos a seguir, os recursos argumentativos utilizados.

Texto 1



Fig. 06

Texto 2

A situação de desigualdade social, política e econômica encontrada no Brasil tem influência direta na dinâmica familiar e no aumento do número de crianças e adolescentes em situação de risco social e pessoal (GONTIJO & MEDEIROS, 2004).

De acordo com Bandeira et al. (1996) apud Hutz e Koller (1997):

De acordo com Bandeira et al. (1996) apud Hutz e Koller (1997):

[...] Uma criança é considerada em situação de risco quando seu desenvolvimento não ocorre de acordo com o esperado para sua faixa etária de acordo com os parâmetros de sua cultura. Podendo este ser de aspecto físico (doenças genéticas ou adquiridas, prematuridade, problemas de

nutrição, entre outros), social (exposição à ambiente violento, drogas) ou psicológico (efeitos de abuso, negligência ou exploração).

Desta forma, os objetivos propostos foram identificar as publicações que correlacionam família, risco social e desenvolvimento emocional da criança e apontar as principais reflexões e contribuições do Terapeuta Ocupacional nesta temática.

(SOZO, PASSERINI, 2008, p. 2)

Atenção!



Não devemos esquecer que o sentido do texto é construído na relação autor-texto-leitor, portanto, a consistência de uma argumentação também está relacionada aos conhecimentos mobilizados pelo leitor. Se o mesmo não apresenta conhecimentos de mundo ou enciclopédicos sobre o assunto, por exemplo, corre o risco de aceitar facilmente os argumentos ou não compreender o texto, tornando-se indiferente à argumentação.



Mãos a obra

1. Leia o texto a seguir, e identifique, entre os textos sublinhados e numerados a tese e as passagens em que você reconhece o uso de recursos argumentativos, depois indique, a partir da numeração feita, que recurso foi utilizado.

Os Efeitos De Uma Pausa

(1)A cidade alemã de Vechta instituiu um período de vinte minutos diários para que seus habitantes possam fazer uma pausa e tirar um cochilo. (2)Na Espanha, surgiram trailers especializados em acomodar os trabalhadores para a *siesta* vespertina. A tradição vinha perdendo popularidade por dois motivos: as empresas espanholas passaram a demandar jornadas mais longas e os engarrafamentos tornaram os traslados mais demorados. (3)Ao propiciarem tempo para uma pausa, Espanha e Alemanha estão colhendo benefícios concretos. Em Vechta, por exemplo, a prefeitura relata que o rendimento dos funcionários públicos aumentou. (4)Essa constatação está de acordo com uma pesquisa feita pela Nasa, a empresa aeroespacial americana. Segundo o estudo, um cochilo diário resulta em um aumento de produtividade de 34%.

(5)O médico Carl Hunt, do Centro Nacional de Estudos sobre Desordens do Sono, nos Estados Unidos, ensina duas regras básicas para que o cochilo tenha resultado:

1. O melhor horário para a pausa é entre 1 e 2 e meia da tarde. A razão é que esta é a hora em que o organismo sofre uma natural baixa de atividade. A sensação de descanso, portanto, aumenta.
2. Sua duração deve ser de quinze minutos a uma hora. Menos que isso não há efeito nenhum. Ir além de uma hora pode prejudicar o sono noturno.

(Veja, 21 de fev. 2005, p.149).



Os recursos argumentativos aqui apresentados nos fornecem uma visão geral sobre o assunto, porém, devemos levar em conta que cada gênero irá apresentar recursos próprios, assim, a propaganda apresentará recursos argumentativos diferentes de um texto de opinião, por exemplo. Para saber mais sobre o assunto, veja o texto A Seleção Lexical e a Estruturação do Texto, de Maria Aparecida Lino. O trabalho analisa as estratégias de correferenciação e reformulação presentes em textos de opinião publicados na mídia impressa.

Disponível no site:
<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/10/08.htm>

Já sei!



Nesta aula, conhecemos alguns recursos necessários para a produção de sequências argumentativas e os problemas mais comuns deste tipo de texto. Vimos que esta sequência está presente em nosso cotidiano através dos mais variados gêneros, conhecer os seus recursos é uma forma de produzirmos melhores textos com a finalidade de defender nossas ideias.



Autoavaliação

1. Escolha um dos temas a seguir e elabore um texto argumentativo defendendo a sua opinião, utilizando os recursos apresentados na aula. Não esqueça que para escrever sobre um determinado assunto é bom, primeiro, ler e se informar acerca dele.

TEMAS SUGERIDOS

- ▶ A globalização vem destruindo as culturas locais.
 - ▶ Os melhores produtos da agro-indústria nacional são destinados à exportação.
 - ▶ A ditadura da beleza e os consumidores: uma relação de amor e ódio.
 - ▶ Não há mais privacidade depois do advento da internet.
2. Identifique marcas de argumentação presentes na canção abaixo, gravada na terceira fase da ditadura militar no Brasil. Período em que os estudantes ganham as ruas com suas passeatas. É a longa caminhada da esperança que culmina com os grandes comícios pelas DIRETAS – JÁ.

Coração de Estudante

Milton Nascimento

Composição:

Wagner Tiso / Milton Nascimento

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude



É o nome certo desse amor
Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora, cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê
Flor flor o o e fruto
Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração,
Juventude e fé.

Disponível em:
<http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/47421/>



Referências

BRONCKART, J. M. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo, 2003. p. 225.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. **Oficina de Texto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEY, Jacob L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. In: DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. v.14 n.2. São Paulo, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200003&lng=pt&nrm=iso Acesso: 29/07/08.

PLATÃO, J. Luiz & FIORIN, F. Savioli. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1998.

SEQÜÊNCIA argumentativa. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a05v18n3.pdf> >. Acesso em: 08/ 07/ 2006.

PASSERINI, J.; SOZO, M.H. A influência da família no desenvolvimento emocional de crianças sob situação de risco: um olhar da Terapia Ocupacional. Universidade Católica de Goiás, 2008.

Ilustrações

Figura 01 - http://2.bp.blogspot.com/_2oChXS52fhc/R-xLtXbaLhI/AAAAAAAAAUg/czeUlt_tlx0/s320/129_2522-advogado-pq%5B1%5D.JPG

Figura 02 - <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/amelinha/1968.jpg>

Figura 03 - http://portal.rpc.com.br/midia_tmp/600--21-GAZ-ilustrap3-escrever.jpg

Figura 04 - <http://media.photobucket.com/image/argumenta%25C3%25A7%25C3%25A3o/blogdebereia/dente-de-ouro-1.jpg>

Figura 05 - <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:TtUj44h-0UQ1DM:http://publicidade20071.files.wordpress.com/2007/11/propaganda-radio1.jpg>

Figura 06 - <http://felipesouzarodrigues.files.wordpress.com/2009/07/charges-002.jpg>



Figura 07 - http://www.institutodeturismo.org/executive_education/images/_livro.jpg

Figura 08 - <http://tbn0.google.com/images?q=tbn:i6YK08sJAVNKxM>
:<http://paginas.fe.up.pt/~ei04100/fotos/malandro.JPG>



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante



Aula
13
Progressão e ordenação do discurso

Apresentação e Objetivos



Fig. 01



Até agora temos estudado a estrutura da nossa língua sempre sob a perspectiva de que somos constantemente produtores e leitores de textos. Por isso, desde o início, tratamos de conceituar texto, de demonstrar quais as competências necessárias para sua leitura e produção, como podemos fazer uso de recursos coesivos de forma a organizarmos melhor a estrutura e a sintaxe de nossos textos, como podemos detectar falhas no sentido desses textos que utilizamos diariamente em nosso processo comunicativo e, também, as diferentes formas de organizá-los de acordo com os objetivos a serem atingidos. Damos seguimento a essas questões, agora, falando um pouco sobre os recursos que nos são úteis na hora de acrescentarmos novas ideias aos nossos textos, ou reforçarmos aquilo que já havíamos dito antes.

Objetivos

- ▶ Conhecer as formas de organização e progressão do discurso.
- ▶ Entender as operações retrospectivas (correferenciação, paráfrase e reiteração) e as operações prospectivas.



Para Começar

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

Fig. 02



No meio do caminho, Carlos Drummond de Andrade

O poema acima parece um tanto repetitivo para você? Observe bem. Veja como o autor, apesar de repetir o mesmo enunciado, recorta-o levando o leitor a observá-lo sob diferentes perspectivas. O que seria essa pedra tão reiterada por Drummond? Por que ele nunca a esqueceu e ela marcou de forma tão veemente a sua vida, ou, como ele afirma, suas “retinas fatigadas”?

Nesta aula nós vamos discutir um pouco como podemos organizar o nosso discurso de forma a fazê-lo progredir, sem se tornar cansativo, redundante ou impreciso para o leitor. O poema No meio do caminho, de Drummond, é um exemplo interessante de como podemos dizer coisas diferentes através da repetição de uma ideia.



1. Organização E Progressão Do Discurso

Ao construirmos o nosso discurso utilizamos uma série de recursos para organizarmos as informações. Uma das maneiras de processarmos as informações no texto é através dos movimentos de retrospectiva, isto é, de recuos e recuperação do que já foi dito, e de prospecção, que são os avanços operados com o fornecimento de conteúdo novo. Esses movimentos se constroem, basicamente, por meio do vocabulário (palavras) e da gramática (as combinações morfossintáticas), ou seja, através dos mecanismos de coesão textual.

Fig. 03



No entanto, apenas conhecer as regras de coesão textual não é suficiente. O discurso precisa ser alimentado com informações novas e pertinentes àquele contexto de comunicação específico.

1.1 Progressão do Discurso

Não há dúvida de que a quantidade e a qualidade das informações dadas em um texto têm valor significativo na constituição do discurso e consequências para a interação comunicativa.

Para alcançarmos sucesso no processo comunicativo, precisamos estar atentos aos princípios de:

a) Quantidade: devemos evitar dizer mais ou menos do que é necessário. Em outras palavras, devemos fornecer informação na medida certa, que satisfaça o interlocutor e que esteja adequada ao seu nível de compreensão.

b) Relevância: está vinculado ao anterior, lembrando que não devemos colocar no texto informação que não contribua significativamente para aquela situação comunicativa específica. Quer

dizer, é preciso informar apenas o que for importante e adequado naquele contexto de interação.

Portanto, considerando-se esses princípios, evitamos tanto o excesso quanto a deficiência de informações, bem como a presença de conteúdos impróprios e sem importância para o assunto em pauta.

Agora, atentos a essas questões em torno da quantidade/qualidade informativa do texto, queremos lembrar que o texto não é feito apenas de novidades, no sentido de só haver conteúdos emergentes e jamais repetidos. Conforme já assinalamos, ele se constitui, ao mesmo tempo, de operações retroativas e prospectivas. Mas, o que vem a ser isso? Vamos agora detalhar essas noções um pouco mais.

2. Operações Retroativas

As operações retroativas, que podem ser classificadas como correferenciação, paráfrase e reiteração, como o próprio nome já diz, retomam algo que já foi dito, ou seja, referem-se à conservação (ou repetição) de informações dadas.

2.1 Remissão co-referencial

Vejam uma dessas operações, a remissão co-referencial. Através da remissão todas as ideias de um texto referem-se a um determinado tema sobre o qual ele está falando, não é mesmo? A esse tema chamamos de referente. A remissão é, portanto, a retomada do referente sobre o qual se fala. Essa remissão pode ser do mesmo referente, de parte dele ou de algo relacionado a ele. Esse tipo de recurso não só indica que se continua falando sobre o mesmo tópico, mas também serve como suporte para a renovação informativa acerca desse tópico. Nós já observamos como isso pode ser feito ao discutirmos coesão referencial, em aula anterior. Observe isso no texto expresso no Exemplo 1:

Exemplo 1

As ciladas do e-mail mal-escrito

Pega mal, e muito, enviar um e-mail mal-escrito. Nos Estados Unidos, uma pesquisa do Information Mapping revelou que 40% dos entrevistados perdem até meia hora diária lendo mensagens eletrônicas escritas de forma desleixada e pouco eficiente. Segundo o estudo, 80% dos que trabalham em escritórios americanos acreditam que a habilidade de escrever com correção é importantíssima para o desempenho no trabalho. Afinal, pelo menos 63% dos entrevistados daquele país passam até três horas diárias enviando mensagens pelo computador.

(LÍNGUA. 1(2). out./nov. 2005. p. 10).

Nesse texto o referente "e-mail" é retomado através dos termos "mensagens eletrônicas" e "mensagens pelo computador". Qualifica-se esse referente utilizando-se do atributo "mal-escrito", que é repetido como "escritas de forma desleixada e pouco eficiente". Já o substantivo "Estados Unidos" reaparece nas formas "americanos" e "daquele país". E, por fim, o termo "uma pesquisa" é correferido como "o estudo". Tudo isso gira em torno do tema "e-mail mal-escrito", mas enunciado do texto traz um novo dado acerca dessa questão.

Um detalhe interessante sobre essas operações de retroação ao já referido é que, mesmo nas repetições, há espaço para a constante renovação. Quer dizer, retoma-se o velho e igual, mas com nova e diferente "roupagem".

2.2 Paráfrase

Também é possível fazer essa retomada de termos anteriores de forma diferente, ou seja, sem necessariamente retomar um referente, mas dizendo de outra forma algo que já foi dito, através de paráfrases.

As paráfrases mais comuns são a conceituação e a explicação (ou esclarecimentos) de um determinado tópico cuja noção precisa ser melhor explicitada. A primeira segue, mais ou menos, a fórmula "X é Y"; a segunda, em geral, vem precedida de expressões como "ou seja", "isto é", "quer dizer", "significa que", "em outras palavras" e similares. Essa estratégia é bastante recorrente, por exemplo, nos livros didáticos, em aulas expositivas, nos textos acadêmicos/científicos, entre outros, os quais, em geral, requerem precisão e clareza no tratamento temático.

Exemplo 2

O que é comércio?

Comércio é a troca de produtos. Antigamente, as trocas eram feitas por produtos de valor desconhecido e cada um valorizava seu produto. Hoje, a troca é feita de forma indireta, uma pessoa troca o dinheiro pelo produto que deseja. A invenção do dinheiro contribuiu para a simplificação e promoção do desenvolvimento do comércio.

Fig. 04



O comércio pode estar relacionado com a economia formal, isto é, o comércio pode implicar hoje à necessidade de se ter uma firma registrada dentro da lei, uma firma que pague impostos. Ou pode estar relacionado à economia informal, ou seja, a firmas sem registros, isto é, aquelas que não pagam impostos. O comércio informal traz prejuízos ao

país, pois clonam qualquer tipo de produto para a venda mais barata e isso resulta em altíssimos prejuízos.

Texto adaptado para esta atividade

Observe que no texto do exemplo 2 as expressões **isto é** e **ou seja**, com destaque em negrito, introduzem explicações sobre os termos sublinhados, essas explicações dizem, em palavras mais compreensíveis o que o leitor deve compreender sobre as expressões sublinhadas. São paráfrases.

Já no caso da paráfrase explicativa, é preciso cuidado para não cair na circularidade de raciocínio. Queremos dizer com isso que se deve evitar reproduzir com outras palavras o que já foi informado anteriormente, repetindo inutilmente o óbvio. A relevância desses recursos no texto reside no fato de esclarecer para o interlocutor informações que ele provavelmente desconhece ou das quais possui pouca noção. Assim, é como se o locutor se antecipasse à necessidade informativa do outro, preenchendo de antemão as possíveis lacunas de seu conhecimento e lhe satisfazendo a curiosidade de saber. Observe isso no Exemplo 3, a seguir.

Exemplo 3

Carbonato de cálcio – CaCO_3

O CaCO_3 é um dos sais mais espalhados na crosta terrestre. Existem muitos terrenos calcários, isto é, ricos em CaCO_3 . O mármore é uma variedade natural desse mineral.

CARVALHO, G. C. de. Química moderna. São Paulo: Scipione, 1997. p. 153).

Note que, nesse texto, temos algumas formas de repetição parafrástica: a primeira está logo no título, através da reescrita de "Carbonato de cálcio", que é simplificado na sigla " CaCO_3 "; a outra paráfrase se encontra na definição do que significa essa referência – "um

dos sais" –; por fim, o esclarecimento acerca dos "terrenos calcários" na observação "ricos em CaCo₃", introduzida pelo "isto é".

2.3 Repetição enfática

É muito frequente, também, a utilização da repetição em nossos processos comunicativos. A repetição consiste exatamente no reforço do referente e é feita com o objetivo de dar ênfase àquilo que se fala. No texto literário e até no jornalístico ela é muito utilizada como recurso estilístico. Trata-se da reiteração de palavras/expressões, utilizadas como realce e/ou intensificação de uma ideia e da recorrência de determinadas construções linguísticas, em geral, com o fim de conferir reforço a um dado argumento.

Repare nos exemplos 4 e 5, a seguir:

Exemplo 4:

Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

(ANDRADE, C. D. de. Literatura comentada. São Paulo, Abril Educação, 1980. p. 18)

Exemplo 5:

“... Tudo foi dado a eles: o sacrifício de direitos, o sacrifício de milhões de empregos, o sacrifício de incontáveis empresas brasileiras, o sacrifício da legitimidade do congresso, o sacrifício do patrimônio nacional, o sacrifício da Constituição. E eles quebraram o país... liberando o valor do dólar em relação ao real. Ou seja, desvalorizando ainda mais o real...”

(FREITAS. J. de. Folha de S. Paulo. 17/02/1998)

Perceba que, no Exemplo 4, a repetição de “mundo”, longe de ser uma redundância desnecessária, é, na verdade, um realce estético e uma ênfase semântica, em que o poeta ressalta o contraste entre ele e o “mundo”. No segundo texto, Exemplo 5, a recorrência insistente de “o sacrifício” funciona como suporte para apresentar novas informações de caráter argumentativo.



Os referentes já existentes podem ser, segundo Koch (2008), modificados ou expandidos de modo que, durante o processo de compreensão, vai-se criando na memória do leitor ou do ouvinte de um texto uma representação complexa, pois são acrescentadas, sucessivamente, novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente.

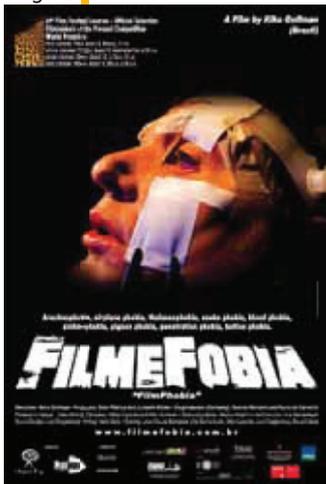


1. Vamos treinar um pouco a correferenciação? Leia o texto a seguir e reescreva-o, substituindo os termos repetidos sempre que possível por outros termos adequados. Se for necessário, faça adaptações nos enunciados.

Cineasta convive com injeções no olho em filme e na vida real

“FilmeFobia” é o nome da obra recém-produzida em que o cineasta Jean-Claude Bernardet interpreta um personagem que está ficando cego e o personagem recebe injeções nos olhos. A cena se repete na vida do Jean-Claude Bernardet naturalizado brasileiro, que há três anos tem degeneração macular no olho esquerdo.

Fig. 05



Na obra do cineasta Kiko Goifman --ainda não lançada, o personagem de Jean-Claude Bernardet é algo próximo a ele mesmo. Trata-se de um personagem “fronteiriço” do gênero autoficção. Por isso, a semelhança com o problema de visão que faz que Jean-Claude Bernardet tenha que tomar injeções no olho esquerdo desde 2005.

“Após ficar com a maculopatia em 2005, comecei a tomar injeções que duravam cerca de dois meses. Depois, a visão começava a falhar, escurecer. Algumas vezes, isso ocorria de forma rápida. Agora o tratamento está conseguindo estabilizar melhor a doença. Já faz seis meses desde a última injeção que eu tomei”, conta.

Segundo o oftalmologista Rubens Belfort, muitos pacientes precisam de três aplicações, mas outros pacientes ainda têm que tratar por mais tempo, como Jean-Claude Bernardet, que já recebeu 11 injeções.

Os problemas de visão são uma constante na vida de Jean-

Claude Bernardet desde 1995, quando sofreu um derrame na mácula do olho direito, danificando sua visão. Uma década depois, Jean-Claude Bernardet percebeu que o outro olho também estava com problema.

“Estava em um restaurante e o garçom trouxe o cardápio. Perguntei se ele não traria uma lanterninha para que eu pudesse ler. Estava com uma amiga que disse que podia ler normalmente. Foi aí que me dei conta de que a luz não estava mais fraca, mas sim que havia acontecido algo com minha visão.”

Os problemas porém, não puderam parar a produção artística de Jean-Claude Bernardet. Desde 1999, participou em pelo menos quatro produções. É o caso de “Carrego Comigo” (como assistente de direção em 2000) e Sobre Anos 60 (como diretor, em 1999). Além disso, Jean-Claude Bernardet publicou livros como Caminhos de Kiarostami, em 2005 (Cia. das Letras).

Jean-Claude Bernardet veio ao Brasil aos 13 anos. Jean-Claude Bernardet é diplomado pela “École des Hautes Études” de Paris em Ciências Sociais e doutor em artes pela ECA (Escola de Comunicações e Artes) da USP. Ligado ao Cinema Novo, Jean-Claude Bernardet consagrou-se no meio como um dos roteiristas dos filmes “O Caso dos Irmãos Naves” de 1967, e “Um Céu de Estrelas”, de 1995.

2. Pesquise um texto poético ou jornalístico que utilize da reiteração como recurso estilístico.
3. Observe o texto abaixo e explique a função da reiteração nele presente.

Por que o fogo queima
Por que a lua é branca
Por que a Terra roda
Por que deitar agora

Por que as cobras matam
Por que o vidro embaça

Por que você se pinta
Por que o tempo passa

Por que que a gente espirra
Por que as unhas crescem
Por que o sangue corre
Por que que a gente morre

Do que é feita a nuvem
Do que é feita a neve
Como é que se escreve
Reveillón

Oito anos, Paula Toller

3. As Operações Prospectivas

Vamos agora para uma outra forma de fazer progredir o nosso discurso. Não mais reescrevendo, reforçando ou remetendo ao que já foi dito, mas apontando para o que será dito. Nós também já vimos um pouco como isso acontece através da coesão referencial, da catáfora, lembra? E também através da coesão sequencial, que permite o avanço do texto através de conectivos e de expressões de tempo e de espaço.

Os movimentos prospectivos, portanto, acontecem de modo contrário aos movimentos retrospectivos, porém, num certo sentido, relaciona-se a eles. As operações prospectivas são responsáveis pela introdução de material novo no texto, viabilizando o avanço comunicativo. Em outras palavras, permitem a renovação informacional, fornecendo dados que têm a ver com o prosseguimento discursivo. É através desse processo que se garante o fluxo permanente de novos conteúdos

pertinentes ao tópico sobre o qual se fala.

É importante lembrar que, nessas operações, os conectores lógicos/ argumentativos, representados por advérbios, conjunções, preposições, locuções adverbiais/conjuntivas/prepositivas e equivalentes desempenham um papel fundamental nos ligamentos necessários ao estabelecimento da sequencialidade e concatenação dos conteúdos. Ainda quanto a isso, é preciso cuidado na utilização desses recursos, a fim de que se mantenham os elos significativos entre as informações dadas.

Confira isso no texto do exemplo 6, a seguir:

Exemplo 6

No nosso olho também ocorre refração?

O olho humano é composto por um sistema de lentes convergentes com funções semelhantes à da máquina fotográfica. As mais importantes são a córnea e o cristalino. Esta última possui a propriedade de mudar sua curvatura, denominada acomodação.

Por volta dos 40 anos de idade, muitas pessoas passam a ter dificuldade para identificar objetos próximos, porque o cristalino torna-se menos flexível, o que dificulta uma acomodação adequada. Esse problema, denominado presbiopia, é corrigido com uma lente convergente. Se uma pessoa sofre apenas de presbiopia, deve utilizar óculos de meia armação ou armação inteira com a parte superior com lentes de vidro de superfícies planas, semelhantes às de uma janela. (...)

(GONÇALVES FILHO, A.; TOSCANO C. Física para o ensino médio. São Paulo: Scipione, 2002. p. 226. (Série Parâmetros).

O texto tem como ponto de partida a resposta à pergunta quanto à ocorrência de refração em nosso olho. Começa, então, o conjunto de informações esclarecendo do que se compõe o olho humano – “por um sistema de lentes convergentes”. E prossegue comparando-o a uma “máquina fotográfica”. Em seguida, informa quais as lentes que desempenham as funções mais importantes: “a córnea e o cristalino”, acrescentando mais uma noção acerca deste último componente. Na segunda parte do texto, os locutores passam a focalizar um problema relacionado à visão. Ancoram esse conteúdo na informação sobre a faixa etária em que isso se dá (“Por volta dos 40 anos de idade”), explicam a causa do problema (“porque o cristalino torna-se menos flexível”) e o denominam (“presbiopia”), mostrando logo depois como corrigi-lo (“com uma lente convergente”). Por fim, completam a sequência informacional procurando orientar a pessoa que sofre de presbiopia.

Nesse texto, podemos perceber claramente os movimentos de retorno e avanço que constituem o processamento discursivo. Algumas evidências desse retorno estão, por exemplo, na construção “As mais importantes”, que recupera “lentes convergentes”; também na expressão “Esta última”, que retoma “cristalino”; ou, ainda, em “Esse problema”, o qual, ao mesmo tempo em que recua de modo remissivo a “dificuldade para identificar objetos próximos”, projeta-se para o termo “presbiopia”, que vem em seguida. As operações de avanço, como você já viu, estão exatamente no fornecimento contínuo de informação nova sobre a refração no olho.

1.1 Ordenação dos Conteúdos Textuais

Nos movimentos de progressão do discurso, um fator de extrema importância é o modo como as informações são dispostas no texto. Isso tem a ver diretamente com a sequencialidade e o encadeamento dos conteúdos comunicados.

Significa que a ordem e a articulação dadas aos enunciados contribuem decisivamente na organização do discurso, com consequências para o cálculo de sentido deste. Informações mal distribuídas e/ou desconectadas resultam num texto de conteúdo disperso e pouco eficaz.

Um dos fenômenos relacionados à falta de conectividade entre os segmentos discursivos é o da atomização. Refere-se à separação estanque

de porções do conteúdo textual, resultando em blocos informativos fechados em si mesmos e, portanto, desarticulados uns dos outros.

Para se ter uma ideia mais exata disso, vejamos o texto do exemplo 7, a seguir:

Exemplo 7

O estudante e a memória

O estudante que deseja adquirir memória para palavras começa do mesmo modo que o estudante da memória para coisas; isto é, ele memoriza lugares para sustentar suas imagens. Mas ele é confrontado com uma tarefa muito mais árdua porque muitos mais lugares serão necessários para memorizar todas as palavras de uma fala do que seriam para suas noções. Assim ele necessita memorizar as coisas para memorizar as palavras e ele memoriza os ambientes e espaços para conseguir associá-los às imagens que geram palavras. Dessa forma é possível memorizar as palavras a partir da memorização das coisas. Portanto, memorizar palavras requer a memorização dos objetos concretos do cotidiano e, assim, sua posterior memorização de palavras.

(Texto elaborado para esta atividade)

Esse texto foi produzido para discutir a memorização como um recurso no processo de aprendizagem de estudantes.

Logo de início, o texto apresenta dois conceitos importantes: a memória das palavras e a memória das coisas. Esses conceitos implicam, aparentemente, em dois tipos de memória que não são (e deveriam ter sido) esclarecidas.

Em seguida, ele relaciona a memória das coisas à memória das palavras afirmando que essas duas memórias são consecutivas, primeiro a memória das coisas, depois a das palavras. Por fim, o texto parte para uma conclusão e, nesse ponto, o problema mais evidente é a redundância, pois o autor repete, através de paráfrase, o que queria concluir, que é, justamente, o fato de que primeiro precisamos memorizar as coisas, depois as palavras.

Portanto, voltamos a insistir que, na sequenciação informativa de um texto, o fornecimento de conteúdos e o modo como estes são distribuídos têm consequências na construção do discurso, de forma que

o texto pode atingir satisfatoriamente o objetivo desejado ou ser mal-sucedido.

Atividade 4

1. Leia o texto a seguir e explique como se dá a progressão textual que passa de uma definição para as formas de prevenção do câncer de pele.

O que é o Câncer da Pele?

O câncer da pele é um tumor formado por células da pele que sofreram uma transformação e multiplicam-se de maneira desordenada e anormal dando origem a um novo tecido (neoplasia). Entre as causas que predispõem ao início desta transformação celular aparece como principal agente a exposição prolongada e repetida à radiação ultravioleta do sol.

O câncer da pele atinge principalmente as pessoas de pele branca, que se queimam com facilidade e nunca se bronzeiam ou se bronzeiam com dificuldade. Cerca de 90% das lesões localizam-se nas áreas da pele que ficam expostas ao sol, o que mostra a importância da exposição solar para o surgimento do tumor. A proteção solar é, portanto, a principal forma de prevenção da doença.



Um passo a mais

Se você quiser compreender ou estudar um pouco mais sobre progressão textual, dê uma olhada no livro Para entender o texto, de Platão e Fiorin, publicado pela Ática. É um livro bastante fácil de encontrar e muito acessível, pois foi elaborado para estudantes do Ensino Médio.

Já sei!



Nesta aula estudamos algumas formas de progressão do discurso. Conhecemos as operações retrospectivas (correferenciação, paráfrase e reiteração) e as operações prospectivas, que fazem avançar o texto através de elementos catafóricos e de conectivos. Vimos como esses recursos nos ajudam a dar seguimento e organizar melhor as nossas ideias, além de contribuir para a nossa perspectiva crítica como leitores.

Autoavaliação



1. Leia os textos a seguir e identifique e responda ao que se pede.

A LÍNGUA DO BRASIL AMANHÃ

Ouvimos com frequência opiniões alarmantes a respeito do futuro da nossa língua. Às vezes se diz que ela vai simplesmente desaparecer, em benefício de outras línguas supostamente expansionistas (em especial o inglês, atual candidato número um a língua universal); ou que vai se misturar com o espanhol, formando o portunhol; ou, simplesmente, que vai se corromper pelo uso da gíria e das formas populares de expressão (do tipo: o casaco que cê ia sair com ele tá rasgado). Aqui pretendo trazer uma opinião mais otimista: a nossa língua, estou convencido, não está em perigo de desaparecimento, muito menos de mistura. Por outro lado (e não é possível agradar a todos), acredito que nossa língua está mudando, e certamente não será a mesma.

O que é que poderia ameaçar a integridade ou a existência da nossa língua? Um dos fatores, frequentemente citado, é a influência do inglês - o mundo de empréstimos que andamos fazendo para nos

expressarmos sobre certos assuntos.

Não se pode negar que o fenômeno existe; o que mais se faz hoje em dia é surfar, deletar ou tratar do marketing. Mas isso não significa o desaparecimento da língua portuguesa. Empréstimos são um fato da vida, e sempre existiram. Hoje pouca gente sabe disso, mas avalanche, alfaiate, tenor e pingue-pongue são palavras de origem estrangeira; hoje já se naturalizaram, e certamente ninguém vê ameaça nelas.

Quero dizer que não há o menor sintoma de que os empréstimos estrangeiros estejam causando lesões na língua portuguesa, ou seja, os empréstimos, ao invés de prejudicar, demonstram como nossa língua está viva; a maioria desses empréstimos, aliás, desaparece em pouco tempo, e os empréstimos que ficam se assimilam. O português, como toda língua, precisa crescer para dar conta das novidades sociais, tecnológicas e culturais; para isso, pode aceitar empréstimos - ravióli, ioga, chucrute, balé – e também pode (e com maior frequência) criar palavras a partir de seus próprios recursos – como computador, ecologia, poluição - ou estender o uso de palavras antigas a novos significados - executivo ou celular, que significam hoje coisas que não significavam há vinte anos.

Mas isso não quer dizer que a língua esteja em perigo. Está só mudando, como sempre mudou, se não ainda estaríamos falando latim. Achar que a mudança da língua é um perigo é como achar que o bebê está em perigo de crescer. A mudança da língua não pode representar uma ameaça. Não estamos em perigo de ver nossa língua submergida pela maré de empréstimos ingleses. Assim, precisamos repensar o fato de que nossa língua pode estar ameaçada por conta dos empréstimos. A língua está aí, inteira: a estrutura gramatical não mudou, a pronúncia é ainda inteiramente nossa, e o vocabulário é mais de 99% de fabricação nacional.

Uma atitude mais construtiva é, pois, reconhecer os fatos, aceitar nossa língua como ela é, e desfrutar dela em toda a sua riqueza, flexibilidade, expressividade e malícia.

(Mário A. Perini. .A língua do Brasil amanhã e outros mistérios..

São Paulo: Parábola Editorial, 2004, pp. 11-24. Adaptado)

1. Identifique a ideia principal do texto.
2. Qual a função dos termos sublinhados no 3º parágrafo?

3. Observe as palavras em negrito no 4º parágrafo, qual é esse recurso?

4. Observe o 5º parágrafo do texto, o que você identifica que poderia ser melhorado para dar mais fluidez ao texto?

5. Qual a conclusão a que o autor chega?

6. Quais os termos e expressões que funcionam como recursos de ligação entre os parágrafos do texto?

Referências



KOCH, Ingedore G. Villaça. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

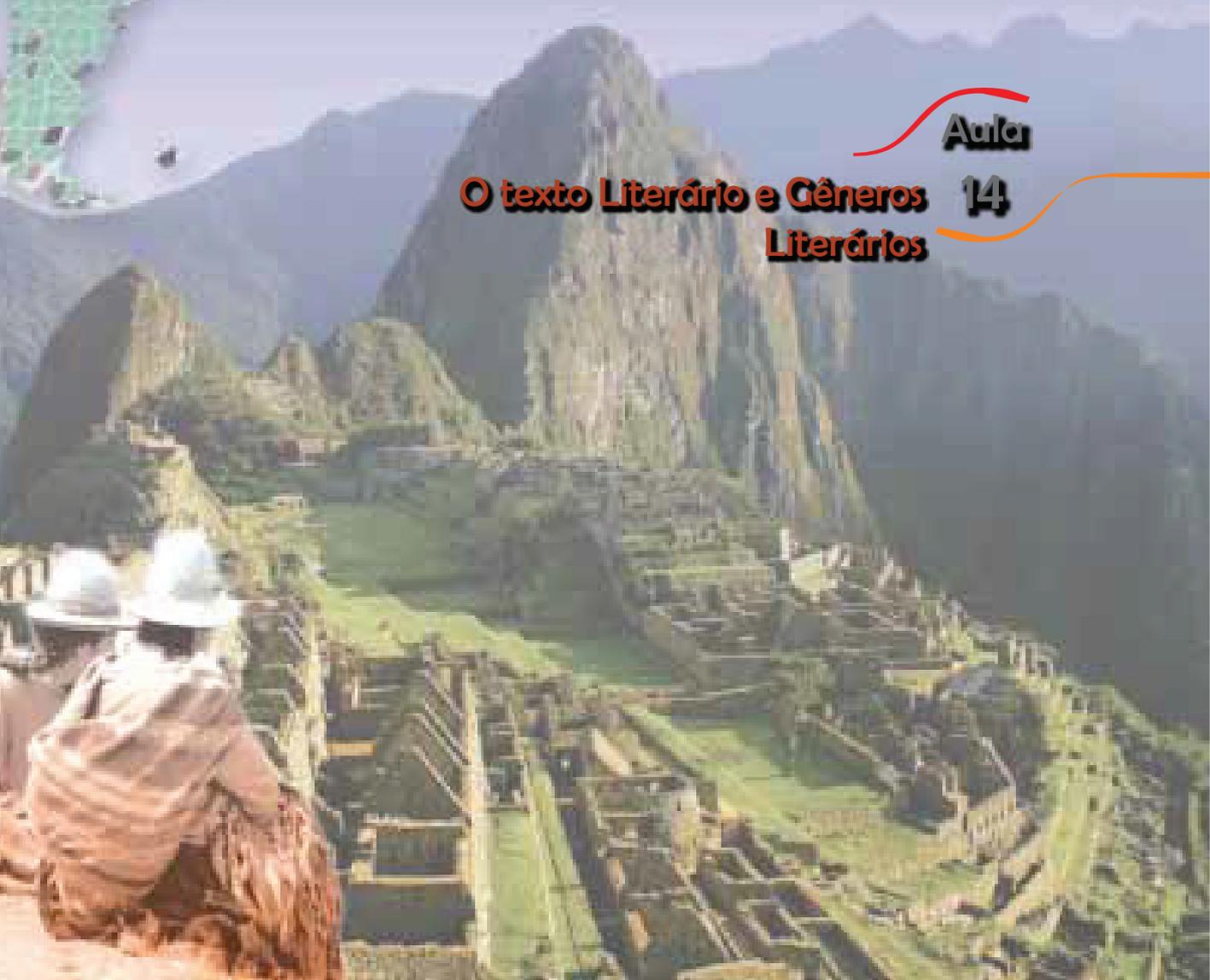
_____. Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante



Aula
O texto Literário e Gêneros Literários **14**

Aula 14

O texto Literário e Gêneros Literários

Apresentação e Objetivos



Fig. 01

Nas aulas anteriores, estudamos conteúdos relacionados às concepções de língua, linguagem, texto, gêneros textuais. Vimos ainda as estratégias de leitura e os conhecimentos mobilizados pelos leitores quando entram em contato com os textos. Outro conteúdo importante é a noção de sequência textual e o conhecimento sobre a estrutura de cada uma delas. Teremos condições de produzir textos adequados que atendam de forma eficaz às necessidades de cada situação comunicativa se soubermos utilizar os recursos que nos são úteis na hora de apresentarmos novas ideias aos textos ou enfatizarmos o que já havíamos apresentado.

A partir desta aula, conheceremos alguns gêneros textuais, especificamente, os literários, e adentraremos neste universo prazeroso e fascinante da literatura.



Para começar



Fig. 02

Observe a figura acima, além da representação da cultura de um povo, existe a expressão individual dos movimentos corporais. Cria-se, numa combinação entre corpo, movimento e música, uma expressão. A dança é uma forma de arte presente em muitas sociedades, como a pintura, a escultura, a música, o teatro. Assim como a arte pode ser criada a partir da linguagem do corpo, podemos elaborá-la com a linguagem escrita ou oral. Literatura é arte. Vamos conhecê-la um pouco mais?



1. Literatura? Pra Quê?

Vivemos um momento de rápidas transformações. O avanço tecnológico diminui as fronteiras da comunicação e nos convida a dialogar de forma mais rápida e pragmática. Neste diálogo, é inerente a absorção da cultura do outro e a perda de uma identidade fixa e rígida por uma identidade plural, caracterizada pela fusão de vários símbolos culturais em muitos sujeitos. Estes símbolos geram modificações profundas de comportamento, um deles, a busca pelo consumo.

A lógica consumista gera a procura do novo e os significados são rapidamente substituídos por outros. Tal fenômeno leva a um esvaziamento simbólico que se manifesta pela ausência de questionamentos sobre a realidade, questionar o nosso modo de vida é um serviço urgente para os nossos dias e necessário à manutenção da nossa expressão subjetiva.

Neste contexto, a leitura pode tornar-se uma atividade meramente funcional, com o objetivo de favorecer determinadas situações comunicativas. Obviamente, esta é uma característica da leitura, entretanto, não é a única.

A leitura também pode nos remeter à subjetividade, sentimentos, emoções... Os textos literários nos despertam para o sensível, característica de todos nós, seres humanos.

Literatura é arte, assim como a música, a pintura e a dança. O artista transpõe nela a reelaboração ou elaboração de determinada experiência ou acontecimento. Como toda arte, também nos oferece a oportunidade de reconstruir o passado histórico e compreender a sociedade, não registra fatos, mas apresenta acontecimentos por meio dos quais é possível compreender o comportamento das pessoas. Neste sentido, a literatura nos remete à sociedade, pela compreensão do contexto histórico e social no momento em que a obra foi produzida e à subjetividade dos indivíduos, através da interpretação das ideias e sentimentos expressos pelos textos.

2. O texto literário

A palavra *Literatura*, etimologicamente falando, deriva da palavra latina *littera*, ae, que significa "letra do alfabeto, caráter da escrita". Em latim, *litteratura*, ae é a ação de traçar as letras. Assumiu depois o significado de escrever com intenção estética.

O texto literário apresenta algumas características como:

- ▶ **Ficcionalidade:** os fatos apresentados nem sempre fazem parte da realidade, muitos deles são marcados pela invenção, fantasia.
- ▶ **Plurissignificação:** que permite que diferentes significados sejam atribuídos pelos leitores nos textos literários
- ▶ **Subjetividade:** a expressão pessoal de experiências, emoções e sentimentos presentes nos textos literários.
- ▶ **Função estética:** uma das principais características do texto literário, por oposição à utilitária do texto não-literário. O artista busca interpretar a realidade a partir da sua visão, o que importa não é a semelhança com o real, mas a interpretação que dele se faz.

Veja o poema abaixo, escrito por encomenda, por Sórora Juana Inês de La Cruz (1648-1695), uma das primeiras poetisas da Nova-Espanha:

Exemplo 01

Que consuela a un celoso epilogando la serie de los amores

Amor empieza por desasosiego,
solicitud, ardores y desvelos;
crece con riesgos, lances y recelos;
susténtase de llantos y de ruego.

Doctrínanle tibiezas y despego,
conserva el ser entre engañosos velos,
hasta que con agravios o con celos
apaga con sus lágrimas su fuego.

Su principio, su medio y fin es éste:
¿pues por qué, Alcino, sientes el desvío
de Celia, que otro tiempo bien te quiso?

¿Qué razón hay de que dolor te cueste?
Pues no te engañó amor, Alcino mío,
sino que llegó el término preciso.

Texto disponível em:
<http://luizfelipecoelho.multiply.com/journal/item/575>

O texto acima apresenta uma visão realista sobre o amor como forma de consolar aquele que foi abandonado, no caso, o Alcino. Esta interpretação da realidade é a **Subjetividade** expressa através do uso da **Função estética**. Por esta mesma razão, por ser a linguagem poética aberta a vários significados, a **Plurissignificação** está presente no poema.

3. Os gêneros literários

A divisão tradicional em três gêneros literários originou-se na Grécia clássica, com Aristóteles, quando a poesia era a forma predominante de literatura. Por nos parecer mais didática, adotamos uma divisão em quatro gêneros literários, desmembrando do épico o gênero **narrativo** (ou, como querem alguns, a ficção), para enquadrar as narrativas em prosa.

- ▶ **Gênero Lírico:** Na Grécia Antiga, os poetas apresentavam as composições que elaboravam com um instrumento musical chamado Lira, do qual deriva a denominação Gênero Lírico. Este gênero ressalta o mundo interior, pois o poeta expressa emoções, sentimentos.

Veja:

Exemplo 2



Fig. 03

Este que vês, engaño colorido

Este que vês, engaño colorido,
que del arte ostentando los primores,
Com falsos silogismos de colores
es cauteloso engaño del sentido;

Éste en quien la lisonja ha pretendido
excusar de los años los horrores,
y venciendo del o tiempo los rigores
Triunfar de la vejez y del olvido;

Es un vano artificio del cuidado;

es una flor al viento delicada,
es un resguardo inútil para el hado:

es una néscia diligencia errada;
es un afán caduco y, bien mirado,
es cadáver, es polvo, es sombra, es nada

Sóror Juana Inês de La Cruz

- **Gênero Dramático:** Os textos dramáticos eram feitos para serem representados. É considerado dramático o texto escrito com a finalidade de ser apresentado em público.

Veja:

Exemplo 03

Así que pasen cinco años

Leyenda del Tiempo

Federico García Lorca

Personas

JOVEN

VIEJO

UN NIÑO MUERTO

UN GATO MUERTO

CRIADO

AMIGO PRIMERO

AMIGO SEGUNDO
LA MECANÓGRAFA
LA NOVIA
EL MANIQUÍ DEL TRAJE DE NOVIA
EL JUGADOR DE RUGBY
LA CRIADA
EL PADRE DE LA NOVIA
PAYASO
ARLEQUÍN
MUCHACHA
MÁSCARAS Y JUGADORES

Acto primero

Biblioteca. El joven está sentado. Viste un pijama azul. El Viejo de chaqué gris, con barba blanca y enormes lentes de oro, también sentado.

JOVEN. No me sorprende.

VIEJO. Perdone...

JOVEN. Siempre me ha pasado igual.

VIEJO. *(Inquisitivo y amable.)* ¿Verdad?

JOVEN. Sí.

VIEJO. Es que...

JOVEN. Recuerdo que...

VIEJO. *(Ríe.)* Siempre recuerdo.

JOVEN. Yo...

VIEJO. *(Anhelante.)* Siga...

JOVEN. Yo guardaba los dulces para comerlos después.

VIEJO. Después, ¿verdad? Saben mejor. Yo también.

JOVEN. Y recuerdo que un día...

VIEJO. *(Interrumpiendo con vehemencia.)* Me gusta tanto la palabra recuerdo. Es una palabra verde,

jugosa. Mana sin cesar hilos de agua fría.

Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000098.pdf>

- ▶ **Gênero épico:** Nestes poemas são destacados os feitos grandiosos relacionados a personagens heroicas. Esta personagem cumpre a função de representar valores de uma sociedade.

de. Observe o trecho de uma das mais conhecidas epopeias, a *Ilíada*, em uma versão na língua espanhola:

Exemplo 04

Canta, oh diosa, La cólera del Pelida Aquiles, Colera funesta que causó infinitos males a los aqueos y precipitó al Hades muchas almas valerosas de héroes, a quienes hizo presa de perros y pasto de aves cumpliase la voluntad de Zeus desde que se separaron disputando el Atrida, rey de hombres y el divino Aquiles...

Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb000012.pdf>

Esses três gêneros, lírico, épico e dramático foram os primeiros a serem denominados e estudados sistematicamente por Aristóteles, em seu livro *Poética*. Havia também os gêneros puramente orais, ou mesmo alguns que Aristóteles considerava menores, tais como o cômico (dramático). Na medida em que as sociedades humanas foram se tornando mais complexas os gêneros literários também foram se transformando e se diversificando.

- ▶ **Gênero Narrativo:** Este gênero é visto como uma variante do gênero épico, incluindo as narrativas em prosa.

Temos, nessas modalidades, representações de um mundo mais individualizado, ao contrário das grandiosas narrativas épicas, marcadas pela representação de um mundo maravilhoso, povoado de heróis e deuses.

As narrativas em prosa, que conheceram um grande desenvolvimento desde o final do século XVIII, são também chamadas de narrativas de ficção. As manifestações narrativas mais frequentes são o romance, a novela, o conto e a fábula.



Atenção!

A literatura, além de representar uma ressignificação do real, é também um trabalho técnico de imensa elaboração da linguagem. Um texto para ser considerado literário deve apresentar um bom uso das possibilidades criativas através da língua. Para observar melhor esta característica, veja a construção poética de João Cabral de Melo Neto, na obra *A Educação pela pedra e depois*. A referência está presente no final desta aula.



Mãos à obra

Os textos 01 e 02 servem de base para as questões abaixo.

Texto 01

A aliança

Luis Fernando Verissimo

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o *apartheid*, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. [...]

Fonte: http://www.releituras.com/lfverissimo_alianca.asp

Texto 02

Blog tranca comentários de leitores por mau comportamento

da **Folha Online**

O blog Engadget, um dos mais respeitados na cobertura de tecnologia, anunciou o fechamento da sua caixa de comentários para leitores na terça-feira (2).

Segundo o comunicado, o cadeado ocorre porque o ambiente estava se tornando "mesquinho, feio, fora de propósito, e francamente ameaçador em algumas situações".

O blog aponta ainda que uma pequena parcela dos leitores faz comentários --"e os ovos podres são parte ainda menor disso", afirma-- e que, portanto, "não falam pela maioria dos leitores".

Sem dar um prazo, o blog afirma que voltará atrás na decisão, quando perceber que os ânimos estejam arrefecidos.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u688845.shtml>

1. Os dois textos lidos apresentam fatos diferentes. Quais são os acontecimentos de cada texto?
2. Associe as características seguintes em cada um dos textos:
 - ▶ Preocupação em informar
 - ▶ Perspectiva objetiva
 - ▶ Perspectiva subjetiva
 - ▶ Função utilitária
 - ▶ Função estética

Um passo a mais



Se quiser conhecer mais a literatura espanhola, leia o texto dramático do escritor espanhol Federico Garcia Lorca intitulado *Así que pasen cinco años* (Leyenda del Tiempo). Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000098.pdf>

Já sei!



Agora você adentrou nos estudos literários, refletiu sobre a necessidade da literatura, conhecendo as características do texto literário e os principais gêneros. Conheceu um pouco mais a literatura em língua espanhola, através de alguns autores importantes.

Autoavaliação



Texto 01

Alguns Toureiros
A Antônio Houaiss

Eu vi Manolo Gonzáles
e Pepe Luís, de Sevilha:
precisão doce de flor,

graciosa, porém precisa.

Vi também Julio Aparício,
de Madrid, como Parrita:
ciência fácil de flor,
espontânea, porém estrita.

Vi Miguel Báez, *Litri*,
dos confins da Andaluzia,
que cultiva uma outra flor:
angustiosa de explosiva.

(João Cabral de Melo Neto)

Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/joao35.html>

Texto 02

A CAÇADA

A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou vôo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.

- bonita imagem – disse ele. [...]

(Lygia Fagundes Telles)

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. *Mistérios*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

1. Identifique a que gênero literário pertence cada um dos Fragmentos a seguir, justifique sua resposta a partir dos Textos:
2. Analise como as características abaixo surgem em cada um dos textos apresentados:
 - Plurissignificação
 - Subjetividade
 - Função estética



ABAURRE, Maria Luiza. **Português: língua, literatura, produção de texto: volume único.** 2.ed. São Paulo: Moderna, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

MELO NETO, João Cabral, 1920-1999. **A educação pela pedra e depois.** Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1997.

Ilustração

Figura 01 - http://byfiles.storage.live.com/y1p7ShflwkdoMdQLL1hgzE_xPtkGnBRANqdeAusttU LJ8AYIPOi5FmbEmgUaEv6XxYi-DhIr5F6M60

Figura 02 - <http://www.hagah.com.br/rbs/image/7354699.jpg>

Figura 03 - <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sor-Juana.jpg>



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I

Rosiene da Silva Gonçalves

Ilane Ferreira Cavalcante



Aula

Gênero lírico 15

Apresentação e Objetivos



Fig. 01

Vamos dar continuidade aos nossos estudos sobre Literatura? Já estudamos que o texto literário é uma forma de arte. Além de passar por um processo de elaboração criativa e despertar a sensibilidade estética do leitor, a literatura nos permite compreender melhor a sociedade. Estudamos também as características de um texto literário e os gêneros: lírico, dramático, épico e narrativo. Nesta aula, vamos aprofundar nossos conhecimentos sobre o gênero lírico.

Objetivos:

- ▶ Conhecer o gênero lírico;
- ▶ Conhecer as características e os recursos do texto poético;
- ▶ Analisar a construção do texto poético.



Para começar

Touro Andaluz

Há um momento na corrida
Em que o espectador também lida
Quem nos palcos, quem nos tendidos
Quem no sol, quem na sombra rica,
Esquece quem, de ouro e de prata,
Ali está a fazer sua faina.
Surge o touro de cabeça alta,
Seu desafio é a toda praça.
Corre em volta, querendo ver
Quem com ele vai-se entender;
Se essa alta cabeça que leva
Há alguém que a baixar se atreva.
Depois, se campá, o olhar derrama,
Olhar de carvão, brasa, drama,
Chama que dá um calafrio
Mesmo em quem mais longe do risco.
(Até o momento em que os toureiros
Canalizam seu ímpeto cego,
Se apoderam dele: e o calafrio
Muda de curso, como um rio.)



Fig. 02

(MELO NETO, 1997, p. 358-359)

O texto apresenta a cena de uma tourada na perspectiva de quem a assiste, do espectador. A imagem descrita é a do touro e seus movimentos, veja o recurso da metáfora em Olhar de carvão, brasa, drama... e os sentimentos de quem vê a cena nos versos Chama que dá um calafrio/ mesmo em quem mais longe do risco. A cena da morte do touro é apresentada esteticamente, ou seja, os fatos não são mostrados de forma direta, com uma linguagem objetiva. Há construção das imagens através de recursos próprios da linguagem poética. É o que vamos agora conhecer...

Assim é



1. O gênero lírico

A poesia resiste à falsa ordem, que é, da rigor,
barbárie e caos, 'esta coletânea de objetos de não-amor'
(Drummond).

Resiste ao contínuo 'harmonioso' pelo descontínuo
gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo
harmonioso.

Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e
resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no
horizonte da utopia."

(BOSI, 2000, p. 169)

Na Grécia antiga, os poetas apresentavam suas composições com o acompanhamento de instrumentos musicais. A lira era o instrumento preferido, do qual deriva a palavra lírico e a denominação Gênero Lírico. A poesia desenvolveu-se ao longo da história da humanidade, assumindo várias formas, temos algumas formas poéticas que surgiram na Grécia Antiga, como a **Elegia**, poema sobre acontecimentos tristes, muitas vezes enfocando a morte de uma pessoa querida ou pública. Algum tempo depois, em Roma, a elegia adquiriu estatuto de gênero literário,

principalmente a partir da poesia de Ovídio, que empregou o metro para cantar o amor.

Exemplo 01:

Pôntica II, 5

Salano

Condita disparibus numeris ego Naso Salano

praeposita misi uerba salute meo.

Quae rata sit cupio rebusque ut comprobet omen,

te precor a saluo possit, amice, legi.

Candor, in hoc aeuo res intermortua paene, 5

exigit ut faciam talia uota tuus[...]

Tradução

Eu, Nasão, envio ao meu (caro) Salano

(estas) palavras dispostas em versos desiguais,

precedidas de (minha) saudação.

Desejo que elas sejam apreciadas e,

visto que confirmam, com os fatos,

(meus) presságios, suplico [...]

Fonte: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/11\(31\)09.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/11(31)09.htm)

A **Ode**, também originária na Grécia Antiga, apresenta uma espécie de exaltação de valores nobres.

Exemplo 02:

Pítica VIII

Para Aristomeno de Egina, vencedor na luta.
Serenidade, filha benévola da Justiça
Que engrandece a cidade
Tu, que tens as chaves supremas
Dos conselhos e das guerras
Acolhe esta honra ao vitorioso Pítico, Aristomeno.
Tu sabes o momento exato de proporcionar o contetamento
E de, do mesmo modo, recebê-lo.

Tu, quando alguém introduz em teu coração
O amargo ressentimento,
Vais rude conta os inimigos,
Colocando o poder da
Intemperança no fundo do mar. Nem Porfírio escapou,
À margem de seu interesse, ao te provocar.
O ganho mais alto é
Consentindo se alguém o traz de casa.

Píndaro

Fonte: <http://www.consciencia.org/pindaropetrelli.shtml>

O **Soneto** é um poema de catorze versos, que podem ou não estar organizados em duas estrofes de quatro versos (quartetos) e duas estrofes de três versos (tercetos), depende do tipo de soneto utilizado. O soneto surgiu no século XII, na Itália, e foi criado por Giacomo de Lentino, mas foi Petrarca, no trecento italiano (século 1300) que o eternizou, por isso, esse modelo de soneto, dividido em estrofes é conhecido como soneto petrarquiano. Veja um soneto de Petrarca:

XXXII

Quanto mais perto estou do dia extremo

Que o sofrimento humano torna breve,

Mais vejo o tempo andar veloz e leve

E o que dele esperar falaz e menos.

E a mim me digo: Pouco ainda andaremos

De amor falando, até que como neve

De dissolva este encargo que a alma teve,

Duro e pesado, e a paz então veremos:

Pois que nele cairá essa esperança

Que nos fez delirar tão longamente

E o riso, e o pranto, e o medo, e também a ira;

E veremos o quão freqüentemente

Por coisas dúbias o ânimo se cansa

E que não raro é em vão que se suspira.

Fonte: <http://www.arquivors.com/petrarca1.htm>



William Shakespeare, o dramaturgo e grande sonetista inglês do século XVI, utilizou uma forma diferente de fazer sonetos. Ele não os dividiu em quartetos e tercetos, mas em três tercetos e um dístico final (espécie de fecho de ouro que concluía o conteúdo do poema). Veja também um soneto shakespeariano:

Soneto 18

Poderei comparar-te a um dia de verão?
Mais serena, tu és também sempre mais amável:
Os fortes ventos de maio os brotos oscilam,
E o prazo do verão é sempre inconsolável:
Intenso demais às vezes, brilha o olho estelar,
E, não raro, se ofusca a luz de seu semblante,
Infausto, o encanto do encanto irá abdicar,
Por mera chance ou pelo destino inconstante;
Mas teu verão, eterno é e jamais morrerá,
E não hás de perder o encanto que possuis;
E sob a sombra da Morte tu não vagarás,
Pois em versos eternos tu e o tempo sois iguais:

Enquanto os olhos possam ver e o homem viver,
Vive este canto, e dar-te vida é o seu dever.

Fonte: <http://fliess.spaces.live.com/blog/cns!EA80F87BEDC510E6!257.entry>

Assim, o que garante o gênero soneto é o seu número de versos (14) e não a sua divisão. Além disso, ele se utiliza de versos decassílabos (10 sílabas) ou alexandrinos (12 sílabas) contendo grande ritmo e musicalidade, pois, como seu nome insinua, ele deve ser pensado como uma pequena canção.

No Brasil o soneto vem sendo utilizado desde o início da colonização, por diferentes autores em diferentes épocas, tais como Gregório de Matos, Cláudio Manoel da Costa, Manuel Bandeira ou Vinícius de Moraes. Dê uma olhada no soneto a seguir, acredito que você já o conhece, não?

Exemplo 03:

Soneto de Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure

Vinicius de Moraes

Fonte: <http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/86563/>

Dizemos que um poema tem forma fixa quando sua estrutura de construção é bem definida. Além do soneto, há a **balada** (três oitavas e uma quadra), o **vilancete** (um terceto e outros tipos de estrofes) e o **rondó** (apenas quadras ou quadras combinadas com oitavas). São formas menos utilizadas hoje em dia, mas cada uma delas apresenta suas características próprias. Pesquise!

Mãos à obra



1. Que tal você pesquisar um pouco? Procure alguns poemas de que você goste e tente identificar se eles se prendem a alguma das formas apresentadas nesta aula.
2. Indique se os textos abaixo possuem características das formas que eles indicam em seus títulos. Para responder a isso, não se baseie apenas na aula, pesquise em sites sobre literatura ou em livros.

Texto 1

Soneto sintético

De como a poesia é definida
depende da trajetória do poeta.
Qual é, pergunto, a fórmula secreta
que traça em poucas linhas uma vida?
Segundo Rilke, a lira não duvida.
mas Eliot é turrão, e tudo objeta.
Bashô quanto mais crê menos se aquieta.
Pessoa diz que é fé na dor fingida.

Divergem tantos mestres só no tom.
Não há por que dar tratos ao bestunto:
há química no verso, não um Dom.
Qualquer opinião, qualquer assunto
será, verdade ou não, poema bom
se for densa a fração, breve o conjunto.

Glauco Mattoso

Fonte: <http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=149&rv=Cigarra>

Texto 2:

Rondó dos Cavalinhos

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
Tua beleza, Esmeralda,
Acabou me enlouquecendo.

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O sol tão claro lá fora
E em minh alma — anoitecendo!

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
Alfonso Reys partindo,



E tanta gente ficando...

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
A Itália falando grosso,
A Europa se avacalhando...

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O Brasil politicando,
Nossa! A poesia morrendo...
O sol tão claro lá fora,
O sol tão claro, Esmeralda,
E em minha alma — anoitecendo!

Manuel Bandeira

Fonte: http://www.releituras.com/mbandeira_rondo.asp

2.0 Recursos do texto poético

Diante de tudo o que foi visto aqui sobre o gênero lírico, você pode ter ficado com uma questão. Afinal, o que é poesia? Ninguém conseguiu dar uma resposta absoluta a esta pergunta. Bosi (2004) tenta compreender a poesia como uma linguagem que combina arranjos verbais com processos significativos pelos quais sentimentos e imagem se fundem em um tempo denso, subjetivo e histórico.



Fig. 03

Para o poeta e crítico literário chileno Otávio Paz:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes.

Fonte: http://www.ufrgs.br/proin/versao_2/paz/index01.html

O poema não é só verso, só métrica, só rima, só idéias ou só sentimentos. Ele se constrói como um conjunto de elementos que, através do emprego desses e de outros recursos como a sonoridade, o ritmo das palavras cria imagens e gera, no leitor, um sentimento, atinge-o de alguma forma, pela beleza ou pelo estranhamento. Veja o exemplo:

Exemplo 04:

España en el corazón

I.

A Espanha é uma coisa de tripa.

Por que "Espanha no coração"?

Por que essa víscera é que vieram
São Franco e o séquito de Sãos.
A Espanha é uma coisa de tripa.
O coração é só uma parte
Da tripa que faz o espanhol:
É a que bate o alerta e o alarme. [...]

(MELO NETO,1997,p. 237)

Veja que o poema está organizado em **versos**, que é uma sucessão de sílabas que formam uma unidade rítmica e melódica, em geral correspondente a uma linha do poema. Organiza-se também em **estrofes**, conjunto de versos.

A **métrica**, sendo a medida de cada verso, é utilizada com rigor nos poemas fixos, em que os versos apresentam a mesma quantidade de sílabas poéticas. Este poema apresenta versos livres, pois não obedece a uma regularidade métrica. Um poema também tem **ritmo**, que lhe é dado pela alternância das sílabas acentuadas ou não. Neste poema, o ritmo foi criado pela acentuação das sílabas destacadas. Observe:

Exemplo 05:

A Espanha é uma **coisa** de tripa.

Por que “Espanha no **coração**”?

A rima, recurso musical baseado na semelhança sonora das palavras no final ou no interior dos versos, está presente, porém, em alguns versos, não apresenta rimas perfeitas, ou seja, que têm a mesma sílaba final, pois esta já não é mais a prioridade da poesia contemporânea. Perceba:

Exemplo 06:

O **coração** é só uma parte

Da tripa que faz o espanhol:

É a que bate o alerta e o **alarme**

2.1 A imagem poética

Uma outra característica do texto poético é o trabalho com as imagens. Para Bosi (2004) a experiência da imagem é anterior à da palavra, pois vem enraizar-se no corpo, pois é afim à sensação visual, é a partir do olho que temos as formas do sol, do mar, do céu. A imagem nos aproxima rapidamente do real e pode ser retida ou retomada pela lembrança ou pelo sonho. Uma imagem no poema é uma palavra articulada indicando os seres ou evocando-os, presentificando o mundo. Assim, toda a grande poesia, para Bosi (2004) nos dá a sensação de franquear impetuosamente o novo intervalo aberto entre a imagem e o som. A tentativa da palavra que busca a imagem pode dar-se de duas formas: pela **analogia** e pela **recorrência**.

- ▶ Pela **analogia** o discurso recupera a imagem no corpo da fala, realizada pelo uso de metáforas nos textos poéticos.

Exemplo 07:

A Espanha é uma coisa de tripa

A expressão **coisa de tripa**, indicando as vísceras, é uma imagem que, por analogia, evoca a Espanha. Aristóteles afirmava que a metáfora analógica resultava de um trabalho estético sobre dados reais heterogêneos, pois implicava uma percepção intuitiva da semelhança entre coisas dessemelhantes. Aqui, as vísceras no decorrer do poema são comparadas à Espanha em evocação a algumas imagens presentes no país, como as touradas, em que o touro é brutalmente assassinado.

- ▶ A **recorrência** é um outro modo tático pelo qual a linguagem procura recuperar a sensação de simultaneidade, é a reiteração presente na poesia que garante a sua progressão.

Soneto

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.



É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luis de Camões

Fonte: http://pt.wikisource.org/wiki/Amor_%C3%A9_fogo_que_arde_sem_se_ver

No soneto de Camões, a reiteração do conectivo é...é...é é um procedimento de volta a palavra-chave, impelindo o período para diante, ainda, cria sentidos ao discurso poético pondo e repondo a continuidade que não se esgota do querer dizer o que significa o amor.



Tantas foram as tentativas de definir o que é poesia, porém, não existe uma resposta definitiva, o que é relevante é que ela encontre seu núcleo no poema, feito e trabalhado precisamente para consegui-la.



Mãos à obra

O poema abaixo serve de base para as questões 01 e 02:

Epígrafe

Sou bem nascido, Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.

Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de vencida,
Rugiu como um furacão,

Turbou, partiu, abateu,
Queimou sem razão nem dó-
Ah, que dor!

Magoado e só,
- Só! – meu coração ardeu:

Ardeu em gritos dementes
Na sua paixão sombria...
E dessas horas ardentes

Ficou esta cinza fria.

- esta pouca cinza fria...

(BANDEIRA, 1993, p.43)

1. O poema acima tematiza a experiência da morte e todo ele busca reforçar o conteúdo pelo emprego de recursos. Identifique algumas metáforas presentes no texto.
2. Analise a presença da métrica e da rima empregados para a construção deste poema.

Um passo a mais



Quer aprofundar seus conhecimentos sobre a poesia hispânica? Leia o livro de Octavio Paz *Sóror Juana Inés de La Cruz: As armadilhas da Fé*, publicado pela Editora Mandarim, em 1998.

Já sei!



Você conheceu um pouco mais o gênero lírico. Viu algumas formas poéticas mais antigas tais como a elegia, a ode e o soneto e conheceu alguns recursos utilizados na construção de um texto poético. Estudou, além disso, o uso das imagens e as formas de construí-las no poema.



Autoavaliação

Observe o poema abaixo:

O destino de Edgard Mata

O poeta é notoriamente Prior do Desgosto,
Mora na Trapa da Tristeza,
Que é também castelo assombrado
Desde a Idade Média ou desde a Vila Rica.

O poeta confessa crimes etéreos.

Cultiva um amor noturno, pecaminoso:

A monja Lua.

É da raça dos que morrem cedo,

Não tem tempo de perder a alegria.

Há sempre outono e inverno e tarde

Em suas manhãs.

Segue a esmo, entre grotões do País de Minas

Lágrimas e agonias vão com ele.

Satã, na sombra, o espreita.

Súbito vôo sonoro flecha o céu.

São anjos? Duendes africanos?

E o bando de maritacas.

E enche de cor seu coração e o mundo.

O poeta, por um instante, vislumbra a vida.

Ah, se tivesse nascido em diamantina,
Seria talvez saudável cantor do Peixe-Vivo.

(ANDRADE, 1987, p.68)

1. Analise a utilização da recorrência e da analogia na construção das imagens no poema.
2. Analise o poema abaixo quanto à construção das imagens, com base nos recursos estudados nesta aula.

O poeta pede ao seu amor que lhe escreva

Amor de minhas entranhas, morte viva,
em vão espero tua palavra escrita
e penso, com a flor que se murcha,
que se vivo sem mim quero perder-te.

O ar é imortal. A pedra inerte
nem conhece a sombra nem a evita.

Coração interior não necessita
o mel gelado que a lua verte.

Porém eu te sofri. Rasguei-me as veias,
tigre e pomba, sobre tua cintura
em duelo de kordiscos e açucenas.

Enche, pois, de palavras minha loucura
ou deixa-me viver em minha serena
noite da alma para sempre escura.

Federico Garcia Lorca

Fonte: <http://www.culturapara.art.br/opoema/garcialorca/garcialorca.htm>



Referências

ABAURRE, Maria Luiza. **Português: língua, literatura, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando**. Editora Record: Rio de Janeiro, 1987.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: perspectiva, 2004.
BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

MELO NETO, João Cabral. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SOUZA, Mariza Mencialha de. **Ovídio e a Pôntica II,5**. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/11\(31\)09.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/11(31)09.htm) Último acesso: 06/02/2010

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/paideia/images/lira1.jpg>
- ▶ Figura 02 - <http://www.painet.com.br/joubert/images/tourada2.jpg>
- ▶ Figura 03 - http://2.bp.blogspot.com/_FpVsvNLSR5k/SKRvBWRWsEI/AAAAAAAAADM/SXVd92YwM1Q/S1600-R/thebloodflower.jpg



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante



Aula
Cênero Dramático 16



Apresentação e Objetivos



Fig. 01

Estudamos na aula anterior que o texto literário é uma forma de arte. Conhecemos também as características do gênero lírico, os recursos utilizados na construção do texto poético e o uso das imagens neste gênero. Agora, vamos conhecer um outro gênero literário que nasceu na Grécia Antiga, o gênero dramático.

Objetivos:

- ▶ Conhecer a origem e a estrutura o gênero dramático;
- ▶ Identificar as características e os recursos do gênero dramático;



Para começar



Fig. 02

ATO I

Cena I

Veneza. Uma rua. Entram Rodrigo e Iago.

RODRIGO — Cala-te! Não me fales. Aborrece-me demais verificar que justamente tu, Iago, que dispunhas à vontade de minha bolsa, como se teus fossem seus cordões, conhecesses isso tudo...

IAGO — Mas escuta-me, ao menos! Se eu já sonhei alguma vez com isso, podes abominar-me.

RODRIGO — Dito me havias que lhe tinhas ódio.

Fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/otelo.html>

O texto acima é fragmento da obra *Otelo*, de William Shakespeare, criada no século XVI, na Inglaterra, mas cujo enredo é situado em Veneza, Itália. Observe que o texto inicia-se com uma

pequena descrição do lugar e uma breve apresentação das ações, logo em seguida, apresenta a fala das personagens. Isto acontece porque o texto foi criado para ser representado. Vamos conhecer este gênero?



1. O gênero dramático



Fig. 03

Em várias sociedades, desde a antiguidade, era comum a realização de danças com objetivos ritualísticos. Acreditava-se que ela teria o poder de alterar algumas condições necessárias ao bem-estar dos indivíduos. Os participantes destas danças representavam diferentes papéis, poderia ali estar o gérmen das encenações teatrais? Talvez. Há também outra explicação para a origem deste gênero.

Na Grécia Antiga, bebia-se e cantava-se para louvar o deus Dionísio, que representava a fartura da colheita e, com ela, a embriaguês do vinho.

Essas festividades, em geral, aconteciam através de grandes

manifestações populares em que homens e mulheres saíam às ruas fantasiados com máscaras que representavam um deus ou uma deusa, ou mesmo entoando cantos e realizando danças.

Eles dançavam, cantavam e sem embriagavam com o vinho e esse estado lembrava um êxtase no qual algumas pessoas entravam e criavam a encenação. Bem no início, nessas encenações havia um coro que entoava os hinos, os ditirambos, que narravam passagens da vida do deus. Também foi criado um espaço específico para essas encenações (Figura 1) e depois, algumas regras. O coro, por exemplo, foi dividido em perguntas e respostas coordenadas por um corifeu, mais tarde surge o ator protagonista, chamado *Hypokrités*, simbolizado por um poeta grego, Téspis. Esta representação provocava sentimentos na platéia e cantando, o coro respondia ao personagem para concordar ou não com suas ações. Destacam-se, então, dois elementos presentes até hoje no gênero: a importância do público e a possibilidade de desencadear sentimentos pela representação.



Fig. 04

Destacam-se, então, dois elementos presentes até hoje no gênero: a importância do público e a possibilidade de desencadear sentimentos pela representação.

A palavra drama, em grego, refere-se à ação. Aristóteles observava, na *Poética*, que o termo drama (do grego *drân*: agir) faz referência ao fato de, nestes textos, as pessoas serem representadas em ação. Considerou, então, essa uma característica assumida pela forma de alguns

textos: eram feitos para serem representados. Das formas específicas do texto dramático, Aristóteles analisou a **tragédia** e a **comédia**.

1.1 Tragédia

Esta forma, disse ele, tematiza as paixões e os vícios humanos. Tais temas eram apresentados por personagens nobres e os conflitos envolviam questões de poder e honra. Para ele, a tragédia representava seres superiores ou iguais aos seres humanos comuns.

A tragédia grega é um tipo de drama que surgiu na Grécia antiga, em que o herói tem que lutar por alguma força sobrenatural, porém, não consegue lutar contra o destino e tem sempre um final

trágico. Por suscitar horror no público, a tragédia promovia a **catarse**, uma espécie de liberação de sentimentos, conforme indicava Aristóteles. Ao assistir ao espetáculo, o espectador, identificava-se com o herói ou heroína da tragédia, liberando suas emoções e purgando-as ao final da encenação.

Os três principais autores de tragédias áticas (da Grécia Antiga) são Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Observe o texto 1, a seguir:

Texto 1

PROMETEU ACORRENTADO

PERSONAGENS

O PODER
A VIOLÊNCIA (*personagem muda*)
VULCANO
PROMETEU
CORO DAS NINFAS, FILHAS DO OCEANO
O OCEANO
Ío, FILHA DE ÍNACO
MERCÚRIO

*Nos rochedos da Cítia. O PODER, a VIOLÊNCIA,
VULCANO e PROMETEU*

O PODER

Eis-nos chegados aos confins da terra, à longínqua região da Cítia, solitária e inacessível! Cumpre-te agora, ó Vulcano, pensar nas ordens que recebeste de teu pai, e acorrentar este malfeitor, com indestrutíveis cadeias de aço, a estas rochas escarpadas. Ele roubou o fogo, — teu atributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais! Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses, para que aprenda a respeitar a potestade de Júpiter, e a renunciar a seu amor pela Humanidade.

VULCANO

Para vós, Poder e Violência, — a ordem de

Júpiter está cumprida; nada mais resta a fazer. Quanto a mim, sinto-me sem coragem para acorrentar pela força a um deus, meu parente, sobre esta penedia, exposto à fúria das tempestades! Vejo-me, no entanto, coagido a fazê-lo, pois seria perigoso esquecer as ordens de meu pai. Preclaro filho da sábia Têmis, é bem contra minha vontade, e a tua, que te vou prender por indissolúveis cadeias, a este inóspito rochedo, de onde não ouvirás a voz, nem verás o semblante de um único mortal; e onde, queimado lentamente pelos raios ofuscantes do sol, terás adusta a epiderme; onde a noite estrelada tardará a poupar-te à luz intensa, assim como o sol tardará em secar o orvalho matinal. Oprimir-te-á o peso de uma dor perene, pois ainda não nasceu, sequer, o teu libertador. Eis a consequência de tua dedicação pelos humanos; como deus, que tu és, fizeste aos mortais uma dádiva tal, que ultrapassou todas as prerrogativas possíveis. Como castigo por essa temeridade, ficarás sobre esta rocha terrífica, em pé, sem sono e sem repouso; debalde farás ouvir suspiros e clamores dolorosos; o coração de Júpiter é inexorável... Um novo senhor é sempre severo!...

Fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/prometeu.html>

O texto 1, acima, é fragmento da tragédia *Prometeu Acorrentado*, escrita por Ésquilo, sobre o mito de Prometeu. A tragédia não apresenta toda a história do mito, mas o momento em que Prometeu é preso e a busca pela absolvição do pecado cometido contra os deuses. A tragédia, portanto, começa a partir do momento em que Hefesto e Cratos castigam o titã Prometeu, a mando de Zeus. Prometeu, em diversas partes da tragédia, apresenta os motivos de seu castigo, de ter sido acorrentado.

Segundo o mito, a arte do fogo foi ensinada aos homens por Prometeu, ação que desafiava o poder de Zeus. Por isso, a punição do titã seria ficar acorrentado ao monte Cáucaso, onde uma ave comeria seu fígado diariamente por toda a eternidade.

Originalmente, esta tragédia sobre o mito era formada por três partes: *Prometeu Acorrentado*, *Prometeu Libertado* e *Prometeu portador do fogo*, mas somente a primeira chegou aos nossos dias. Ésquilo foi o primeiro teatrólogo grego a adicionar o coro e o diálogo ao teatro. Considerado por Aristóteles como o pai da tragédia grega.

Sófocles e Eurípedes também trouxeram importantes contribuições à tragédia, como a presença de mais atores no palco. Além de escreverem algumas peças fundamentais para a literatura ocidental, tais como *Édipo Rei* e *Antígona*.

Ao longo do tempo, as peças mais trágicas deixaram de assumir apenas as características indicadas por Aristóteles e ganharam novas nuances, dando origem à ópera, ao drama, entre outras. As obras de Racine e Shakespeare, já no século XVI e XVII apresentam características

do trágico, como a presença de herói que oscila do alto ao baixo, a partir de um erro, fator de sua salvação e aniquilamento, clima de tensão permanente e indícios de final trágico, porém, não recebem a classificação de tragédias, e sim de dramas, pois também trazem conflitos paralelos, tratam de personagens mais humanos e não mais de deuses e semi-deuses, mas isso é assunto para suas aulas de Teoria da Literatura.



Fig. 05



Mãos à obra

Agora, que tal retomar um pouco o que você estudou até aqui?

1. Qual a origem do teatro?
2. Defina tragédia.
3. Pesquise as principais peças dos autores das tragédias áticas: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.

1.2 Comédia

Você viu, na seção anterior desta aula, como Aristóteles identificou a tragédia: um texto que trata de personagens iguais ou superiores aos humanos comuns.



Fig. 06

Mas, sobre a comédia, Aristóteles evitou comentar em sua poética. Ele indica que elaboraria um livro especificamente para tratar desse gênero, mas, se ele chegou a fazer isso, não ficamos sabendo. O fato é que ele afirma que a comédia seria um gênero menor, por tratar de personagens iguais ou inferiores aos humanos comuns.

A comédia, portanto, trata de fatos cotidianos, relacionados à vida das pessoas comuns. Por meio do riso, a comédia criticava os costumes da sociedade.

A comédia grega originou-se dos mesmos ritos em homenagem a Dionísio de onde nasceu a tragédia e seguiu os rumos estruturais dela. Prosperou nos séculos V e VI a.C. desenvolvendo modelos e técnicas que serviram de base a várias criações do gênero cômico europeu.

As comédias gregas caracterizavam-se pelo humor, pelas situações cotidianas, personagens-tipo e presença do amor romântico.

Naquele período, Atenas experimentava o modelo de governo democrático, no entanto, o primeiro regime já denunciava debilidades, uma delas era a presença de demagogos, pois os políticos distanciavam-se do núcleo aristocrático e passaram a surgir entre os industriais e comerciantes do momento, deste padrão burguês surgiam representantes que apresentavam como característica a falta de escrúpulo e a corrupção, compensadas com a desfaçatez. A retórica era a sua arma principal, assim, a democracia servia de escudo à vontade de muitos e o povo era pacífico, desde que estivessem satisfeitos quanto à alimentação. Neste sentido, a culinária tornou-se um valor político, pois quanto mais o povo estivesse alimentado, menos reclamaria.

A comédia grega passou a ser então uma grande denunciadora destas características da política e a que melhor exemplifica o modelo é a peça *Os cavaleiros*, de Aristófanes.

A peça apresenta um dominador chamado Cléon que domina a casa de Demos, pela intervenção de um desconhecido, o Paflagónio, são lançadas sobre a criadagem da casa todo o tipo de ameaças e denúncias. Apenas o povo não percebe a desordem, pois a mesa é farta e o demagogo é muito generoso, propondo aos criados sempre que convém que os preços irão baixar e os ordenados subir.

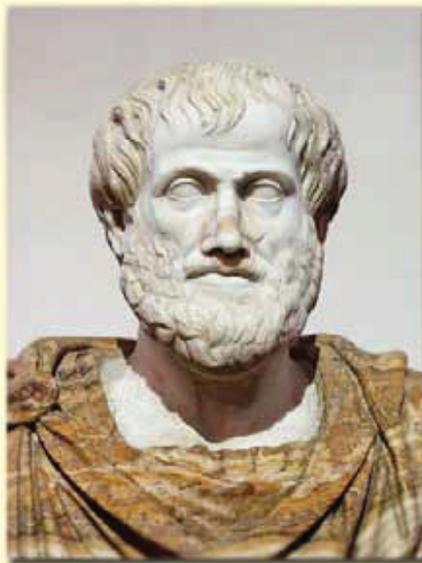


Fig. 07

Qual a salvação para a crise? A chegada de um sujeito mais malvado, corrupto e demagógico que o anterior. O autor mais qualificado para isso é o Salsicheiro, pois pela sua própria profissão de cozinheiro ele aplica à política a arte de misturar as massas. Observe o trecho abaixo:

Salsicheiro – Mas diz-me cá uma coisa: como é que eu, um salsicheiro, me vou tornar num 'senhor'?
1º Escravo – Mas é precisamente nisso que está

a tua grandeza: em seres um canalha, um vagabundo e um valdevinos.

Salsicheiro – Pois eu não me julgo digno de tão grande poder.

1º Escravo – Ai, ai! Ai, ai! O que é que te faz dizer que não te achas digno? Está-me a parecer que tens alguma coisa de bom a pesar-te na consciência. Serás tu filho de boas famílias?

Salsicheiro – Nem por sombras! De patifes, mais nada.

1º Escravo – Homem ditoso! Que sortalhaça a tua! Tens todas as qualidades para a vida pública.

Salsicheiro – Mas, meu caro amigo, instrução não tenho nenhuma. Conheço as primeiras letras e, mesmo essas, mal e porcamente.

1º Escravo – Ora aí está o teu único senão, que as conheças, por mal e porcamente que seja. A política não é assunto para gente culta e de bons princípios; é para ignorantes e velhacos. Não desprezes o que os deuses te concedem nos seus oráculos.

Primeiro Escravo – Misturas os negócios públicos, amassa-los todos juntos, numa pasta. O povo, conquista-lo quando quiseres, com umas palavrinhas delicadoces, lá da tua especialidade. Tudo o mais necessário à demagogia tem-lo tu de sobra, voz de safado, baixa condição, ar de valdevinos. Tens tudo o que é preciso para a governação.

Fonte: http://www1.ci.uc.pt/eclassicos/bd_pdfs/40/COMEDIA_GREGA4.pdf

Veja no texto que os critérios para governar eram comparados diretamente à prática da demagogia e esta poderia ser exercida, por analogia, ao trabalho de um cozinheiro que mistura o povo, assim como faz com os ingredientes dos seus pratos. Desta forma, a comédia apresentava uma função na sociedade, pois além de divertir o povo, realizava uma denúncia das práticas políticas do modelo de democracia que se instaurava em Atenas.

Hoje em dia, a comédia é um gênero respeitado e considerado tão importante quanto a tragédia ou o drama, havendo autores que a consideram absolutamente relevante do ponto de vista social, pelo caráter subversivo que ela pode conter, tais como o teórico russo Mikhail Bakhtin.

2. O gênero dramático na Idade Média

Você já deve saber, desde o ensino médio, que a religião católica exerceu fortíssima influência durante a Idade Média. Nesse período as peças de teatro passaram a focar cenas bíblicas e vida de santos. E eram representadas através do auto e da farsa.

O **auto** é uma peça curta de cunho religioso. As personagens representavam a bondade, a virtude, pecado, a luxúria. Os autos eram geralmente moralizantes, pois apresentavam conteúdos de grande simbologia. Eram muitas vezes encenadas nos espaços religiosos, como o átrio das igrejas.

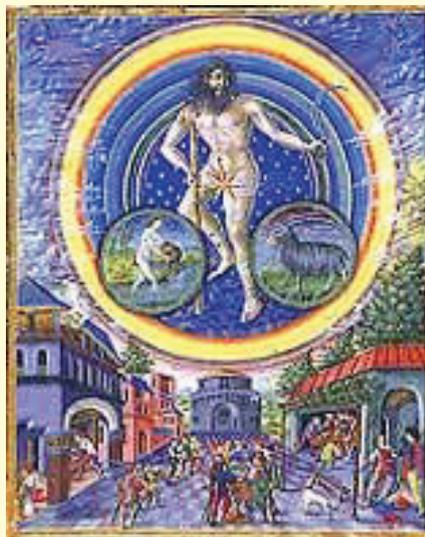


Fig. 08

A **farsa**, por sua vez, era o oposto, uma pequena peça envolvendo situações ridículas ou grotescas, que criticava os costumes da época. Em geral, encenada nas ruas, ou em locais públicos.

No fim da Idade Média a atividade teatral cresce e teremos na Itália a *Comédia Dell'arte*, procurando resgatar características da comédia clássica e na Inglaterra as tragédias e comédias de Shakespeare, transformando-se no teatro clássico universal.

Gil Vicente, por exemplo, é um autor português do início do renascimento, e apresenta autos que subvertem o conteúdo puramente religioso, apresentando personagens sociais e trazendo o ridículo e o grotesco das farsas para a estrutura dos autos. No Brasil, em pleno século XX, Ariano Suassuna retomou a estrutura dos autos vicentinos, criando textos de grande qualidade estética e apelo popular tais como *O Auto da Compadecida*, que mistura elementos religiosos e profanos no estilo do autor renascentista português. Isso nos mostra que os gêneros que são criados em um determinado momento da história não morrem depois, eles se transformam e renascem em diferentes contextos e com diferentes estruturas.

O trabalho teatral é até hoje uma consequência de um esforço coletivo. Atores, dramaturgo, figurinistas, coreógrafos, diretores... estão

presentes na construção do espetáculo que tem como base o texto escrito em gênero dramático.



Atenção!

As peças de Shakespeare apresentam conteúdos que ainda mobilizam as platéias, pois apresentam significados humanos profundos. Se quiser constatar, leia as obras *Hamlet*, *Otelo*, *Romeu e Julieta*, *Sonho de uma noite de verão*, a *Megera domada* e perceba a atualidade da obra deste dramaturgo.



Mãos à obra

Observe um trecho do auto da Barca do Inferno de Gil Vicente:



AUTO DA BARCA DO INFERNO

Gil Vicente

Auto de moralidade composto por Gil Vicente por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Lianor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se fegura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos supitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão, scilicet, um deles passa pera o paraíso e o outro pera o inferno: os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um arrais infernal e um companheiro.

O primeiro intrelocutor é um Fidalgo que chega com um Paje, que lhe leva um rabo mui comprido e ùa cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

DIABO À barca, à barca, houlá!

que temos gentil maré!

- Ora venha o carro a ré!

COMPANHEIRO Feito, feito!

Bem está!

Vai tu muitieramá,

e atesa aquele palanco

e despeja aquele banco,

pera a gente que virá.

À barca, à barca, hu-u!

Asinha, que se quer ir!

Oh, que tempo de partir,

louvores a Berzebu!

- Ora, sus! que fazes tu?

Despeja todo esse leito!

COMPANHEIRO Em boa hora! Feito, feito!

DIABO Abaixa aramá esse cu!

Faze aquela poja lesta

alija aquela driça.

COMPANHEIRO Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!

DIABO Oh, que caravela esta!

Põe bandeiras, que é festa.
Verga alta! Âncora a pique!
- Ó poderoso dom Anrique,
cá vindes vós?... Que cousa é esta?... [...]

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000107.pdf>

Este auto foi escrito em 1517 pelo dramaturgo português Gil Vicente, apresenta o juízo final de forma satírica, com forte apelo moral. O cenário é um porto onde encontram-se duas barcas: uma com destino ao céu, comandada pelo anjo e outra com destino ao inferno, comandada pelo diabo. Os mortos são representantes de camadas sócias, o fidalgo é o primeiro deles representando a nobreza, depois vem o agiota, representando a ganância e a avareza, enfim, o auto apresenta vários personagens, sempre com a finalidade de levar o público à reflexão sobre os reais valores da sociedade. Sobre o texto responda às questões 01 e 02:

1. O auto apresenta argumentos de que foi escrito para ser representado? Justifique com fragmentos do texto.
2. Este auto apresenta influências da tragédia ou da comédia grega? Analise-o nesta perspectiva.



Um passo a mais

Vários textos do gênero dramáticos estão disponíveis em pdf na referência abaixo:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000425.pdf>

Pesquise neste site, pois o mesmo necessita de um grande número de visitas para se manter, existindo ainda a necessidade de contribuições voluntárias para publicações de obras.

Já sei!



Você estudou sobre o gênero dramático. Conheceu as origens do drama, a tragédia e a comédia grega, além do gênero dramático da Idade Média como auto e a farsa. Conheceu também as principais características deste gênero e a atualidade da obra dos grandes clássicos da dramaturgia.

Autoavaliação



Capítulo IV

Origem da poesia. Seus diferentes gêneros.

Parece haver duas causas, e ambas devidas à nossa natureza, que deram origem à poesia.

2. A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos experimentamos prazer.

3. A prova é-nos visivelmente fornecida pelos fatos: objetos reais que não conseguimos olhar sem custo, contemplamo-los com satisfação em suas representações mais exatas. Tal é, por exemplo, o caso dos mais repugnantes animais e dos cadáveres.

4. A causa é que a aquisição de um conhecimento arrebatado não só o filósofo, mas todos os seres humanos, mesmo que não saboreiem tal satisfação durante muito tempo.

5. Os seres humanos sentem prazer em olhar para as imagens que reproduzem objetos. A contemplação delas os instrui, e os induz a discorrer sobre cada uma, ou a discernir nas imagens as pessoas deste ou daquele sujeito conhecido.

6. Se acontece alguém não ter visto ainda o original, não é a imitação que produz o prazer, mas a perfeita execução, ou o colorido, ou

alguma outra causa do mesmo gênero.

7. Como nos é natural a tendência à imitação, bem como o gosto da harmonia e do ritmo (pois é evidente que os metros são parte do ritmo), nas primeiras idades os homens mais aptos por natureza para estes exercícios foram aos poucos criando a poesia, por meio de ensaios improvisados.

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>

1. O texto intitulado A arte poética, de Aristóteles, apresenta neste capítulo a origem da poesia e seus diferentes gêneros. Primeiramente apresenta as causas da origem da produção poética. Quais são estas causas?
2. Segundo o filósofo não é a imitação em si que produz o prazer, mas a perfeita execução ou o colorido. Comente esta afirmação.
3. Poderíamos dizer que o gênero dramático é a arte da imitação? Comente este questionamento a partir de Aristóteles.



Referências

ARISTÓTELES. Arte Poética. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>

LITERATURA E GÊNERO (II) O DRAMÁTICO. Editora moderna.
Disponível em:
http://www.moderna.com.br/moderna/didaticos/em/literatura/litbrasil/obra/lb_cap4_4.pdf

RIBEIRO JR., W.A. *Do sorriso grego à gargalhada romana*. Disponível em <http://warj.med.br/pub/pdf/miles.pdf>.

SOUZA e SILVA, Maria de Fátima. *Boletim de estudos clássicos*. Comédia grega. Disponível em: http://www1.ci.uc.pt/eclassicos/bd_pdfs/40/COMEDIA_GREGA4.pdf

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - <http://susanacosta.files.wordpress.com/2008/03/teatro2.jpg>
- ▶ Figura 02 - http://2.bp.blogspot.com/_qsD2YgTWqY4/SNZSE37-r9I/AAAAAAAAACoM/J1kJoRVBNFs/s400/otelo+e+desdemona.jpg
- ▶ Figura 03 - <http://caldeiraofulinaimico.zip.net/images/danca2.jpg>
- ▶ Figura 04 - http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Segesta,_Teatro_greco_%282%29.jpg
- ▶ Figura 05 - http://rebeliaocultural.files.wordpress.com/2009/03/prometeu_cultura_de_travesseiro.jpg
- ▶ Figura 06 - <http://www.caleidoscopio.art.br/cultural/artescenicas/historiateatro/hist02b.jpg>
- ▶ Figura 07 - http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aristotle_Altemps_Inv8575.jpg
- ▶ Figura 08 - http://2.bp.blogspot.com/_WG_n5avdLFY/RbbJPDAJnWI/AAAAAAAAAHo/BnYyU1egee4/s320/94_saturno_medieval.jpg
- ▶ Figura 09 - http://3.bp.blogspot.com/_4qdG9w0tm7A/SRIQm1unwUI/AAAAAAAAAGJU/93HRV3ZzqI8/s400/1930751.png



Licenciatura em Espanhol

Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves



Aula
Gênero épico 17

Apresentação e Objetivos



Em nossos estudos sobre os gêneros literários, conhecemos dois gêneros definidos por Aristóteles em sua Poética. Estudamos até agora os gêneros lírico e dramático. Já deu para você perceber o quanto o conhecimento da literatura é importante para a compreensão da sociedade? Sabemos que cada cultura desenvolve textos literários de acordo com as características daquela coletividade, no entanto, sabemos também que uma cultura está sempre influenciada por outras e em determinados contextos históricos este fenômeno se acentua. Veja o momento no qual vivemos! No mundo globalizado, temos o recurso da internet que nos possibilita um acesso maior à leituras de todos os tipos, inclusive, literatura. Em outros momentos da história, existiam outras formas e outros meios de expressão literárias, aquela considerada mais antiga é a epopeia. É o que vamos estudar nesta aula.

Fig. 01





Para começar

Epopeia do Samba

Exaltando
a vitória do samba em nosso Brasil,
recordamos
o passado de infortúnio,
quando o qual surgiu
porque não queriam chegar à razão,
eliminar um produto genuíno de nossa nação.
Foi para a felicidade do sambista
que se interessou pelo nosso samba
o eminente Doutor Pedro Ernesto Batista,
que hoje se encontra no reino da glória,
mas deixou na terra
portas abertas para o caminho da vitória.
Ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô
A epopéia do samba chegou.
Foi em nossa antiga Praça Onze
que os sambistas de fibras
lutaram para vencer,
uniram Salgueiro, Mangueira,
Portela, Favela, Estácio de Sá,
resolveram resistir
até a vitória chegar.
Hoje o nosso samba é feliz,
em qualquer parte do mundo
nós podemos cantar,
lá-lá-iá, lá-iá, lá-iá, lá-iá,
contra o samba ninguém lutará.

Fig. 02



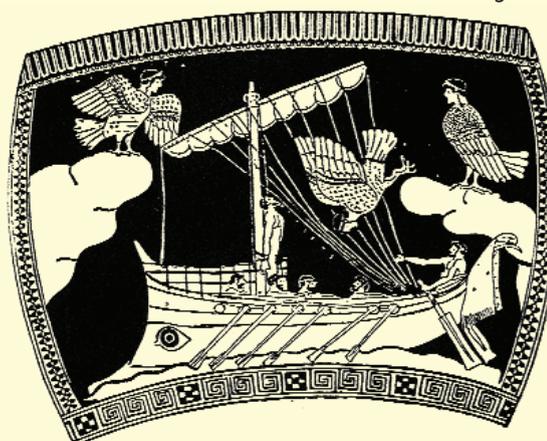
Fonte: <http://salgueiro1955-epopeiadosamba.salgueirorj.letrasdemusicas.com.br/>

Observe a letra da música da escola de samba Salgueiro. Ela traz uma narrativa que faz referência a lutas e vitórias vividas pela escola. A letra não apresenta uma situação em particular, de um indivíduo, mas de um grupo de indivíduos. O título, Epopeia do Samba, nos remete a um gênero textual que tinha tais características: a presença de uma narrativa mítica, envolvendo um herói e seus feitos, que simbolizavam valores e exemplos para toda uma sociedade. Este gênero, a epopeia, serve de base para os tipos narrativos que posteriormente surgirão.



O gênero épico

Fig. 03



Aristóteles identificou como terceiro gênero literário o épico. Nestes poemas são tematizados os grandes feitos relacionados a personagens heróicas. Além da caracterização heróica, as personagens das epopeias cumprem a grande função de representar valores e sentimentos da coletividade.

A palavra épos vem do grego e significa “versos”. Epopeia significa a narrativa em versos. Na estrutura do gênero épico temos o narrador, que conta a história praticada por outros no passado, o enredo, que é a sucessão de acontecimentos, as personagens, o tempo e o espaço onde a narrativa aconteceu. Geralmente essa narrativa apresenta uma série de figuras fantasiosas que ajudam ou atrapalham o curso dos acontecimentos.

A Epopeia de Gilgamesh (século VII a.C.) é considerada a mais antiga obra literária da humanidade. É um compilado de lendas e poemas cuja origem e veracidade são difíceis de avaliar em função da difusão oral e adaptação da obra em várias culturas. O herói é o lendário rei sumério Gilgamesh, quinto rei da primeira dinastia pós-diluviana de Uruk, supostamente viveu no período protodinástico II (2750 – 2600 a.C.)

Esta epopéia foi escrita em uma série de 12 tabuletas de argila entre os séculos 2750 e 2500 a.C. Mas foi apenas em 1872 que estudiosos conscientizaram-se deste mito, quando a tradução da décima tabuleta da epopéia, intitulada “O relato caldeu do dilúvio” foi publicada pelo

assiriólogo inglês George Smith.

Fig. 04



É possível que a epopéia de Gilgamesh tenha influenciado os textos mais conhecidos pela humanidade, como os poemas épicos gregos *Iliada* e *Odisséia* de Homero.

a. A *Iliada*

A *Iliada* é composta de 24 cantos em versos hexâmetros dactílicos (ou heróicos) compostos por seis sílabas poéticas. Esses versos eram medidos em sílabas longas (-) e breves (˘). Cada grupo de sílabas era chamado de pé. Assim, o hexâmetro, como o próprio nome já diz, era formado por seis pés, de acordo com o esquema do exemplo a seguir:

Μῆνιν ἄειδε, θεῶν, || Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
- ˘ ˘ | - ˘ ˘ | -, || - | - ˘ ˘ | - ˘ ˘ | --

A *Iliada* conta a história do último ano da guerra entre gregos e troianos. Os troianos haviam seqüestrado a princesa Helena e os gregos criaram um plano para resgatá-la através de um gigante cavalo de madeira, onde ficariam escondidos e atacariam a cidade de madrugada. A ideia da construção desse cavalo foi dada por Odisseus (Ulisses) que seria, também o protagonista de outra epopeia, a *Odisséia*. Veja abaixo um fragmento da *Iliada*:

LIVRO IV

Em consulta com Jove recostados,
Néctar Hebe louçã tempera aos deuses
Na régia de áureo solho, e de áureas taças
Mutuam brindes a atentar em Tróia.
Eis, com mordaz cotejo, a irmã Satúrnio
Remoca: "A Menelau protegem duas,
Juno Argiva e Minerva Alalcomênia,
Que de olhá-lo tranqüilas se comprazem;
De Páris guarda assídua, a mãe dos risos
Da Parca o subtraiu, tem-no em seguro.
Ao bravo Menelau coube a vitória.

Fig. 05

Deliberemos se é melhor de novo
Encarniçar a guerra, ou congraçá-los.
A ser a paz jucunda às partes ambas,
Habite-se de Príamo a cidade,
O Atrida reconduza a Grega Helena.”

Fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>



b. A odisséia

A Odisséia conta o retorno do grego Ullisses que estava em Tróia durante o longo período em que durou a guerra. Durante sua viagem de regresso à sua ilha, Ítaca, Ulisses passa por várias aventuras, que reúnem deuses e personagens mitológicos. Seu maior inimigo no regresso é o deus dos oceanos, Poseidon, pois em uma de suas primeiras etapas da viagem, ele mata um dos filhos do deus, o Ciclope. Assim, o herói passa por inúmeras dificuldades até o seu retorno.

Observe:

LIVRO I

Canta, ó Musa, o varão que astucioso,
Rasa Ílion santa, errou de clima em clima,
Viu de muitas nações costumes vários.
Mil transes padeceu no equóreo ponto,
Por segurar a vida e aos seus a volta;
Baldo afã! pereceram, tendo insanos
Ao claro Hiperiãoio os bois comido,
Que não quis para a pátria alumiá-los.
Tudo, ó prole Dial, me aponta e lembra.
Da guerra e do mar sevo recolhidos
Os que eram salvos, um por seu consorte
Calipso, ninfa augusta, apeteendo,
Separava-o da esposa em cava gruta.
O céu, porém, traçou, volvendo-se anos [...]

Fig. 06



Fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiap.pdf>



Mãos à obra

Vamos retomar o que já discutimos até aqui? Responda as perguntas que seguem:

1. Qual as diferenças entre os gêneros lírico, dramático e épico?
2. Quem foi Homero? Pesquise!
3. Que elementos em comum você identifica entre A Ilíada e a Odisséia?

2. Os desdobramentos da épica no mundo moderno

Você viu que a poesia épica é uma narrativa que data da origem das grandes nações e são, portanto, muito antigas. Mas existe épico na modernidade? A partir de agora, você vai ver que a epopeia resistiu como gênero literário ao longo do tempo. Em Portugal no século XVI, por exemplo, Luis de Camões escreveu uma epopeia. No Brasil também existem poemas narrativos em formato semelhante.

a. Os Lusíadas

A epopeia de Luis de Camões, *Os Lusíadas*, foi a obra-prima do Renascimento português (século XVI). Apresenta o povo lusitano, cujo herói maior, no texto, é Vasco da Gama, em viagem rumo ao Oriente através do mar inexplorado. A passagem do cabo das tormentas era o momento mais difícil, pois representava a luta do homem contra a natureza.

No final, o herói é premiado por ter alcançado os triunfos, reencontrando o Paraíso perdido. Os portugueses irão se imortalizar quando chegam à Ilha dos amores e encontram as ninfas e da união de Tétis, deusa da água, com o capitão Vasco da Gama, simbolizando a conquista do mar.

O herói de Camões, ao contrário do das epopéias clássicas que narram acontecimentos fantasiosos, relata acontecimentos verídicos sobre a História de Portugal e os descobrimentos. O autor recorreu aos cronistas e historiadores portugueses para montar a sua obra. Paralelamente aos fatos verídicos, ele insere na epopeia as intervenções

dos deuses. Além disso, por já ser um texto bem mais recente que os gregos, o texto de Camões é considerado híbrido, pois o próprio povo português surge no texto, representado pelo personagem o velho do restelo, a questionar a empreitada do herói. Esse tipo de questionamento é impensável no texto épico mais clássico.

Alguns estudos descobriram a influência espanhola na terceira edição desta obra, datada de 1584, com alterações introduzidas devido à censura. Trigo (in Lamas, 2005) , ao analisar a obra, percebe que a censura deturpou-a em nível religioso e político. No canto IV, estrofe 40, os versos Os Pereiras/ também arrenegados/

Morrem/ arrenegando o Ceo e os Fados foram alterados para Os pereiras/ que também são rebellados/ finalmente são aqui desbaratados estes últimos versos referem-se ao episódio que relata a Batalha de Aljubarrota entre portugueses e espanhóis, em que Camões hiperboliza a ferocidade, a valentia dos castelhanos e engrandece a vitória lusa.

d. El Cantar de Mio Cid

Fig. 07



O poema épico espanhol mais antigo conta a história de um nobre guerreiro espanhol, chamado Rodrigo (ou Ruy) Díaz de Vivar que viveu no século XI, época que a Espanha dividia-se entre reinos de cristãos e mouros.

A canção é datada de 1207 e transcrita no século XIV por Pedro Abád. Segundo a canção, 300 dos melhores cavaleiros castelhanos acompanharam El Cid no exílio travando batalhas contra os mouros. Veja um fragmento da epopéia:

De los sos oios tan fuertementre

llorando,

Tornava la cabeça e estavalos catando;
Vio puertas abiertas e uços sin cañados,
alcandaras vazias, sin pieles e sin mantos
e sin falcones e sin adtores mudados.
Sospiro Mio Cid, ca mucho avie grandes cuidados.

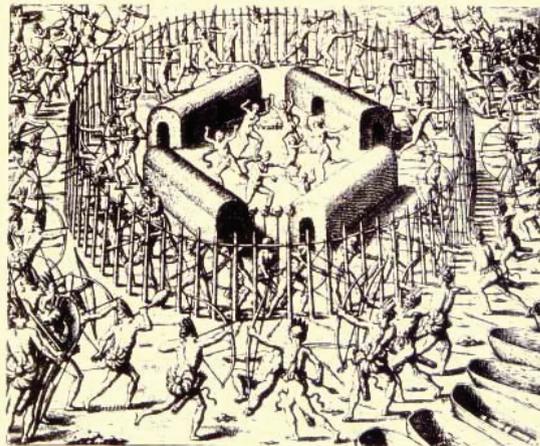
Fabla mio Cid bien e tan mesurado:
«grado a ti, Señor, Padre que estas en alto!
»Esto me an buelto mios enemigos malos.»
Alli piensan de aguiiar, alli sueltan las rriendas;
a la exida de Bivar ovieron la corneia diestra
e entrando a Burgos ovieronla siniestra.
Meçio Mio Cid los ombros e engrameo la tiesta:
«¡Albricia, Albar Fañez, ca echados somos de tierra!
»Mas a grand ondra torneremos a Castiella.»

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantar_de_Mio_Cid

Como você pode observar, praticamente todas as nações orientais e ocidentais apresentam um texto épico muito antigo, cujo herói é considerado um herói fundador, porque ele representa os valores fundamentais do povo a que representa.

Mais recentemente, no Brasil, existem poemas que imitam a estrutura do gênero épico, da epopeia, tais como O caramuru de Frei José de Santa Rita Durão ou O Uruguay, de Basílio da Gama.

Fig. 08



Recriação simplificada de uma típica aldeia tupi sob ataque inimigo.

Ambos os enredos situam-se no período da colonização brasileira, mas foram escritos no século XVII. Cada um segue uma linha. O Caramuru, por exemplo, narra o que seria o processo de miscigenação entre brancos e índios, com o naufrágio do herói Diogo Álvares numa praia brasileira e sua liderança entre os indígenas, assim como o seu casamento com a índia Paraguassu.

O Uruguay, por sua vez, discorre sobre a disputa entre europeus e indígenas, criticando a forte presença jesuítica na região dos Sete Povos das Missões. O poema é um libelo anti jesuíta e defensor ardoroso da política do Marquês de Pombal, a quem o autor é ligado.

Na disciplina de Teoria Literária você vai estudar mais sobre como o épico resistiu na história da literatura e como ele influencia gêneros modernos como o romance. Mas isso é uma outra história. Por enquanto, veja como se estrutura esse gênero literário.

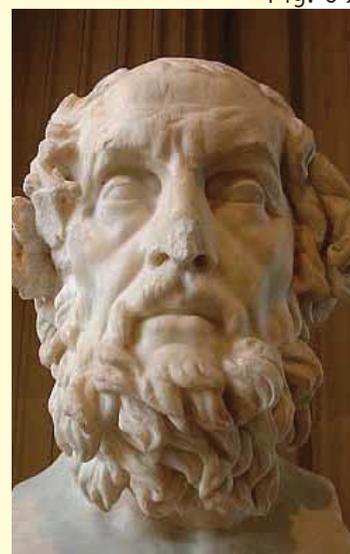
3. Estrutura do gênero épico

A estrutura épica se organizou, sempre, em torno dos mesmos elementos:

- a. **O narrador:** aquele que conta a história, pode ser em primeira ou terceira pessoa. O narrador mais tradicional da épica é aquele em terceira pessoa, pois ele conta sobre algo que já se passou há muito tempo e conhece tudo sobre aquela história. A narrativa só assume uma primeira pessoa, quando o herói conta alguma de suas aventuras pessoalmente, mas isso é mais raro.
- b. **O enredo:** é a sucessão de fatos (aventuras e conflitos) organizados de forma coerente e lógica.
- c. **Tempo:** período que assinala o percurso que vai do início ao fim do enredo.
- d. **Espaço:** ambiente onde os personagens se movimentam.

Outro elemento importante dos poemas épicos é a objetividade, daí o uso da narrativa em terceira pessoa, também, pois o objetivo desta narrativa era a criação de um mundo parecido com o real, visto que a epopéia servia de exemplo para uma determinada sociedade.

Fig. 09





Atenção!

Muitos pesquisadores já estudaram a aproximação entre a epopeia, o romance e a literatura de cordel. Por possuir, esta última, traços semelhantes ao gênero épico, vários cordéis eram escritos em torno dos grandes personagens lendários. Os primeiros cordéis no Brasil, inclusive, versavam sobre personagens da literatura medieval européia como Carlos Magno. Depois eles passaram a falar de heróis da região nordeste e as narrativas sempre traziam grandes feitos que serviam de exemplo para o povo de uma determinada região e época.

O cordel é uma literatura cuja origem é principalmente Ibérica, ou seja, da região onde estão situados Portugal e Espanha.



Mãos à obra

1. Pesquise um pouco. Procure letras de músicas que apresentem alguns traços da epopeia, como a presença de um herói, uma narrativa que misture traços da realidade e elementos míticos e algumas características da estrutura deste gênero.

2. Veja abaixo um fragmento de um poema de cordel:

Encontro de Lampião com Kung Fu em Juazeiro do Norte Abraão Batista

Meu leitor, meu amiguinho
Permita a imaginação
Desse encontro imaginário
De Kung Fu com Lampião
Na cidade de Juazeiro
De Padre Cícero Romão...
Pois bem, eu vou dizer
Como foi que aconteceu
Dizendo quem se feriu
Quem matou e quem morreu

Depois diga por aí
Quem contou isso foi eu
Mas se lembre esta história
É livre e imaginária
Vem do direito do poeta
Que tem na indumentária
Do infinito astucioso
Que não tem medo de pária
Lampião, todos conhecem
Mas não sabem interpretar
Só sabem falar mal dele
Porque não quiseram indagar
A causa que ele abraçou
E o que o forçou a matar
Se Lampião foi cangaceiro
Foi que o forçaram a matar
Ele era bom e justiceiro
Antes de o incriminar
Pois a justiça dos homens
Às vezes não sabe julgar

Fonte: <http://www.arteducacao.pro.br/Cultura/cordel/cordel2.htm>

- a) Identifique os elementos do poema (narrador, personagens, narrativa, tempo e espaço)
- b) O poema acima apresenta traços da epopeia? Justifique.

Já sei!



Nesta aula estudamos o último gênero literário definido por Aristóteles, o gênero épico. Embora saibamos que atualmente a classificação dos gêneros inclui o gênero narrativo e suas variadas manifestações como um desdobramento da epopeia. Vimos as principais obras da epopéia grega, medieval e espanhola e as características básicas de um texto deste gênero.



Autoavaliação

1) Leia o poema abaixo e identifique os elementos da epopeia estudados nesta aula:

ILÍADA LIVRO I

Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles
A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos,
Verdes no Orco lançou mil fortes almas,
Corpos de heróis a cães e abutres pasto:
Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem
O de homens chefe e o Mirmidon divino.
Nume há que os malquistasse? O que o Supremo
Teve em Latona. Insenso um letal morbo
No campo ateia; o povo perecia,
Só porque o rei desacatara a Crises.
Com ricos dons remir viera a filha
Aos alados baixéis, nas mãos o cetro
E a do certo Apolo ínfula sacra.
Ora e aos irmãos potentes mais se humilha:
"Atridas, vós Aqueus de fina greva,
Raso o muro Priâmeo, assim regresso
Vos dêem feliz do Olimpo os moradores!
Peço a minha Criseida, eis seu resgate;
Reverentes à prole do Tonante,
Ao Longe-vibrador, soltai-me a filha."

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>

2) Aristóteles na Arte poética faz a comparação entre a epopeia e a tragédia. Leia e elabore um comentário sobre o que você compreendeu por esta distinção:

7. Quanto à epopéia, por seu estilo corre a par com a tragédia na imitação dos assuntos sérios, mas sem empregar um só metro simples ou forma negativa. Nisto a epopéia difere da tragédia.

8. E também nas dimensões. A tragédia empenha-se, na medida do possível, em não exceder o tempo de uma revolução solar, ou

pouco mais. A epopéia não é tão limitada em sua duração; e esta é outra diferença.

9. Se bem que, no princípio, a tragédia, do mesmo modo que as epopéias, não conhecesse limites de tempo.

10. Quanto às partes constitutivas, umas são comuns à epopéia e à tragédia, outras são próprias desta última.

11. Por isso, quem numa tragédia souber discernir o bom e o mau, sabê-lo-á também na epopéia. Todos os caracteres que a epopéia apresenta encontram-se na tragédia também.

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>

Referências



FOLLMANN, Herick Thomas. **A influência da epopéia de Gilgamesh na escrita do Gênesis**. Disponível em:

<http://www.klepsidra.net/klepsidra23/gilgamesh.htm>

LAMAS, Maria Paula. **A influência espanhola na edição de 1584 d'Os Lusíadas**. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/soletras/11/03.htm>

VILARINHO, Sabrina. **Gênero épico**. Disponível em:

<http://www.brasilecola.com/literatura/genero-epico.htm>

KLUGER, Rivkah Schärf. **O significado arquetípico de Gilgamesh**. São Paulo: Paulus, 1999

Fig01: <http://blogdoalexmuller.zip.net/images/603gilgamesh.gif>

Fig02: http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.fcmc.pi.gov.br/galeria/imagens/040_18-02.jpg&imgrefurl=http

Fig03: <http://plato.if.usp.br/1-2003/fmt0405d/helen/ulisses.gif>

Fig04: http://3.bp.blogspot.com/_X6ReIatxzMg/SAzLG81Zk6I/AAAAAAAAATs/S3rP-b224Ns/s1600/gilgamesh1.jpg

Fig05: http://1.bp.blogspot.com/_IZmt8NV6C2s/SxguzcTFfFI/AAAAAAAAABC8/wAaENSrc7lo/s400/A+Apoteose+de+Homero+-+Jean+Auguste+Dominique+Ingres,+1827.jpg

Fig06: http://www.encyclopedia.com.pt/images/odisseia_03.jpg

Fig07: http://3.bp.blogspot.com/_7vZ5y1KCPcA/SQjkNF-U56I/AAAAAAAAACI/iMM7QayTu60/s400/Odisseia.bmp

Fig08: <http://guiadicas.net/fotos/2009/03/os-lusiadas.jpg>

Fig09: <http://www.ilhaitaparica.com/images/historia/gravuratupi2.jpg>



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rosiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante



Aula
A narração 18



Apresentação e Objetivos



Nas aulas anteriores estudamos os principais gêneros literários a partir da divisão clássica: lírico, épico e dramático. Vimos que o gênero lírico está relacionado ao jogo linguístico e à utilização de diversos recursos que fazem parte desta elaboração, como o uso de metáforas. Além disso, apresenta a expressão de sentimentos e emoções humanas. Percebemos que o gênero dramático funda-se na representação e a epopéia é a sequência narrativa em versos. Nesta aula, vamos estudar a narração literária.



Fig. 01



Para começar

Eduardo E Mônica

Legião Urbana

Composição: Renato Russo

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?

Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram...
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer...
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não 'to' legal, não agüento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar..."
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard



Fig. 02

A letra da música acima conta uma sequência de fatos relacionados ao encontro de um casal: Eduardo e Mônica. Veja que no início do texto, na primeira estrofe, o narrador, ou seja, aquele que conta a história, aparece com um questionamento sobre a realidade, sobre as coisas feitas pelo coração. Em seguida, inicia a história propriamente dita, desde o momento do primeiro encontro. Esta sequência de acontecimentos pode ocorrer em qualquer gênero, literário ou não, já a estudamos em aulas anteriores e chama-se sequência narrativa. O que vamos conhecer agora é a predominância desta sequência em textos literários. Vamos começar?

Assim é



1. Narrativa e narração

Walter Benjamin (1987), um teórico da literatura, disse que narrar é congênito ao homem. Mesmo quando não tinha linguagem escrita, ou quando se comunicava apenas por gestos o homem deixava marcas de narrativas nas paredes das cavernas, através das pinturas rupestres que contavam sobre rituais, caçadas, entre outras atividades. O certo é que o ser humano sempre procurou, de alguma forma, expor as suas próprias experiências ou pelo menos criar algumas dessas experiências, quando não as tinha vivido. Assim, vamos falar, nesta aula, sobre essa atividade tão típica dos seres humanos.

Observe atentamente o conto abaixo:

Um Apólogo
Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

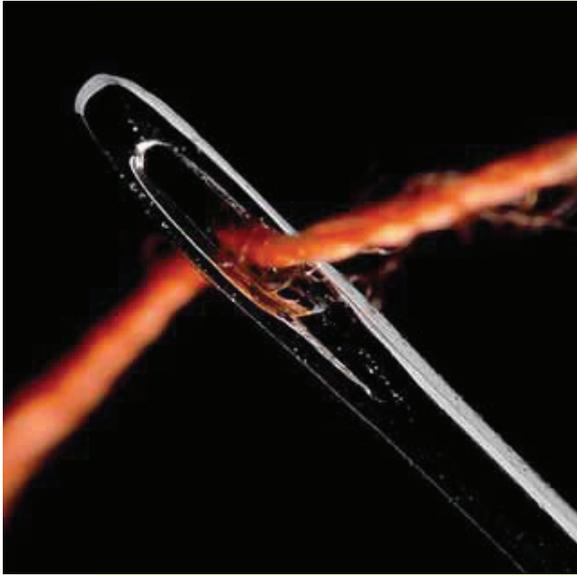


Fig. 03

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa

da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:



Fig. 04

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Fonte: http://www.releituras.com/machadodeassis_apologo.asp

Antes de mais nada, é bom saber que a palavra **apólogo** pode ser considerada sinônimo de fábula. Ou seja, significa uma narrativa cujos personagens são seres inanimados ou animais que ganham voz através do diálogo com o objetivo de passar uma moral, ou ensinamento ao leitor. Esse é um gênero tradicional cuja estrutura é bem fechada, ou seja, apresenta sempre um narrador onisciente e uma estrutura linear (com começo, meio e fim). Nem sempre os contos são assim.

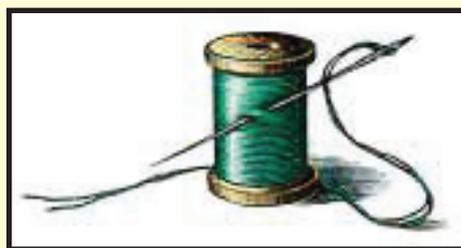


Fig. 05

Vamos começar nossos estudos por uma distinção entre narrativa e narração. A seqüência narrativa é a mudança de estado causada pela ação de alguém. Uma sucessão de acontecimentos pode ter um personagem explícito ou não.

Veja que no conto a primeira ação é realizada pela agulha, ao fazer uma pergunta para o novelo de linha. Após o diálogo, o narrador apresenta uma série de ações realizadas, principalmente, por estas duas

personagens.

Temos então dois tipos básicos de narrativas, a de **aquisição** e a de **perda**. A primeira ocorre quando há relatos de casos que alguém adquire algo, enriquece, se apaixona, ganha um prêmio, etc. A de perda narra acontecimentos de término de amor, saída de emprego, etc. A transformação pode ser realizada pela mesma personagem ou por personagens diferentes no decorrer do conto.

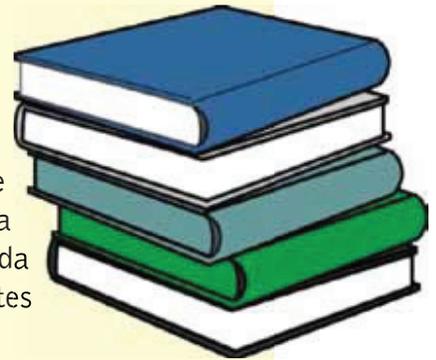


Fig. 06

Na narrativa apresentada, o ato de costurar é de aquisição, pois as personagens realizam algo que, mesmo em clima de competição, é um ganho: a costura de uma roupa.

Para Saviolli & Fiorin (1998) há quatro mudanças de situação típicas presentes em um texto narrativo, são elas:

- ▶ O desejo, querer, necessidade ou dever que mobiliza a ação da personagem;

O conto apresenta o desejo das duas personagens de fazer o melhor no processo de costura, o que dá início à competição.

- ▶ A aquisição da personagem de um saber ou poder;

Veja no texto que as personagens adquirem consciência do que cada uma delas faz no processo de costura, comparando a desenvoltura do trabalho:

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

- ▶ A ação propriamente dita, que é a mudança principal da narrativa;

As personagens entregam-se ao ato de costurar e cessa o diálogo, dando início a mais um momento da narrativa:

E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

- ▶ A constatação da transformação principal e a atribuição de ganhos ou punições às personagens que participaram do

evento.

Após a costura, a linha constata que é ela que vai ao baile na roupa da baronesa, considerando-se assim, mais importante que a agulha, quando outros personagens entram na narrativa:

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Mesmo que estas mudanças não sejam mencionadas de forma explícita, elas estarão logicamente pressupostas no decorrer do texto.

Quando a narrativa é longa, apresenta várias sequências coordenadas, implicadas e subordinadas umas às outras das quatro transformações. A narratividade ou a sequência narrativa pode existir em textos que não são predominantemente narrativos, assim, um texto dissertativo pode apresentar a narrativa em sua estrutura.

Um texto que apresenta a sequência narrativa de forma predominante é uma narração. A narração tradicional apresenta basicamente quatro características:

- ▶ É um conjunto de transformações de situações relacionadas a personagens diversos, num tempo e espaço determinados. Assim, a linha e a agulha, no conto *Apólogo*, de Machado de Assis dialogam competindo entre si em relação ao ato de costurar, depois se chega à conclusão que o mérito é da linha até que o alfinete chega e mostra a sua opinião, desconstruindo a competição.
- ▶ É um texto figurativo, pois trabalha com personagens, situações, tempos e espaços determinados. No caso do conto apresentado, as personagens são a linha, a agulha, a baronesa, o alfinete e o professor de melancolia. A situação é a da costura da roupa da baronesa. O tempo é cronológico e o espaço é aquele usado no ato de costurar, a própria roupa.
- ▶ Apresenta progressão temporal em sua estrutura.
- ▶ O ato de narrar, muitas vezes, é posterior à história contada,

assim, o conjunto de tempos presentes na narração é o pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça [...]

Observe que a narração apresenta em sua estrutura alguns elementos principais que a definem como tal. Um determinado gênero é uma narração quando tem as quatro características explicitadas acima. No entanto, é importante ressaltar que o esquema apresentado aponta características básicas da narrativa, mas não abrange a heterogeneidade das formas de narrar, que são inúmeras, como a simulação da consciência ou de uma câmera em movimento, por exemplo.

Vamos estudar agora um gênero com seqüência narrativa predominante, ou seja, com narração: **o conto**.

2. O conto



Fig. 07

O conto é uma narração simples e curta sobre um episódio. É um dos gêneros literários da prosa de ficção, com características próprias que o difere de outras narrativas. Um conto deve ter unidade. Suas primeiras manifestações eram orais, aparecendo nas mais antigas

civilizações, com origem nos mitos e nas lendas, sob a forma de narrativas imaginárias e fantásticas.

Na literatura árabe, temos *As Mil de Uma Noites*. A versão escrita do conto fixa-se a partir do século XVIII, para depois, no século XIX estabelecer-se. No final do século XX, com Maupassant, Tchekhov, O. Henry e Machado de Assis haveria uma elaboração mais perfeita deste gênero.

2.1 Uma análise...

Uma narração que pode ampliar-se não é conto, pois o mesmo se estrutura com uma única célula, um só conflito e ação. Pelo mesmo motivo, apresenta poucas personagens, estáticas, com poucas facetas de caráter. É geralmente narrado em 3ª pessoa e prende-se à realidade concreta, embora seja ficcional. Entre seus componentes, o diálogo é presente, apresentando-se de forma indireta, direta e interior. Por centrar-se no conflito, a descrição é presente em muitos casos, mas não é preponderante.

A trama pode ser linear e objetiva em narrativas mais tradicionais, no entanto, há inúmeras formas de estruturar a trama de um conto, pois nem sempre há linearidade e cronologia. Sua força reside no jogo narrativo que prende o interesse do leitor.

O **foco narrativo** são as 1ª e 3ª pessoas, transmitindo uma única impressão. Vamos analisar o conto abaixo:

Depois do jantar

Carlos Drummond de Andrade

Também, que idéia a sua: andar a pé, margeando a Lagoa Rodrigo de Freitas, depois do jantar.

O vulto caminhava em sua direção, chegou bem perto, estacou à sua frente. Decerto ia pedir-lhe um auxílio.

— Não tenho trocado. Mas tenho cigarros. Quer um?

— Não fumo, respondeu o outro.

Então ele queria é saber as horas. Levantou o antebraço esquerdo, consultou o relógio:

— 9 e 17... 9 e 20, talvez. Andaram mexendo nele lá em casa.

— Não estou querendo saber quantas horas são. Prefiro o relógio.



— Como?

— Já disse. Vai passando o relógio.

— Mas ...

— Quer que eu mesmo tire? Pode machucar.

— Não. Eu tiro sozinho. Quer dizer... Estou meio sem jeito. Essa fivelinha enguiça quando menos se espera. Por favor, me ajude.

O outro ajudou, a pulseira não era mesmo fácil de desatar. Afinal, o relógio mudou de dono.

— Agora posso continuar?

— Continuar o quê?

— O passeio. Eu estava passeando, não viu?

— Vi, sim. Espera um pouco.

— Esperar o quê?

— Passa a carteira.

— Mas...

— Quer que eu também ajude a tirar? Você não faz nada sozinho, nessa idade?

— Não é isso. Eu pensava que o relógio fosse bastante. Não é um relógio qualquer, veja bem. Coisa fina. Ainda não acabei de pagar..

— E eu com isso? Então vou deixar o serviço pela metade?

— Bom, eu tiro a carteira. Mas vamos fazer um trato.

— Diga.

— Tou com dois mil cruzeiros. Lhe dou mil e fico com mil.

— Engraçadinho, hem? Desde quando o assaltante reparte com o assaltado o produto do assalto?

— Mas você não se identificou como assaltante. Como é que eu podia saber?

— É que eu não gosto de assustar. Sou contra isso de encostar o metal na testa do cara. Sou civilizado, manja?

— Por isso mesmo que é civilizado, você podia rachar comigo o dinheiro. Ele me faz falta, palavra de honra.

— Pera aí. Se você acha que é preciso mostrar revólver, eu mostro.

— Não precisa, não precisa.

— Essa de rachar o legume... Pensa um pouco, amizade. Você está querendo me assaltar, e diz isso com a maior cara-de-pau.

— Eu, assaltar?! Se o dinheiro é meu, então estou

assaltando a mim mesmo.

— Calma. Não baralha mais as coisas. Sou eu o assaltante, não sou?

— Claro.

— Você, o assaltado. Certo?

— Confere.

— Então deixa de poesia e passa pra cá os dois mil. Se é que são só dois mil.

— Acha que eu minto? Olha aqui as quatro notas de quinhentos. Veja se tem mais dinheiro na carteira. Se achar uma nota de 10, de cinco cruzeiros, de um, tudo é seu. Quando eu confundi você com um, mendigo (desculpe, não reparei bem) e disse que não tinha trocado, é porque não tinha trocado mesmo.

— Tá bom, não se discute.

— Vamos, procure nos... nos escaninhos.

— Sei lá o que é isso. Também não gosto de mexer nos guardados dos outros. Você me passa a carteira, ela fica sendo minha, aí eu mexo nela à vontade.

— Deixe ao menos tirar os documentos?

— Deixo. Pode até ficar com a carteira. Eu não coleciono. Mas rachar com você, isso de jeito nenhum. É contra as regras.

— Nem uma de quinhentos? Uma só.

— Nada. O mais que eu posso fazer é dar dinheiro pro ônibus. Mas nem isso você precisa. Pela pinta se vê que mora perto.

— Nem eu ia aceitar dinheiro de você.

— Orgulhoso, hem? Fique sabendo que tenho ajudado muita gente neste mundo. Bom, tudo legal. Até outra vez. Mas antes, uma lembrancinha.

Sacou da arma e deu-lhe um tiro no pé.

Texto extraído do livro "Os dias lindos", Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro, 1977, pág. 54.

Veja que o foco narrativo está em 3ª pessoa e os verbos no tempo pretérito perfeito e imperfeito. Os acontecimentos são apresentados de forma simples: um homem sai de casa depois do jantar e vai caminhar às margens da lagoa Rodrigo de Freitas. Depara-se com um assaltante e com ele trava um diálogo até finalmente entregar a sua carteira e receber um tiro no pé. Observe que este conto apresenta uma única

unidade dramática: o assalto. O tempo é relativamente curto e o espaço definido. Apresenta apenas dois personagens, tendo o diálogo como estrutura dominante.

Esse conto apresenta um pequeno drama cotidiano, a personagem sai de casa depois do jantar apenas para relaxar e depara-se com uma situação trágica, evidenciando o drama humano de não ter tranquilidade para passear nos arredores da sua casa, num mundo de violência e incertezas. Interpretar a realidade através do olhar da ficção é uma característica da narração.

Mãos a obra



Com base no que você leu aqui sobre o conto, responda:

1. Qual a diferença entre narrativa e narração?

2. Quais as primeiras formas de conto da humanidade?

3. Procure um conto de que você goste e tente identificar nele alguns dos principais elementos que o estruturam como tal.



Atenção!

É importante ressaltar que a estrutura do conto aqui apresentada está baseada numa abordagem tradicional. O conto contemporâneo apresenta uma diversidade de formas e, várias delas, subvertem a tradição, o que constitui a originalidade de muitas obras. Daí a necessidade de conhecermos a tradição para identificar outras formas de se construir este gênero.



Mãos a obra

Leia o conto abaixo para responder às questões 01, 02 e 03:

Cego e amigo Gedeão à beira da estrada

Moacyr Scliar

— Este que passou agora foi um Volkswagen 1962, não é, amigo Gedeão?

— Não, Cego. Foi um Simca Tufão.

— Um Simca Tufão? ... Ah, sim, é verdade. Um Simca potente. E muito econômico. Conheço o Simca Tufão de longe. Conheço qualquer carro pelo barulho da máquina.

Este que passou agora não foi um Ford?

— Não, Cego. Foi um caminhão Mercedinho.

— Um caminhão Mercedinho! Quem diria! Faz tempo que não passa por aqui um caminhão Mercedinho. Grande caminhão. Forte. Estável nas curvas. Conheço o Mercedinho de longe... Conheço qualquer carro. Sabe há quanto tempo sento à beira desta estrada ouvindo os motores, amigo

Gedeão? Doze anos, amigo Gedeão. Doze anos.

É um bocado de tempo, não é, amigo Gedeão? Deu para aprender muita coisa. A respeito de carros, digo. Este que passou não foi um Gordini Teimoso?

— Não, Cego. Foi uma lambreta.

— Uma lambreta... Enganam a gente, estas lambretas. Principalmente quando eles deixam a descarga aberta.

Mas como eu ia dizendo, se há coisa que eu sei fazer é reconhecer automóvel pelo barulho do motor. Também, não é para menos: anos e anos ouvindo!

Esta habilidade de muito me valeu, em certa ocasião... Este que passou não foi um Mercedinho?

— Não, Cego. Foi o ônibus.

— Eu sabia: nunca passam dois Mercedinhos seguidos. Disse só pra chatear. Mas onde é que eu estava? Ah, sim.

Minha habilidade já me foi útil. Quer que eu conte, amigo Gedeão? Pois então conto. Ajuda a matar o tempo, não é? Assim o dia termina mais ligeiro. Gosto mais da noite: é fresquinha, nesta época. Mas como eu ia dizendo: há uns anos atrás mataram um homem a uns dois quilômetros daqui. Um fazendeiro muito rico. Mataram com quinze balaços. Este que passou não foi um Galaxie?

— Não. Foi um Volkswagen 1964.

— Ah, um Volkswagen... Bom carro. Muito econômico. E a caixa de mudanças muito boa. Mas, então, mataram o fazendeiro. Não ouviu falar? Foi um caso muito rumoroso. Quinze balaços! E levaram todo o dinheiro do fazendeiro. Eu, que naquela época já costumava ficar sentado aqui à beira da estrada, ouvi falar no crime, que tinha sido cometido num domingo. Na sexta-feira, o rádio dizia que a polícia nem sabia por onde começar. Este que passou não foi um Candango?

— Não, Cego, não foi um Candango.

— Eu estava certo que era um Candango... Como eu ia

contando: na sexta, nem sabiam por onde começar.

Eu ficava sentado aqui, nesta mesma cadeira, pensando, pensando... A gente pensa muito. De modos que fui formando um raciocínio. E achei que devia ajudar a polícia. Pedi ao meu vizinho para avisar ao delegado que eu tinha uma comunicação a fazer. Mas este agora foi um Candango!

— Não, Cego. Foi um Gordini Teimoso.

— Eu seria capaz de jurar que era um Candango. O delegado demorou a falar comigo. De certo pensou: “Um cego? O que pode ter visto um cego?” Estas bobagens, sabe como é, amigo Gedeão. Mesmo assim, apareceu, porque estavam tão atrapalhados que iriam até falar com uma pedra. Veio o delegado e sentou bem aí onde estás, amigo Gedeão. Este agora foi o ônibus?

— Não, Cego. Foi uma camioneta Chevrolet Pavão.

— Boa, esta camioneta, antiga, mas boa. Onde é que eu estava? Ah, sim. Veio o delegado. Perguntei:

“Senhor delegado, a que horas foi cometido o crime?”

— “Mais ou menos às três da tarde, Cego” — respondeu ele. “Então” — disse eu. — “O senhor terá de procurar um Oldsmobile 1927. Este carro tem a surdina furada.

Uma vela de ignição funciona mal. Na frente, viajava um homem muito gordo. Atrás, tenho certeza, mas iam talvez duas ou três pessoas.” O delegado estava assombrado. “Como sabe de tudo isto, amigo?” — era só o que ele perguntava. Este que passou não foi um DKW?

— Não, Cego. Foi um Volkswagen.

— Sim. O delegado estava assombrado. “Como sabe de tudo isto?” — “Ora, delegado” — respondi. — “Há anos que sento aqui à beira da estrada ouvindo automóveis passar. Conheço qualquer carro. Sem mais: quando o motor está mal, quando há muito peso na frente, quando há gente no banco de trás. Este carro passou para lá às quinze para as três; e voltou para a cidade às três e quinze.” — “Como é que tu sabias das horas?” — perguntou o delegado. — “Ora,

delegado"— respondi. — "Se há coisa que eu sei — além de reconhecer os carros pelo barulho do motor — é calcular as horas pela altura do sol." Mesmo duvidando, o delegado foi... Passou um Aero Willys?

— Não, Cego. Foi um Chevrolet.

— O delegado acabou achando o Oldsmobile 1927 com toda a turma dentro. Ficaram tão assombrados que se entregaram sem resistir. O delegado recuperou todo o dinheiro do fazendeiro, e a família me deu uma boa bolada de gratificação. Este que passou foi um Toyota?

— Não, Cego. Foi um Ford 1956.

Fonte: http://www.releituras.com/mscliar_cego.asp

1. De acordo com o desencadear das ações das personagens, esta narrativa é de aquisição ou de perda? Justifique.

2. Transcreva as informações dadas sobre o tempo e o espaço da narrativa.

3. Analise a importância do diálogo para a construção desta narrativa



Um passo a mais

Conheça um pouco mais sobre o conto pesquisando no site:
<http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/997613>



Já sei!

Estudamos nesta aula a seqüência narrativa presente no gênero conto. Fizemos a distinção entre narrativa e narração. Apresentamos o conto e suas principais características e estrutura.



Autoavaliação

1. O texto abaixo é narrado a partir de uma perspectiva de um narrador em primeira pessoa. Leia-o com atenção:

Apelo

Dalton Trevisan

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.



Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, até o canário ficou mudo. Não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia.

Sentia falta da pequena briga pelo sal no tomate — meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa. Calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolha? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

Fonte: http://www.releituras.com/daltonrevisan_apelo.asp

- a) Identifique o tema desenvolvido no texto lido.
 - b) Analise a construção do tempo e do espaço no desenvolvimento do conto.
 - c) O foco narrativo, neste conto, faz com que as informações sobre a Senhora sejam apresentadas de forma objetiva ou subjetiva? Por quê?
2. Que tal agora produzir o seu texto? Elabore um conto a partir do tema do texto lido: Separação conjugal.



Referências

ABAURRE, Maria Luiza. **Português: língua, literatura, produção de textos: volume único.** São Paulo: Moderna, 2004.

ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES DE BRAGANÇA PAULISTA.
Gêneros literários. Disponível em:
<http://www.asesbp.com.br/literatura/conto.htm>

BENJAMIN, Walter. O narrador. Obras escolhidas. In: **Magia e técnica – arte e política.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SAVIOLLI, F. P. e FIORIN, J.L. **Lições de texto: leitura e redação.** São Paulo: Ática, 1998.

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - <http://chiceserinteligente.files.wordpress.com/2009/07/livro.jpg>
- ▶ Figura 02 - <http://cantodemeninas.blogspot.com/2009/01/eduardo-e-mnica-legio-urbana.html>
- ▶ Figura 03 - http://1.bp.blogspot.com/_GPMXpYzy1yk/Sy0f-pqTGeI/AAAAAAAAA-U/S3SRy5FqIBM/s320/agulha-e-linha.jpg
- ▶ Figura 04 - <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/apologo.gif>
- ▶ Figura 05 - http://www._estacoes.blogger.com.br/iwdayala0265c.jpg
- ▶ Figura 06 - http://www.eb23-jorge-barros.rcts.pt/internet_8F/imagens/LOT/contos.jpg
- ▶ Figura 07 - <http://www.eb23-cmdt-conceicao-silva.rcts.pt/sev/lp/fada.jpg>



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves



Aula
A crônica 19



Apresentação e Objetivos



Até aqui, conhecemos mais sobre a Língua Portuguesa, aprofundamos nossos estudos sobre língua, linguagem, texto e estratégias de leituras. Ainda, fizemos uma leve introdução sobre os gêneros literários, estudamos um pouco as características de cada um deles e trouxemos uma aula sobre o conto, como aprofundamento e exemplificação do gênero narrativo. Que tal agora conhecermos um outro gênero bem parecido com o conto, mas com presença da seqüência dissertativa? Vamos conhecer a crônica?

Fig. 01





Para começar

Acertei No Milhar

Moreira da Silva

Composição: Winson Batista/Geraldo Pereira

Etelvina (o que é, Morengueira?)

Acertei no milhar!

Ganhei quinhentos contos (milhas), não vou mais trabalhar

você dê toda roupa velha aos pobres

e a mobília podemos quebrar

(breque)

“Isso é pra já, vamos quebrar. Pam, pam, bum, etc...”

Etelvina vai ter outra lua-de-mel

você vai ser madame

vai morar num grande hotel

eu vou comprar um nome não sei onde

de Marquês Morengueira de Visconde

um professor de francês mon amour

eu vou mudar seu nome pra Madame Pompadour

Até que enfim agora sou feliz

vou passear a Europa toda até Paris

e nossos filhos, oh, que inferno

eu vou pô-los num colégio interno

me telefone pro Mané do armazém

porque não quero ficar devendo nada a ninguém

e vou comprar um avião azul

para percorrer a América do Sul

mas de repente, derrepengente

Etelvina me acordou está na hora do batente

mas de repente, derrepengente

- Se acorda, vargulino! Saia pela porta de trás que na frente tem gente.

Foi um sonho, minha gente!

Fonte: <http://letras.terra.com.br/moreira-da-silva/393251/>

A letra da música acima, interpretada por Moreira da Silva, é um samba de breque. Este tipo de samba foi popularizado quando Moreira foi cantar o samba Jogo Proibido no Cine-Teatro Meier, numa noite de abril de 1936 e inseriu versos improvisados nos intervalos, chegando a parar a melodia para inserir um discurso. Geralmente o sambista introduzia uma

Fig. 02



narrativa com algum fato corriqueiro e realizava cortes várias vezes, com comentários sobre o fato. Veja que nesta letra o narrador chama Etelvina e dá uma notícia, narra o fato de ter acertado no bilhar e seus planos para a utilização do dinheiro, mas no final, conta que foi um sonho interrompido por Etelvina, que o acordava para trabalhar. O verso “Foi um sonho, minha gente!” funciona como ironia e chama a atenção do leitor para uma realidade que não é apenas do narrador, mas de muitos brasileiros: o sonho de acertar no bilhar... Esta letra apresenta a narração, mas os elementos introduzidos no corte e a ironia do narrador podem gerar uma reflexão do leitor para um aspecto da realidade que lhe é comum. Esta é uma característica da crônica.

Assim é



1. A crônica

Veja agora alguns aspectos da crônica, que pode apresentar sequência narrativa predominante ou sequência dissertativa, de acordo com a intenção do autor.

A origem da palavra crônica é grega e vem de Chronos, que significa tempo. Desde sua origem a crônica é um relato de acontecimentos. Com o avanço da imprensa e do jornal, tornou-se folhetim e era informativa e crítica, aos poucos, constituiu-se um gênero literário, com linguagem mais leve, porém, com poesia e humor, conferindo seu caráter estético. Na crônica, tudo pode ser motivo de reflexão.

A crônica pode receber diversas classificações. Existe a crônica mundana, que trata de fatos ou acontecimentos corriqueiros, a lírica, expressando um estado de espírito do cronista, a filosófica, que apresenta uma reflexão a partir de um fato, a crônica humorística, que reflete uma visão irônica dos fatos e a jornalística, apresentando aspectos particulares de notícias ou fatos periodicamente.

Fig. 03



Veja algumas características da crônica:

- Ligada à vida cotidiana;
- Narrativa informal, familiar, intimista;
- Uso da oralidade na escrita: linguagem coloquial;
- Sensibilidade no contato com a realidade;
- Síntese;
- Uso do fato como meio ou pretexto para o artista exercer seu estilo e criatividade;
- Dose de lirismo;
- Natureza ensaística;
- Leveza;
- Diz coisas sérias por meio de uma aparente conversa fiada;
- Uso do humor;
- Brevidade;
- É um fato moderno: está sujeita à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna.

A crônica é um gênero que oscila entre a literatura e o jornalismo, resultado da visão do cronista sobre a realidade. Apresentando seqüências narrativas, descritivas e dissertativas. A linguagem é, em geral, coloquial e descompromissada, muito próxima do humor. Com doses de ironia, crítica, poesia e, apesar da leveza, apresenta ao leitor uma visão da realidade muito além dos fatos que narra.

Leia a crônica a seguir:

A Última Crônica

Fernando Sabino

Composição: Winson Batista/Geraldo Pereira

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta

perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.



Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A postura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho - um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola,

o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Referências:

Disponível em: <http://www.releituras.com>. Acesso: 13/05/2007.

O narrador está em primeira pessoa, mas ao mesmo tempo em que relata fatos apresenta reflexões em relação aos acontecimentos. Perceba que o narrador, em princípio, procura algo sobre o que escrever, o que denuncia o apego da crônica à realidade. Ele descobre o assunto de seu texto ao atentar para uma cena aparentemente banal: uma família que pede um lanche. Mas esse fato do cotidiano revela uma situação muito mais pungente: o amor dos pais pela filha, o cuidado em comemorar o aniversário da menina, mesmo sem ter condições financeiras para isto, a forma como aquela pequena festa íntima deixa o pai satisfeito consigo mesmo. Esta crônica revela a sua hibridez porque além de apresentar a narrativa é um texto por alguém que tem a necessidade diária de escrever, ou seja, que escreve em função de um periódico, um jornal, porventura. Mas, para além disso, esse texto revela a poesia na observação do cotidiano, o contingente literário desse gênero textual.

Mãos à obra



1. Identifique no texto de Fernando Sabino, acima, alguns aspectos típicos da crônica:

- Em que pessoa a narrativa do verbo é construída?
- Há alguma dose de lirismo no texto? Justifique sua resposta.
- Há algum tipo de reflexão gerada a partir de sua leitura? Descreva-a.

2. A crônica argumentativa e outros detalhes

A crônica argumentativa se diferencia das demais porque apresenta uma reflexão crítica sobre o tema em questão, por mais poética que seja a linguagem.

A crônica argumentativa se disseminou através da imprensa periódica (folhetins e jornais), principalmente a partir do século XIX. Os primeiros textos eram curtos e Abriam o periódico apresentando de forma ampla os acontecimentos do dia ou da semana. Depois a crônica assumiu uma coluna nos folhetins (em geral na primeira página do periódico) e por fim passou a fazer parte definitivamente do jornalismo, adquirindo ares literários e exposta em várias seções dos jornais, dependendo do tema (cultura, esportes, política, etc.).

A característica mais relevante de uma crônica argumentativa é o seu objetivo. Seu eixo temático é sempre em torno de uma realidade social, política ou cultural. Essa realidade passa por uma avaliação crítica do autor da crônica e gera-se, a partir daí, quase sempre uma opinião em tom de protesto. Esse tipo de crônica pode ser simplesmente argumentativa, dispensando o uso da narração. E às vezes modificam-se nela aspectos típicos do gênero, como a leveza ou o humor.

Um fato interessante sobre a crônica é que ela é, hoje, considerada um gênero brasileiro. Não porque tenha sido criada aqui no Brasil, mas porque aqui ela alcançou um patamar de qualidade literária muito alto. Os principais escritores brasileiros produziram crônicas: José de Alencar e Machado de Assis, por exemplo. Mas, se você quiser nomes mais modernos, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Luis Fernando Veríssimo. Este último, aliás, é exímio



Fig. 05

em crônicas humorísticas e escreve principalmente esse tipo de gênero. Um outro grande escritor brasileiro cuja obra é basicamente constituída por crônicas é Ruben Braga.

Pesquise esses nomes! Leia algumas crônicas de cada um deles.

Um fator que facilita a leitura de crônicas é o fato de serem textos curtos, lidos, então, rapidamente. Isso se deve, evidentemente, ao fato de serem textos cujo objetivo primordial é a publicação em periódicos (jornais e revistas).

Outro detalhe interessante é que há inúmeros jornalistas brasileiros que são também excelentes cronistas, é o caso de Arnaldo Jabor ou, aqui do Rio Grande do Norte, Vicente Serejo. E há jovens autores que tem se destacado no cenário, através da internet, em blogs, através das crônicas. Um jovem escritor do Rio Grande do Norte que vem publicando seus textos agora em livro é Carlos Fialho. Veja uma crônica que ele publicou na internet:

O Raqueiro

Carlos Fialho
quarta-feira, 7/janeiro/2009

Ele tem um notável problema de dicção. Como um Cebolinha mal programado troca o "V" pelo "R" sem a menor cerimônia. Isso não o atormenta. Diz ser coisa do sotaque interiorano, pois cresceu no campo, em meio a criações de gado e safras das mais diversas. E foi precisamente no saudável ambiente interiorano, de pessoas humildes e trabalhadoras, mas também rudes e pouco intruídas, onde cresceu e apreendeu valores que permeiam sua vida inteira. Porém, acabou por se identificar muito mais com a rudeza e ignorância do que com a humildade e o trabalho que enobrece o homem e lhe atribui caráter.

É que o Raqueiro autêntico, que gosta de raquejada, de Carraleiros do Forró e de se mostrar pro porro, nunca precisou dar um prego numa barra de sabão. O pai já trabalhou por ele. É fazendeiro rico, criador de gado, produtor de muitas toneladas de grãos, dono de terras e dos mais modernos equipamentos para otimizarem o cultivo, desde ordenhadores computadorizados a tratores de último tipo.

Com tanto dinheiro sobrando e já havendo outro trabalhado por ele, só resta ao Raqueiro curtir uma vida boa, andar pelos interiores do RN, tal qual um Ojuara sem nenhum caráter, na sua suntuosa picape de novo rico e gastar a polpuda mesada que nunca falta. É verdade que ele

Fig. 06





também costuma vir ao litoral e à nossa capital (que aliás é uma cidade do interior à beira-mar) e se sente em casa por aqui. Ainda mais nessa época de veraneio, quando pode ir de Pirangi a Muriu, ver concertos dos mais variados repertórios (os Aviões, os Solteirões, os Raparigueiros, os Plays, Rictor & Léo) e atolar seu 4×4 em areias, recebendo socorro de veranistas desavisados e bem-intencionados. Tenho a impressão que atolar seu veículo é um momento de glória, pois dá a ele a oportunidade de exibir sua condição de vida confortável para toda uma turba de pessoas que se amontoam como moscas em redor do seu possante.

Nas vaquejadas, chega a um bar e paga cinquentinha ao sanfoneiro para não parar de tocar um instante, mais cinquentinha ao garçom pra não arredar do seu lado e pede todo tipo de bebida pra não faltar nada nem pra ele nem pro seu séquito de bajuladores e marias-botinas que mantêm o seu ego inflado com elogios incessantes, além de darem ouvidos a suas incríveis peripécias e violentas pelejas em que dera cabo de 3 ou 4 no braço e puxara uma arma para outros tantos.

O Raqueiro, por ter tido sempre tudo nas mãos, acabou por não se habituar a ser contrariado, tendo portanto, desenvolvido no âmago do seu ser uma natureza deveras violenta. Traduzindo para uma linguagem que até ele entenda: é um valentão sem cérebro doido por uma briga. Vive provocando intriga e contando seus causos cheios de exageros e inverdades em que enfrentaram não-sei-quantos e atiraram em não-sei-quem. O Raqueiro anda armado e em bando. É capaz de partir para cima de um pobre rapaz solitário e espancá-lo com a ajuda de 5 comparsas e depois sair bradando por aí que estava quieto, na dele, e foi atacado em sua honra.

Aliás, honra para ele, é algo exclusivamente masculino. O Raqueiro é representante de toda uma cultura coronelista e machista nordestina. Coisa muito da nossa. Logo, por uma questão de conservação da moral e dos bons costumes, todo Raqueiro que se preze deve tratar as mulheres como lixo. Sobretudo as namoradas. Muitas vezes chama as mulheres de vacas (algumas vezes de raparigas). E pra combinar com a saborosa ruminante, ainda orna sua cabeça com belos pares de chifres. Sai escondido, trai todas as semanas e dá em cima até das amigas da namorada. Tudo isso além de gritar, humilhar, diminuir e destratar sua “querida” sempre que possível. Dirige-se a ela sem qualquer cortesia e é incapaz do menor gesto de carinho (beijar em público é feio!). E assim segue sua vida e arranjando garotas subservientes que se submetem aos seus caprichos de menino mimado e ignorante de olho nas posses, no sobrenome da família e nos hectares da fazenda.

Cortesia e gentileza são atributos desconhecidos do Raqueiro, assim como são muitas as fontes de sua completa jumentice. Por favor e Obrigado, por exemplo, nunca fizeram parte do seu vocabulário de pouco mais de 100 palavras.

É fácil reconhecer um Raqueiro. Fala alto como se a cidade inteira precisasse saber quanto custou o cavalo de raça que adquiriu na última Festa do Boi. Conta vantagens sem parar de coisas que fez e surras que deu e raparigas que comeu. Sai ciscando por aí e cantando pneu com sua caminhonete cabine dupla importada. Chama os amigos alternadamente de "major" ou "meu patrão", uma vez que desconhece quaisquer outras formas de se referir às pessoas.

Se você encontrar um tipo assim por aí (e acredite: você vai encontrar), corra como se estivesse fugindo da doença da vaca louca ou de uma manada de zebus enfurecidos. Porque se ele lhe pegar pra prosear, major, num rai ser muito bom não.

Disponível em: <http://colunas.digi.com.br/carlos/o-raqueiro/>
Acesso: 25 de fevereiro de 2010

Essa crônica de Carlos Fialho é primordialmente descritiva. Observe que ele descreve um tipo social, criticando-o através de sua caracterização caricatural. Essa crônica é mais um exemplo da plasticidade desse gênero textual.



Atenção!

A crônica pode ser diferenciada do conto em relação ao tempo, a apresentação da personagem e o desfecho. O tempo na crônica pode ser mais curto, a densidade da análise das personagens menos forte e o desfecho pode ser sugerido para que o leitor o construa, tire suas conclusões. Porém, vale lembrar que a literatura contemporânea apresenta uma diversidade de contos e crônicas e, muitas vezes, os dois gêneros acabam confundindo-se. O importante é apreciá-los e interpretar

Mãos à obra



1. O texto abaixo serve de base para as questões 01, 02 e 03.

Rubem Braga

Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerarei, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.

Rio, novembro, 1958

Fonte: http://www.releituras.com/rubembraga_pavao.asp

1. Veja que a crônica apresenta um recurso poético: a metáfora. Qual é a metáfora presente no texto e quais são as imagens criadas?
2. O uso das imagens na crônica facilita a reflexão do leitor. Faça uma análise desta afirmação a partir do texto.
3. Que reflexões esta crônica desperta em você?

Um passo a mais



Conheça um pouco mais sobre as diferenças entre conto e crônica pesquisando no site: <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/997613>



Já sei!

Nesta aula estudamos mais um gênero: a crônica. Vimos que este gênero é híbrido, pois apresenta mais de uma seqüência em sua estrutura. Estudamos os elementos mais presentes e aqueles que as diferenciam do conto. Esperamos que você tenha se interessado pela crônica também, pois esta apresenta de forma poética e prosaica o nosso cotidiano e temas que podem nos tocar profundamente.



Autoavaliação

As questões 01 e 02 são sobre o texto abaixo. Leia-o com atenção:

O menino e a borboleta encantada

Mil e uma noites haviam se passado desde que o Pássaro Encantado partira. Então ele voltou. Era madrugada. A Menina o viu tão logo a luz alegre do sol fez brilhar as suas penas. Ela o estava esperando. Os apaixonados esperam sempre... Ah! Como foi bom aquele abraço de saudade! Desta vez as suas penas estavam coloridas com as cores das florestas sobre as quais voara. O Pássaro Encantado pôs-se então a cantar os seres das matas, árvores, orquídeas, regatos, cachoeiras, elfos e gnomos... A Menina não se cansava de ouvir. Ouvia e pedia que ele contasse de novo as mesmas estórias, do mesmo jeito. E assim viviam os dois se amando por dias e dias. Mas sempre chegava o momento em que o Pássaro dizia: "Menina, o vôo me chama. Preciso partir. É preciso partir para que o nosso amor não tenha fim. O amor precisa de saudade para viver..." A Menina chorava baixinho mas compreendia. E assim o amor acontecia entre partidas e retornos.

As asas do Pássaro pareciam incansáveis. Estavam sempre à procura de lugares desconhecidos. Ele já visitara montanhas encantadas, planícies geladas, lagos, rios, abismos, castelos, uma cidade construída



na divisa entre a realidade e a fantasia, um reino onde era proibido estar triste, lugares sagrados, vulcões, o país dos dragões verdes e dos gigantes amarelos, jardins, selvas verdes, mares azuis, praias brancas... Sobre todos esses lugares ele lhe contara estórias. A Menina não tinha asas. Mas ela voava nas estórias que o Pássaro lhe contava.

Mas os anos foram se passando. O Pássaro envelheceu. Suas asas já não eram as mesmas da juventude. E também os seus sonhos já não eram os sonhos da mocidade. Deseja-se partir quando é manhã. Mas quando o sol se põe o que se deseja é voltar. E assim um desejo novo surgiu no coração do Pássaro crepuscular: voltar...

O sol acabara de se pôr. Vênus brilhava no horizonte. Foi então que a Menina o viu. Suas penas pareciam incendiadas pelo sol. Depois do abraço ele disse para a Menina algo que nunca lhe dissera antes: "Menina, conte-me as estórias da minha ausência..." E foi assim que, pela primeira vez, o Pássaro se calou e a Menina lhe contou estórias.

Por muitos dias o Pássaro e a Menina gozaram do seu amor. Mas o Pássaro já não era o mesmo. Algo acontecera com os seus olhos. Já não procuravam horizontes longínquos. Eles olhavam as coisas simples que havia na sua casa, coisas que sempre estiveram lá, mas que ele nunca havia visto. Não vira porque o seu coração estava em outro lugar. É o coração que nos diz o que é para ser visto.

Aconteceu então, num dia como os outros, o Pássaro abraçou a Menina, e ele sentiu, nas costas da Menina, algo que nunca sentira.

"Menina, o que é isso?" ele perguntou. Ela enrubesceu e respondeu:

"Asas, pequenas asas... Estão crescendo nas minhas costas..."

E para que ele as visse baixou sua blusa. E ele viu. Sim, pequenas asas, delicadas asas, asas de borboleta, coloridas, diáfnas, frágeis... E ele percebeu que a Menina se preparava para voar. Sua Menina se transformara numa borboleta...

O Pássaro sorriu uma mistura de alegria e de tristeza. Sentiu um leve tremor nos lábios, aquele mesmo tremor que vira nos lábios da Menina a primeira vez que lhe dissera: "Eu quero partir..." Chegara a hora em que ela partiria e ele ficaria. Ele seria, então, aquele que esperaria. Como é dolorido ficar! A solidão de quem fica é maior que a solidão de quem parte! Quem parte vai para mundos novos, cheios de maravilhas desconhecidas. Quem fica, fica num espaço vazio, de objetos velhos, esperando, esperando, contando os dias.

O momento da despedida chegou. A Menina, flutuando com suas grandes asas de borboleta, disse ao Pássaro: "Preciso partir..."

O Pássaro teve vontade de chorar. Queria lhe dizer: "Não vá. Eu a amo tanto." Mas não disse. Lembrou-se de que essas haviam sido as palavras que a Menina lhe dissera, quando ele partira pela primeira vez. O Pássaro temia por ela. Suas asas eram tão frágeis, asas de borboleta que quebram-se a toa. Queria estar com ela para consolá-la na solidão e no cansaço. Mas não fez gesto algum. Ele sabia que os abraços que não se abrem são mortais para o amor.

Ele estendeu a sua mão num gesto de despedida. A Borboleta voou e nela pousou. Ele se aproximou dela, como se fosse beijá-la. Mas não beijou. Apenas soprou suas asas suavemente. "Voa, minha linda Borboleta", ele disse, se despedindo. A Borboleta bateu suas asas, voou e desapareceu na distância.

Então, ao olhar de novo para si mesmo ele não se reconheceu. Já não era o Pássaro Encantado de penas coloridas. Transformara-se num Menino... Um Menino que não sabia voar. Um Menino que esperava a volta da Borboleta Encantada. Então ele voaria nas asas das histórias que ela haveria de lhe contar...

Fonte: <http://www.rubemalves.com.br/cronicascorreio.htm>

1. A crônica traz uma narrativa, porém, apresenta elementos dissertativos e poéticos, tecendo o hibridismo que a constitui. Analise a presença destes elementos com fragmentos do texto.
2. Qual a relação entre o fragmento abaixo e a metáfora da borboleta?
3. "Ele sabia que os abraços que não se abrem são mortais para o amor."
4. Que tal agora produzir o seu texto? Lembre-se da estrutura, das características principais de uma crônica e elabore um texto deste gênero a partir do tema do texto lido.



ABAURRE, Maria Luiza. **Português: língua, literatura, produção de textos: volume único.** São Paulo: Moderna, 2004.

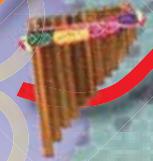
SAVIOLLI, F. P. e FIORIN, J.L. **Lições de texto: leitura e redação.** São Paulo: Ática, 1998.

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - <http://mscamp.files.wordpress.com/2009/05/livro1.jpg>
- ▶ Figura 02 - http://2.bp.blogspot.com/_l0l_UPqXk7Y/Sokz4jRoisI/AAAAAAAAAJew/OeVL_LK1LHI/s320/loteria_29353.jpg
- ▶ Figura 03 - http://4.bp.blogspot.com/_DgFqhf-Kbbc/RwzNsWtoB_I/AAAAAAAAAEh8/JJhIon-NbrM/s320/goor%2B2.jpg
- ▶ Figura 04 - <http://www.bandaviacircular.com.br/blog/wp-content/uploads/2009/11/negros.JPG>
- ▶ Figura 05 - http://purl.pt/351/1/hg-4565-5-a_JPG/hg-4565-5-a_JPG_24-C-W0140/hg-4565-5-a_t24-C-W0140.jpg
- ▶ Figura 06 - <http://www.habbo.pt/habbo-imaging/avatar/sh-906-92.lg-275-91.he-1607-62.wa-2001-62.hd-190-15.ch-255-102.hr-831-61.ha-1013-90,s-0.g-0.d-4.h-4.a-0,bd1374bd37644b3482b94c4de22446b3.gif>



Licenciatura em Espanhol



Língua Portuguesa I
Rousiene da Silva Gonçalves
Ilane Ferreira Cavalcante



Aula
Oficina de produção textual 20

Apresentação e Objetivos



Chegamos ao final de nossas aulas. Nelas você conheceu um pouco mais a língua portuguesa. Sabe agora que a língua é um lugar de interação verbal, construída nas relações sociais e materializa-se através dos gêneros. Os e-mails, recados, telefonemas, mensagens, bate-papos virtuais, diálogos, etc. são exemplos deles. Você viu, também, que cada gênero apresenta grupos de seqüências textuais, com predominância de algumas. Estudou as diferentes competências que se manifestam na realização e produção dos textos. Além disso, mobilizou, de forma consciente ou não, diversas estratégias de leituras antes, durante e depois do processo. Ah, vale lembrar que os sentidos atribuídos aos textos são construções realizadas pelo leitor na interação autor-texto-leitor. Enfim, você conheceu também os gêneros literários e mobilizou um pouco mais o interesse pela leitura de literatura. E agora, o que iremos conhecer? Nossa proposta é que você nesta aula exercite mais a produção textual. Aqui, você vai conhecer e produzir alguns gêneros literários e não-literários: o poema, o texto argumentativo e a crônica. Três linguagens presentes e importantes em nossas vidas: o poema para fruir, o texto argumentativo para posicionar-se no mundo e a crônica para divertir e construir reflexões. Vamos viajar nesta oficina?

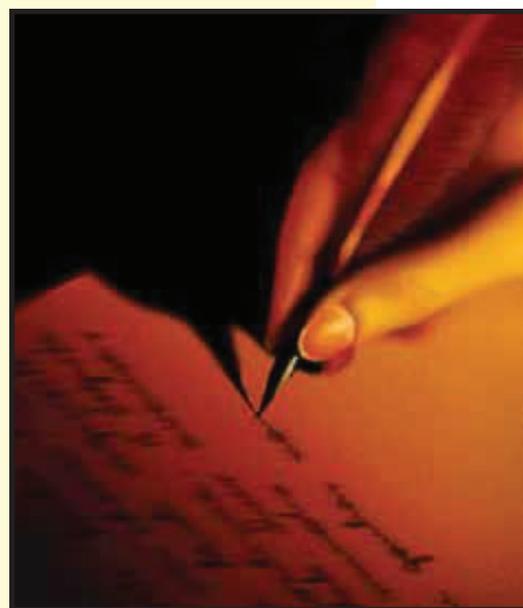


Fig. 01

Objetivos:

- ▶ Aprofundar o conhecimento sobre o ritmo no texto poético;
- ▶ Produzir textos poéticos;

- ▶ Aprofundar o conhecimento sobre o texto argumentativo e a crônica argumentativa;
- ▶ Produzir crônicas argumentativas



Metáfora

Gilberto Gil

Composição: Gilberto Gil – 1982

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: “Lata”
Pode estar querendo dizer
O incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: “Meta”
Pode estar querendo dizer
O inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente
Metáfora

Disponível em: <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/487564/>

Acesso: 09 de março de 2010

Neste poema, Gilberto Gil contrapõe a atividade poética a outras atividades mais concretas, do dia-a-dia. Ele faz isso a partir do jogo com o significado das palavras. ele afirma que o poeta dá as palavras novos sentidos e, a partir deles, constrói uma nova forma de ver

o mundo. Nesse jogo, o recurso a que ele remete é o uso da metáfora... a comparação feita com uma palavra no lugar da outra. A partir da metáfora de "lata" o poema começa a construir-se. Uma lata, diz ele, contém concretamente algo, mas a palavra lata, metaforicamente, pode estar querendo dizer o incontível. Uma meta, que, concretamente, quer dizer algo a atingir, pode, em palavra, remeter ao inatingível... A metáfora cria possibilidades com a linguagem e aí está a riqueza do poema! Assim acontece com os outros gêneros, cada um apresenta vários recursos lingüísticos que contribuem para a sua construção.



Assim é

1. A poesia é...



Fig. 02

*Sim: letra e nuvem
Lutam com os sonhos
Pela posse do poema
(...)
(MENDES, 2003, p.370)*

Em nossa aula anterior sobre a poesia, discutimos um pouco sobre a relação imagem/discurso, ou seja, como as imagens são elaboradas pelo poema e como elas podem produzir em nós determinadas interpretações. Além disso, a imagem suscita sensações e sentimentos diferenciados. Existe um elemento interessante na interação autor-texto-leitor que é o da produção dos fenômenos da ressonância e da repercussão, descrito por Bachelard(1978). Partindo de uma concepção fenomenológica da arte, o autor procura romper com as análises psicanalíticas sobre a imagem, de que esta poderia ser interpretada para desvelar o mundo subjetivo do artista. A imagem, para Bachelard (1978) deve ser percebida por si mesma, sem uma relação de causalidade direta.

O momento da concepção de imagens novas criaria então dois movimentos: a **ressonância** seria o momento fundador da imagem nova, sem uma relação direta com algo anterior a ela, mas com a complexidade de imagens que dialogam no universo do artista. A imagem nova seria uma reelaboração das imagens que adormecem no psiquismo. A **repercussão** seria o fenômeno do compartilhamento das imagens com o leitor/público, através do poema escrito, cantado ou declamado. A poesia repercute porque envolve ampliando a produção das imagens para o campo da relação com o outro que é também produtor de imaginação. É quando o poema nos toma, nos envolve e o temos como nosso, trazendo a ele nossas impressões e significados que estão além do texto, pois repousam em nossa subjetividade.

Para Bosi (2000) a fantasia e o devaneio são a imaginação movida pelos afetos, aqui, é encontrada uma causalidade para a produção do devaneio: a emoção. O autor entra na apreciação da produção sonora do poema e observa duas operações: a **denominação**, quando as imagens tornam-se nomes e a **predicação**, quando se diz algo sobre esta imagem que tornou-se nome. Deste processo, cria-se a frase. As produções incessantes de frases, no discurso prosaico, em relação com o corpo, obedecem a descontinuidades, sem obedecer a regularidades

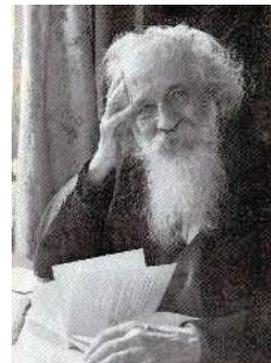


Fig. 03

Gaston Bachelard (1884 -1962) foi um filósofo e poeta francês que estudou sucessivamente as ciências e a filosofia. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência.

e nem à duração absoluta. Entre silêncios e discursos o ritmo se faz. O estudo dos ritmos, para Bosi (2000), poderia dar conta dos modos de ser da linguagem.

Na poesia, o uso do ritmo se deu de vários modos, para fins didáticos, destacamos três: o primitivo, o arcaico e o moderno.

No poema primitivo, o ritmo retoma os acentos da linguagem oral.

A consciência do metro, ou seja, a demarcação do ritmo no interior de uma linguagem é apresentada no poema clássico. A regularidade é intencional e é criado o verso, que significa caminho de volta, em que o ir e o vir têm o mesmo tempo.



Fig. 04

Walt Whitman (1819-1892) foi poeta norte-americano autor de *Leaves of Grass*.

Buscando o Cristo Crucificado um Pecador com Verdadeiro Arrependimento

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.
A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas cobertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.
A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, pra chamar-me.
A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

Gregório de Matos

Disponível em: <http://www.fabiorocha.com.br/matos.htm>

Acesso: 04 de março de 2010

Leia alto o poema de Gregório de Mattos, acima e observe

como a metrificação do verso e a sua organização em estrofes influencia na leitura que fazemos.

No poema moderno, procura-se abolir o verso e explorar a musicalidade da frase. Cria-se, com Walt Whitman, o verso livre. A poesia moderna assume uma variedade de formas que têm como pressuposto a liberdade, a autonomia criativa. Leia o poema de Whitman a seguir:

Milagres

Ora, quem dá importância a um milagre?
Quanto a mim, nada sei que não seja milagre,
Esteja eu andando pelas ruas de Manhattan,
Ou olhando por sobre os telhados das casas, em direção ao céu,
Ou vadiando descalço ao longo da praia, bem à beira-mar,
Ou de pé, sob as árvores dos bosques,
Ou conversando de dia com alguém que eu amo,
Ou dormindo na cama à noite com alguém que eu amo,
Ou sentado à mesa de jantar com os outros,
Ou olhando pra estranhos que cruzem comigo, passeando de carro,
Ou observando abelhas que voam em torno da colméia numa tarde de verão,
Ou os animais pastando nos campos,
Ou os pássaros, ou a magnificência dos insetos no ar,
Ou a magnificência do pôr do sol, ou das estrelas brilhando tão silenciosas e cintilantes,
Ou a extradiordinária, delicada e suave curvatura da lua nova na primavera;
Isso e tudo o mais, um e todos, são para mim milagres,
Tudo interligado, e no entanto cada um distinto e em seu devido lugar.
Para mim, cada hora da luz e do crepúsculo é um milagre,
Cada polegada cúbica de espaço é um milagre,
Cada jarda quadrada da superfície da terra se confunde com as outras,
Cada pé do anterior se completa com os outros.
Para mim, o mar é um milagre contínuo,
Os peixes nadando – as rochas – o movimento das ondas – os barcos co homens dentro,
Que estranhos milagres aí se escondem?

Disponível em: <http://www.almacarioca.net/milagres-walt-whitman/>
Acesso: 04 de março de 2010

Observe como o ritmo do poema se modifica se os versos não

estão metrificados. O verso livre de Whitman, as vezes, nos lembra o ritmo das ondas na areia. Ele guarda, inclusive, semelhança com a prosa. Mas foi elaborado para isso, para deixar o movimento mais solto, para gerar liberdade.

Assim, se o ritmo e a entoação são formas do movimento da fala, e são provocados exatamente pela quebra da continuidade, ou seja, pelas pausas inseridas na linguagem, em relação com as imagens, na criação poética, o ritmo ordena o tempo da leitura com os recursos dos quais a poesia se constrói: uma vírgula, uma conjunção, um ponto-e-vírgula no interior de um verso cria pausas que vão conferir-lhe ritmo. A pausa pode ser ainda a criação da expectativa, quando o poema apresenta uma imagem que joga com a espera de uma outra, de uma resposta... É a valorização da pausa, não da sua presença funcional, mas do jogo que se faz com ela... Veja o poema de Federico Garcia Lorca:

Canção Tonta

Mama.
Eu quero ser de prata.

Filho,
Terás muito frio.

Mama.
Eu quero ser de água.

Filho,
Terás muito frio.

Mama.
Borda-me em teu travesseiro.

Isso sim!
Agora mesmo!

Disponível em: <http://www.astormentas.com/poema.aspx?id=10545&tp=&titulo=Can%C3%A7%C3%A3o+Tonta> Acesso: 09 de março de 2010

Guarde então, este elemento tão importante para o fazer poético para o momento de produção dos seus textos, certo?

Agora, vamos conhecer um pouco mais outro gênero relevante para a nossa interação com o mundo: a argumentação escrita

2. Argumentação escrita

O texto poético, como já vimos, nos remete à subjetividade, ao mundo das imagens, da imaginação, dos sons e ritmos que fazem parte da nossa criatividade. Quando produzimos ou apenas contemplamos a poesia, estamos nos relacionando com uma dimensão não-pragmática,

não-funcional de nossa existência. A nossa vida é constituída por contradições e dimensões opostas, que podem integrar-se. Por um lado temos o devaneio, a imaginação criadora, manifestada ao mundo pela arte, por outro temos a vida prática, as relações objetivas, manifestadas pelas outras diversas formas de comunicação. Caminhamos por esta diversidade apresentada pela linguagem o tempo todo. A atuação prática no mundo depende da produção de determinados gêneros, quando precisamos convencer alguém sobre as nossas idéias, nossas opiniões, defendemos nossos pontos de vista através da argumentação.

A argumentação escrita é necessária para exercitarmos, por exemplo, a nossa participação no mundo. Mas, para elaborar um texto sustentado por argumentos, alguns princípios são importantes como o domínio do assunto, os argumentos selecionados e o uso de uma linguagem adequada ao leitor. Os métodos podem ser indutivos, ou seja, do particular para o geral (apresenta-se um caso particular, estupro, por exemplo, para depois falar sobre a violência) ou do geral para o particular (primeiro se fala sobre violência para depois chegar ao caso de estupro).

Seja qual for o método utilizado, o objetivo é convencer, para tanto, o ideal é lançar mão de argumentos que suscitem também a razão



Fig. 05

do leitor. Acho que você se lembra de que existem recursos que podem ser utilizados no processo de argumentação:

- ▶ **Argumentos com base em citação** - podemos usar a citação de uma autoridade no assunto abordado.
- ▶ **Argumento com base em evidências** – podemos apresentar fatos (dados estatísticos, pesquisas, etc.) para comprovar a tese que defendemos.
- ▶ **Raciocínio lógico** – podemos criar relações lógicas de causa e efeito, de continuidade, de finalidade para justificar o assunto abordado.
- ▶ **Argumento com base no senso comum** – podemos basear nossas idéias em crenças e valores reconhecidos pela maior parte de uma sociedade ou de um grupo

Veja no texto abaixo a presença de alguns destes recursos argumentativos:

Desmoralizaram os professores

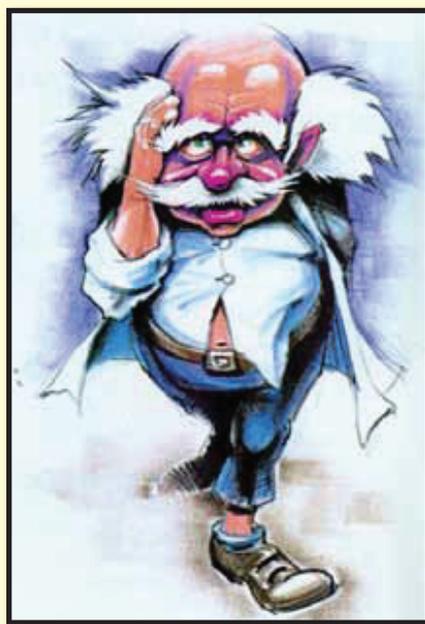


Fig. 06

Apenas 2% dos estudantes do ensino médio querem ser professores --esse índice se aproxima de zero quando computados os alunos de maior poder

aquisitivo, que estudam em escolas privadas. Esse fato mostra que a profissão de professor está em baixa, diria até desmoralizada.

Há dados ainda piores no relatório sobre a atratividade da carreira de professor que a Fundação Victor Civita encomendou à Fundação Carlos Chagas.

O pior dos dados: os futuros professores são recrutados entre os alunos com as piores notas, sendo que quase 90% são de escolas públicas. Portanto, o curso de licenciatura e pedagogia é, para muitos, a opção de quem não tem opção. O resto é apenas consequência.

Considero a profissão de professor a mais nobre que existe. Mais nobre, por exemplo, do que a medicina --afinal, sem professor ninguém chegaria a uma faculdade de medicina. Não é compatível, portanto, um projeto de nação civilizada com a categoria de professor desmoralizada.

Gilberto Dimenstein

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/gilbertodimenstein/ult508u687441.shtml>

O texto apresenta dados, afirmando que os futuros professores são recrutados entre os alunos com as piores notas. Mostra, ainda, para dar maior consistência aos argumentos, as fontes de onde os dados foram retirados, que é a Fundação Carlos Chagas. Enfatiza a informação, no início do texto, de que apenas 2% dos estudantes do Ensino Médio querem ser professores. O autor, com estes dados, afirma que a categoria de professor é desmoralizada e isso, ele conclui, é incompatível com um projeto de nação civilizada. Você concorda com ele? Você acha que ele utilizou argumentos convincentes? Pense nisso e elabore sua própria opinião.

Podemos convencer o leitor também com base na persuasão, ou seja, aqueles recursos que tocam a emoção, o sentimento do leitor. A persuasão pode se manifestar em textos com fins religiosos, por exemplo, ou em propagandas que visam tocar o sentimento de quem lê para que o produto seja posteriormente comprado.

A poesia e a prosa argumentativa, que você viu nesta aula, são formas de elaboração de texto bastante diferentes. Ambas, no entanto, exigem muito trabalho com a linguagem. Na poesia, o trabalho diz muito mais respeito à criação das imagens, à produção de plurissignificados. Na argumentação o cuidado é outro, diametralmente oposto, a acuidade e a clareza, além, é claro, do bom uso dos recursos argumentativos.

Agora, solte sua imaginação e escreva. Escreva muito, escreva sempre, pois é a prática que leva à perfeição, já diziam os antigos.



Atenção!

Vimos na aula anterior que a crônica argumentativa, por mais poética que seja, apresenta uma reflexão crítica sobre o tema em questão. Se conseguirmos produzir gêneros poéticos e bons textos argumentativos, provavelmente, seremos aptos a criar crônicas interessantes, pois apesar de apresentar a narração, a crônica pode ter a predominância da dissertação com elementos poéticos, como o uso das metáforas.



Mãos a obra

1. O texto abaixo apresenta a situação carcerária no Brasil. Leia-o com atenção:

Guerra Perdida

Tora Bora, no Afeganistão, também fica logo ali em Nova Iguaçu. Precisamente na carceragem da 52ª Delegacia de Polícia, onde se amontoam três vezes mais presos do que seria concebível, numa promiscuidade que clama aos céus. É o que os

deputados de duas comissões da Assembléia Legislativa constataram ao visitá-la, segunda-feira, Dia Internacional dos Direitos Humanos.

A mistura de presos de diferentes condições – traficantes, assassinos, sequestradores, apenados em regime aberto ou semi-aberto, condenados pela Justiça, doentes com tuberculose e Aids, ou simples principiantes – transforma a 52ª DP de todo o sistema penitenciário brasileiro numa bomba-relógio sempre prestes a explodir. As constantes rebeliões e as fugas quase diárias são avisos enviados às autoridades de que a guerra das prisões está sendo perdida.

O sistema penitenciário, em tese, deveria ser o local onde os presos pagam suas penas, recuperam-se e são devolvidos ao convívio social em melhores condições. A guerra das prisões inverte o objetivo. Depois de passar alguns anos vivendo comprimidos em verdadeiras ante-salas do inferno, os criminosos se tornam indivíduos revoltados, ressentidos e saem dali seguramente piores do que quando entraram. [...]

O preso brasileiro passa o tempo pensando na melhor maneira de fugir, o que, segundo a estatística, não é difícil. Suas ocupações são cavar túneis, subornar guardas, contrabandear drogas, dirigir quadrilhas do lado de fora e, quando a paciência se esgota, tocar fogo nas celas, derrubar paredes, matar reféns, fugir. É a outra guerra, a das prisões brasileiras.

Editorial. Jornal do Brasil, 12 dez. 2001.

1. Quais são os argumentos utilizados pelo autor deste texto?
2. Observe as imagens no texto. Elabore uma análise sobre o uso das metáforas como estratégia de persuasão no texto lido.
3. Elabore um texto poético com este mesmo título "Guerra Perdida" tendo como base o texto lido. Lembre-se de alguns recursos já estudados como a presença de metáforas e o jogo de pausas sonoras que confere ritmo ao poema...

2. Os textos não-verbais podem também nos oferecer inspiração poética. Ao olhar uma fotografia, um quadro, ou mesmo uma paisagem podemos nos sentir inspirados a criar. Isso dependerá das imagens novas que serão produzidas a partir da imagem vista e da sua elaboração em linguagem escrita. Veja abaixo duas fotografias antigas da cidade de Natal:

Imagem 01

Fig. 07

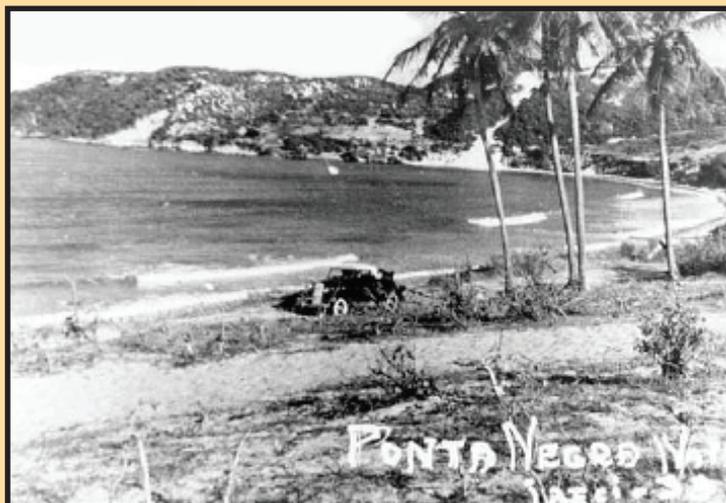


Imagem 02

Fig. 08



Que impressões, sentimentos, reflexões, sensações estas imagens produziram em você? Transforme estas repercussões em um poema sobre o tempo!

Um passo a mais



Que tal aprofundar um pouco mais os conhecimentos sobre o texto argumentativo? Conheça a referência abaixo:

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.

Já sei!



Nesta aula, você teve a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o gênero poético e o texto argumentativo, exercitando a sua produção. Aprofundou também o conhecimento sobre recursos da escrita através dos exercícios de produção textual propostos..

Autoavaliação



Já vimos em aulas anteriores que a crônica argumentativa é uma construção com elementos poéticos e dissertativos, principalmente. Nesta aula, você aprendeu a produzir textos dissertativos e poéticos. Que tal, agora que você já exercitou um pouco a argumentação e a produção de poemas, tentar a crônica argumentativa? Lembre-se de que este tipo de crônica é um texto crítico, porém, pode apresentar uma linguagem poética. Vamos enfrentar este desafio? Daremos algumas dicas para te ajudar:

- ▶ escolha, dentre os temas sugeridos, aqueles que te motivam a escrever uma crônica;

- ▶ utilize linguagem figurada, como comparações e metáforas que tornem a linguagem mais leve;
- ▶ não se exceda no tamanho do texto. Para gerar reflexão, é importante que a crônica não seja longa;
- ▶ não termine a crônica com uma opinião fechada, uma conclusão. Suscite, instigue, de forma a levar o leitor a refletir.

Temas sugeridos:

- ▶ Gosto musical dos brasileiros em nosso século.
- ▶ Estilo "EMO" entre os jovens.
- ▶ Quando o trabalho vicia.
- ▶ Jogos de violência na construção dos valores na criança.

01) Leia o texto abaixo:

PREZADOS SENHORES,

Uns amigos me falaram que os senhores estão para destruir 45 mil pares de tênis falsificados com a marca Nike e que, para esse fim, uma máquina especial já teria até sido adquirida. A razão desta cartinha é um pedido. Um pedido muito urgente.

Antes de mais nada, devo dizer aos senhores que nada tenho contra a destruição de tênis, ou de bonecas Barbie, ou de qualquer coisa que tenha sido pirateada. Afinal, a marca é dos senhores, e quem usa essa marca indevidamente sabe que está correndo um risco. Destruam, portanto. Com a máquina, sem a máquina, destruam. Destruir é um direito dos senhores.

Mas, por favor, reservem um par, um único par desses tênis que serão destruídos para este que vos escreve. Este pedido é motivado por duas razões: em primeiro lugar, sou um grande admirador da marca Nike, mesmo falsificada. Aliás, estive olhando os tênis pirateados e devo confessar que não vi grande diferença deles para os verdadeiros.

Em segundo lugar, e isto é o mais importante,



sou pobre, pobre e ignorante. Quem está escrevendo esta carta para mim é um vizinho, homem bondoso. Ele vai inclusive colocá-la no correio, porque eu não tenho dinheiro para o selo. Nem dinheiro para selo, nem para qualquer outra coisa: sou pobre como um rato. Mas a pobreza não impede de sonhar, e eu sempre sonhei com um tênis Nike. Os senhores não têm ideia de como isso será importante para mim. Meus amigos, por exemplo, vão me olhar de outra maneira se eu aparecer de Nike. Eu direi, naturalmente, que foi presente (não quero que pensem que andei roubando), mas sei que a admiração deles não diminuirá: afinal, quem pode receber um Nike de presente pode receber muitas outras coisas. Verão que não sou o coitado que pareço.

Uma última ponderação: a mim não importa que o tênis seja falsificado, que ele leve a marca Nike sem ser Nike. Porque, vejam, tudo em minha vida é assim. Moro num barraco que não pode ser chamado de casa, mas, para todos os efeitos, chamo-o de casa.

Uso a camiseta de uma universidade americana, com dizeres em inglês, que não entendo, mas nunca estive nem sequer perto da universidade – é uma camiseta que encontrei no lixo. E assim por diante.

Mandem-me, por favor, um tênis. Pode ser tamanho grande, embora eu tenha pé pequeno. Não me desagradaria nada fingir que tenho pé grande. Dá à pessoa uma certa importância. E depois, quanto maior o tênis, mais visível ele é. E, como diz o meu vizinho aqui, visibilidade é tudo na vida.

Atenciosamente – (despedida formal)
(O nome do emissor, isto é, a pessoa que enviou a carta)
(Moacyr Scliar, cronista da Folha de S. Paulo, 14/8/2000).

Fonte: <http://www.brasilecola.com/redacao/carta-argumentativa.htm>

- a) Qual o gênero deste texto?
- b) Identifique a tese e as estratégias de argumentação utilizadas pelo autor



Referências

ABAURRE, Maria Luiza. **Português: língua, literatura e produção de texto: volume único.** São Paulo: Moderna, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** In: A filosofia do não. O novo espírito científico. A poética do espaço. Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1978.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa.** Volume I. Rio de Janeiro: Editora nova Aguilar S.A., 2003.

SARMENTO, Leila Lauar. **Português: literatura, gramática e produção de texto: volume único.** São Paulo: Moderna, 2004.

Ilustrações

- ▶ Figura 01 - <http://www.informenews.com/webapp/images/poesias/poesia.bmp>
- ▶ Figura 02 - http://www.aleac.ac.gov.br/aleac/edvaldomagalhaes/images/stories/poesia_25.jpg
- ▶ Figura 03 - <http://clubedolivro.files.wordpress.com/2009/01/gaston-bachelard.jpg>
- ▶ Figura 04 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a1/Walt_Whitman_edit_2.jpg/485px-Walt_Whitman_edit_2.jpg
- ▶ Figura 05 - http://3.bp.blogspot.com/_cL3MwUS9TDs/R0hVnc-HScI/AAAAAAAAABc/NHT_LZRckHI/s320/diss.gif
- ▶ Figura 06 - http://www.comunicandomoda.com/uploaded_images/professor3zy-785882.jpg
- ▶ Figura 07 - <http://www.flickr.com/photos/memoriaviva/171347950/>
- ▶ Figura 08 - <http://www.flickr.com/photos/memoriaviva/171347951/>